ANNO IV

N.º 1

SERPA, Janeiro de 1902

VOLUME IV

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel*, *Doutor Adolpho Coelho*, *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Alvaro Pinheiro*, *Alves Tavares*, *Antonio Alexandrino*, *Doutor Athaide d'Oliveira*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *C. Cabral*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *Filomatico*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *Lopes Piçarra*, *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos* (*Dr.ª*), *Miguel de Lemos*, *Paulo Osorio*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *Ramalho Ortigão*, *D. Sophia da Silva* (*Dr.ª*), *Dr. Souza Viterbo*, *Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires*.

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 **primorosas gravuras** de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel*, *filho* (*Dr.*), *Alfredo de Pratt*, *Alvares Pinto*, *Antonio Alexandrino*, *A. de Mello Breyner*, *Arronches Junqueiro*, *Doutor Athaide de Oliveira*, *Conde de Ficalho*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *J. J. Gonçalves Pereira*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *D. Margarida de Sequeira*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *R.*, *Doutor Souza Viterbo*, *N. W. Thomas*, *A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*.

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Antonio Alexandrino*, *Antonino Mari (Dr.)*, *A. de Mello Breyner*, *A. Rosa da Silva*, *A. Thomaz Pires*, *Arronches Junqueiro*, *Athaide d'Oliveira (Dr.)*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *Dias Nunes (M.)*, *Gonçalves Pereira (J. J.)*, *João Varella (Dr.)*, *Joaquim d'Araujo*, *Ladislau Piçarra (Dr.)*, *Leite de Vasconcellos (Dr.)*, *Luiz Frederico*, *D. Margarida de Sequeira*, *D. Maria Velleda*, *Nicolás Diaz y Pérez*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Silva Brandão*, *Sousa Viterbo (Dr.)*, *Trindade Coelho (Dr.)*, ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

A TRADIÇÃO

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

«**A TRADIÇÃO, de Serpa,** pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

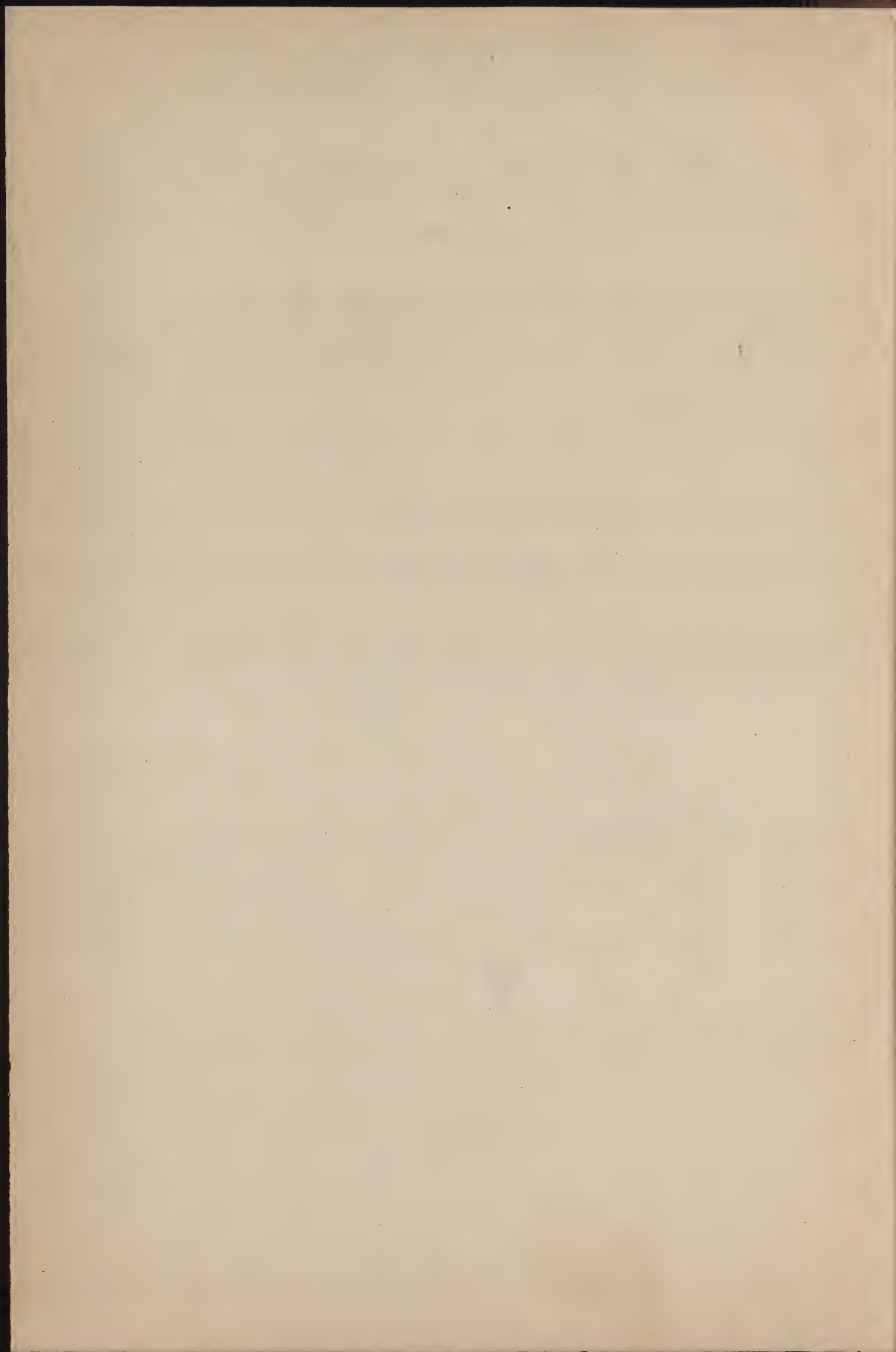
Ramalho Ortigão.

Quarto anno

COLLABORADO POR:

Alfredo de Pratt, A. Rosa da Silva, Arronches Junqueiro, A. Thomaz Pires, A. J. Torres de Carvalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), Jayme Affreixo, Ladislau Piçarra (Dr.), Miguel Paes, D. Maria Velleda, D. Nicolás Díaz y Perez, Pedro A. d'Azevedo, Paulo Osorio, Souza Viterbo (Dr.), Theophilo Braga. (Dr.)

Collaboração musical de **D. Elvira Monteiro**
Clichés de **Silva Ribeiro, Gomes Marques, Francisco Antonio Moura e Miguel Paes.**

1903
Typ. a vapor de Adolpho de Mendonça
Rua do Corpo Santo, 46 e 48
LISBOA

Anno IV — N.º 1 SERPA, Janeiro de 1902 Volume IV

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

A CANÇÃO ENTRE OS POVOS PENINSULARES

Assim como existe um fundo poetico tradicional e popular para as Canções *(Balladas*, *Pastorellas*, *Serranilhas)* e para os Cantos narrativos ou recitados *(Romances*, *Historias*, *Chacaras)* caminha-se hoje para determinar um *fundo commum melodico*, comprehendendo certa tonalidade caracteristica de raça, certos rythmos e tessitura melodica, que se repetem em muitas Canções de povo a povo, e que se apropriam e adaptam a novas situações, por uma improvisação espontanea cooperando a suggestão das reminiscencias com as invenções genialmente achadas.

O exame d'esta *materia prima* musical levou a fixar a linha de continuidade da Canção popular ás Canções dos Trovadores e Minnessingers dos Mysterios, ás Frottolas italianas do seculo XVII, aos Madrigaes, até a Aria de Opera.

E' ainda pelas melodias populares que se caracterisam as Nacionalidades peninsulares hispanicas, e anteriores a toda a influencia arabe.

Escreve Halarian Eslava: «nenhum adiantamento deve a Hespanha aos Arabes respectivamente á pratica da arte musical, a não ser o excesso de adornos, que segundo a opinião de alguns escriptores é o principal distinctivo das melodias arabes. A *caña* os *polos* e *tyrannas*, que se conservaram em Andalusia, até nossos tempos, e que se crêem do genero arabe, são melodias que estão na tonalidade do canto-chão, e sobrecarregadas de tão continuos quebros de voz, que é impossivel escrevel-os todos com exactidão.» [1] Salvador Rueda caracterisa as melodias dos varios Estados peninsulares, hoje unificados administrativamente; foram essas melodias tradicionaes que na Egreja se tornaram a Cantilena liturgica, e nas Côrtes a Canção trobadoresca:

«Catalunha e Aragão, as duas provincias irmãs, ambas sabem tocar na *viola* (especie de guitarra) um brilhante movimento de valsa que se chama a *jota*, e que tanto uma como a outra dansam com tanta graça.»

«Eis a Navarra, as Asturias, a Galliza... O povo que habita estas alturas parece formar um mundo á parte; os seus costumes são severos, os seus jogos audazes, os seus habitos patriarchaes. Se houvesse na peninsula hespanhola uma região consagrada á musica seria esta. Os seus cantos populares têm uma côr particular...» [1]

«Os Andaluzes fallam quasi por canções. — Para cantar e para dansar ha alli a *malagueña*, a *seguidilla sevi-*

[1] *Breve memoria historica de la Museca religiosa en España*, p. 2.

[2] *Espagne politique litteroire*, pag. 214 (Artigo de Salvador Rueda.)

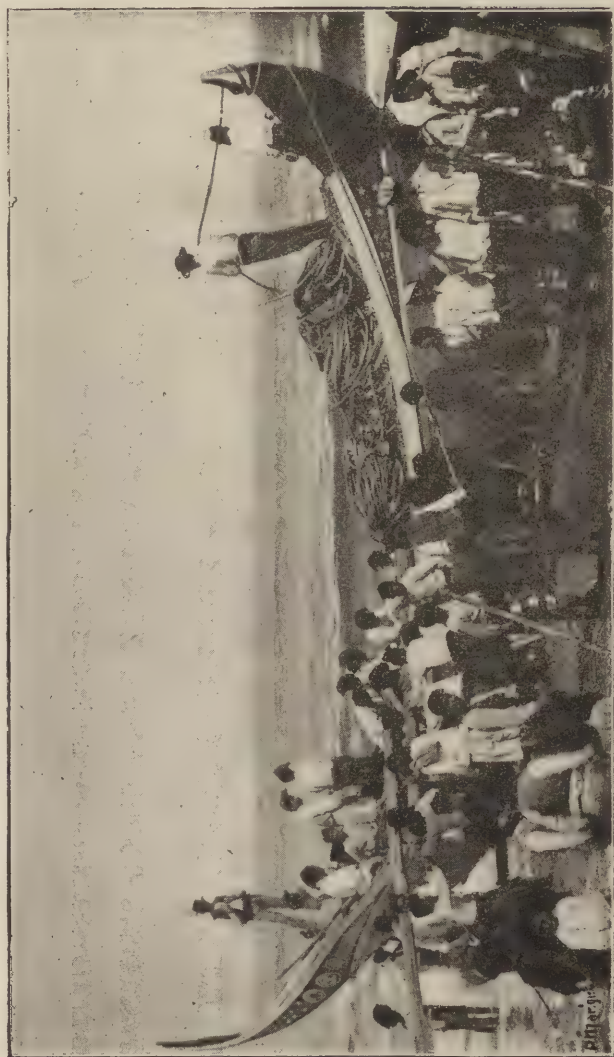
lhana, a *seguidilla gitana*, a *jabera*, o *polo*, o *medio polo*, as *caleseras*, o *vito*, as *serrenas*, a *petenera*, o *tango*, as *conceleras*, o *merengazos*, o *jaleo*, o *tano*, a *chacona*, o *zorango*, o *fandango*, o *fandango robao*, as *alegrias* as *panaderas*, e outros cantos e dansas com prefusão.»

Sobre os divertimentos populares hespanhoes, escreve Perez Nieva: «Não se póde dizer que exista na nossa patria um canto ou jogo nacional. E' preciso empregar o plural e fallar de cantos e jogos nscionaes.

«A *muiñeira* ou alvorada gallega, repassada da doce gravidade celtica, é tão nacional como a *petenera* ou a *solea* andalusas inspiradas pela nostalgica paixão arabe. A fogosa *jota* e as seguidilhas não o são menos. Pode-se dizer o mesmo das Dansas. A dansa dos *pallilos* (com castanholas) em Valencia é tão nacional como o *Zortzico euskuaro*. Cada um d'estes cantos e cada uma d'estas dansas exprimem fielmente a maneira do sentir da região em que nasceu. Estudando-os separadamente encontramos a origem, a raça. A do Norte e do Noroéste, a partir dos montes Cantabros até aos promontorios da Corunha é uma raça séria, pacifica, contemplativa e melancholica. Ella serve-se nas suas manifestações populares da *gaita*, que geme sob os castanheiros seculares. A do Sul, dos golfos do Levante dos rochedos de Gibraltar, é viva, alegre, alerta, ardente. Exprime-se com a sua *guitarra* que suspira debaixo dos ralos e da gelosia verdes d'uma casa branca de Cadiz. No alto, o caracter épico, a tendencia para a collectividade: o orpheon. Cá em baixo, a tendencia para o isolamento, a physionomia individual, a *copla* (a quadra). A qual d'estes chamaremos o nosso canto nacional? A nenhum em particular, mas todos em conjuncto constituirão o hymno hespanhol: serão a Hespanha.

«Dá-se o mesmo com os jogos populares. Em certas provincias o jogo da *péla* excita um tal enthusiasmo que passa dos campos á cidade e torna-se um espectaculo publico N'outras joga-se a bolla... Ha ainda o jogo da *barra* e o *salto*... Todos têm o direito de representar a sua patria; não um jogo nacional, mas muitos jogos nacionaes.»

A Canção portugueza é tambem eminente caracteristica da nacionalidade, que por isso tambem se destaca d'entre os povos peninsulares. Servir-nos-hemos das observações dos profissionaes estrangeiros; Martino Roeder, director do Conservatorio de Boston, estudando os Fados portuguezes, achou-lhes *a poesia mais bella do que a musica*. Os dois factos contidos n'esta observação explicam-se cabalmente. Em todos os povos em que a cohesão social assenta sobre a associação local ou *Municipalismo*, ahi se manifesta uma *poesia pessoal*, um lyrismo emotivo, que não visa a expressão de um ideal abstracto como o de nacionalidade. Na França meridional, cujas instituições municipaes foram a base da sua civilisação, ahi se deu essa extraordinaria efflorescencia do Lyrismo *pessoal* dos Trovadores, desenvolvimento litterario dos germens tradicionaes populares. A Italia municipalista, rica d'essa *poesia pessoal* vulgar, soube sobre os rudimentos das Canções dos Trovadores attingir a perfeição suprema do Lyrismo petrarchista, que se tornou o modelo definitivo da poesia moderna; como se sabe pela historia, foi pelo municipalismo que a Italia durante toda a Edade media resistiu ás invasões estrangeiras, realisando sem vantagem a unificação nos fins do seculo XIX. Portugal pertence a essa raça essencialmente municipalista, que na aggressão loca lluctou com exito contra a conquista romana, e venceria se attingisse a Federação; o que se deu com a Italia e França meridional aqui se repete n'esse lyrismo pessoal popular que surprehende, e na expressão artistica que lhe deram Bernardim Ribeiro, Christovão Falcão, Gonzaga,

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Cliché de *Silva Ribeiro*

Lançamento ao mar d'um barco apparelhado e tripulado (Praia da Torreira)

Garrett, João de Deus. Era justa a observação de Roeder; mas a pobreza da Melodia?

Este facto não depõe contra o genio musical portuguez; porque se a expressão poetica é bella sendo ella inseparavel da musica, deve esta ter conservado o primitivo caracter. A pobreza ou simplicidade da Melodia portugueza provêm-lhe da falta de melismos, ornatos, floreiros extranhos, como acontece com as melodias hespanholas, muito pittorescas, mas cheias de ornatos dos Arabes. Esta simplicidade é uma belleza não desnaturada por alheios artificios, e um signal patente da sua antiguidade; Untersttein reconhece na monotonia do rythmo das Dansas portuguezas e nas suas faceis melodias *semelhança com as Canções da Alta Italia*. Não está esta concordancia determinando o fundo ethnico, que nos liga á tradição occidental?

Na *Historia de la Musica española*, D. Mariano Soriano Fuertes falla do genio musical do povo galecio-portuguez: «Os hespanhoes, principalmente os *Luzitanos* e *Gallegos*, desde o seculo VI serviram-se das notas rabbinicas para escreverem a *musica vulgar* ou Canções populares, ás quaes eram naturalmente inclinados». Antes porem d'esta adopção, existia uma notação original e propria, que o mesmo erudito musicographo descreve: «Por parte dos Lusitanos e Gallegos, gente affeiçoada por natureza não só á poesia e musica vocal, senão tambem á instrumental de corda e sôpro, inventaram outro genero de notação musical, propria para indicar os sons dos instrumentos, composta de *linhas* horisontaes, *pontos e numeros* collocados entre ellas. As *linhas* para significar as cordas; os *pontos*, os sons, que deviam produzir segundo a affinação do instrumento; e os *numeros* indicavam os dedos. Se o instrumento tinha duas cordas os *pontos* collocavam-se sobre as duas linhas horisontaes somente; se tres, sobre tres; e, se quatro, sobre quatro, etc. Se a notação musical era para algum instrumento de vento, marcavam tantas linhas na escripta, quantas era preciso figurar nos seus espaços de uma a outra o numero de agulheiros que tinha o instrumento, collocando n'esses espaços outros tantos pontos, uns inteiramente tapados, que figuravam os agulheiros que os deviam abrir, outros cobertos á maneira de oculos, que indicavam os que deviam deixar sem tapar. D'estes dois generos de notação musical se formou um terceiro, mixto de dois; porque, com o tempo os hebreus de Portugal tomaram as *linhas* dos portuguezes, com a nota chamada *ponto*, ou os Portuguezes e Gallegos tomaram dos rabbinos as notas musicaes, resultando d'isto o systema da notação musical, que Beda explicou com tanta prolixidade.»[1] Embora esteja hoje reconhecido que o tratado de *Musica quadrata son mensurata* pertence a um escriptor do seculo XIII, não deixa de ser verdadeiro o facto de já no seculo VI existir a musica mensurata, e o proprio Beda menciona a harmonia a duas partes ou consonancia; o facto da notação inventada por Lusitanos e Gallegos para fixar a melodia das suas Canções é o que nos revela a vitalidade da sua tradição poetica e influencia na peninsula. Essa tonalidade lyrica veiu identificar-se com os *Lais* bretãos, (á tempradura de Bretanha), quando elles ou como cantos de amor ou de aventuras cavalheirescas, penetraram nas côrtes peninsulares no seculo XIII.

Sobre este criterio é que o estudo da Canção popular, lyrica, narrativa e dramatica, assentando sobre themas universaes de idealisação, apresenta os germens fecundos da evolução litteraria e musical moderna.

THEOPHILO BRAGA.

[1] Op. cit., t. I. p. 68 a 70.

CANCIONEIRO MUSICAL

I

Quero balhar

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(CHOREOGRAPHICA)

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

QUERO BALHAR

Quer'balhar á alemtejana,
A' alemtejana quer'balhar!
Não me vou embora
Sem ao meu amor fallar!

O pastor que viu,
Logo reparou
Em o lindo geito
Com que meu bem me fallou.

Serpa.

M. DIAS NUNES.

A PROCISSÃO DE S. SEBASTIÃO

Realisava-se ha bastantes annos em Faro, e por sem duvida se realisará ainda, mas já de todo desprestigiada e despida do poetico encanto que a caracterisava, e que o maldito derruir de tudo quanto é bello, tradicional e santo apoucou, mutilando-a, — uma procissão originalissima e linda, de que me recordo com a saudade, que nos vem dos tempos felizes, dos annos perdidos, do *nunca mais*...

Era eu tamanina; mas lembro-me perfeitamente do alvoroço que se fazia por toda a cidade, em todas as casas onde havia creanças, na vespera *do S. Sebastião.*

...Logo pela manhãsinha, entrava a sineta da ermida a tintinar alegremente; e um halo de festa se esparzia pelo ar.

A procissão sahia á noite, no meio d'uma algazarra vivissima, como só algarvios são capazes de a fazer, ao estrallejar dos foguetes e ao sangrento clarão dos archotes. O santinho, amarrado ao seu cepo de martyrio e crivado de settas floridas — pobresito! como elle teria frio, na sua nudez paradisiaca, em pleno mez de janeiro, sob a claridade algida das estrellas! — percorria no andor vistosamente ornamentado, as ruas do trajecto ordinario e antiquissimo, direito á egreja da Sé, em cuja torre, mal que o sineiro avistava o religioso cortejo, estrugiam repiques ensurdecedores, vomitados pelas guellas do bronze secular.

Até aqui, como vêem, nada de extraordinario; — uma procissão como todas, differindo das outras apenas em se fazer á noite, o que de resto não é muitissimo vulgar. Mas a procissão era o menos; — os accessorios é que eram tudo.

Abria a marcha a irmandade do S. S. com suas opas escarlates, e a das Almas com opas brancas, em duas alas regulares, que se destacavam no meio da escuridão, como duas serpentes colleantes de luz — a das tochas que cada irmão conduzia.

Adeante do andor, alguns padres cantarolavam o seu latim; e no sagrado cumprimento de votos feitos, mulheres e creanças, atraz ou debaixo do andor, seguim devota e pausadamente. Essas mulheres e muitas outras, que acompanhavam o santo, por espirito de devoção, repetiam vezes sem conto durante o percurso, esta prece ingenua e singelissima:

S. Sebastião santo,
Santo milagroso!
Livrae-nos de peste, fome e guerra,
E de mal contagioso.

P. N. — A. M.

A's vezes algum gracejador — que sempre os ha a lançarem uma nota discordante sobre o que é de sua natureza harmonico e honesto,— lá conseguia metter-se por entre o mulherio, para falsetear — *amen* — no fim da oração. Ellas, já se vê, desadoravam a brincadeira, e não raro esqueciam a compostura devida á solemnidade occasional, mimoseando o atrevido com os doestos mais pungentes...

Atraz de tudo, apinhava-se, n'uma esteira enorme, phantastica, miliumanesca, o cortejo mais lindo, mais poetico que santinho nenhum ainda teve, em terras de Portugal.

Imagine-se um numero incalculavel, quasi fabuloso, de creanças em todos os tamanhos, umas ao collo das mães, outras pelo seu pé — mas muitas, muitas, muitas!—segurando com as mãozinhas tremulas de alegria as suas tochas flammejantes e multicôres. As tochas!—havia-as azues, vermelhas, cor-de-rosa, variando em cambiantes até ao infinito. As mais vulgares, feitas de papel almasso branco, que se guarnecia pela parte de fóra com uma tira de papel de seda recortada em caprichosos arabescos, estrellas e abertos de mil feitios, com seu côto de stearina a arder lá dentro, eram parte obrigada, apparelhavam-se aos pares, ás duzias, em cada familia e consoante o numero de creanças que havia em casa, ou a pachorra feminil de quem as aprom ptava. Outras, porêm, salientavam-se nas janellas das casas ricas, que appareciam todas brilhantes de luminarias, enquadrando bustositos adoraveis, carinhas formosissimas e sorridentes, sobre que a chamma irisial incidia, emprestando-lhes um colorido resplandecente.

Ali se via, no caprichoso geito de cada tocha, tudo quanto a phantasia e a arte áquelle caso podiam apropriar:— umas arremedando navios, torres, castellos... outras pintadas... e tantas, tantas, que não podiam verse todas,—estas eclipsadas por aquellas!

Algumas creanças improvisavam tochas com a casca de uma laranja, a que tiravam paciente e engenhosamente os gommos, depois de lhe cortarem uma rodela, pela banda do pedunculo. Por meio de alguns pingos de stearina, adrede entornados, fixavam-lhe dentro o coto respectivo... E podem crer que isto não era feio — ver-se aquellas laranjinhas luminosas, movendo-se como que por encanto, em meio do prestito auri-fulgente. [1]

Estão vendo — não é verdade? — sem que se perceba quem as conduz, essas luzes de mil cores, n'uma extensão de muitissimos metros e a toda a largura de uma rua, ondulantes e feéricas...

E de todas as travessas, em todas as encruzilhadas, bandos surgindo, com o inevitavel acompanhamento das ingenuas luzinhas graciosas.

Por mim, nunca vi nada mais encantador!

Disse eu, mais acima, que, abrindo a marcha, iam as irmandades. Enganei-me, e desfaço já o erro. Adeante de tudo ia mas era uma turba cerrada de rapazio, cada qual com seu archote, feito de corda de esparto, muito grossa, alcatroada.

Se o dia tinha corrido bem aos pescadores, se as redes tinham arrastado muita sardinha, da que chamavam «de passagem», porque era no tempo em que a sardinha *passa* de uns sitios para outros, a desovar, — elles tambem davam o seu contingente de alegria para a procissão. E lá se lembrava um de exclamar:

—Viv'ó batel do mestre [2] Francisco Lopes!

Respondiam os outros e o rapazio em grita:

—Vi... v'óoo!...

Outro:

—Viv'ó calão [3] do mestre Nestorio!

—Viv'óoo!...

—Viv'ó mártele San Sabastião, com'ma larenjinha na mão!

—Viv'óoo!...

Podem calcular por aqui o alarido...

---

[1] Conta-me quem é d esse tempo, que ha 40 annos a garotada, no dia 19 de janeiro, punha cerco á casa do velho padre Ignacio. E elle então, descia á rua, com um cesto transbordante de côtos, que ia distribuindo gravemente...

[2] *Mestre das artes*, que assim chamam lá ao chefe de qualquer *companha*.

[3] O *calão* é um barco.

A espaços ouvia-se o choro alanceado d'uma creança. Era algum gracioso de mau gosto — e d'esses então havia-os em barda! — que atirava para dentro d'esta e d'aquella tocha, punhados de estopa, a que a chamma do coto se communicava immediatamente, fazendo arder a tocha e estragando a innocente alegria da candida creatura que a empunhava.

Estes pequenos dissabores passavam muita vez sem mais consequencias do que as pragas e maldições das mães; mas acontecia tambem que os pais, vendo o desacato, não se continham, e o gracioso, então, apanhava a sua conta...

Lembro-me ainda do desgosto que eu soffri, quando, á espera da procissão, um garoto me incendiou a tocha, que tinha sido, durante todo aquelle dia, o amoroso objecto de meus desvelos e cuidados!...

Pois, como lhes eu ia dizendo, a procissão de S. Sebastião tinha o seu tique original. Chegada que era á Sé, onde o santo pernoitava, para voltar no outro dia, de manhã, á sua ermida, já sem tochas nem o palpitante arruido da vespera, e emquanto os sinos, lá no alto, repicavam, repicavam sem descanço, o orgão ia reboando pelas naves, formidavelmente.

Depois, a multidão dispersava. Alguma luzinha errante punha, de quando em quando, no escuro, a nota da sua alacridade infantil. A's 11 horas, ou menos, estava tudo acabado. Mas as creancinhas tinham gozado o mais interessante e espectaculoso serão.

A procissão de S. Sebastião já não é nem o pallido reflexo do que foi. Já não tem *vivas*, nem tochas, nem archotes. Perdeu, emfim, todo o encanto, que lhe dava a alma popular. E se eu agora a não trouxesse para a *Tradição*, onde ella tem inquestionavelmente o seu logar, certo que morreria ignorada — suprema injustiça, a que felizmente a poupei.

Serpa, 17—12—901

MARIA VELLEDA.

COSTUMES DA MINHA TERRA

I

Os descantes

Entre os diversos costumes, tão originaes e pittorescos, que exornam brilhantemente a minha terra, — terra fertil e opulenta de tradições populares — um existe, que, para mim, é duplamente agradavel e sympathico, já pelo dulcido aroma de poesia simples, ingenua e primitiva que d'elle se evola, já pela sua antiguidade muitas vezes secular.

Quero referir-me aos descantes na via pública.

Quem nunca tiver passado á margem esquerda do Guadiana, e não tiver permanecido durante alguns dias n'este saudavel e uberrimo torrão do Alemtejo, chamado Serpa, — berço nobilissimo, que foi, de José Corrêa da Serra — é natural que desconheça o velho costume, genuinamente popular e accentuadamente transtagano, que esta villa mantem em todo o esplendor.

*

São os descantes, por assim dizer, quasi exclusivos dos trabalhadores ruraes.

Essa pobre e soffredora gente, que leva a vida inteira a moirejar, disseminada por montes e valles, á chuva, ao sol, ao frio, encontra no canto coral como que um doce lenitivo á rudeza do labor que a subjuga desde o berço até á sepultura. E assim, quando os seus ocios lh'o permittem, eil-os agrupados, os rijos operarios do campo, e a percorrerem mansamente as ruas da povoação em estridulo cantar.

Ao som da classica viola ou do harmonium — instrumentos, que o camponez mais experto e ladino apprende a tanger logo em creança, ainda quando «moço do monte» ou azagal — e n'um rhythmo ora arrastado ora rapido, mas em regra saudoso e dolente, elles entoam as canções da sua e da minha terra — as mais bellas, as

mais formosas, as mais inspiradas e ardentes: as mais amorosamente expressivas e expressivamente arrebatadoras que ainda me foi dado ouvir em terras de Portugal!

Releve-me o leitor benevolo, a patriotica ousadia de inserir aqui meia duzia de estancias, separadas ao acaso, d'esse extraordinario poema infindavel, encantador de simplicidade, radioso e suggestivo, nascido espontaneamente da alma popular.

O amor nasce dos olhos
Mais da mão, quando se aperta;
Em chegando ao coração...
Não digo mais, *et cœtera*!

Coração que adora a dois,
Algum ha-de amar em falso...
Ha-de ter muito que ver
Duas pombinhas n'um laço!

Ha muito tempo que eu ando,
Lindo amor! p'ra te fallar;
A vergonha me desvia,
O amor me faz chegar

Os teus olhos de pau preto,
Riscadinhos a compasso,
São o 'spelho em que me vejo
Quando á tua rua passo.

Com pena peguei na penna,
Com pena puz-me a escrever:
Caiu-me a penna da mão,
Com pena de te não ver.

Chorar, sentir, padecer,
São effeitos de quem ama;
Quem se obriga a bem querer,
Tristes lagrimas derrama!

*

Os grupos de cantadores attingem ás vezes enormes proporções. Assim occorre, geralmente, por occasião das festas religiosas de Santo Antonio, San João, San Pedro, Natal, Anno-Bom, Guadalupe, etc., e tambem pelo apanho da azeitona, quando se realisa alguma diafa. N'estas festas semi-pagãs — as diafas —, que bem podêmos qualificar de verdadeiras festas do trabalho, não é raro que os grupos reunam tresentas e quatrocentas pessoas, d'ambos os sexos. E chega a ser devéras imponente, a perspectiva de tão lindas procissões seculares, compostas de homens e mulheres, em *pêle-mêle*, todos vestidos com os seus garridos trajos campesinos, e a cantarem em côro, alegremente, n'uma prodigiosa afinação e harmonia, como se porventura obedecessem aos mais rigorosos preceitos da arte musical!

*

Está profundamente radicado no espirito público, o habito em questão.

Ha camponezes que preferem cantar, a comer. E quanta vez não cantam elles, os desgraçados, para dissimular a fome, que lhes roe as entranhas!...

Quem canta, seu mal espanta — nos diz uma trova bastante conhecida.

Subsiste pois o referido uso — e continuará por largo tempo a subsistir, a despeito de todas as leis prohibitivas, — não só em virtude da tradição, que é de per si resistente e poderosa, mas ainda porque, em grande parte, os descantes correspondem a uma necessidade psycho-physiologica, imposta pela eterna lei universal — o Amor.

De facto, o misero camponez, que vegeta inculto e rude, de todo em todo alheio aos «mysterios fataes da orthographia», possue não obstante, como nós outros, um cerebro que pensa e um coração que sente e que palpita: E sempre que os seus affectos reclamam expansão, elle procura traduzir nos variadissimos accordes da lyra popular, estados d'alma e phantasias do espirito — alegrias e maguas, esperanças, desesperos, enthusiasmos, ciumes, aspirações...

M. DIAS NUNES.

MISCELLANEA TRADICIONISTA

I

Sobre a amassadura

Toda a mulher alemtejana, desde a mais pobre e humilde até á mais rica e opulenta, sabe amassar e tender. E' um dos serviços domesticos, que entra indispensavelmente na educação feminina, em obediencia á força dominadora de salutares habitos tradicionaes que — Deus louvado! — ainda vigoram n'esta abençoada provincia transtagana.

Conheço, sobre a amassadura, alguns preceitos devéras interessantes, que passo a referir.

Depois de peneirada a farinha e feita a *presa* (represa) no classico alguidar de barro vidrado, a amassadeira benze devotamente o contheudo da vasilha, proferindo as palavras sacramentaes: «Padre, Filho, Espirito Santo».

E em seguida principia o fabrico da massa.

Ao lançar no alguidar a ultima porção d'agua, a amassadeira diz assim:

«Lá vae
Em louvor de Santo Antão,
P'ra que cresça mais um pão.»

ou

«Lá vae
Em louvor de Santo Antão,
P'ra que cresça agora em massa
Conforme cresceu em grão.»

Terminado o fabrico, a amassadeira cobre o pão d'uma camada espessa de farinha e finca-lhe depois, com a mão em cutelo, uma cruz algo profunda, rezando ao mesmo tempo:

«Deus te accrescente,
E as almas do ceo, p'ra sempre.
E assim como a Virgem é pura,
Assim Deus me accrescente
A minha amassadura.»

Faz-se mister muito cuidado na abertura da referida cruz, que deve ser pequena, pois — segundo affirma o proverbio — «quem grande cruz faz na massa, grande cruz passa».

O fermento tambem leva uma cruz, que muito convem polvilhar de sal, para evitar os maleficios das bruxas. O dicto popular:

—«Aonde irá a bruxa cear?
—«Onde houver fermento sem sal»

bem que põe de sobreaviso as mulheres que amassam.

II

As pedras de raio

Já não se faz mister outra campanha, como a que sustentou no começo do seculo passado o insigne naturalista francez, Boucher de Perthes, a fim de convencer os espiritos cultos d'aquelle tempo — de que as pedras vulgarmente chamadas *de raio* representavam apenas os primeiros instrumentos de trabalho fabricados pelo homem. [1] Para quem for, ao menos, *medianamente instruido*, o facto não offerece hoje a mais ligeira dúvida.

Mas se isto é assim tratando-se de pessoas illustradas, ja não se dá o mesmo com a gente inculta, a qual ainda vê nas machadinhas prehistoricas, as pedras de lume terrorisantes com que Deus castiga e pune os humanos peccadores.

D'esta crença supersticiosa deriva o grande apreço em que o povo tem as referidas pedras, as quaes adora e guarda como se foram reliquias sagradas, attribuindo-lhes varios poderes e virtudes miraculosas.

Segundo a lenda espalhada n'esta região, as machadinhas — chamadas *pedras de raio* ou *pedras de corisco*,

---

[1] Antes de Boucher de Perthes affirmára Buffon — affrontando as iras da reacção — que as machadinhas eram nem mais nem menos do que os primeiros monumentos da arte humana.

Coincidencia notavel: Buffon falleceu, precisamente, no anno em que Boucher de Perthes viu a luz do dia (1788)

conforme são maiores ou menores, — penetram no sólo até á profundidade de sete varas; depois vêm subindo, subindo, uma vara em cada anno, até chegarem á flor da terra. A principal efficacia milagrosa que por aqui se lhes liga, é á de preservarem de perigos. [1] «Onde está um não cae outro» — é a propria expressão e a convicção popular.

Em consequencia de tão precioso attributo, as machadinhas difficilmente se obteem, apesar da sua abundancia n'esta região.

A gente do povo costuma fechal-as a sete chaves dentro da arca de pinho ou no bahú; e a burguezia illetrada, essa guarda-as, talvez, no ámago dos oratorios, ao lado dos santos e santas de maior devoção.

III

A oitava do gôrro

Parece que, n'outras eras, ha um seculo talvez, as raparigas do campo, aqui por estas redondezas, costumavam brindar os respectivos derriços com um gôrro ou barrete de linha azul, pacientemente feito á agulha nos largos serões de inverno.

A' curiosissima praxe, outr'ora observada entre namorados, allude a tradicional oitava, em que um amante nada gentil ousa detrahir o acabamento da prenda recebida:

Tenho vergonha de pôr
Esta obra na cabeça!
Oh! vê lá, não te aconteça
Eu perder-te o amor...!
Busca outro superior,
Outro que tenha mais geito,
Que eu sempre te quer' dizer
—Que o gôrro não está bem feito!

IV

Na defuncção das creanças

Não ha muitos annos, ainda, felicitavam-se os paes pela extincção dos filhos que a morte arrebatava em tenra edade — os filhos, «innocentes anginhos, que Deus chamava á sua divina gloria».

Na gente campo, em Serpa, eram assim os cumprimentos do estylo, trocados entre o felicitador e a mãe da creança morta:

—Seja muito parabem de dar um menino ao céo.

—Ditosa da mãe que é ama de Deus Nosso Senhor.

V

Os mandamentos do clerigo

Primeiro — servir a Deus por dinheiro.

Segundo — enganar a Deus e a todo o mundo.

Terceiro — bôa cama, melhor travesseiro.

Quarto — jejuar depois de farto.

Quinto — differençar o *branco* do *tinto*.

(Da tradição oral, em Serpa)
(Continúa)

M. DIAS NUNES.

[1] Perigo = raio ou corisco.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado do anno III de *A Tradição*)

DCLXXII

Se o mar tivesse varandas
Ia-te vêr ao Brazil;
Mas o mar não tem varandas...
Como posso eu lá ir?!

DCLXXIII

Se o mar tivesse varandas
Ia-te vêr a Lisbôa;
Mas o mar não tem varandas...
Sem ter azas ninguem vôa!

DCLXXIV

Se tu me quizesses tanto
Como eu te quero a ti,
Seria o nosso amor tanto,
Que nunca teria fim!

DCLXXV

Sympathia natural
Me obriga a ter-te amisade;
E's minh'alma, és minha vida,
E's a minha saudade!

DCLXXVI

Se me amares a mim só,
Mais do que a rocha sou firme;
Em sabendo que amas outrem
Sou um raio a despedir-me!

DCLXXVII

Se me amas dá-me vêr,
Quero amar teu lindo rosto;
Tenho quem me queira bem,
Mas só tu és do meu gôsto.

DCLXXVIII

'Stou-te amando e duvidando,
Não por seres mais do que eu;
Vejo todas despresadas...
Julgo que assim serei eu.

DCLXXIX

Se fores a Baleisão
Pergunta por Marianna;
E' 'ma rapariga baixa,
Que até no cantar tem fama.

DCLXXX

Se a oliveira fallasse,
Ella diria o que viu...
Debaixo da sua rama
Dois amantes encobriu.

DCLXXXI

Se duvídas do amor
Que o meu coração te tem,
Não me ames com desgôsto...
Se tens quem te queira bem!

DCLXXXII

Subi ao teu pensamento:
Nunca tão alto eu me vi!
...Descai do teu agrado
Para seculos sem fim!...

DCLXXXIII

Suspiros caem no chão,
Fazem grande amotinada;
Eu bem sei quem dá suspiros...
Mas não lhe servem de nada!

DCLXXXIV

Subiu a nossa amisade
Sessenta metros d'altura!
Pela tua ingrantidão,
Desceu á maior baixura.

DCLXXXV

Se eu te dei palavra
A ti, de casamento,
Foi dada na rua...
Levou-a o vento!

DCLXXXVI

Se teu peito idolatrar,
Direi mil vezes, sem fim:
— Foi um anjo que desceu
Dos ceos á terra por mim!

DCLXXXVII

Se me vires não te assustes,
Se te assustares não temas,
Que eu sou aquella infeliz
Que por ti padeceu penas.

DCLXXXVIII

Se vires, não te admire
Meu olhar continuado;
Não crimines os meus olhos:
Culpa teu rosto engraçado!

DCLXXXIX

Se eu, por estrellas, podesse
Mandar cartas a meu bem,
Eu seria mais ditosa,
Mais feliz do que ninguem!

DCXC

Se os meus dedos fossem fitas,
Fazia azelhas e laços
P'ra prender teu coração
Na cadeia dos meus braços.

DCXCI

Se eu conhecer minha morte
Hei-de dar 'ma carcachada,
Em considerar que já tenho
A minha vida acabada.

DCXCII

San Bento d'Aldeia Nova,
Mandae accender o facho!
Que eu perdi o meu amor
E ás escuras não o acho.

DCXCIII

Se fores a Elvas
Sóbe acima ao forte,
Verás as bandeiras
Viradas ao norte.

DCXCIV

Se fores a Elvas
Vae á Piedade:
E' a melhor coisa
Que tem a cidade.

DCXCV

Se eu tivesse a liberdade
Que o sol e a lua têm,
Entrava na tua casa
Sem licença de ninguem.

DCXCVI

Saudades que eu padeço,
E' o meu tyranno mal!
E' um bem por quem surpiro,
Não ha outro a elle egual.

DCXCVII

Saudades não é pêso!
Dá lá muitas a meu bem,
Que eu inda hoje o não vi,
Nem ámanhã o verei.

DCXCVIII

Se eu soubesse que cantando
Que te havia convencer,
Cantava uma noite inteira,
Até ao amanhecer.

DCXDCIX

Se queres casar commigo
Manda ladrilhar o mar;
Depois do mar ladrilhado...
Sou teu amor sem faltar!

DCC

Só tu, lindo amor, só tu!
Só tu *tivestes* a dicta
De entrares em meu peito...
Uma sala tão bonita!

DCCI

Se eu soubesse quem tu eras,
Ou eu te amaria, ou não;
Agora não tem remedio...
Padeça meu coração!

DCII

Se Aldeia Nova estivesse
Perto de Santo Amador,
Sempre eu andava fazendo
Visitas ao meu amor.

DCCIII

Se no mundo não houvesse
Paixão d'amor por alguem,
Não teria o mesmo mundo
Tanto infeliz como tem!

DCCIV

Se passares pelo adro
No dia do meu enterro,
Pede á terra que não gaste
A trança do meu cabello.

DCCV

Se eu tivesse pena,
Se eu tivesse dó,
Ia a tua casa
'Star com tua avó.

DCCVI

Se eu tivesse pena,
Se eu tivesse dôr,
Ia a tua casa
'Star comtigo amor.

DCCVII

Se algum dia quiz,
Agor' já não quero!
Palavras não são
Correntes de ferro.

DCCVIII

Saudades te persigam,
Que te não possas valer!
Quero que saibas, ingrato,
Quanto custa o bem-querer!

DCCIX

Saudades infinitas
Me mandaste tu a mim;
As minhas para comtigo
Só á vista terão fim.

DCCX

Se eu tivesse pena
Em meu coração,
Ia a tua casa
Pedir-te perdão.

DCCXI

Subi ao ceo por 'ma linha,
Desci pelo arretroz;
Fui buscar a salvação
Para mim mais para vós.

DCCXII

São tantas as saudades
Que eu tenho de ti ás vezes!...
Dias me parecem annos!
Horas me parecem mezes!

DCCXIII

Saudade rôxa,
Deixa a rôxidão!
Tambem eu deixei
A minha paixão.

DCCXIV

Sou tua desde nascida,
Já outro amor não terei;
Fiz um voto de te amar,
Puz as mãos e aos ceos jurei!

DDCXV

Sou tua desde de nascida,
Outro amor não hei-de amar;
Fiz um voto de ser tua,
Jurei e torno a jurar!

DCCXVI

'Stou mal com o meu bem,
Guerreámos hontem;
Mas amor mais firme
Talvez não se encontre!

DCCXVII

Suspiros e ais
E alamentações,
Fazem abrandar
Duros corações.

DCCXVIII

Suspiros e ais,
Dou continuamente!
Eu quero-te mais
Do que a tua gente!...

DCCXIX

Suspiros e ais,
De continuo eu dou!
Eu quero-te mais
Que quem te creou!...

DCCXX

Sinto passos apressados
Caminhando á sombra escura.
Na desgraça de meu bem
Chóro a minha desventura!

DCCXXI

Se fôres ao cemiterio,
Entra, não peças licença,
Verás o rico e o pobre,
Juntos, sem fazer differença.

DCCXXII

Saudade, amor,
Deve haver só uma;
Em havendo duas...
Não presta nenhuma!

DCCXXIII

Se não queres vêr o rosto
Do infeliz que te adora,
Ingrata! quando eu passar
Fecha a porta, vae-te embora!

DCCXXIV

Se as lagrimas fossem pedras,
Que eu por ti tenho chorado,
Já eu tinha a casa cheia
De pedras 'té ao telhado!

DCCXXV

Teus olhos a amar ensinam
Os meus, que depressa apprendem;
Se os teus olhos são expertos,
Mais são os meus, que os entendem.

DCCXXVI

Teus olhos a amar me ensinam,
Os meus gostam de apprender:
São lições, continuêmos,
Deixar o mundo dizer.

DCCXXVII

Toda a moça que não tem
Na cara bonita côr,
Ou lhe dóe o coração,
Ou 'stá mal co'o seu amor.

DCCXXVIII

Teus olhos d'amora preta!
Teu rosto d'amendoa branca!
Como te hei-de eu deixar,
Se esse teu rosto me encanta?!

(Da tradição oral, em Serpa)
(Continúa.)

M. DIAS NUNES.

LENDAS & ROMANCES

DONA SYLVANA

(2.ª variante da Delgadina)

Andando D. Sylvana
No seu jardim passeando
Seu pae, que muito a mirava:
—Bem puderas tu, Sylvana,
Bem puderas, filha minha,
Ficar comigo uma noite,
Passar a calma um dia.
—Bem podia, sim, meu pae,
Mas as penas do inferno,
Meu pae, quem as passaria?
—*Passaria-as* eu, Sylvana,
Uma hora cada dia.—
Foi-se d'ali a Sylvana,
Muito triste em demasia,
A contar a sua mãe
O caso que succedia.
—Cala-te hi, ó minha filha,
Que isso remedio teria,
Tu vestir-te com meus fatos,
Eu nos teus me vestiria.—
Lá pela noite adiante
Seu pae que lhe dizia:
—Mal pensa a rainha de Hungria
Que Sylvana está perdida.—
—Sylvana não 'stá perdida,
Pois quem tu tens em teus braços
E' o espelho onde te vias.
—Cala-te hi perra traidora,
Quando tu me acommettias,
Agora irás p'ra 'ma torre,
Comendo peixe salgado,
Agua não a beberias.
—Ao fim de sete annos e um dia
Assomou-se a 'ma janella,
A mais alta que havia,
Lá viu estar seus irmãos
No seu jardim passeando.
—O' irmãos, ó irmãos,
Deem-me um jarrinho d'agua,
O coração se me sécca
A Deus quer'dar a minh'alma.
—O' irman, ó irman,
Quem vos podera dar agua!
Nosso pae se nos jurou
P'los copos da sua espada.
Foi-se d'ali Sylvana
Muito triste em demasia,
'Somou-se a outra janella,
A mais alta que havia,
Viu estar suas irmans
Bordando a oiro e a prata:
—O' irmans, ó irmans,
Dae-me um jarrinho d'agua,
O coração se me sécca,
A Deus quer'dar a minh'alma.
—O' irman, ó irman,
Quem vos pudera dar agua!
Nosso pae é tão tyranno
Que té a agua tem fechada.—
Foi-se d'ali Sylvana
Muito triste em demasia,
'Somou-se a outra janella
A mais alta que havia,
Lá viu estar sua mãe
No seu jardim assentada:
—Mãe minha, mãe minha,
Dê-me um jarrinho d'agua,
O coração se me sécca
A Deus quer'dar a minh'alma.
—Vae-te d'ahi, ó Sylvana,
O' Sylvana malfadada,
Que ha sete annos e um dia
Me tens feito mal casada.—
—Foi-se d'ali Sylvana
Muito triste em demasia,
'Somou-se a outra janella,
Mais alta que na torre havia,
Viu estar seu pae rei
No seu jardim assentado:

—Pae meu, ó meu pae,
Dê-me um jarrinho d'agua,
Que eu d'esta hora em diante
Serei sua namorada.
—Alto, alto, meus vassallos,
Vão dar agua a minha filha;
Aquelle que chegar ultimo
A cabeça terá cortada.—
Sylvana já está morta;
Tinha á sua cabeceira
Uma bella fonte d'agua,
Os anjos lhe cantavam,
A Virgem a amortalhava.
—O' Sylvana, ó Sylvana,
Oh! quem te não fora nada!
A tua alma vae com gloria,
A minha fica condemnada.

(Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

PROVERBIOS & DICTOS [1]

(Continuado do anno 3.º da *Tradição*)

CCXXI

O cão e o menino vão aonde sentem mimo.

CCXXII

O melhor dos dados é não os jogar.

CCXXIII

O mundo nos vê e Deus nos conhece.

CCXXIV

O que a natureza dá, a enxada o tira.

CCXXV

O cuidado é que anda o caminho.

CCXXVI

O boi em terra alheia, qualquer vacca o escorneia.

CCXXVII

Não se levanta fumo sem haver labareda.

CCXXVIII

Natal na praça, Paschoa em casa.

[1] No fim d'esta collecção, que vimos publicando desde o primeiro anno da nossa revista, daremos uma larga série de notas explicativas de certos proverbios e dictos cujo caracter accentuadamente regional os torna inintelligiveis para quem não estiver bem familiarisado com a linguagem e costumes alemtejanos.

CCXXIX

Não te enleves em vinha de ladeira, nem em mulher cantadeira.

CCXXX

Pingo de egreja sempre gotteja.

CCXXXI

Pelo San Matheus, vindimam os sisudos e varejam os sandeus.

CCXXXII

Peso e medida governa vida.

CCXXXIII

Palha no palheiro — moça ao candieiro.

CCXXXIV

Se a bicha visse e o alicante (?) ouvisse, não havia ninguem vivo no mundo.

CCXXXV

Sol coelheiro — agua no oiteiro.

CCXXXVI

Cão de trés, não o vendas nem o dês, que ao fim d'um anno saberás o que tens.

CCXXXVII

Livra-te dos casos, livrar-te-ás dos azos.

CCXXXVIII

«Muito bom é fulano»...— Lidastes vós com elle?

CCXXXIX

Serra e mar, sempre têm que dar.

CCXL

Tristezas não pagam dividas.

CCXLI

Tardes d'Agosto, nem para agua ao poço.

CCXLII

Trigo lobeiro — cresce no forno, na sopa e no taboleiro.

CCXLIII

Em Fevereiro mette obreiro.

CCXLIV

Em Fevereiro, deixa a fonte e vae-te ao ribeiro.

CCXLV

Em comprar e vender, todos somos irmãos.

(Continúa.)
(Da tradição oral, em Serpa.)

M. DIAS NUNES.
(Castor.)

BIBLIOGRAPHIA

Mau grado o vivo desejo, que sempre nos anima, de corresponder devidamente á gentileza dos auctores, a cuja bisarra generosidade apraz distinguir esta revista com a penhorante offerta de suas obras, foi-nos de todo em todo impossivel inserir a secção bibliographica, no decurso do anno proximo preterito, em razão da grande copia de original desde muito retardado e a que se fazia mister dar publicidade sem mais delongas. Alimentâmos, porém, fundada esperança de que esta secção ha-de manter-se, d'or'ávante, com perfeita regularidade. E assim poderemos cumprir, pouco a pouco, o gratissimo dever de bibliographar todos os livros e revistas chegados á nossa mão.

Que a benevolencia dos offertantes nos releve por tão estirado silencio, aliás involuntario, e que de nenhum modo traduz menos consideração ou desapreço por quem quer que seja.

E dito isto, com a sinceridade que nos é peculiar, encetâmos a gostosa tarefa de registrar as diversas publicações — ao acaso, já agora, visto como o tempo decorrido nos obliterou da memoria a ordem chronologica da recepção.

*
* *

BIBLIOTHECA INFANTIL: Directora, *D. Maria Velleda.* — Dentro de poucos dias, talvez ao mesmo tempo que o presente numero da *Tradição*, sahirá á luz o primeiro fasciculo do livro denominado *Côr de rosa*, volume inaugural da *Bibliotheca infantil*, cujo prospecto temos á vista.

Designada a auctora do livro, que é a mesma que dirige a *Bibliotheca*, não seria necessario escrever nem uma linha, nem uma palavra sequer recommendativa da obra em via de publicação. O nome aureolado e sobejamente conhecido, de Maria Velleda, ha muito que se impõe a toda a gente que lê, como o de uma escriptora de raça, qual é, elegante, criteriosa e profunda.

As poderosas faculdades intellectuaes que a distinguem e enaltecem entre os escriptores modernos de melhor nota, tem-n'as ella affirmado soberanamente em dezenas e dezenas de composições magnificas, dispersas por quasi toda a imprensa periodica do paiz, e que, reunidas, constituiriam já muitos e grossos tomos.

Formidavel talento relumbrante, de singular, de prodigiosa malleabilidade, ella compraz se em percorrer os varios districtos das lettras, abordando sempre com evidente maestria os assumptos mais difficeis e complexos.

Ora nos surge a polemista de rija tempera; ora nos apparece a critica vibrante e mordaz; ora se nos depara a luctadora temivel justando com fervor e denodo em prol da renhida causa da emancipação feminina.

Agora é a poetisa delicada e subtil a transportar as almas nas suavissimas notas que o seu plectro desfere; agora, a reflectida ethnographa, investigadora e perspicaz, desenhando fidelissimamente, a largos traços, os costumes, as crenças e as superstições pittorescas que ornamentam e caracterisam a sua bella provincia; agora, emfim, é a prosadora de eleição, a litterata de rendilhado estylo, que delicía o nosso espirito com o perfume, a graça, a sublime engenhosidade e a vida intensa e forte que os seus contos respiram.

Os seus contos! — eis o que principalmente nos captiva. Porque, para mim, e creio que para o grande numero dos seus admiradores, Maria Velleda é, sobretudo, uma contista. Uma contista eximia, de imaginação phantasiosa e rica, que sabe observar, e sabe descrever as scenas notaveis da vida real, romantisadas com arte, n'uma doce linguagem encantadora, profusamente esmaltada de perolas de estylo.

E por isso, porque o seu grande e luminoso talento se alteia triumphal n'esta custosa fórma litteraria — o conto —, facil é de prever o que será o novo trabalho da illustre publicista — trabalho em que, sabemos, ella pôz todo o vivo enthusiasmo da sua alma de sonhadora, todo o finissimo esmero da sua esthetica hugoleana.

*
* *

Graças á excelsa amabilidade de Maria Velleda, tivemos o gôsto de ler, no manuscripto, o fasciculo inicial do *Côr de rosa*, em cujo frontespicio destaca, como epigraphe, a carinhosa phrase dirigida por Jesus Christo a seus discipulos: «*Sinite parvulos venire ad me*» — «Deixae vir a mim os pequeninos. . »

O *sapatinho do menino Jesus* e *Nenuphares:* eis os titulos, na verdade bem sympathicos e suggestivos, dos contos a sahir n'este primeiro fasciculo. Dois contos — com infinito prazer o asseverâmos — que são duas joias de subido preço, genialmente cinzeladas, e engastando os pensamentos mais formosos e gentis.

As subsequentes historias do *Côr de rosa*, é justo e logico suppôr que rivalisem com estas, na concepção e na feitura.

Augurâmos, pois, á *Bibliotheca Infantil* uma larga e scintillante carreira de prosperidades e gloria.

Concluindo esta singella noticia, que a exiguidade do espaço disponivel nos obriga a resumir, felicitâmos jubilosamente Maria Velleda, nossa muito presada e distincta collaboradora.

M. DIAS NUNES.

ANNO IV

N.º 2

SERPA, Fevereiro de 1902

VOLUME IV

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.)*, ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 2 SERPA, Fevereiro de 1902 Volume IV

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

Os doze de Inglaterra

Hoje em dia já não resta a menor duvida de que é uma lenda aquella velha historia de doze portuguezes que, pelo facto de terem vencido em Inglaterra outros tantos inglezes, se ficaram chamando os doze de Inglaterra. Contam-na Luiz de Camões nos *Luziadas*, pela bocca de Fernão Velloso, e Jorge Ferreira de Vasconcellos na sua *Memoria dos cavalleiros da Tavola Redonda*. A este serviu ella para melhor entretecer um capitulo do citado volume; áquelle deu-lhe amplo pretexto para um dos mais formosos episodios do seu glorioso poema, ainda que pese a José Agostinho de Macedo. Não reprova, porém, o tonsurado escriptor a citada historieta, pelo facto de ella ser fabulosa. Nada de isso. Elle expressa-se assim:

«Ora consideremos nos Luziadas o Episodio dos doze de Inglaterra. Em quanto á versificação, ás imagens, ao andamento, á força icastica, ou representativa, nada ha mais perfeito, apontado, e acabado em todo o Poema; em quanto á indole do Episodio, e á relação que deve conservar com a acção principal, nada ha mais defeituoso, pois nem d'ella dimana, nem a ella se refere. Não ha coiza acontecida no tempo da acção, não foi executada por nenhum dos seus agentes principaes, ou accessorios; em huma palavra, assim como foi aquella historia a contada, podia ser outra, pois entre os contadores e os ouvintes houve sua deliberação; Leonardo Ribeiro queria huma coiza, Fernão Velloso queria outra, e prevaleceu o parecer de Fernão Velloso. Seja embora verdadeira, ou fabulosa esta Historia de andante cavallaria, porque d'ella nenhum vestigio apparece em nossas Historias, e apenas nos Annaes de Flandres escriptos por Manuel Sueiro, aliás o infeliz Indio Manuel Fernandes de Villa Real, se acha alguma noticia d'esta aventura; isso não he do caso, e não ha razão que a possa unir, ou fazer depender da acção do Descobrimento da India. He huma parte absolutamente estranha inserida n'aquelle corpo; e mais desculpa tem as turpitudes da Ilha encantada, e os sentimentos magoados de Isetis no martyrio do Apostolo S. Thomé, porque em fim tudo isso se refere ao Heroe, e mais agentes subalternos da acção, do que a destacada Historia dos doze de Inglaterra. [1]

Onde Camões e Jorge Ferreira a foram buscar é que não está por em quanto averiguado. Pinheiro Chagas, inclinando-se a crer que ambos

[1] Censura dos Luziadas, *por José Agostinho de Macedo* — Lisboa. Anno de 1820. Tomo II, pag. 49 e 50.

elles a houvessem copiado de alguma velha chronica desconhecida ou de alguma tradição meio olvidada, escreve o seguinte:

«Nada nos autorisa a acreditarmos na veracidade do facto; mas o que elle nos symbolisa bem é o espirito aventuroso dos Portuguezes que n'essa epoca appareciam por toda a parte onde havia façanhas a praticar, justas onde combater. Na Allemanha, na Inglaterra, em Flandres, em França, as chronicas extrangeiras nos mostram n'esse tempo cavalleiros Portuguezes a quebrarem lanças por Deus e por sua dama. Se desapparecem depois, mais talvez do que deviam, dos campos de batalha da Europa, é porque o seu amor das aventuras encontra amplo alimento nos descobrimentos, e nas conquistas». [1]

Ora, no tempo de D. João I é que predominava essencialmente inflammado o espirito cavalleiresco. Os seus proprios filhos, de entre os quaes D. Duarte, D. Pedro, e D. Henrique, ardiam em desejos de ser armados cavalleiros. [2]

[1] Historia de Portugal, *desde os tempos mais remotos até á actualidade, excripta, segundo o plano de F. Diniz, por uma sociedade de homens de lettras.* Lisboa. Vol. II, pag. 325. Nota 2.

[2] Ser armado cavalleiro equivalia, sem tirar nem pôr, ao acto de receber o grau da cavallaria. Isto vinha a ser uma cousa de grande importancia, porque ordinariamente se adquiria tal grau em actos militares, e, segundo diz Sampaio na *Nobliarchia Portugueza*, costumavam os reis buscar occasiões e escolher emprezas para n'ellas armarem cavalleiros a seus filhos, como se acha que o fizeram os nossos em varios tempos. Houve uma epocha em que o processo de armar cavalleiros corria estes tramites: o candidato tinha que jejuar a fim de confessar-se e commungar. Feito isto, equipava-se de ponto em branco e assim permanecia toda a noite. Faziam-no jantar em uma meza separada emquanto os padrinhos e as damas que deviam armal-o cavalleiro comiam em uma outra. Passava depois a vestir uma tunica branca, sendo-lhe então prohibido fallar, rir e até comer. Ao outro dia era levado a uma egreja com a sua espada pendida do pescoço. O padre benzia-o, e elle em seguida ia ajoelhar-se diante do senhor ou da dama que tinha de o armar cavalleiro. Os mais qualificados que assistiam á cerimonia calçavam-lhe as esporas, revestiam-no de uma couraça de braçal, de escarcellas, de manoplas e de uma cota de malha, que se chamava saia de malha. O padrinho que o instituia, tocava-lhe tres vezes com a lamina da espada no pescoço, em nome de Deus, de S. Miguel e de S. Jorge. Depois de esse momento, todas as vezes que ouvisse missa, o cavalleiro tirava a sua espada ao evangelho e punha-a ao alto.

Esta cerimonia era seguida de grandes festas e muitas vezes de torneios. Os senhores de grandes feudos impunham taxa aos seus vassallos para o dia em que armavam seus filhos cavalleiros. Ordinariamente, era na edade dos vinte e um annos que os mancebos recebiam esse titulo, com o que adquiriam um grande respeito na sociedade. Aos reis que se armavam cavalleiros não lhes dava isso nem mais poder nem mais dignidade.

«No tempo d'este Rey estavão no maior auge as cavallarias dos Andantes, e havia muitos em Portugal, que costumavão sahir a Terras extranhas a provar em publicos desafios o grande de suas forças, e dextrezas. Taes forão os doze, que convidados do Duque de Lencastre, sogro de D. João I, forão de Portugal a defender a causa das doze Damas de Inglaterra motejadas de fayas em publico, contra os doze Inglezes, que se offerecerão a defender aos motejadores». [1]

Deu-se, pois, o grão caso dos doze de Inglaterra no reinado de este mesmo monarcha.

> No tempo que do reino a redea leve
> João, filho de Pedro, moderava. [2]

D. João I, o de *boa-memoria*, «foi profundo politico, e occultou sempre seus intentos debaixo das apparencias de candura, e franqueza. Grangeou as vontades dos homens mais capazes do seu Reino, Militares, Ecclesiasticos, ou Jurisconsultos; e so-

[1] Promptuario Historico, *distribuido em varias series, em que se offerece aos curiosos as principaes noticias da Historia ecclesiastica, politica, e civil, offerecido ao grande e indefectivel patrocinio de Jesus, Maria, José, S. Joachim, e S. Anna, por Fr. Manoel da Mealhada, religioso de S. Francisco na Provincia da Soledade.* Parte V. Coimbra. Na officina de Luiz Secco Ferreira. MDCCLXIV. Pag. 182.

[2] Os Luziadas. Canto VI. Est. XLIII.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

(*Cliché de* Gomes Marques)

Jovens lavradeiras do Baixo-Minho

bre tudo ganhou o animo dos povos, cujo caracter conhecia muito bem. El-Rei se aproveitava d'elle, fazendo-o pôr em acção por meios occultos, e não suspeitos, vindo a succeder d'aqui que elle não parecia ser mais que hum instrumento, de que os povos se serviam, e que recebia d'elles aquellas mesmas ordens, que occultamente dictáva. Com sua prudencia conseguiu a confiança dos prudentes; com a firmeza, e gratidão a dos valerosos; e com a sua generosidade a da maior parte dos seus. Foi declarado Regente aos 27 annos de idade, e Rei aos 28.

«El-Rei era hum d'esses poucos homens, que não se alterão nas prosperidades, nem na má fortuna, e sem se ensoberbecer, nem abater, quando a boa ventura sopra, ou acalma, sabia affectar a seus tempos elevação, ou modestia. Assim mostrando-se timido, e dando a entender, que queria sahir do Reino, fez que o nomeassem Regente; e veio a ser Rei, promettendo titulos, governos, e fazendas, quando apenas era senhor de uma pequena parte do Estado. Mas n'isto foi sobre-excellente, que sendo grande mestre na arte da Dissimulação, nunca usou d'ella senão em caso de necessidade: e *ainda que podera vingar-se de seus inimigos, a todos perdoou, até áquelles, que lhe faltarão á fé:* porque dizia que *a clemencia consolida os governos novos*, e confirmava este seu dito com o que praticava». [1]

De uma vez, porém, quando foi obrigado a levantar o cerco de Coria, esqueceu-se o monarcha da sua ordinaria discrição, e disse indignado aos que o rodeavam:

— «Não rendi Coria por que me faltarão os bons cavalleiros da Tavola Redonda».

A este dito, o Mestre de Santiago Mem Rodrigues de Vasconcellos, que era um dos da hoste, replicou picadissimo que *se os bons cavalleiros lhe faltavam a elle monarcha nas occasiões, tambem a elles, vassallos fieis, lhes faltava o bom rei Arthur que os soubesse melhor conhecer e capitanear.* [1]

O rei embuchou.

N'aquella atmosphera verdadeiramente cavalleiresca eram assim os tiroteios de palavras, até entre o rei e seus subditos!

Muito bons todos.

No entanto, lá iam assim de façanha em façanha, de proeza em proeza, até que n'uma de essas cavalla-

[1] Historia de Portugal, *composta em inglez por huma sociedade de litteratos*, traduzida e annotada por Antonio de Moraes Silva. Lisboa. Anno 1828. Tom. II. Pag. 3 e 4. — Nota.

[1] Concordaram Fernão Lopes, La Clede, e Mariz que tambem prudentemente sua magestade reconhecera afinal que alli egualmente faltara o rei Arthur, pois que este era um dos cavalleiros da Tavola Redonda, e elle confessara a falta de todos. Ora, pelos autos, D. João dissera aquillo por dizer. Bem do seu intimo, muito lá do seu *eu*, melhor que ninguem sabia elle a causa do grande fiasco do assalto de Coria. Ouçamos os senhores Bernardino Pinheiro e Luciano Cordeiro, no segundo volume da *Historia de Portugal*, da Empreza litteraria de Lisboa. a pag. 364:

«Combinou-se que o exercito portuguez, dividido em tres hostes, se reuniria defronte de Coria, para dar assalto a esta praça castelhana. Mas a esse tempo lavrava já certa discordia entre os chefes do nosso exercito, devida principalmente á emulação que tinham ao condestavel, sobre cuja cabeça as mercês reaes se accumulavam, como temos visto. Fosse por desgosto proveniente d'estas rivalidades ou por ser a sua opinião contraria ao assalto, o certo é que D. Nuno Alvares Pereira se conservou immovel com a sua hoste no momento dos nossos investirem com a fortaleza.

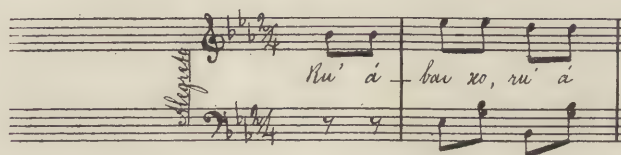
«O assalto foi mal succedido, e o rei mostrou-se profundamente contrariado com o procedimento do condestavel, que acudiu a desculpar-se. E se effectivamente a causa da sua desobediencia foi qualquer resentimento, soube justificar a sua falta com excellentes razões, declarando que fazer cercos sem engenhos de guerra apropriados o mesmo era que sacrificar improficuamente a vida dos sitiantes.

«D. João I resolveu-se a levantar o cerco, porque fizessem pezo no seu espirito as allegações de Nuno Alvares, ou porque os mantimentos começassem a faltar no acampamento.»

Ora ahi está.

CANCIONEIRO MUSICAL

II

Ru'ábaixo, ru'ácima

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(DESCANTE)

rias, n'aquella em que a Camara se rendeu ao duque de Lencastre, sua magestade e este duque inglez fizeram entre si um tratado de alliança offensiva e defensiva contra quaesquer inimigos dos dois contratantes. Como se sabe, de este tratado resultou nada mais nada menos, que ficar obrigado o rei de Portugal a auxiliar com tropas por oito mezes, a contar da primeira oitava do natal de esse anno de 1386, as pretenções do duque de Lencastre, ficando tambem combinado que D. João casaria com uma filha do duque, a qual traria para a corôa de Portugal varias villas castelhanas, na hypothese de que o duque triumpharia.

Assim foi. D. João faz-se genro do duque, cazando-se-lhe com a filha segunda, D. Filippa, que elle preferiu á primogenita D. Catharina, «porque d'este modo julgava — e acertadamente julgava — evitar complicações politicas, de futuro». [1]

Sempre pelo seguro, o bom do monarcha! Até no nó matrimonial. Não foi, pois, pelo palminho de cara de D. Filippa que sua magestade, *grande mestre na arte da Dissimulação*, como traduziu Moraes Silva da «Historia» em inglez pela tal sociedade de litteratos, se lhe prendeu para a vida e para a morte. Ella que lhe dê os agradecimentos no dia de juizo, se ainda lh'os não deu, e a politica que lavre dois tentos.

Quanto ao sôgro de D. João I, expressa-se assim Luiz de Camões:

> Era este Inglez potente, e militara
> Co'os Portuguezes já contra Castella,
> Onde as forças magnanimas provára
> Dos companheiros, e benigna estrella [2]

O fecho da estancia, com quanto referente ainda ao mesmo duque de

[1] HISTORIA DE PORTUGAL, da Empreza Litteraria de Lisboa—*Segundo volume por Ber- Bernardino Pinheiro e Luciano Cordeiro. —Illustrações de Manoel de Macedo. Lisboa.* 1877. Pag. 365.

[2] OS LUSIADAS. Canto VI. Est. XLVII.

Lencastre [1], tem apotheoticas e sonoras palavras sobre a passagem do referido consorcio de D. Filippa com sua magestade:

> Não menos vasta terra experimentára
> Namorados affeitos, quando nella
> A filha viu, que tanto o peito doma
> Do forte Rei, que por mulher a toma. [2]

Diz-nos agora o Licenciado Manoel Correa:

«... El-Rey Dom João de Boa-memoria deu batalha a El-Rey de Castella, andando cá o Duque Dalencastre, porque El-Rey de Portugal era casado com huma sua filha, a qual elle lhe trouxera á cidade do Porto, e alli casara com ella. E depois de assim a batalha ser dada, se foi o duque para Inglaterra, e estando alli em seu contentamento, pela

[1] Em OS LUSIADAS DO GRANDE LUIZ DE CAMÕES, *commentados pelo Licenciado Manoel Corrêa*, ha o seguinte commento com referencia ao duque inglez: —«Este Duque de Lencastre por morte de sua primeira molher casou com Dona Constança filha mayor d'El-Rey Dom Pedro de Castella por alcunha o cruel, ao qual matou um seu irmão por nome Dom Henrique, e se empossou do Reyno, por cuja morte ficou em seu logar um seu filho por nome Dom João, e como a molher do duque de Lencastre filha mayor d'El-Rei Dom Pedro o cruel de Castella soffresse mal estar o Reyno de Castella, que a ella lhe vinha por direito, em poder de Dom João seu primo, vendo occasião para se poder satisfazer nesta parte, que eram as guerras que havia entre Portugal e Castella, acabou com seu marido o Duque quizesse vir a estas partes. O Duque escreveu a El-Rey Dom João de Portugal como elle determinava vir a estes Reynos com huma grossa armada, para tomar os Reynos de Castella, e Leão que estivesse prestes, e o ajudasse por terra. Veyo o duque, e desembarcou na Corunha, e entrando por Galiza e empossando se de alguns lugares della, vio em os Portuguezes, que em sua companhya trazia fazer coisas de muyto esforço, e cavallaria, pelo que lhe era muito affeyçoado, e os tinha na conta que elles merecião.»

[2] OS LUSIADAS. Canto VI. Est. XLVII. No commento a esta oitava referente, diz Manoel Correa que D. João *se affeiçoou tanto a D. Filippa que com ella se casou!* Devia ser isso. Ou elle não fosse «grande mestre na arte da Dissimulação.»

bondade e valentia que nos Portuguezes vira, dos quaes elle fez fazer huma Chronica em Inglaterra dos feytos de armas que lhes vira fazer nas guerras de Castella. Assim que estando elle hum dia com as Damas da Raynha de Inglaterra em grandes solares e prazeres, e muytos senhores e Fidalgos Inglezes com elle, vieram os Fidalgos Inglezes a dizer ás Damas, que eram muyto feas, e que não tinham servidores que lho contradissessem... [1]»

E' o que em verso diz Luiz de Camões:

Entre as damas gentis da corte ingleza,
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou discordia em ira accesa:
Ou foi opinião, ou foi porfia,
Os cortezãos, a quem tão pouco hera
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha, para ser damas. [2]

Ora, isto é fortissimo. Havemos de concordar. Mas não fica por aqui. Os taes figurões dos fidalgos inglezes ainda se atreveram a dizer ás mesmas damas «que elles estavão prestes para se combaterem com quaesquer Cavalleiros que lho contradissesem por sua parte, e que se quizessem combater com elles: estes eram doze, e ellas outras doze de que ellas foram muyto agastadas... [3]»

Pudéra. De estas insolencias, ainda que sejam verdadeiras, nunca se dizem a damas nenhumas, e muito especialmente a damas inglezas, que têem pés grandes ou supporte para mais. E se isto sôa muito pessimamente em prosa rasteira, em verso não sôa melhor. E' facil de ver-se:

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe darão feia infamia, ou morte crua [4]

[1] Os LUSIADAS DO GRANDE LUIZ DE CAMÕES, *commentados pelo Licenciado Manoel Corrêa*. Commento da oitava 43.
[2] Os LUSIADAS. Canto VI. Est. XLIV.
[3] Os LUSIADAS DO GRANDE LUIZ DE CAMÕES, *commentados pelo Licenciado Manoel Correa*. Mesmo commento.
[4] Os LUSIADAS, Canto VI. Est XLV.

As pobres senhoras, segundo expõe o commentador dos *Lusiadas*, pediram ao duque que se doesse de suas honras, e lhes désse cavalleiros que por sua parte se combatessem com os que isto lhes diziam, «e que ellas os acceitariam por seus servidores, se elles vingassem os defeytos que ellas tinham daquelles Cavalleiros, por assim as injuriarem. O Duque rogou a alguns dos seus que aceytassem aquella demanda pelas damas, o que elles não quizeram fazer por todos serem naturaes, então mandou o Duque buscar alguns Cavalleiros, e não se poderam achar.»

A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes
Soccorro pede a amigos e parentes.

Mas como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas e bastantes
A fazer que em soccorro os Deuses levem
De todo o Ceu, por rostos de alabastro,
Se vão ao Duque de Alencastro. [1]

Ora, em vista do exposto, o sôgro de D. João, falou de este modo ás damas injuriadas:

—«Eu em minha Côrte não acho Cavalleyros que se queyrão combater com estoutros, mas porém dar-vos-hey um conselho, se vós quizerdes, e he tal. Quando andey em Portugal, vi nas batalhas que El-Rey, meu genro deu a El-Rey de Castella, muitos e bons Cavalleyros em feytos de armas: se vós quizerdes, eu vos nomearey doze, e estes os melhores, os quaes eu conheço: e escreverey a El-Rey meu genro que lhes dê licença, se elles quizerem tomar esta empreza: e vós escrever-lhe-heis cada huma sua carta, e eu tambem; e querendo elles vir sereis satisfeytas de vossa injuria.»

(Continúa)

ALFREDO DE PRATT.

[1] Os LUSIADAS. Canto VI. Est. XLV e XLVI.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Ru'ábaixo, ru'ácima

Ru'ábaixo, ru'ácima,
Mariquinhas á janella,
Comendo pápas e migas
Com 'ma colhér amarella.

A Senhora lá do Monte,
Tem um moinho na mão,
Para moer as mentiras
Das beatas que lá vão.

Serpa.

M. DIAS NUNES.

A MOURA SALUQUIA

(Lenda do seculo XIII)

I

Ha uma curiosa lenda mui popular, que corre como tradição, sobre a conquista do castello de Moura, entre os povos que banha o caudaloso Guadiana, terra a dentro de Portugal, e que velhos pastores e antigas caseiras referem ainda, nas largas noites de inverno, ao calor irradiante das chammas que devoram os troncos seccos de asinho, sob as grandes chaminés arabes das casas rusticas.

Ao successo dá-se por data o anno de 1226, e como acontecido no castello de Moura, situado trés milhas a E. do rio Guadiana, por cima de Serpa e entre Beja e Ficalho.

Ouvimol-a contar em o Natal de 1867, a uns pastores que tinham a sua malhada nas margens do rio Ardila, que desemboca no Guadiana antes de chegar a Moura.

O ancião que nos referiu esta lenda era da villa de Monsaraz e ouviu-a varias vezes a um tio seu, prior de Mertola, e irmão de sua mãe, como uma das tradições populares do paiz, ás quaes foi mui dado o bom parocho que, como constante caçador, passava as noites nas choças e nas granjas, referindo aos seus companheiros de caça e aos camponezes que queriam ouvil-o, as suas historias portuguezas.

Eis aqui, pois, tão curiosa lenda, algo ornamentada por nós com alguns apontamentos historicos que a tornam mais interessante.

II

Na queda da monarchia das *Aftasidas*, que reinaram em Badajoz até aos fins do seculo XI e cujo ultimo rei, Omar-Almotawaquil, morreu alanceado nas margens do rio *Bekayah* (Caya), a uma legua de Badajoz, pelos sanguinarios almoravides, e depois os almohades, que não foram mais humanos, uma oligarchia perturbadora imperou largos annos em toda a parte occidental da Peninsula, denominada pelos arabes o *Al-Gharbyya;* e desde *Al-Karsr-ibn-Abu-Danés*, nome que davam os almohades ás provincias extremenhas de hoje, até aos confins do Guadiana e Douro, isto é, desde *Andalusün* (Andaluzia), até *Chalikia* (Galiza), cada comarca foi regida ou governada com melhor ou peor sorte, pelo mais forte, que, nomeado *Arráez* (Caudilho) de outro Emir mais poderoso, a quem pagava tributos, fazia de senhor feudal entre os seus governados.

A comarca de Serpa, que comprehendia Moura, Mertola, Cacella, Tavira, Moreanes, Ficalho e 32 povos mais em de redor, estava submettida ao mouro Buaçon, poderoso senhor, immensamente rico, que havia pelejado na sua mocidade e agora descançava governando o seu pequeno Estado. Do antigo castello romano, denominado *Aroche*, em ruinas desde o seculo IX, fez elle uma linda fortificação, dando logar junto a seus muros a uma villa, que se denominou Moura, pelos que a povoaram, em consequencia do successo que anima esta lenda.

Tinha Buaçon uma filha, chamada

Saluquia, que por sua formusura era o encanto de todos os jovens da comarca, e para ella designou, como patrimonio em seu casamento, a villa e castello de Aroche, que já começára a governar, como Alcaideça ou *Caid* do mesmo, desde 1224, segundo uns, ou desde 1219 segundo outros.

Enamorou-se de Saluquia um joven mouro chamado Al-Brafama, senhor do castello de *Yelmeña*, (a que hoje chamam Jerumenha), o qual moço, tido por mui valente, era respeitado de todos os mouros e não menos temido pelos christãos. O velho Buaçon, pae da formosa Saluquia, associára-se várias vezes, em emprezas bellicosas contra os christãos, ao *Caid* de *Yelmeña*, e com sorte prospera umas vezes e outras adversa, compartilhou com elle as contingencias da guerra.

A principio não levou a bem estes amores o velho Buaçon, que sem dúvida sonhava para Saluquia algum principe de estirpe real; mas a Alcaideça de *Aroche* não era do mesmo parecer e offereceu a sua mão ao joven Al-Brafama, a quem desde muito queria para marido. Vencida, pois, a vontade do velho Buaçon, concertaram os dois jovens as suas bodas para 29 de junho de 1226 (623 da Hegira), dia do Apostolo S. Pedro, muito celebrado pelos christãos com festas, nas quaes por egual tomavam parte os mouros.

Haviam começado antecipadamente para os *fellah*, ou aldeãos lavradores de *Aroche*, estas festas, com motivo das que dedicavam a S. João Baptista em 24 de junho; pois como é sabido, mouros e christãos commemoravam juntos, em Hespanha e Portugal, as festas do fogo, chamados pelo povo as *Fogueiras de S. João*, verdadeiras recordações do solsticio estivo dos tempos pagãos da antiga Roma.

Tudo era alegria, n'aquelle anno entre os *rumies* (christãos) e a gente do *islam* (mahometanos). Desde a vespera do Baptista, as fogueiras illuminavam os campos de *Aroche*, e ao resplendor das candeias que rodeavam os velhos muros do castello governado pela formosa Saluquia, bailavam as *harasas* (raparigas) e *beledies* (camponezes) ao som de alegres canções, em que o *kitaból'agami* (trovador) se fazia acompanhar das *güiatras* (guitarras), *guenberì* (bandurras) e *tars* (pandeiros).

No dia 28, preparava-se a Alcaideça de *Aroche* para receber na manhã seguinte, dia de S. Pedro, o seu promettido, que viria cavalgando pelo largo *albalate* (caminho) da pinturesca *Jelmanyah*, acompanhado de um bom numero de cavalleiros e peões, quando uma noticia que lhe deram os *beledies* de *Aroche* a encheu de negros presagios. Segundo estes camponezes, que regressavam de *Sheberina* (Serpa), tinham visto cruzar o caminho a um numeroso tropel de cavalleiros christãos, armados e em som de guerra, que vinham como do castello de Paymogo, commandados por D. Alvaro Rodrigues e seu irmão D. Pedro, inimigos de Brafama. E não foram infundados os temores de Saluquia, pois no dia seguinte amanheceu, o castello de Aroche, cercado por 2000 cavalleiros christãos. Saluquia subiu ao alto da *Almocabar* para d'alli dominar melhor os arredores do castello, observando com grande pena que as hostes christãs começavam rijamente o ataque. Poz em movimento toda a povoação; fez soar o *atambar* e o *derbuya* d'um a outro extremo do castello. De prompto se puzeram na defensiva os seus governados; mas o inimigo era numeroso, e á primeira investida apoderou-se do povoado que rodeava a fortaleza. Saluquia, louca de terror, refugiou-se na *Borch-Calat* (torre de menagem), para arengar aos que valentemente luctavam nos ameiados muros. O seu esforço era inutil. Os christãos conseguem penetrar pela *Bab-as-sheberine* a (porta de Serpa), e em turbulento tropel avançam castello acima, gritando: «Victo-

ria, victoria!» Os seus desejos eram fazer captiva a alcaideça, a formosa Saluquia; mas esta, comprehendendo-o assim, arremessou-se por um *ajimez* da torre de menagem, ficando morta nos pedregaes do fosso. Os christãos recolheram o corpo ensanguentado, que conduziram para o castello, e prepararam-se para resistir ás hostes que acompanhassem o *Caid* de *Yelmeña*, que não se fez esperar muito, pois ás trés horas da tarde deu vista ao castello em companhia do ancião, pae de Saluquia, ambos seguidos d'uns 25 cavalleiros; e apenas informados do triste successo acontecido poucas horas antes, cheios de pena, ardendo em ira e com as lagrimas nos olhos, retiraram-se para *Sheberina* a deliberar entre si o que poderiam fazer para reconquistar Aroche e vingar juntamente a morte da sua Alcaideça. E segundo as chronicas lusitanas, é fama que esta villa ficou desde então sob o dominio dos christãos, que, ao repovoarem-n'a, a denominaram *Villa Nova de Moura*, em memoria, sem duvida, da celebre Alcaideça da villa, a formosa Saluquia.

(Conclue.)

Madrid.

NICOLÁS DÍAZ Y PÉREZ.

MISCELLANEA TRADICIONISTA

(Continuado de pag. 11)

VI

A Relambóia

A TITULO de curiosidade, porque destôa, por completo, de tudo quanto conheço em poesia popular, e como valioso especimen da linguagem local, publíco os versos seguintes, que o povo diz em Serpa.

A palavra que lhes serve de titulo — *relambóia* — não a encontrei em nenhum diccionario da nossa lingua, nem me consta que ella tenha já apparecido entre as numerosas collecções de vocabulos publicados pelos philologos portuguezes. Conheço o adjectivo e substantivo *relamborio*, que significa «semsaborão, ocioso; de má qualidade; sem graça, sem energia»; mas não me parece que seja aquelle termo alteração d'este. *Relambóia* emprega-se aqui na accepção de *mentira*; «armar uma relambóia, pregar uma relambóia», equivale a — dizer uma mentira.

Ha na relambóia periodos confusos e phrases sem nexo; todavia, lendo com alguma attenção todos esses versos rudes, como rude devia ser o cerebro que os gerou, percebe-se claramente que elles visam a descrever uma parte das manifestações amorosas da gente do povo.

A relambóia

Vou-me armar 'ma relambóia
Das que andam agor' na moda
Ao que se segue na roda
Da vaidade.
A fazer *pro* c'r'usidade
Ou por uma informação;
Em n'a ouvindo dirão
Se é verdade.
Tributos á mocidade
Ninguem deixa de pagar,
Ou n'ella deixa de andar
Envolvido.
Eu julgo me, que tenho sido
O mesmo que outrem qualquer;
Que seja homem ou mulher,
O mesmo é.
Pois tudo corre a *benté*
O seu destino acabar;
Mas isto de namorar...
Nem tanto!
Porque é uma lida emquanto
Dura; se anda embaido,
Que não descança o sentido
Nem socega,
Vendo sempre se se emprega
N'esta ou n'aquella pessoa.
E se uma lhe parece boa,
Outra melhor.
A uma e outra namora
Com umas palavras mansas,
Dando-lhe bôas esp'ranças
Sempre.
Antes que lhe em casa entre,
Na primeira occasião,
«Eu não 'stou p'ra mangação»,
Dizem ellas,
«Quero-lhe pôr as cautelas,
(Que não sei se serão fingidas)
«Que eu entradas e sahidas
Não n'as quero;

Que você não é sincero
A's outras mais que namóra,
Menos me será agora
A mim.
«Por este motivo, assim,
Não lhe dou occasião».
Respondem-lhe elles então:
«Nada d'isso é assim.
«E' verdade que por alli
Passo ás vezes.
«Mas isso é de mezes a mezes,
E' lá uma vez nas eras;
Era bom se não souberas
Os excessos que faço.
«E quando por alli passo,
Que lhe chego a fallar,
E' tudo por espalhar
Magua.
«Peço-lhe uma gotta d'agua,
Demoro-me um poucochinho,
Mas vou logo o meu caminho
Seguindo.
«Alguma que está ouvindo
Vem-lhe logo a dizer
Que eu, que lá fui a beber
A' de fulana.
«Com isso se não engana;
Mas tola é quem não conhece
Que, se fôra com interesse,
Punha-lhe as cautelas».
Respondem-lhe agora ellas:
«As mesmas que aqui tem:
Não se esconde de ninguem
P'ra entrar.
«E a gente em se fiar
Nas suas palavras mansas,
E' que com as esp'ranças
Vae vivendo».
Despedem-se elles dizendo:
«Adeus, 'té á outra vez,
Por cá virei a vêr se tens
Disfarçado».
Voltam-se p'ró outro lado,
E, n'isto, pegam-se a rir
Em se chegando a encobrir
Com 'ma esquina.
Vão 'studando a *pantomina*
Que a outrem hão-de ir armar,
E assim pegam a andar
N'esta *gira*.
Aqui lhe armam 'ma mentira
Que não n'a estudam.
Ellas, coitadinhas, cuidam
Que isto, assim, é verdade,
E assim lhe tomam amisade
E 'feição.
Dizem-lhe ao depois então:
«Cá me dizem que m'engana,
Que você vae á de fulana
Tambem».
Dizem elles: «O que tem?
E o que importa que eu lá vá,
Se o meu sentido em ti 'stá
Posto?
«Tu bem sabes que o meu gôsto,
Meu bem, é de te lograr;
P'r'as mais é um namorar
Fingido.
«E's o espelho mais luzido
De todas em que me vejo,
E bem que sabes que não desejo
A ninguem mais».
Com estas e outras taes
Assim se vão defendendo,
E ellas ficam-lhe dizendo
Assim:
«Você vem-me vêr aqui,
E depois quando d'aqui sáe
Para casa d'outrem vae
Passal-o resto.
«Pois isto lhe manifesto,
Segundo ao que me dizem,
Porque ha muitas que me avisam
De tudo».
«Mesmo assim, pelo miudo,
(Como ás vezes assuccede)
Aonde você agua pede
P'ra entrar...
«Então? quel-o duvidar?...
«Adonde os cigarros accende..
«E veja lá se me entende
Adonde é...
«Com que eu já sei a *benté*
O tempo que se demora!
«Que ainda agora
M'o disseram...
Da maçada que tiveram...
«Não ha nada que não soe!
«E veja lá que tal foi
O serão!»
Respondem-lhe elles então:
«Não ha tal».
D'aqui pegam afinal
A compôr o seu papel,
Que fica que nem annel
No dedo.
Pegam a ir em segredo,
De dia e a toda a hora;
Andam p'ra dentro e p'ra fóra
Pro chalaça.
Ellas, achando-lhe graça,
Em nos vendo assim fazer,
Cuidam que não ha-de haver
Nada á contra.
Elles vão p'ra casa d'outra,
E assim pegam a andar
N'esta *gira*.
Aqui lh'armam 'ma mentira,
Além armam uma pulha,
O diabo p'r 'uma agulha
Enfiam elles!
Mas, isto é, são aquelles
Que têm algum *taramenho*;
Que por outros não fazem empenho
Nenhum.
E então que me dizes tu,
Em ellas indo lavar,
Que se cheguem a juntar
Duas ou tres?
Isso é um entremez,
Mais raro que póde haver,
Porque alli ha-de parecer

Bonito e feio.
O bom, o mau, alli veio;
E uma diz, outra applica,
De maneira que não fica
Nada atraz.
Como agora ouvirás
As suas explicações,
Que, em chegando á namorações,
Não tem fim.
Porque uma diz d'aqui:
— «Já fulano tantas tem». —
Responde logo d'além
Outra:
—«Pois beltrano não se conta,
Que lhe dão agor' fulana?
«Pois ainda esta semana
Ouvi dizer».—
Torna outra a responder
—«Pois o tal aonde se mette,
Que encontrámos em tal parte?...
«Isso é que tem arte
P'ra tudo!»—
Alli vem *lestro* e rudo,
Com a roupa posta a enxugo,
Que não 'scapa saramugo
P'ia malha.
Pois não tem aquella canalha,
Mais nada em que se occupar
Senão n'este fallar
Em todo o dia!
E ha quantos na companhia,
Que o mesmo estão conversando,
E com isso se estão ralando!
Mas então!
Não querem dar mostração,
Nem dar seu braço a torcer,
Mas lá o hão-de ter
P'ra si.
Elles fazem n'o assim:
Ajuntam-se tres ou quatro,
—«Vamos aqui, que é barato
E bom».—
Mesmo assim, a este som,
Pegam a mandar vir vinho:
—«Venha mais um quartilhinho,
Até ver».—
D'ahi pegam a dizer:
—«Vamo'-nos d'aqui embora,
Porqu' esta é a melhor hora
De passeio».—
Responde outro:—«Que grangeio
Tiras tu de passear?
«Queres ir a namorar
Alguma?»—
—«Não quero namorar nenhuma,
Mas, em havendo occasião,
Gósto por aonde ellas 'stão
Passar.»—
—Pois agora hei-de te levar
Aonde 'stão 'mas raparigas,
Quero que alli me digas
De qual gostas »
Alli pegam com apostas,
A vinho e não a dinheiro,
A vêr qual lhe entra primeiro
Em casa.

Cada um por si faz vasa,
(Como no tratado vem)
E esse que mais *gira* tem
Vae adiante;
Com um papel... que a ***benté***
Fica que nem mão d'*alvané*
Na parede.
Depois dizem: «Eu não hei-de
Descobrir este segredo,
Que por ora ainda é cedo
P'ra se saber;
Porque em se chegando a dizer,
Pega-se logo a soar...
«E você deve-o guardar
Tambem em si.»
Ellas dizem-lhe que sim..
Mas quê? se não são capazes,
São peores que os rapazes
Da rua!
Não encobrem coisa sua
Que não devem descobrir;
Borram-se sem se sentir,
Não tem que vêr.
Emquanto não vão dizer,
'Sta-lhe levando o diab'alma!
Até se vêem com calma
Afflictas,
Emquanto as coisas não são ditas;
Sempre estão em confusão
Emquanto não dizem qu'estão
P'ra casar.
Se lhe vão a perguntar,
Dizem logo com quem é:
Se é Antonio ou José,
Ou Francisco.
Mas cá lhe deito o visco
Por cima.
Sempre o dizem a alguma prima
Ou a alguma sua amiga;
Em que a outrem o não diga,
Dizem-n'o áquella.
Ellas não teem cautela,
Elles é que a hão-de ter?!
Fazem bem em n'o fazer
Assim.
E' o que ouvem aqui
Irem-n'o contar além.
E esse é que é o bem
Feito.
Não querem bahús no peito,
Nem na bocca fechadura,
E nem se póde ser dura
Penha.
Mas aqui o que se engenha
E' chamarem-lhe *simões*,
Que esses são os galardões
Que ellas dão a muitos.
Até lhe chamam defunctos,
Innocentes, coitadinhos...
Mas é porque não lhe tocam os pausinhos
Ao d'reito.
Mas... por agora 'stá feito,
Com isto a obra acabo;
Tomára-lhe eu ao rabo
Alguns que eu cá sei,
Que esses é que fazem bem:

Que lhe armam as relambóias,
Que as deixam que nem 'mas joias
Nos peitos.
Mas esses é que são acceitos
E que lhe mettem cubiça.
Esses que não teem malicia,
Teem-lhe zanga.
Mas todo o que com ellas manga
E com ellas se sabe haver,
Esse chega-as a trazer
Aos pares.
E tu se n'isto reparares
E tiveres de c'r'usidade,
Acharal-o por verdade
Assim.
E do principio 'té ao fim
Tudo aqui te explico,
Qu'eu por agora aqui fico
Até vêr.

VII

A carne de grou

A classe camponesa da geração que nos precedeu, attribuia á carne de grou a mirifica virtude de conservar por tempo infinito a vida humana. Era isto crença geral, devéras funda e arreigada, e da qual ainda hoje se notam restos persistentes na phrase popular e local — *parece que comeu carne de grou,* com que se exprime a longividade e resistencia vital de qualquer individuo.

A pessoa que alcançava a suprema ventura de saborear tão exquisito manjar, podia sim, — mercê dos effeitos inevitaveis d'uma edade já avançada, ou victima d'alguma doença cruel e ruinosa —, chegar ao estado deploravel da mais completa inacção e paralysia, á perda mesmo de todos os sentidos corporaes. Mas, ainda assim, viveria eternamente, embora em misero estado; porque a luz da existencia — acreditavam — essa, sómente abandonava o *engrôado* quando almas caridosas e bemfasejas, condoídas de ver penar, se resolviam, depois de muito sollicitadas, e não sem um certo receio e terror, a deitar o pregão de morte. Consistia este no seguinte:

Depois de meia noite, em dia de sexta-feira, tres mulheres completamente embuçadas em amplos chailes negros, gritavam em voz alta, cada uma por sua vez, e successivamente, ás esquinas das ruas principaes:

(1.ª m.) — F. de tal (o nome do paciente),

Que comeu carne de grou, —

(2.ª m.) — Quiz passar e não passou. —

(3.ª m.) — Passe!

Affiançam-me que era remedio santo — rapido, seguro e infallivel.

E' impagavel a superstição popular!

(Continúa)

Serpa.

M. DIAS NUNES.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 14)

DCCXXIX

Tu invejas e desejas
Algum bem que não é teu;
Inda não estás contente
Co'a sorte que Deus te deu!

DCCXXX

Tenho de ti saudades,
Meu amor, venho-te ver!
Acceita-me esta visita,
Que ella é de agradecer.

DCCXXXI

Tenho fé nos olhos tristes,
Que me revelam paixão;
Namora-me o teu sorriso,
Que me não dá *sim* nem *não.*

DCCXXXII

Tenho dentro de meu peito
Duas escadas de vidro:
Por uma desce a paixão,
Por outra sóbe o allivio.

DCCXXXIII

Tenho catarrho nas unhas,
Dôr de barriga n'um braço;
Tenho um pico n'um joelho,
Que me atravessa o cachaço.

DCCXXXIV

Tuas faces côr de rosa,
Encarnadas, lindas são!
Parecem rosas abertas
Na manhã de San João.

DCCXXXV

Tenho dentro de meu peito
Um punhal de cinco bicos,
Para matar e ferir
Quem andar commigo em dictos.

DCCXXXVI

Tenho dentro de meu peito,
Ao lado do coração,

Duas lettrinhas que dizem:
— Morrer sim, deixar-te não.

DCCXXXVII

Tenho dentro de meu peito
Duas escamas de peixe:
Uma diz que te não ame,
Outra diz que te não deixe.

DCCXXXVIII

Tão longe, meu bem, tão longe!
Tão longe que de mim 'stais!
Nem eu oiço os teus suspiros,
Nem tu ouves os meus ais!...

DCCXXXIX

Tenho uma pena... ai! que pena!
Tenho uma dôr .. ai! que dôr!
Tenho o coração partido
De não vêr o meu amor!...

DCCXL

Tanto coração
Sem nenhum ser meu!
Amor da min'halma,
Dá-me cá o teu!

DCCXLI

Todos os Josés são vários,
Franciscos, extravagantes;
Manueis, dissimulados,
Antonios... rêis dos amantes!

DCCXLII

Tod'esta noita eu caminho
Por estradas tão medonhas,
Sempre sonhando comtigo...
Só tu commigo não sonhas!

DCCXLIII

Toda a mulher que é casada
Com um homem pequenino,
Puxa-lhe pelas orelhas:
— Anda cá, meu macaquinho!

DCCXLIV

Tenho dentro de meu peito
Um laço com cinco azelhas,
Para prender os teus olhos
Mais as tuas sobrancelhas.

DCXLV

Teus olhos meigos, risonhos,
Teus gestos e movimentos,
De noite occupam meus sonhos,
De dia meus pensamentos.

DCCXLVI

Tens uns olhos bem bonitos...
São a minha tentação!
Assim elles não tivessem
Para mim ingratidão!...

DCCXLVII

Toma, amor, esta laranja,
Tira-lhe o sumo, que é tua;
Da casca faze um barquinho,
Embarca p'rá minha rua.

DCCXLVIII

Toma, amor, esta laranja,
Tira-lhe o sumo de dentro;
Da casca faze um navio
E embarca o meu pensamento.

DCCXLIX

Tenho dias, meu amor
Que me desejo matar,
Em consid'rar que não posso
Comtigo desafogar.

DCCL

Tu tiraste de meu peito
A parte mais melindrosa.
— Deus me não leve do mundo
Sem te lograr, linda rosa!

DCCLI

Trouxe, poisada n'um ramo,
Uma gentil maripoisa,
Para dar ao meu amor...
Ah! que delicada coisa!

DCCLII

Tu não sabes minha jura?
Pois ólha que ella é medonha!
Foi feita entre os rochedos,
Nas ondas onde o mar sonha.

DCCLIII

Tu me culpas sem ter culpa;
Rasgue-se do crime o veo!
Sentenceia uma causa
Depois de ouvires o réo.

DCCLIV

Trés palavras disse a Virgem
Quando nasceu Deus-Menino:
«Venha cá meu bago d'oiro,
Meu Sacramento Divino».

DCCLV

Toma lá esta laranja,
Qu'inda ha pouco foi colhida;
Quem te dá esta laranja,
Deseja-te dar a vida.

DCCLVI

Trés settas são as que ferem
O meu pobre coração!
Não sabes, ou não comprehendes,
O que custa uma paixão?!...

DCCLVII

Tu pensas que és mais do que eu?
Serás tanto... ou serás menos!
Serás mais em seres tolo,
Que no mais, eguaes seremos.

DCCLVIII

Tu me viste e eu te vi,
Tu me amaste e eu te amei...
Qual de nós amou primeiro?
Tu não sabes e eu não sei.

DCCLIX

Tu 'tiraste e eu 'tirei:
Encontraram-se as pedradas;
Quando as pedras se encontram,
Que farão nossas palavras!

DCCLX

Tirem os olhos aos homens,
Mandem-n'os ao Padre Eterno,
Que os olhos dos homens servem
P'ra castiçaes do inferno.

DCCLXI

Tu és parvo ; estás aos cantos
Sem ninguem te dar cavaco,
Em logar d'ires p'rá loja...
Aos cantos gastas tabaco !

DCCLXII

Tua testa é oiro fino,
Teus olhos são resplendores,
Tua bocca, e ar de graça,
Por ella morro d'amores!

DCCLXIII

Tu mandaste-me p'rá quinta,
P'ra baixo das laranjeiras...
Na quinta é que eu me quero,
P'ra brincar c'oas quintaneiras.

DCCLXIV

Toda a moça que quizer
Gosai de nobre futuro,
Fóra de horas não vá
Fallar á sombra do muro.

DCCLXV

Tenho pena, vivo triste,
Já lá vae minh'alegria!
Ai de mim ! que me não lembra
Se eu fui alegre algum dia !...

DCCLXVI

Toma lá, dá cá,
Duas coisas são:
Uma é querer bem,
Outra é ter 'ffeição.

DCCLXVII

Tenho corrido mil terras,
Mil terras tenho corrido;
Teem-me ladrado cães,
Mas nenhum me tem mordido.

DCCLXVIII

Tenho corrido mil terras
Da maior parte da Beira;
Não achei maior amigo
Que o dinheiro na algibeira.

DCCLXIX

Tenho pesar em mim mesmo
Não ser maroto ou velhaco ;
Mas tenho palavra d'homem:
Ao que prometto não falto.

DCCLXX

Trazes lenço encarnado,
Trazes guerra em teu peito;
Não se me dava ir á guerra,
Sendo a guerra a teu respeito.

DCCLXXI

Tenho dentro de meu peito
Um canivete doirado,
Para pôr na tua mesa
Ao dia do teu noivado.

DCCLXXII

Tenho uma paixão tão grande,
Que me sobra ! já é muito !
Desejo n'este momento
Sepultar-me, ser defuncto!

DCCLXXIII

Tenho dentro de meu peito,
Do tamanho d'um ceitil,
Uma lembrança d'amor
Que me não deixa dormir !

DCDLXXIV

Tens cabeça de andorinha,
Tens pescoço de cegonha,
Tens olhos de porca russa,
Cara de pouca vergonha !

DCCLXXV

Tu ajudas-me a cantar
Assim de certa maneira...
Eu, com essa tua falla
'Levo a voz aonde queira.

DCCLXXVI

Tens um lenço na cabeça,
Que te ajuda a ser bonita,
Com 'ma cercadura á roda,
Da largura d'uma fita.

DCCLXXVII

Tenho olhos e não vejo,
Tenho bocca e não fallo,
Tenho ouvidos e não oiço...
Por minha honra me calo.

DCCLXXVIII

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho trés... não quero mais !
Para que quero eu amores,
Se elles me não são leaes?!...

DCCLXXIX

Tenho um amor, tenho dois,
Tenho trés e tenho quatro ;
Tenho cinco, tenho seis...
A vêr se d'amores me farto!

DCCLXXX

Tenho uma paixão
Capaz d'estalar !
'Star meu bem na terra,
Não me vir fallar !...

DCCLXXXI

Tanto ai, não *hay !*
Tanto ai, não vi !
Tanto ai !... amor,
Que eu dou por ti!

DCCLXXXII

Toda a moça que é bonita,
Não devia de nascer ;
E' como a pera madura :
Todos a querem colher.

DCCLXXXIII

Um olhar ardente e meigo
Falla muito ao coração !
Diz amor e diz ternura,
Diz desejo, diz paixão.

DCCLXXXIV

Uma Annica me deu cóca,
Que é um mal que não tem cura;
Ando feito n'uma róca,
Ponho-me á sua cintura.

DCCLXXXV

Uma planta em quanto nova,
Não póde ter valentia:
P'ra toda a banda se volta
Com a mesma phantasia.

(Da tradição oral, em Serpa)
(Continúa.)

M. DIAS NUNES.

LENDAS & ROMANCES

O CONDE LINDES

Vindo D. Conde Lindes,
N'uma noite de luar,
A dar agua aos seus cavallos,
Elle se pôz a cantar;
O rei, que tal ouviu,
Sua filha foi chamar:
— Anda cá, ó minha filha,
Anda cá ouvir cantar:
Ou são os anjos no ceo,
Ou é a sereia no mar.
— Nem são os anjos no ceo,
Nem é a sereia no mar.
E' o D. Conde Lindes,
Que comigo quer casar.
— Diz-me lá, ó minha filha,
Se isso assim é na verdade,
Que já o mando matar.
— Se manda matar o conde,
Mande-me a mim tambem. —
Inda mal era *manhem*,
Dois amantes a enterrar;
Um se enterra ao pé da cruz,
Outro lá cima ao altar;
D'elle nasceu uma canna,
E d'ella um cannavial.
O rei mandou deitar pregão,
Oh! que pregão mandou deitar!
— Casamentos por amor
Não se podem apartar.

(Villa Boim.)

D. ANGELA DE MEDINA

(Excerpto)

....

....

Um grande tropel se ouvia:
Era D. João que chegava;
Aonde esperava D. Angela,
A sua aia que encontrava,
Na sacada do palacio,
Toda de lucto vestida.
— Dizei-me vós, ó senhora,
Por quem trazeis esse dó,
Por quem andaes tão sentida?
— Por D. Angela de Medina
Que por vós é fallecida;
Pediu-me que vos entregasse
Este rosario que ella tinha,
E que vós lh'o rezasseis,
Um anno de dia a dia. —
D. João que isto ouvia,
Para traz morto cahia.
Acodem-lhe os seus amigos
Com um copo d'agua fria.
Logo que tornou a si,
Pede para que o deixem
Alli só sem companhia.
D'alli foi para a egreja
Aonde a sua bella jazia:
Cem vezes rezou o rosario,
Cem vezes o rezaria;
Ao soluçar que fazia
Sacristão que acudia:
— Que fazeis, ó cavalleiro,
Que fazeis, ó vida minha?
— Peço-te, ó sacristão,
Peço-te por tua vida,
Me digas a sepultura
De D. Angela de Medina.
— Lá acima ao altar-mór,
Aos pés de Santa Cath'rina.
— Peço-te, ó sacristão,
Peço-te por tua vida,
Me ajudes a levantar a campa,
Que eu mui bem te pagaria. —
Levantam os dois a campa,
Na sepultura ella se via:
— Deus te salve, bella aurora,
Claro sol do meio dia,
Que te fez o eterno pintor
Que todas as cousas cria;
Volve á vida minha bella,
Que viver sem ti não podia.
— Vive tu, meu namorado,
Vive tu que eu já vivi;
Braços com que te abraçava
Já não tem vigor em si.
— Volve á vida, minha bella,
Que não posso viver sem ti.
— Vive tu, meu namorado,
Vive tu que eu já vivi;
Bocca com que te beijava
Já não tem sabor em si.

....

....

Fidalgos e cavalleiros,
Todos á uma diziam:
— Dem-n'a, dem-n'a, a D. João,
Que elle bem na é mer'cida,
Dem-na, dem-na, a D. João,
Que de morta a tornou viva.

(Elvas.)

A. THOMAZ PIRES.

BIBLIOGRAPHIA

Não se publica esta secção no presente numero, por enfermidade do nosso collega o sr. M. Dias Nunes.

ANNO IV

VOLUME IV

N.º 3

SERPA, Março de 1902

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.),* ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 3 SERPA, Março de 1902 Volume IV

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

Os doze de Inglaterra

(Continuado de pag. 23)

Observa, porém, Manoel Corrêa, no commento da oitava 48, que, o duque de Lencastre não queria dar grande favor ás damas na desavença que ellas houveram com os fidalgos inglezes. Diz que era por não querer levantar inimisades, o que muito bem poderia succeder se os fidalgos percebessem que elle duque estava mais contra elles que a favor das doze senhoras. Por isso, o conselho que o sogro de D. João deu ás muito melindradas inglezas de mandar a Portugal buscar cavalleiros que se encarregassem da defeza de tal causa, foi em segredo e muito de maneira que os referidos fidalgos não vieram a sabel-o.

«Disserão ellas então, que lhe beyjavão as mãos e que erão contentes. Poz logo o Duque os nomes delles, cada hum em seu papel, e os nomes dellas da mesma maneyra: e lançarão sortes, e aconteceu a cada Cavalleyro sua Dama: de maneyra que pelo nome sabia já cada Dama qual era o seu cavalleyro pela sorte que lhe acontecera. Então cada huma enviou sua carta ao seu: e o Duque pelo semelhante enviou a cada hum sua carta, em que lhes rogava e pedia quizessem assim pelo amor delle, como pelo que devião á ordem da cavallaria, aceytar aquella empreza por cada huma daquellas Damas; pois em sua Corte não achava Cavalleyros que por parte dellas a quizessem aceytar [1].»

E' exactamente o que consta dos *Lusiadas*, mas aqui com mais nitidez, *porque no verso enenea se diz tão claramente que se escuse declaração*, no proprio dizer de Manoel Corrêa.

As damas offendidas, á mingua de qualquer outra protecção, appellaram para o duque de Lencastre, e

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhes diz: Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iferinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas e polidas
Do vosso agrado os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos, e d'amores
Lhes sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro e forte esteio.

Desta arte aconselha o Duque esperto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E porque cada dama um tenha certo,
Lhe mandem que sobre elles lancem sortes;

---

[1] Os Lusiadas do grande Luiz de Camões, *commentados pelo Licenciado Manoel Corrêa*. Mesmo commento.

Que ellas só doze são: e descoberto
Qual a qual tem caido das consortes,
Cada uma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o duque a todos. [1]

«Chegado o Embargador das Damas a este Reyno, foy recebido nelle com tanto alvoroço de alegria que aquelle se tinha por mais ditoso, que vinha pelas Damas nomeado por haver muytos outros que de boa vontade aceytarião a empreza[2].»

Vejam que doidice de gente. Em que elles se entretinham[3]. E sendo isto tudo uma lenda, como de facto assim é, mais caricato se torna este caso por elle afinal recahir em pessoas bem dignas de sorte melhor.

Não succedeu semelhante episodio. Por honra de nós todos que sentimos nas veias o sangue portuguez, este caso não passa de uma lenda; mas o que é certo, o que representa uma triste verdade, é que o julgaram muitissimo possivel na pessoa dos nossos avós. Seja isto em desconto dos nossos peccados, e das culpas tambem que no cartorio da sua propria consciencia houveram aquelles bons portuguezes dos fins do seculo XIV e principios do XV.

Pobres cavalleiros!

No sublime dizer de Pinheiro Chagas, a cavallaria, essa instituição de que só vemos o ridiculo, depois que todos lêmos o immortal *D. Quixote*[1], sem comprehendermos o fundo de amargura que encerra aquella satyra sublime, estava quasi a expirar n'esse tempo em que já se antevia a era diplomatica e estrategica, aberta por D. João II em Portugal, Fernando d'Aragão em Hespanha, Luiz XI em França, Henrique VII em Inglaterra, e o imperador Maximiliano na Allemanha; mas como a chamma que vae a expirar, podemos dizer d'ella que, proximo a extinguir-se, lançava em Portugal os seus mais vividos fulgores, quando um dos ultimos exemplos que legava ao mundo era o sacrificio sublime consummado nos campos de Alfarrobeira[2].

Ahi, sim senhores. Dóe portanto ver que a heroes de tal raça se attribuam façanhas tão plenas de ridiculo, como esta dos doze de Inglaterra. Estes doze cavalleiros nomeados pelo duque de Lencastre para desaffronta das damas inglezas, responderam ao embaixador das mesmas senhoras que «pedida a licença a El-Rey de Portugal, elles serião lá (prazendo a Deos)

---

[1] Os Lusiadas. Canto VI. Est. XLVIII a L. Melhor explica Manoel Corrêa no commento referente a esta ultima estancia, que no outro que tem que ver com a instancia 43, que as damas todas escreveram cada qual sua carta a el-rei D. João em que lhe pediam que lhes fizesse mercê de aquelles cavalleiros indicados pelo duque. Conforme fica dito por Luiz de Camões, este sujeito não queria causar discordias intestinas. Devemos appoiar-lhe a idéa sublime. Realmente não ha nada mais limpo que a harmonia intestinal.

[2] Os Lusiadas do Grande Luiz de Camões, *commentados pelo Licenciado Manoel Corrêa*. Mesmo commento.

[3] Manoel Corrêa enaltece tamanha frioleira, chamando-lhe *costume daquella primeyra idade, e verdadeiramente de ouro da Nação Portugueza, que nenhum outro intento tinhão se não honrar sua patria, e alcançar nome nella.*

[1] A' novella de *D. Quixote*, que Pierre Larousse classificou da obra mais sensata ao mesmo tempo que a mais jogral que tem produzido o genio do homem, está ligada uma curiosa passagem da guerra dos francezes na Peninsula. Os exercitos de Napoleão, atacados continuamente pelos guerrilhas que combatiam fugindo, e que não perdoavam a inimigo nenhum que lhes cahisse nas mãos, vingavam-se queimando-lhes as villas e aldêas por onde passavam. Assim iam pela Hespanha fora á luz dos incendios segundo o costume immemorial dos heroes quando um bello dia chegaram a uma aldêa, que devia ser brasa das chammas. Antes, porém, de incendial-a perguntaram como ella se chamava. Responderam-lhes que era Toboso. Ora, Toboso vinha a ser a patria de aquella Dulcinea, decantadissima dama dos pensamentos de D. Quichote! Ante tal resposta, os francezes desataram a rir, e os patricios da celebre Dulcinea escaparam do incendio, graças ao genio immortal de Cervantes.

[2] Historia de Portugal, *desde os tempos mais remotos até á actualidade, escripta segundo o plano de F. Diniz, por uma sociedade de homens de lettras.* Lisboa. Idl. II. pag. 322.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

(Cliché de Francisco Antonio Moura)

Typos populares da beira-mar (Ilhavo)

pela festa do Espirito Santo, que era o prazo que os outros tinhão posto para a batalha. A licença deu-lha logo El-Rey: e estes Cavalleyros se affirma que erão todos naturaes da Serra da Estrella, dos lugares que estão pelas faldras della, como Trancoso, Pinhel e outros[3]»

Manoel Corrêa e Jorge Ferreira de Vasconcellos fazem figurar n'esta duzia de irrisorios cavalleiros, gente bem dotada de

> tanta ousadia,
> Tanto primor e partes tão divinas[1],

principalmente de partes tão divinas, que não poderam escapar ao duque de Lencastre, dois vultos de subida importancia em os nossos annaes. O primeiro é aquelle D. Alvaro Foz de Almada, filho de João Foz de Almada, e bisneto por sua avó paterna D. Maria da Cunha, do senhor de Pombeiro, João Lourenço da Cunha[2], primeiro marido de D. Leonor Telles. Quem o armou cavalleiro foi o infante D. Pedro na mesquita de Ceuta, e os deveres de fraternidade e de dedicação que essa cerimonia impunha, soube elle cumpril-os em toda a sua amplitude[3].

O segundo vinha a ser D. Alvaro Gonçalves Coutinho, mais conhecido por alcunha immortal. Chamavam-lhe o *Magriço*. Era filho de D. Gonçalo Vasques Coutinho, primeiro marechal de Portugal, e irmão do primeiro conde de Marialva, D. Vasco Coutinho.

Estes dois e os dez restantes, todos mui exforçados e valorosos cavalleiros, no dizer do commentador dos *Lusiadas*, se foram á cidade do Porto, e os onze de elles se foram em uma náo que ahi tomaram, caminho de Inglaterra. Alvaro Gonçalves Magriço quiz ir por terra para ver mundo, promettendo a seus companheiros que se no caminho não morresse, seria com elles no tempo do prazo.

Foi assim que Magriço lhes falou:

> Fortissimos consocios, eu desejo
> Ha muito já de andar terras extranhas,
> Por ver mais aguas que as do Douro e Tejo,
> Varias gentes, e leis, e varias manhas.
> Agora que apparelho certo vejo,
> (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
> Quero, se me deixaes, ir só por terra
> Porque eu serei com vosco em Inglaterra.
>
> E quando caso for, que eu impedido,
> Por quem das cousas á ultima linha,
> Não for comvosco ao prazo instituido,
> Pouca falta vos faz a falta minha.
> Todos por mim fareis o que é devido;
> Mas se a verdade o espirito me adivinha,
> Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
> Não farão que eu comvosco lá não seja.[1]

Depois de esta fala em que Magriço tanto fez salientar o espirito da

---

[2] Os Lusiadas do Grande Luiz de Camões, *commentados pelo Licenciado Manoel Corrêa.* Mesmo commento.

[1] Os Lusiadas. Canto VI. Est. XLVIII.

[2] Diz Camillo Castello Branco no *Perfil do Marquez de Pombal*, pag. 2, que este João Lourenço da Cunha, quando Fernando I lhe arpoou a mulher, adornou a sua fronte com duas pontas de ouro; outros maridos, porém, recebiam dos monarchas o ouro, e em vez de o pôrem na cabeça em fórmas caprichosamente retorcidas, escondiam o nas algibeiras para evitarem o escandalo.

[3] O prazo durante o qual os portuguezes tocaram a meta do espirito cavalleiroso, e o conservaram em toda a pureza e vigor, prolongou-se por obra de um seculo, desde os ultimos annos do reinado d'el-rei D. Fernando até o d'el-rei D. Affonso V. Antes de esse tempo nossos avós eram demasiado rudes para conceberem e reduzirem a inteira pratica e concepção immensamente bella da cavallaria; depois de elle eram muito *ci'adãos* para serem cavalleiros. D. Alvaro Foz de Almada cahindo morto na batalha de Alfarrobeira era o symbolo da cavallaria expirando nas paginas da ordenação affonsina. A'esta compilação indigesta e essencialmente contradictoria da legislação de tres seculos, não bastava o ser inserido o outro regimento de guerra portuguez. emendado por jurisconsultos, para salvar da morte a cavallaria, que outras disposições de esse codigo indirectamente assassinavam. N'isto, como em quasi tudo o mais, das actas das cartas portuguezas anteriores a D. João II, e da ordenação afonsina se póde extrair toda a substancia philosophica da historia dos primeiros tres seculos da monarchia. No *Amadis de Gaula*, primeira novella de cavallaria, que se attribue a Vasco de Lobeira, ahi está a melhor historia de tal sociedade. — *Panorama*, vol. II, pag. 123.

[1] Os Lusiadas. Canto VI. Est. LIV e LV.

CANCIONEIRO MUSICAL

III

Eu fui um dia a passeio

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(CHOREOGRAPHICA)

epocha, todo elle occupado exclusivamente por idéas arrojadas de honra, valentia e de amor,

> abraçados os amigos,
> E tomada licença, emfim se parte:
> Passa Leão, Castella, vendo antigos
> Logares que ganhára o patrio Marte;
> Navarra, co'os altissimos perigos,
> Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte:
> Vistas emfim de França as cousas grandes,
> No grande emporrio foi parar de Fraudes.
>
> Alli chegado, ou fosse caso ou manha
> Sem passar se deteve muitos dias;
> Mas dos onze a illustrissima companha
> Cortam do luar do Norte as ondas frias. [2]

Os da náo — assim prosegue Manoel Corrêa — foram a salvamento, e aportaram em a cidade de Londres, aonde foram bem recebidos: e estando ahi, não faltavam mais que dois dias do prazo em que se havia de dar a batalha. As damas dos onze estavam em extremo contentes, porque tinham alli seus cavalleiros: e a dama de Alvaro Gonçalves Magriço pelo contrario, muito agastada, tendo-se por mais mofina que todas, pois n'ella cahira a sorte do seu cavalleiro não cumprir a palavra que tinha dado.

Realmente, aquelle grande machucho do grão Magriço bem podia ter ido em companhia dos seus onze parceiros, e deixar-se de aquella maluqueira de querer ir por terra para ver outros paizes e mais aguas que as do Douro e do Tejo. O diacho do homem deu assim que fazer não só á sua dama, mas ainda aos parceiros, pois ao passo que a triste senhora maldizia a sua sorte, julgando que elle Magriço, lhe roera a palavra, os onze cavalleiros viram-se parvos e gregos para a convencerem de que estava enganada.

(Continúa)

ALFREDO DE PRATT.

[2] Os Lusiadas. Canto VI. Est. XLVI e XLVII.

MODAS - ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Eu fui um dia a passeio

Eu fui um dia a passeio,
Fui um dia a passear;
Encontrei o meu amor:
Já se vê, estava a namorar.

Já se vê, estava a namorar,
Já se vê, estava namorando...
Encontrei o meu amor:
Já se vê, não fiquei gostando.

Serpa.

M. DIAS NUNES.

LENDAS & ROMANCES

PALMAS VERDES

A MULHER

Ai de mim! já fui amada
Agora não o sou nem serei,
Porque ou porque não,
Isso é o que eu não sei.

O MARIDO

Eu na minha vinha entrei,
Rasto de ladrão achei,
Se provou ou não das uvas,
Isso é o que eu não sei.

O REI

Eu na vossa vinha entrei,
Palmas verdes afastei,
E juro-vos, á fé de rei,
Que olhei p'r'ás vossas uvas
E que d'ellas não provei.

(Villa Fernando).

A ROSA PASTORINHA

— Que fazeis, pastorinha,
Por essa ribeira?
Retira-te do sol,
Que o sol te queima.
— O sol não me queima,
Que ando callejada
Do frio e da chuva,
Do rigor da calma.
— Está tão grande a penha,
Está tão grande o frio,
Quer a menina
Retirar comigo?
— Cale-se lá, maroto,
Não me diga isso,

Logo vem meus amos
Trazerem-me a m'renda.
— Isso é que eu quero,
Que seus amos venham,
Quero que seus amos saibam
Que ambos nós *falêmos*.
— Desejava de saber
Filho de quem sois?
— Sou filho do rei,
Móro em palacio,
Queira a menina
Dar-me um abraço.
— Cale-se lá, maroto,
Não me dê tormentos,
Que não o posso vêr,
Nem por pensamentos.
— Lá cima, na serra,
Ouço berrar gado.
— São as ovelhinhas
Que me tem faltado:
— Se a menina quer
Eu as vou buscar;
Já as fui buscar,
Já aqui as trago,
Tudo é o gosto
D'este seu criado.
— Eu não quero criados
De meias de seda,
Que se todas rompem
Por essas estevas.
— Sapatos e meias
Tudo romperei,
Para lhe dar gosto
Tudo lhe farei;
Se a menina quer
Damos brado ao povo:
— O' gente do povo
Acudam *ó* gado,
Vae a pastorinha
Co'o o seu namorado.
— Pois se ella vae
Deixal-a ir,
Que a gente do povo
Não lhe ha-de acudir.

(Elvas).

OS DOIS IRMÃOS

(Variante da xacara anterior)

— Que fazeis, menina,
Por entre a ribeira?
Tirai-vos do sol,
Que o sol vos queima,
Já estou avezada
O' frio, e *á* neve,
E *ó* rigor da calma.
— Que gentil mulher
P'ra guardar gado,
Dê cá o cesto
E tambem o cajado.
— Não quero criados,
De meias de seda,
Que não quero q'as rompam,
Por essas estevas.
— Sapatos e meias
Tudo romperei,
Só por lhe dar gosto,
Tudo o mais farei.
— Razão como essa
Outra não ouvirei,
Vou guardar meu gado,
Que além deixei.
— Menina é ingrata,
Menina é ingrata
Se quer ser ingrata,
Passe muito bem.
— Voltae cá, meu mano,
Voltae cá correndo,
Que o amor cego,
Já se vae rendendo.
Aqui dou um grito
Aqui dou um brado:
Senhora da Penha,
Guardae o meu gado.

(Elvas).

A PASTORINHA

(Segunda variante da pastorinha)

— Deus vos salve, Rosa,
Flor do alecrim,
Linda pastorinha,
Que fazeis aquí?
— Guardando o meu gado,
Que anda por aqui.
— Tire-se, menina,
Do pé da ribeira,
Tire-se, menina,
Do sol que a queima.
— Não me queima o sol,
Que eu estou callejada,
Do frio e da neve,
E do rigor da calma.
— Que linda menina
Para guardar o gado.
— Já nasci, senhor
Para este enfado.

....

Va-se já embora,
Não seja impertinente,
Que vão vir meus amos
Trazerem-me a merenda.
— Seus amos não são bixos
Que comam a gente;
Por essas montanhas
Correm grandes p'rigos.
Diga-me, menina,
Se quer vir comigo.
— Meias e sapatos
Tudo romperei,
Amal-o a vossê
Isso é que não farei.

(Campo Maior).

LINDA PASTORINHA

3.ª variante da Rosa Pastorinha

— Linda pastorinha
Que fazeis aqui?
— Guardando o meu gado
Que anda por ahi.
— Que linda menina
Para guardar gado.
— Já nasci, senhor,
Para este fado.

— Altas montanhas
Nunca dão trigo,
Diga-me ó menina
Se quer vir comigo.
— Rasões como essas
Eu não ouvirei;
Que dirão meus amos
Em que me occupei?
— Diga-lhe, menina,
Em que se occupou,
N'uma nuvem d'agua
Que por aqui passou.
— Não direi, senhor,
Que eu mentir não sei;
Vá-se já d'aqui,
Não me dê mais pena,
Que hão-de vir meus amos
Trazer-me a merenda.
— Olha o que é d'ingrata,
O que é d'impertinente,
Seus amos são feras
Que comam a gente?
— Quero ser ingrata
Porque me convem,
Quero ser ingrata,
Faço eu muito bem.
-- Se quer ser ingrata
Seja-o muito embora.
— Lá vae o meu gado
Pela serra fora.
— Aqui vol-o ajunto,
Mais tolo sou eu
Em ser seu criado.
— Não quero criados
De meias de seda,
Não lhes fiquem presas
Por essas estevas.
— Sapatos e meias
Tudo romperei,
Só para dar gosto
A minh'alma, meu bem.

(Elvas).

A ROSA PASTORA

(4.ª variante da Rosa pastorinha)

— Deus te salve, Rosa,
Claro seraphim,
Dizei-me, menina,
Que fazeis aqui?
— Guardando o meu gado
Que aqui o deixei,
Aqui dou um grito,
Alem dou um brado,
Senhora da Penha
Acuda ó meu gado.
— O gado, menina,
Aqui vol-o trago,
Venturoso fui
Ser vosso criado.
Com meias de seda,
Que se rompem todas
Por essas estevas.
— Sapatos e meias
Tudo romperei,
Só por vos dar gosto,
Minh'alma, meu bem.

— Palavras como essas
Inda as não ouvi,
Não qnero conversa
Pode-se ir d'aqui,
Que hão de vir meus amos
Trazer-me a merenda.
— Eu não se me dá
Que seus amos venham,
Quero que elles saibam
Que ambos nós *falêmos.*
— Vá-se d'aqui, senhor,
Não me dê tormentos,
Que o não posso ver
Nem por pensamentos.
— Pastora ingrata,
Pastora formosa,
Para que és ingrata
E tão rigorosa?
— Quero ser ingrata,
Faço muito bem,
E ser rigorosa,
Que assim me convem.
— Se quer's ser ingrata,
Sejas muito embora,
Que eu me vou chorando
Pela serra fóra.
— Volte cá, senhor,
Dê-me um abraço,
Dê-m'o apertado,
Que quero espalhar maguas
Que em meu peito trago;
Volte cá, senhor,
Que eu já me arrependo,
O amor é cego,
Já me vae vencendo.
— Volta cá, pastora,
Conhece a *verdada,*
A aposta que eu fiz
A tenho ganhada;
Anda cá, pastora,
Conhece a razão,
Que eu quero que saibas
Que eu sou teu irmão.
— Se eras meu irmão
Eu não o sabia,
Perdôa-me irmão
Quanto te dizia.

(Elvas).

A ROSA PASTORINHA

5.ª variante

— Que fazeis, menina,
Por entre a ribeira?
Tirae-vos do sol,
Que o sol vos queima.
Já 'stou avezada,
Ao frio e á neve
Ao rigor da calma.
— Que gentil mulher
Para guardar gado,
Dê-me cá o cesto,
Tambem o cajado.
— Não quero criados
De meias de seda,
Não quero que as rompam
Por essas estevas.

Sapatos e meias tudo romperei;
P'lo amor vos tenho
Tudo eu farei.
— Razão como essa
Outra não ouvirei,
Vou guardar meu gado,
Que alem deixei
— Menina é ingrata,
Menina é ingrata,
Se quer ser ingrata
Passe muito bem.
— Voltae cá correndo,
Que o amor é cego,
Já me vae vencendo;
Aqui dou um brado,
Senhora da Penha
Guardae o meu gado.

(Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

O CAFÉ

Em 1720 foi introduzida nas colonias francezas da America a cultura do café, com o que se offereceu a esta parte do mundo um producto, que tem causado a riqueza de alguns dos estados do sul.

Tão rapidamente como o tabaco, o café conseguiu insinuar-se em todos os povos, que já hoje o não dispensam na sua alimentação, ainda mesmo que elle não possua senão a apparencia do producto.

Se para uns é o café bebida que lhes póde substituir alimento mais substancial e tambem mais caro, para outros torna-se objecto de luxo e de estimulante para conversar e passur tempo em casas apropriadas, que do nome da bebida alcançaram a sua denominação.

Entre nós estes estabelecimentos são assaz modernos e nunca desempenharam o papel politico, que em França tem exercido como ponto de reunião e de critica, e ainda como nos paizes germanicos as cervejarias.

O sentimento geral em Portugal é adverso a discussões publicas, que são ociosas, pois que tudo está regulado superiormente como as tarifas aduaneiras d'alguns paizes: *do est des.*

A influencia politica que exercia o publico que enchia os cafés de Londres no seculo XVII nunca a tiveram, e é de esperar nunca a tenham, os parlamentos portuguezes. Macaulay na sua *Historia de Inglaterra* convence-nos da força politica dos cafés no seu paiz em determinada epoca.

Os patrulhas de D. Affonso VI, os corregedores de D. João V e os familiares do Santo Officio, no auge do seu poderio, nunca tiveram occasião de luctar com os frequentadores dos cafés; o que já não succedeu com a Intendencia geral da policia que teve de se haver com alguns raros jacobinos republicanos, abundantes de leituras e de talento mas escassos de dinheiro.

E' d'esta ultima epoca Bocage, que seria ainda hoje tão mal visto pela policia, como o foi no seu tempo em virtude das suas criticas.

N'um regimento dado em 20 de fevereiro de 1727 pelo governador do Maranhão, João Maria da Gama, ao sargento-mór, Francisco de Mello Palheta, na viagem que tentava fazer á colonia franceza de Goianna, encontra-se o seguinte paragrapho interessante para a historia da introducção do café no Brazil, com que rematarei esta nota:

«O dito cabo, que ha de levar a carta, poderá ser o capitão João da Matta, se embarcar nesta occasião, ou o capitão reformado, José Mendes e a qualquer delles, que for recommendará, que, por toda a costa de Vicente Pinçon para lá, examine toda a fortificação ou povoação, que os francezes fizerem de novo de Cayana até o rio de Vicente Pinçon, vendo e observando tudo com cautela, com o pretexto de não saber a costa e querer tirar noticias para seguir viagem a Cayana e levar as ditas cartas; e em tudo procederá com todo o cuidado e vigilancia; e se acauzo (acaso) entrar em quintal ou jardim ou roça onde houver café, com o pretexto de provar alguma fructa, verá se pode esconder algum par de grãos, com todo o disfarce e com toda a cautela;

e recommendará ao dito cabo que volte com toda a brevidade e que não tome cousa nenhuma fiada aos francezes nem trate com elles negocios».

Este documento encontra-se no archivo do Conselho Ultramarino, que por decreto dictatorial de 24 de dezembro de 1901, foi incorporado na Bibliotheca Nacional dc Lisboa, em cujo edificio jazia já para cima de dez annos. Numero do maço a quo o documento pertence não é possivel da-lo, por o não ter, assim como todos os outros. Seria muito para desejar que á frente desta nova secção da Bibliotheca fosse collocado individuo serio e competente que fizesse entrar o referido archivo na normalidade.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

MISCELLANEA TRADICIONISTA

(Continúada de pag. 29)

VIII

A GENTE do campo, devota mas analphabeta, tem as suas orações e rezas especiaes, recebidas puramente da tradição oral, para cada cerimonia ou acto religioso a que assiste.

Esperâmos, ainda um dia, dar á estampa em volume, a collecção de todas as praticas religiosas, algo originaes e suggestivas, que solicitamente, desde muitos annos, vimos recolhendo da bocca do povo, e que devem constituir — parece-nos — um bello subsidio para a historia da mythologia e para o estudo das religiões comparadas.

Entretanto iremos publicando, ao acaso, alguns trechos avulsos, como estes:

a) Para assistir á missa

Quando o devoto ou devota se approxima da egreja, reza em voz baixa:

«Peccado meu ficae lá fóra,
Que eu venho ouvir esta missa
P'ra entrar no reino da gloria.»

Depois de entrar na egreja e dirigindo-se á pia da agua benta:

«Esta agua benta tomo
P'rá remissão dos meus peccados;
Que á hora da minha morte
Todos me sejam perdoados.»

Ao ajoelhar-se:

«Deito o meu joelho em terra
Para fazer oracão;
Que a minh'alma se não perca
Nem morra sem confissão.»

Ao vir o padre para o altar:

«Deus te salve cavalleiro honrado
Que co'as armas de Christo vens armado!
«Persignou-se elle, persigno-me eu a mim;
Bemdicta seja a hora em que eu aqui vim.»

Sempre que o padre se volta para o publico, faz se o signal da cruz.

Ao levantar-se o calix:

«Já se levanta o calix bento,
Já os anjos lá estão dentro.
«Valha-me a Senhora do Rosario
Mais o Santissimo Sacramento.»

Ao levantar-se a hostia:

«Oh clara redondinha,
Nascida da flor da palma,
Onde está o calix bento
E a hostia consagrada.»

Quando o devoto se ergue para sahir da egreja:

«D'esta casa santa me vou
E a minh'alma sempre cá fica;
Todos somos obrigados
A fazer esta visita.»

b) O sagrado viatico

Quando o viatico vae sahir da egreja, reza-se:

«Já o sacrario está aberto,
Já o Senhor vae sahir;
Bemdicta seja a alma
Que já se quer ir.»

Depois do viatico ter sahido:

«Senhor, comvosco vou,
Senhor, comvosco quero ir,
Trés dons vos quero pedir:

A paciencia de Job,
A dôr de Magdalena,
Graça p'ra vos servir.»

c) Horas completas

Quando, na quaresma, tocam *horas completas*, reza-se assim:

«Horas completas são,
Horas completas eram
Quando Jesus Christo prenderam
E em tenebras o metteram.
«Pilatos deu a sentença
Que o Senhor fosse açoitado,
Seus hombros desconjunctados.
«Hora é quando levaram
Pela rua da Amargura
O estandarte precioso
Onde se crucificou Christo,
Senhor todo poderoso.»

Variante 1.ª

«Horas de completas são,
Horas de completas eram
Quando Jesus Christo prenderam
E em tenebras o metteram.
«Quarta foi quando passou
Pela rua da Amargura.
Adoro-te, vera-cruz,
Estandarte precioso
Onde se crucificou Christo,
Senhor todo poderoso.»

Variante 2.ª

«Horas de completas são,
Horas de completas eram
Quando Jesus Christo prenderam
E a Pilatos o levaram;
Pilatos deu a sentença:
— Quinta-feira d'endoenças
Corresse toda a cidade—.
«As pedras se qu bravam,
O sol se escurecia,
O filho de Deus morria
Porque nos salvar queria.
«Adoro-te, vera-cruz,
Estandarte precioso
Onde se crucificou Christo,
Senhor todo poderoso.»

IX

Salve-rainha pequenina

(versão local)

Salve-rainha pequenina,
Rosa branca sem espinha,
Cravo do amor,
Mãe de Nosso Senhor!
Dae-nos luz e entendimento
Para receber o Sanctissimo Sacramento.

X

Padre-nosso pequenino

(versão local)

Padre nosso pequenino.
Quando Deus era menino,
Que andava por esses mares
Visitando os seus altares,
Encontrou a Magdalena
Com cem varas de rigor
Para alimpar o Senhor.
— Tapa, tapa Magdalena,
Não me queiras alimpar,
Qne estas são as cinco chagas
Que por ti hei-de passar—.
Já os gallos pretos cantam,
Já os anjos se alevantam,
Já o Senhor subiu á cruz
Para sempre. Amen, Jesus.

Padre-nosso pequenino,
Tem as chaves do Menino.
Quem lh'as deu? Quem lh'as daria?
— S. Pedro e Santa Maria.

XI

O padre-nosso dos frades

Uma velha octogenaria, coeva dos frades e dos conventos, deleitava— ha bons vinte annos — o meu espirito de creança, com a narração de historietas, contos, casos trovas e adivinhas. Pertence a esse numero o *padre nosso dos frades*, que damos adeante — incompleto, porque o tempo nos apagou já da memoria os versos finaes.

A velha a que nos referimos era completamente analphabeta; por isso e porque em Serpa existiu um convento de frades franciscanos, inclinome a crer que teem uma origem popular e local, as rimas que seguem:

*
* *

Os frades de San Francisco,
Com infinita razão,
Disseram ao seu guardião:
«*Padre nosso*,
E' tal o governo vosso
Que, quem vos não conhecer,
Facilmente ha de dizer
Que estaes nos céos.
«Tudo póde fazer Deus,
Mas não o que vós usaes;
Não vos pareça que estaes
Sanctificado.
«Tudo nos trazeis fechado!

«O mantimento que é certo,
Mandae, ó padre, que aberto
Seja,
Para que conheça e veja
A vossa communidade,
Que é cega a dignidade
De *o vosso nome.*
«Matae, reverendo, a fome
Que n'este convento atura,
P'ra que a hora da fartura
Venha a nós.
«Inda que seja de arroz,
Matae, que assim nos convem,
Pois que bem barato o tem
O vosso reino.
«Bacalhau, n'este mosteiro,
E' sempre a nossa comida,
Sem que outra iguaria...
Seja feita.
«Tudo trazeis de suspeita,
Usando de manha e traça,
E nós esperando se faça
A vossa vontade.
«Mas é tal vossa crueldade
Que passa limite grande!
«Não queiraes que a má fama ande
Assim na terra.
Em vós indo p'ra Inglaterra
Aos herejes prégar,
Havemos nós cá ficar
Como nos céos.
«O sustento dá-o Deus,
Mais que vossa reverencia;
Não tireis por consequencia
O pão nosso.
«Quando Christo, Senhor nosso,
Céos e terra fabricou,
O sustento nos deixou
De cada dia.
«Tiral-o, que serviria?!
«E o nosso, reverendo,
Logo em amanhecendo
Nos dae hoje.
«Tudo nos deitaes ao longe
Com vosso governo tal...
Se n'isto fallâmos mal,
Perdoae-nos.
«Se ganhamos, sustentae-nos,
D'essas missas que dizemos;
Dae-nos algo, pagaremos,
Senhor, as nossas dividas,
Pois não são mal permittidas.
«Vós, padre, bem n'o sabeis,
Porque vós tambem deveis,
Assim como nós.
....
....
....

(Continúa)

M. DIAS NUNES.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continúado de pag. 32)

DCCLXXXVI

As pennas leva-as o vento,
Aquellas que leves são...
Não ha vento que leve uma
Que eu tenho em meu coração!...

DCCLXXXVII

Ai! que ranchinho de moças!
Ai! que bella mocidade!
São creadas n'uma aldeia,
Parecem d'uma cidade!

DCCLXXXVIII

Algum dia, em cantando,
Riam-se os céos e a terra;
Agora já tudo chora...
Já eu não serei quem era?...

DCCLXXXIX

Affirmam sabios e tolos
(E eu não affirmo nem nego):
O amor é uma creança,
E, á lei de creança, é cego.

DCCXC

Abre os olhos, deixa vêr
Debaixo d'essas pestanas,
Que eu quero reconhecer
As luzes com que me enganas.

DCCXCI

A' porta do meu amor
Stá uma silva nascendo:
Todos passam, não se enleiam;
Só eu, sem passar, me prendo!

DCCXCII

Agua, de ladeira acima,
Sem a levarem não anda.
Se queres que eu seja tua,
Faze amor da tua banda.

DCCXCIII

A candeia, por estar alta,
Não deixa de alumiar;
Meu amor, por estar lá longe,
Não deixa de me lembrar.

DCCXCIV

Cupido vae pela serra
Descalço, pisando abrolhos.
Sempre me eu ando encontrando
Com saramagos sem olhos!

DCCXCV

Cantigas ao desafio,
Commigo ninguem n'as cante,
Que eu tenho quem m'as ensine,
Que o meu amor é estudante

DCCXCVI

Dos ingratos que ha no mundo,
Tu el-o que tem mais fama;

Não sabes reconhecer
A quem devéras te ama!

DCCXCVII

Diz'-me lá, ó jardineiro,
Se tens lá no teu jardim
Uma felôr como esta
Que eu levo em par de mim?

DCCXCVIII

Dizem que não póde ser
Uma silva dar um cravo;
Inda hontem eu vi uma
Dentro d'um bosque cerrado.

DCCXCIX

Eu hei-de te amar por arte,
Quer tu queiras ou não queiras,
Que eu sempre sympathisei
Com essas tuas maneiras.

DCCC

Eu já fui feliz, um dia,
Essa ventura acabou;
Um anjo, que eu adorava,
Já Deus dos céos m'o roubou!

DCCCI

Este mundo em que vivêmos,
E' um mundo de illusão;
Só se respeita quem tem
Oiro e dinheiro e brazão.

DCCCII

Eu defronte, vós á vista,
Não fallo nem vós fallaes!
Dá-me um ar da tua graça,
Já que não póde ser mais.

DCCCIII

Eu comtigo sympathiso,
Toma amor o teu parecer;
'Stou dando fim ao meu riso
Se tu meu bem não vens ser.

DCCCIV

Fui dispôr n'um valle triste
Uma linda cabaceira.
Quem ama, nunca se livra
D'um cabaço, inda que queira.

DCCCV

Hei-de me ir para as montanhas
Gosar das faias sombrias;
Não quero ninguem saiba
Quanto são tristes meus dias.

DCCCVI

Impossivel, não se vence,
Impossivel é vencer;
Impossivel é meu genio
Contra o teu genio vivêr.

DCCCVII

Ingrato, tem paciencia,
Dá a mão á palmatoria:
Tu dizes na minha ausencia
Quanto te vem á memoria!

DCCCVIII

Já não póde facilmente
Nossa amisade acabar;
Só, se a morte vier
Nossos destinos roubar.

DCCCIX

Já fui cravo, já fui rosa,
Já estive n'um alegrete;
Agora estou em teu peito
Servindo de ramalhete.

DCCCX

Já nos põem sentinellas,
Já de nós fazem castello;
Mas que importam sentinellas
Se tu queres e eu quero?!

DCCCXI

Já que te vaes e me deixas,
Gosa assim tua ventura!
Que eu tambem, no fim da vida,
Gosarei da sepultura.

DCCCXII

Já que te vaes e me deixas,
N'esta solidão solemne,
Meu coração fica triste,
Té a propria terra treme!

DCCCXIII

Já não quero mais amar,
Já não quero mais grilhão;
'Stou na minha liberdade,
Não quero captivação.

DCCCXIV

Já não quero mais amar,
Que eu do amar tenho medo,
Não me quero arriscar
A pagar o que não devo.

DCCCXV

Linda luz é a do sol
Para alumiar amantes;
A lua é lago de prata,
As estrellas diamantes.

DCCCXVI

Minha estrella refulgente!
Minha aurora boreal!
E's minh'alma, és minha vida,
E's meu amor, afinal!

DCCCXVII

Mangerico, muda a folha
P'ráquella banda do mar!
Tambem eu voltei as costas
P'ra quem me não soube amar.

DCCCXVIII

Não posso corresponder
A's tuas venias, amor!
Tu bem sabes, alma minha,
Que eu tenho superior.

DCCCXIX

N'este miseravel mundo,
Cá ficas, querido amor!

Que eu vou para a outra vida,
Vou dar contas ao senhor.

DCCCXX

Olhos pretos, olhos brancos,
Olhos azues, olhos verdes:
D'estas quatro qualidades
Encontram-se poucas vezes.

DCCCXXI

O' olhos, preparae lenços!
O' lenços, preparae fios!
'Stá chegada a triste hora
De meus olhos serem rios...

DCCCXXII

Olhos mais lindos que os teus,
Não os vi nem os conheço;
Depois que os teus olhos vi,
Todos os mais aborreço.

DCCCXXIII

O' coração, pede, pede
Terra que tenha valor
P'ra dispôr uma saudade
Que tenho do meu amor.

DCCCXXIV

Oh! falso, mil vezes falso!
Oh falso, que me vendeste!
Quanto te deram por mim?
Que dinheiro recebeste?

DCCCXXV

Oh meu lindo amor,
Meu lindo recreio,
Minha silva d'oiro
Onde me eu enleio!

DCCCXXVI

Oh! que noite tão serena!
Oh! que céo tão estrellado!
Oh! quem não tivera amores,
Que dormira descançado!...

DCCCXXVII

Pedi á fada de amores
'Ma varinha de condão
Para formar, a meu geito,
Um sensivel coração.

DCCCXXVIII

Palpitando, em segredo,
O meu coração te o diz:
Eu, comtigo, ou tarde ou cedo,
Hei-de vir a ser feliz.

DCCCXXIX

Por ora não tenho amores;
Mas se o tiver n'algum tempo,
Ha-de ser quem mais gostar,
Quem mais fôr ao meu contento.

DCCCXXX

Quero-te bem, não duvides;
Duvidar é não ter fé;
Meu amor é todo teu,
Como Deus da Virgem é.

DCCCXXXI

Saudades não é peso,
Saudades peso é;
Dá lá muitas a meu bem,
Que elle chama se José.

DCCCXXXII

Semeei amor-perfeito:
Coisa que a terra não cria!
Amor perfeito só Deus,
Filho da Virgem Maria.

DCCCXXXIII

Sempre me estás a dizer
Que és um amor de meu peito;
E' mentira, não ha tal!
— Quem ama tem outro geito.

DCCCXXXIV

Se tu soubesses o quanto
Eu comtigo sympathiso,
Nunca tu me esconderias
Esse teu meigo sorriso.

DCCCXXXV

Sou infeliz! Bem conheço
Minha sorte desditosa;
Se quem amo fôr constante,
Espero ser venturosa.

DCCCXXXVI

Se eu agora te dissesse
Que realmente te amava...
Que resposta me darias
E' que eu saber desejava!

DCCCXXXVII

Tudo o que é verde se sécca
Em vindo as calmas do verão;
Só as penas reverdecem
Dentro do meu coração!

DCCCXXXVIII

Tu cuidas que eu não conheço
O limão pela toada...!
Faço-me eu desentendido,
Que a mim não me escapa nada!

DCCCXXXIX

Tu el-a cara mais linda
Que ha em villas e cidades!
Tu el-a pessoa, ainda,
Que me deixa saudades!

DCCCXL

Tanto tempo sem te vêr,
Meu sentido variou;
Já eu dizia commigo:
— Meu amor, Deus m'o levou!

DCCCXLI

Trazes papeis, tintas finas,
Da fama o melhor pintor...
Não trazes tintas que egualem
O rosto do meu amor!

(Da tradição oral, em Serpa)
(Continua)

M. DIAS NUNES.

PROVERBIOS & DICTOS

(Continuado de pag. 15)

CCXLVI

Entre marido e mulher ninguem metta a sua colhér.

CCLVII

Em Abril, vae aonde has-de ir e volta ao teu covil.

CCXLVIII

Bem sinto, mal sinto... O mal é de quem n'o tem!

CCXLIX

Barriga vasia não tem alegria.

CCL

O bezerrinho manso, mamma o seu e o alheio.

CCLI

Faze bem, não cates a quem.

CCLII

Faze mal e guarda-te.

CCLIII

Cavallo que ha-de ir á sella, não o come lobo nem o move egua.

CCLIV

Se queres empobrecer, compra p'ra casa o que é mister.

CCLV

Presumpção e agua benta, cada qual toma a que quer.

CCLVI

Pintos de Janeiro vão com a mãe ao puleiro.

CCLVII

Mulher honrada não tem ouvidos.

CCLVIII

Quem lhe dóe o dente é que procura barbeiro.

CCLIX

Quem quer o que Deus quer, ha-de ser o que Deus quizer.

CCLX

Gallinha que canta como o gallo, põe o dono a cavallo.

CCLXI

Lenha cortada — lenha dobrada.

CCLXII

O medo é que guarda a vinha.

CCLXIII

O uso do cachimbo faz a bocca torta.

CCLXIV

Para quem meu filho é, minha nora basta.

CCLXV

Na terra aonde viveres, faze o que vires faver.

CCLXVI

Com migalhas ninguem engorda.

CCLXVII

Com fazenda barata ninguem se perde.

CCLXVIII

Mãos frias — coração quente.

CCLXVIX

Mestre mandar, marinheiro fazer.

CCLXX

A necessidade é mestra de engenho.

CCLXXI

Dia de Sant'Iria, pega nos bois e guia.

CCLXXII

Quanto mais se roga o villão, mais villão se torna.

CCLXXIII

Do que não ha se escusa.

CCLXXIV

Primeiro comem os olhos do que a bocca.

CCLXXV

Paixões não pagam dividas.

CCLXXVI

Do que custa pouco dá-se bom mercado.

CCLXXVII

Quem meu filho beija, minha bocca adoça.

CCLXXVIII

Quem faz tudo, não enche fuso.

CCLXXIX

Quem o seu filho cria, bôa maçaroca fia.

CCLXXX

Quem não tem filhos, todos os dias mata um.

CCLXXXI

Onde a gallinha põe os ovos, põe os olhos.

CCLXXXII

Onde se perde a capa, lá se ganha.

CCLXXXIII

Todos os pretos teem seu dia.

CCLXXXIV

Trigo com morrão, não faz bom pão.

CCLXXXV

Entre irmãos, ninguem metta as mãos.

CCLXXXVI

Cuidam os namorados, que todos teem os olhos fechados.

CCLXXXVII

Calça branca em Janeiro, é signal de pouco dinheiro.

CCLXXXVIII

Comer quente, gósta toda a gente.

CCLXXXIX

Cada terra com seu uso, cada róca com seu fuso.

CCXC

Homem valente, e vinho velho, dura pouco.

CCXCI

Bôa demanda, má demanda — tomára eu o escrivão p'la minha banda.

CCXCII

Quem tudo quer saber, nada se lhe diz.

CCXCIII

Dos mal agradecidos está o inferno cheio.

CCXCIV

A lidação faz o parentesco.

CCXCV

Vale mais magro no sacco, do que gordo no c. do lobo.

CCXCVI

Preto velho não aprende linguagem.

CCXCVII

Preso por ter cão e preso por o não ter.

(Continúa)

(Da tradição oral, em Serpa.)

M. DIAS NUNES.

BIBLIOGRAPHIA

Continua bastante incommodado de saude o nosso collega sr. M. Dias Nunes, e por isso não sae ainda n'este numero, nem talvez no proximo futuro, a secção bibliographica.

ANNO IV

VOLUME IV

N.º 4

SERPA, Abril de 1902

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.),* ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 4 SERPA, Abril de 1902 Volume IV

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

ETHNOGRAPHIA AFRICANA [1]

O casamento entre os cafres

Desde a sua descoberta até aos fins do seculo passado, as nossas colonias eram para Portugal, unica e simplesmente estas duas coisas — um cancro e um viveiro de heroes.

Os burocratas que de cá mandávamos, por lá viviam e medravam como tortulhos em montureiras.

A vida passava-se regaladamente, porque se sentia os bolsos *quentes*. De quando em vez, apparecia uma pequena contrariedade ou semsaboria, que perturbava um pouco as digestões d'aquellas *aranhas patriotas*. Era, quando aos latrocinios e ás rapinagens se oppunha a paciencia exgotada das pobres victimas.

Chamava-se a isto uma revolta; e era então a vez de entrarem em acção os heroes.

Ao appello feito ás *bravas* tropas coloniaes correspondia um grito unisono de gente que se offerecia para verter o seu sangue nas aras da patria, e pelo prestigio da mesma.

Era então um regalo ver o *ar marcial*, o *aprumo militar*, e o *aspecto guerreiro* das taes tropas.

E esses homens, que pelo uniforme que vestiam, mais pareciam maltrapilhos, e pela instrucção tactica, guerrilheiros, lá marchavam sertão dentro, matando aqui, pilhando acolá.

E depois de alguns dias ou semanas de barbaros e vandalicos feitos, repousavam serenos, cheios d'essa altivez impavida, que só resulta da pratica de nobres acções, no cumprimento rigoroso do dever.

O governo da metropole recompensava aquelles bravos com louvores e fitinhas, mas a nossa influencia e prestigio é que cada vez era menos.

Assim iamos vivendo; assim iamos dispendendo, com a prodigalidade de fidalgos arruinados que querem manter o prestigio da sua estirpe, rios de dinheiro, e até a propria dignidade, sem utilidade nenhuma.

Felizmente esses tempos ignominiosos passaram; e hoje, as colonias são consideradas como terras abençoadas, como filões riquissimos, que é preciso explorar com todo o cuidado e perseverança, para que o nosso resurgimento moral e economico tenha logar.

A Africa, já não é esse monstro

[1] A nossa revista inaugura hoje esta importante secção, com o substancioso artigo, que damos em editorial, «O casamento entre os cafres», devido á penna auctorisada e brilhante do illustre administrador de Manhiça, o tenente Miguel Paes, nosso muito presado amigo, ex-condiscipulo e conterraneo distinctissimo.

N. da R.

lendario e temeroso de fauces hiantes e presas aceradas, sempre promptas a devorar o temerario que d'elle se aproximasse.

O preto já não é essa fera canibalesca e anthropophagica que tanto terror nos infundia.

Pelo contrario. O preto, hoje, é considerado por todos como a unica machina potentissima capaz de revolver o solo uberrimo d'elle, arrancar os seus fructos abundantissimos.

Mas, para que aquella machina fnnccione regular e proveitosamente para quem a utilisa, é preciso, indispensavel mesmo, conhecel-a nos seus mais pequenos detalhes, isto é, conhecer a lingua, os seus habitos e costumes, as suas superstições e crenças.

Entre os povos civilisados, o conhecer-se a lingua e os costumes do paiz onde se vive ou por onde se passa, tem sempre vantagens, que ninguem que tenha viajado desconhece.

Na Africa, entre os povos barbaros ou meio civilisados, o conhecer-lhes e falar-lhes a lingua attinge o limite do phantastico, quasi do sobrenatural.

Falar-lhes a lingua é ligal-os a nós, é obter e conseguir d'elles tudo o que se queira.

E, se ao conhecimento da lingua, juntamos o conhecimento dos seus costumes e habitos, então a preponderancia e supremacia estão de todo firmadas.

Será sobre os indigenas de Lourenço Marques que versará esta nossa palestra; mas por emquanto não nos occuparemos da sua lingua, que é o *rhonga*, porque, sendo trabalho que exige vasto desenvolvimento, o trataremos mais tarde.

Por agora falaremos apenas dos seus costumes e habitos, da sua religião e crendices.

Estes assumptos, alem de serem interessantes pela originalidade, e divertidos pelo que têem de jacôso, habilitarão aos que os conhecerem e que um dia se vejam obrigados a demandar aquellas paragens, a respeital-os e acatal-os, não só para se livrarem de collisões difficeis, mas até para bem serem escolhidos e auxiliados.

Começaremos pela constituição da familia.

O casamento entre os pretos, na sua essencia, é isto: comprar a preta.

O contracto, em regra, faz-se entre os paes, não sendo indispensavel conhecer a opinião dos filhos.

Os paes dos noivos falam do assumpto *casamento*, como se fala de um negocio, e quando chegam a accôrdo sobre o ponto principal, *dinheiro*, o pae do noivo ou paga de uma só vez ao pae da noiva ou paga em prestações.

Mais adeante conheceremos o momento em que se effectua o pagamento.

N'este genero de negocio, só se adimittem duas especies de pagamento. Ou em boas libras ou em gado.

No districto de Lourenço Marques o custo da noiva varia entre vinte a sessenta libras.

No preço não influe o bem modelado dos contornos, a plastica emfim, da preta. N'este assumpto a esthetica é uma banalidade.

Tambem não influe isso a que nós chamamos boa educação, virgindade, poder, sã moral.

O que influe é a origem, a filiação. Se a noiva pertence á plebe, ao *Zé Povinho*, como nós diriamos, o seu valor rasteja pelos preços mais infimos.

Se descende de secretarios, isto é, se tem *sangue azul*, alcança os preços medios.

Se nas veias da rapariga corre sangue *real*, então só os preços maximos a pagam.

O contracto do casamento, em geral, é feito pelos paes, e póde ter logar sempre que a elles apeteça ou convenha, e sejam ou não os noivos adultos.

No caso de os noivos serem menores, o pae do rapaz fecha o con-

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Grupo de trabalhadores e policias da Manhiça

tracto dando algumas libras, e o casamento só se effectua quando nos dois noivos se conhece competencia e aptidão para a procreação.

Se, passado um ou dois annos depois do casamento, a mulher se não tornou em mãe, suppõe-se que é ella a esteril, e n'este caso o marido tem o direito de poder restituil-a ao pae para receber em substituição uma irmã.

Se a substituição se não pode fazer por não haver irmãs, o pae é obrigado á restituição integral da importancia recebida do pae do rapaz.

Esta restituição não prescreve, e pode ser em todo o tempo exigida pelos filhos, e até pelos irmãos, do que desembolsou o dinheiro.

O facto da esterilidade annullar o casamento, que entre nós se não admitte, comprehende-se entre os pretos.

Para o preto a mulher é um capital, e capital que, é indispensavel, renda e se multiplique.

O *rendimento* consiste no esforço da mulher representado em trabalho. A multiplicação faz-se pelo bom funccionamento do organismo representado em filhos ou melhor, em filhas.

Mulher nova, que não satisfaça aquellas duas condições, nada vale.

A esterilidade só se admitte e comprehende com a edade.

O pae é sempre obrigado a pagar a noiva do filho, quando este tenha irmão; porque o preço porque essas raparigas se vendem, é que é, e integralmente, destinado a pagar as noivas dos irmãos.

O pae só é senhor do preço porque vender as filhas, quando estas não tenham irmãos.

De modo que o supremo ideal de um preto, é ter só filhos.

Como se sabe o preto é polygamo, mas os paes só teem obrigação de comprar uma preta para cada filho.

Esta obrigação, no entanto desapparece, quando não ha filhas; e n'este caso os rapazes só podem obter trabalho.

Os pretendentes n'estas condições facilmente encontram paes amaveis e cheios de boa vontade, porque estes já sabem que se depois de casados o noivo morre, não teem restituições de dinheiro a fazer; e ainda por cima a viuva volta a ser propriedade do pae ou dos irmãos.

O casamento — clóbóla — como se diz em landim; ou melhor, as cerimonias que um casamento exige, são uma coisa inverosimil.

A coisa faz-se assim:

O feliz noivo, n'um determinado dia escolhe outro rapaz, que fará junto d'elle as vezes de secretario; e este por sua vez convida muitos outros que farão cortejo.

Quando todos reunidos, dirigem-se ao pôr do sól para casa da noiva. Ali já encontram muitas raparigas convidadas pela noiva, que os acolhem festivamente. Depois dos indispensaveis cumprimentos, começam os divertimentos que duram toda a noite.

Estes divertimentos consistem em danças, saltos, descantes, esgares, etc., sempre com o indispensavel acompanhamento de barbaros e ensurdecedôres instrumentos.

Durante a noite ha sempre comida feita e *rôpre*-bebida, em abundancia.

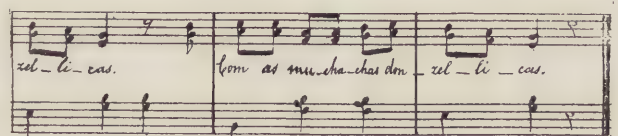
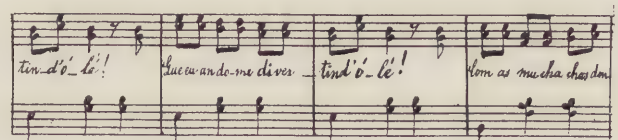
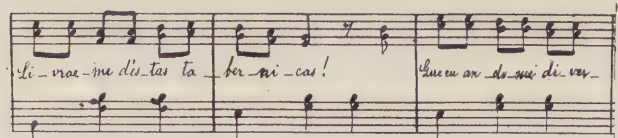
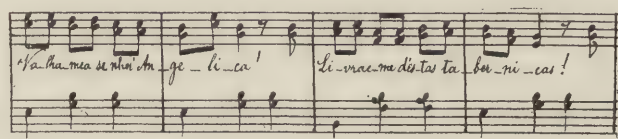
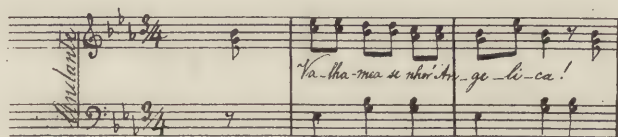
Ao romper da manhã todos os divertimentos céssam, e em recolhida compostura esperam os paes do noivo e o seu cortejo, que hão de vir com o dinheiro para pagar a noiva.

Lógo que estes chegam, os paes do noivo, os paes da noiva, e alguns mais importantes, recolhem a uma palhota; e depois da troca de breves palavras faz-se a contagem e entrega das libras estipuladas. Depois de cumprido este *sagrado* dever, sae tudo de roldão, e o resto do dia passa-se comendo e bebendo.

Ao cair do dia, os paes do noivo retiram, mas este fica com o seu sequito bem como as raparigas, e todos por ali se demoram durante tres dias, mas comendo e bebendo como

CANCIONEIRO MUSICAL

IV

Valha-me a senhora Angelica!

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(DESCANTE)

pacatos burguezes, pois são prohibidas as danças e os descantes.

Ao fim do terceiro dia, noivo, rapazes e raparigas, retiram para casa do noivo. Chegados ahi, os rapazes formam a um lado, as raparigas a outro, e o secretario do noivo convida estas a escolherem rapaz.

Esta escolha se é tomada a serio pelas raparigas, dá-lhes regalias que, sendo desfructadas, impõe aos rapazes a obrigação do pagamento de uma determinada quota em dinheiro, ao noivo, e as auctorisa a ellas a poderem ser dissolutas, sem quebra de *dignidade*.

As regalias consistem em poderem tratar da palhota do rapaz escolhido, varrerem-na, limparem-na, acarretarem agua e accenderem lume, e até a... poderem dormir com o rapaz.

Tambem devem acarretar para ao pé da palhota do noivo uma bôa porção de lenha.

Tudo isto dura tres dias. No fim d'elles rapazes e raparigas formam novamente junto da casa do noivo, e os rapazes declaram se, sim ou não, as raparigas que os escolheram, cumpriram os seus deveres.

Se os cumpriram, cada rapaz entrega ao secretario do noivo cento e vinte réis, e tudo debanda para suas casas.

Então o noivo dá quinhentos réis ao seu secretario, e dispensa-lhe os serviços.

Seguem-se quinze dias de viver tranquillo.

No fim dos quinze dias, a mãe do noivo, munida de meia libra, dirige-se a casa dos paes da noiva, e, offerecendo-lhes o dinheiro, pede que lhe entreguem a noiva do filho.

E' da praxe receber uma recusa, e além d'isso sevicias das pessoas que lá se encontram; sevicias que vão até á crueldade, pois que alem de varia pancadaria, apanha a sua ferroada dada com boccados de arame aguçados, ou mesmo com agulhas de coser.

A recusa é dada pelos paes da noiva, e as sevicias feitas por pessoas amigas, e muito á bella paz; mas querem significar, que repellem um inimigo que lhes quer arrebatar uma filha e amiga.

Estas scenas repetem-se no segundo e terceiro dia, mas no terceiro dia a mãe do noivo faz-se acompanhar pelo marido, e pelos visinhos, e depois de muitos rógos e promessas os paes da noiva dignam-se receber a meia libra e entregar a rapariga.

Mas não termina com esta scena, que em geral finge descambar no pathetico, o martyrio dos paes do noivo, porque durante todo o caminho a percorrer da casa dos paes da noiva á casa do noivo, vão sendo apupados, escarnecidos, crivados de injurias e improperios grosseirissimos; e o que é peior, vão sendo fustigados com ramos e pequenas chibatas.

Tudo é feito na melhor das intenções e como bons amigos, e soffrido pelas pobres victimas com um stoicismo admiravel.

No entanto, eu creio, que as soffredoras victimas darão grandes suspiros de allivio, logo que se vejam longe dos seus amigos verdugos.

Chegado o cortejo a casa do noivo, este sae da palhota, e com toda a gravidade dá a mão á noiva, que logo introduz na palhota, cuja porta fecha sobre si, sem sequer dizer adeus aos que ficam.

Então tudo debanda, á excepção de uma rapariga que, a titulo de creada, fica ás ordens da noiva, e que por espaço de quinze dias lá se conserva para fazer comida, acarretar agua e lenha, todos os serviços domesticos emfim, que são vedados á noiva d'elles se occupar.

No fim dos quinze dias, a rapariga recebe mil e quinhentos réis como paga dos seus serviços, e a novel esposa entra no pleno exercicio das suas funcções.

E assim termina um acto, que, devendo ser sagrado, apenas é divertido.

MIGUEL PAES.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Valha-me a senhora Angelica!

Valha-me a senhora Angelica!
Livrae-me d'estas tabernicas!
Que eu ando-me divertindo
Com as muchachas donzellicas!

Serpa.

M. DIAS NUNES.

A MOURA SALUQUIA

(LENDA DO SECULO XIII)

(Concluido de pag. 26)

III

TAL foi a lenda tradicional que na Paschoa do Natal de 1867 nos referiu o velho pastor portuguez, na malhada proxima do rio Ardila.

Evidentemente é esta lenda uma de tantas tradições christãs, tão communs na Peninsula durante a Reconquista, como muito acertadamente sustenta A. Herculano na sua *Historia de Portugal.* [1] O escriptor P. H. Serptores, na sua erudita *Introducção* aos *Livros de Linhagens* [2], colloca-a entre as tradições festivas dos escriptores burlescos, não obstante acharse incluida na *Monarquia Lusitana*, de Fr. Antonio Brandão.

Houve, sem embargo do inverosimil d'esta lenda, algum fundamento para ser considerada veridica pelos auctores antigos. Bastou para isso a doação que a rainha Dona Brites, filha bastarda de D. Affonso *o Sabio*, e esposa de D. Affonso III de Portugal, estando já viuva e residindo em Sevilha, em 1824, fez do castello de Moura a um seu parente chamado D. Vasco Martins e Serrão, em paga dos serviços que lhe prestára D. Vasco Martins e sua mulher, acompanhando-a em suas longas jornadas por Portugal e Castella, e em attenção aos bons serviços feitos a D. Affonso III na conquista do Algarve pelos irmãos de D. Vasco Martins, grão mestre da Ordem de Santiago, e D. Fr. Alvaro Martins, e considerando outrosim como D. Pedro Rodrigues e seu irmão D. Alvaro, avô o primeiro de D. Vasco Martins, «tomaram o Castello de Moura á alcaideça d'elle, matando-lhe o esposo no caminho, ó qual—o castello de Moura—teve é defendeu com os seus amigos é soldados emquanto ó não largou á ordem do Hospital por consentimento dos reis».

Este documento, que, como diz muito bem o secretario do Archivo Real, Gaspar Alvarez de Lousada, é falso a todos os respeitos, foi a origem fundamental da lenda Saluquia e a tomada do seu castello. Brandão primeiramente, e depois João Baptista Lavaña, ao commentarem a obra denominada *Conde Dom Pedro*, recolheram o documento de Dona Brites, acceitando-o como authentico e como tal correndo entre historiadores e chronistas; e assim haveria passado até nossos dias se não fôra José Anastacio de Figueiredo, que fez pública uma nota do erudito e paleographo Alvarez de Lousada, na qual se declara, com muito boas razões, *falso de toda a falsidade* o citado documento de Dona Brites. Sem o concurso de Alvarez de Lousada, e Figueiredo, a critica, bem reconhecida nos historiadores modernos, haveria descoberto a falsificação, pois basta para isso conhecer a confusão que reina na doação de Dona Brites e o facto de conhecer-se Moura em data muito anterior ao rei D. Affonso Henriques. Na obra denominada *O Livro de Noa* (contemporaneo da lenda Saluquia), em *A Chronica Gothorum* e em *Chronicom Lamocense*, chama-se-lhe *Mauram* e *Maura*, accrescentando-se que foi tomada juntamente com *Serpam.* Maura ou Moura (que de ambos os modos a encontrâmos

---

[1] V. o cap. II, pag. 485.
[2] V. a pag. 137.

citada em cronicons antigos) já existia com o mesmo nome no seculo XI, e portanto, anteriormente á lenda de Saluquia. O seu primitivo nome foi *Aroche*, no dizer do erudito João Baptista de Castro na sua obra *Mappa de Portugal*, [1] onde escreve o seguinte: *Aroche*. Consta de muitos cipos que esta cidade foi notavel. Sobre as suas ruinas se levantou depois a Villa de Moura, no Alemtejo, como provam os eruditos Fr. Manuel de Sá e A. Resende. De esta opinião são a maioria dos escriptores anteriores ao seculo XVIII. E ha mais; entre os contemporaneos poderiamos fallar tambem de grande numero de elles que concordam comnosco quanto a julgar apocrypha a lenda de Saluquia. Ahi está, entre outros, o historiador senhor Conde de Ficalho, litterato que tanto honra as lettras portuguezas, e que não desdenhou trazer esta curiosa tradição para o seu notavel trabalho denominado *Notas historicas ácerca de Serpa*, que esta revista tem publicado.

Dá o senhor Conde algumas variantes no successo da Alcaideça Saluquia, comparado o que d'elle refere com a nossa lenda; mas o fundo é commum.

Escreve o senhor Conde:

«Uma rapariga mussulmana, chamada Saluquia, governava militarmente, era *alcaideça* do castello de Moura. Seu pae, por nome Buaçon, poderoso senhor moiro n'aquelles contornos, havia levantado o castello das ruinas em que se achava, e havia-lh'o dado para seu casamento, como uma especie de dote. Effectivamente, um moiro chamado Brafâma, senhor do castello de Arôche, ajustou-se a casar com Saluquia, ou no desejo de possuir o castello, ou seduzido pelos encantos pessoaes da rapariga, porque nada nos impede de imaginar que ella fosse muito bonita. No dia marcado para os desposorios, vindo Brafâma de Arôche para Moura, dois cavalleiros portuguezes sairam-lhe ao caminho com os seus homens de armas e soldados e mataram-no assim como a todos os moiros que o acompanhavam. Vestiram-se os portuguezes nos trajos moiriscos dos mortos, e vieram a caminho de Moura, fingindo ao longo da estrada escaramuças de alegria — uma especie de *fantasia* arabe. Saluquia estava em uma alta janella do seu castello, esperando o namorado; viu vir de longe aquella comitiva de festa; e só mesmo á chegada conheceu serem inimigos e christãos. Desesperada e não querendo ficar captiva, lançou-se da janella e caiu em baixo morta. Os portuguezes, n'aquelle primeiro momento de confusão, entraram as portas e apoderaram-se da fortaleza.»

Tal é a lenda contada pelo senhor Conde.

IV

Como se vê, ha algumas variantes da que me referiu o velho pastor das margens do rio Ardila.

Aqui Brafâma era senhor de Arôche, em vez de Paymogo.

Os christãos aqui eram portuguezes; na outra não lhes sei a patria.

O casamento de Saluquia não se diz quando era; na outra lenda, era no dia de S. Pedro; coisa muito natural, pois em todas as aventuras cavalleirosas se lança mão do santoral para fixar o tempo. «Dia de Santo Antão era»; «Era dia dos Rêis»; «Domingo de Ramos era», «Era dia de *San Millan*»; «Dia da Virgem era». Assim começam muitas aventuras e não poucos romances. Alem d'isso, as festas de *Corpus Christi*, como as de S. João ou S. Pedro, eram as escolhidas para captivar donzellas, e especialmente as de S. João. A' infanta *Mariana* ou *Julianesa* captivaram os moiros na manhã de S. João, quando colhia amoras e flores no jardim de seu pae. E se abrimos o *Romancero*, a cada passo nos encontrâmos com estes começos:

[1] Veja-se o tomo primeiro, pag. 13 do capitulo II.

«La mañana de Sant Joan
al tiempo que alboreaba;
gran fiesta hacen los moros
en la Vega de Granada...»

(Wolf., num. 75.. cfr. *Duran*, num. 80.)

«La mañana de San Juan
salen á coger guirnaldas
Zara, mujer del Rey *Chico*
con sus mas queridas damas...»

(*Duran*, num. 12.)

E finalmente, nas lendas do senhor Conde, Brafâma é surprehendido e morto ás mãos dos christãos portuguezes; na outra do pastor, Brafâma e Buaçon apenas conhecem de referencia a morte de Saluquia e a occupação de Moura pelos christãos; e retrocedem do campo de éste para buscar em Serpa forças que lhes permittam reconquistar o castello e vingar a morte da sua Alcaideça. Fóra de estas variantes, as duas lendas são eguaes.

Opina o senhor Conde — e terminâmos já — com estas affirmações, que nos parecem muito acertadas:

1.º Que a lenda da Alcaideça Saluquia é pura phantasia popular, como ess'outra de *Mavigerardo* no castello de Almourol, assente em meio das aguas do Tejo.

2.º Que não era possivel a aventura de Moura no periodo de 1166 a 1232, quando todo o Alemtejo estava em poder des moiros.

E 3.º Que D. Sancho II foi o verdadeiro conquistador de todo o Alemtejo, sem negar a possibilidade de que em 1163 ou 1166[1], Pedro Rodrigues de Gusmão ganhasse o castello de Moura, para perdel-o no dia seguinte, pois Serpa tambem foi ganha por D. Affonso Henriques, como parte do Algarve conquistou D. Sancho I, e os moiros os resgataram tão depressa como os tinham perdido.

Independente de estas investigações historicas, confessâmos que a lenda de Saluquia é notavel e serve, mais do que outra coisa, para dar idéa do espirito d'aquelles tempos, em que moiros e christãos passavam a vida matando-se uns aos outros. Novas investigações sobre o assumpto, de pennas mais doutas do que a minha, talvez possam esclarecer alguns pontos duvidosos que já encontra n'esta lenda o senhor Conde de Ficalho e que não pude elucidar, com grande magua minha.

(Madrid.)

NICOLAS DÍAZ Y PÉREZ.

[1] Nobiliario de *Dom Pedro, Conde de Barcellos*, nota E a pag. 104 e nota A a pag. 334.

JOGOS POPULARES

O RUXA-MILHANO

Nas longas tardes da primavera e do verão, costumam os rapazes, entre outras distracções, entreter-se com um jogo bem simples e engraçado, conhecido pelo nome de *ruxa-milhano*.

Para brincar ao *ruxa milhano*, reune-se um certo numero de rapazes em determinado largo, geralmente no adro da egreja. Desses rapazes, destaca-se um, que faz de *milhano*, e os demais, agarrados ás abas das jaquetas, uns dos outros, formam um buliçoso cordão representando um bando de gallinhas. O rapaz que no cordão occupa o logar da frente, chama-se *mãe*, e tem a seu cargo o velar pelas *gallinhas*.

Organisado o cordão, o *milhano* aproxima-se da *mãe* e pergunta-lhe:

— «Para que lado fica Moura?»

Em vez de Moura, póde mencionar-se qualquer outro sitio.

A esta pergunta, responde a mãe:

— «E' para aqui» — apontando para uma direcção differente.

— «Não é para ahi, é para aqui» — diz o *milhano*.

A *mãe*, que sim, e o *milhano*, que não, assim levam teimando um bocado, até que o *milhano* profére a seguinte ameaça:

— «Olhe que eu levo-lhe uma gallinha?...»

— «Não é capaz...» — responde a *mãe*.

N'isto, o *milhano* investe contra o cordão, e as *gallinhas*, guiadas por sua *mãe*, e sempre ligadas umas ás outras, ora se deslocam para a direita ora para a esquerda, descrevendo um pittoresco zig-zag. Ao mesmo tempo os rapazes, no meio de grande hilaridade, põem-se a imitar em altas vozes o cacarejar das gallinhas.

Esta scena resume, por assim dizer, toda a actividade do jogo, e é interessante observar o enthusiasmo que os pequenos jogadores manifestam em tão ingénuo divertimento.

*
* *

O alegre exercicio que vimos de referir, é evidentemente uma allusão ao facto do milhano descer ao sólo para arrebatar a sua presa. E a corroborar o mesmo facto, temos ainda os dois seguintes versos, que toda a gente conhece:

«'Stava a velha co'os pintos ao sol,
Veio o milhano roubou-lhe o melhor.»

A expressão *ruxa-milhano* não é sómente usada para designar o jogo acima descrito, o povo tambem a emprega a proposito de qualquer cortêjo ou reunião de pessoas graúdas.

(Brinches.)

LADISLAU PIÇARRA.

LENDAS & ROMANCES

Santa Thereza

Santa Thereza de Jesus
Fez voto de castidade,
Teve amores verdadeiros
Jesus com quem falava.
O Senhor lhe appareceu,
Em pobre se converteu,
A' portaria bateu,
Pedindo uma esmola a Thereza;
A Santa, compadecida,
Inflammada em caridade,
Pesou-lhe n'alma e na vida
Em o pobre vir tão tarde;
O seu coração lhe dizia
Que ao refeitorio tornasse,
P'ra ver se havia algum pão
Para dar áquelle irmão.
Correu Thereza ao refeitorio,
Achou-o cheio em quantidade,
Escolhendo da melhoria
O seu santo regaço enchia;
Disse a Santa com alegria:
— Tomae, tomae, irmão meu,
Já que Deus vos deu,
Mais a Sagrada Maria.
Eu vos peço por humanidade,
Que venhaes aqui cada dia,
Que vos quero, na verdade,
Dar a vossa caridade,
Aqui nesta portaria.—
O Senhor lhe respondeu
Encobrindo a sua alteza:
— Quando eu aqui tornar
Por quem heide perguntar?
A Santa por não faltar:
—Por Thereza de Jesus.
O Senhor lhe respondeu,
Descobrindo a sua alteza:
—Vós sois Thereza de Jesus,
E eu sou Jesus de Thereza.—
Ditas santas palavras
O Senhor desappareceu,
A Santa ficou em gloria
Toda enlevada aos ceus.

(Elvas).

Santa Thereza

(1.ª Variante do romance anterior)

Dá-nos, Supremo Senhor,
Vossa graça com tristeza,
Ouvi do ceu uma flor,
Cheia do vosso amor,
Da amada Santa Thereza,
Santa que foi procedida
De uma illustre geração.
Da nobre á parte é nascida,
E por Deus escolhida,
Mestra na santa oração;
Com viva fé e humildade
Fez voto de castidade,
E se emprega de *contino*
A Deus, ó esposo divino.
Linda flor religiosa,
Teve amores verdadeiros,
Fundadoura e protectora,
Santa de que é esposa,
E' de trinta e dois mosteiros.
A's suas santas habitações
Lhe vieram mil relações,
Lá dos imperios do ceu;
E o Senhor, por encobrir sua alteza,
A' portaria bateu,
Pedindo esmola a Thereza;
Thereza compadecida,
Peza-lhe n'alma e na vida
Em este pobre vir tão tarde,
E em ter dado o que havia;

Mas o coração lhe dizia
Que ao *refertorio* tornasse,
P'ra ver se tinha algum pão
Para dar áquelle irmão.
Devo começar p'la verdade.
Achou cheio o *refertorio*,
De comer em quantidade;
Ella o seu regaço enchia
Do mantimento que havia,
E ao seu irmão dizia:
— Tomae, que Deus vol-o dá,
Só vos peço, com humildade,
Que vindes aqui cada dia,
A esta portaria,
Que vos quero na verdade
Dar a vossa caridade. —
E o senhor por não faltar:
— Por quem heide perguntar?
—Por Thereza de Jesus.
—E eu sou Jesus de Threza. —
O Senhor desappareceu;
Thereza com gloria santa,
Toda enlevada aos ceus.
Quem d'isto tiver memoria
De Jesus Christo alcançará a gloria.

(Beja).

Santa Thereza

(2.ª Variante)

Dae-nos, Supremo Senhor,
Vossa sagrada consistencia,
A mais suprema flor
Foi a madre Santa Thereza.
Santa, que foi procedida
D'uma illustre geração,
Fundadora e protectora
De oitenta e dois mosteiros.
Esta santa religiosa
Teve amores verdadeiros.
Um d'elles de quem era esposa,
O Senhor lhe appareceu,
Encobrindo sua alteza,
Pedindo esmola a Thereza;
E a Santa, compadecida,
Inflammada em caridade,
Peza lhe n'alma e na vida
Em já ter dado a comida,
E este pobre vir tão tarde;
Mas o coração lhe dizia
Que ao refeitorio tornasse,
A ver se achava algum pão
Para dar aquelle irmão,
A quem mandou que aguardasse.
O Senhor lhe fez a vontade,
Porque em tudo é notorio
De Thereza a caridade;
De comer em quantidade
Achou cheio o refeitorio;
E a Santa com alegria,
O seu regaço enchia,
E para o pobre dizia:
—Tomae, irmão, que Deus vol-'o dá;
Eu vos peço com humildade
Venheis aqui cada dia,
Vos quero dar a caridade,
Aqui n'esta portaria.—
Disse o pobre, por ter luz:
—Por quem heide perguntar?—
E a Santa por não faltar:
—Por Thereza de Jesus,
Por mim podeis procurar.—
E a Santa lhe procurou
Como o pobre se chamava.
—Eu sou Jesus de Thereza.—
Dita a palavra santa,
O Senhor desappareceu,
E Thereza com gloria tanta
Ficou enlevada ao ceu.
Quem d'isto fizer memoria,
Santa de Deus tão querida,
Peça á divina alteza,
Que no ceu terá gloria,
Com Jesus e Santa Thereza.

(Elvas).

Santa Thereza

(3.ª Variante)

Dae-me Altissimo Senhor
Vossa graça com presteza,
Lá no céu ouve uma flor,
Inflammado em vosso amor,
Que é a Madre Santa Thereza;
Santa por um bem procedida
De uma nobre geração,
Sendo por Deus escolhida
Mestra da santa oração;
Esta foi a religiosa
Que teve amor's verdadeiros,
Fundadora e protectora
De trinta e dois mosteiros:
Obra com caridade,
Ama a Deus de continuo,
Fez voto de castidade
Ao seu esposo divino;
O Senhor se converteu
Coberto com a sua alteza,
A' portaria bateu
Pedindo esmola a Thereza:
A santa compadecida
Pezou na alma e na vida
Ir aquelle irmão tão tarde,
E já ter dado a comida;
E ao coração lhe occorreu
Que ao refeitorio voltasse
A ver ser se achava inda pão
P ra ir dar aquelle irmão,
Que ella mandou que essperasse;
Achou o refeitorio cheio
De comer em quantidade;
A Santa com alegria
O seu regaço encheu:
—Tomae lá irmãosinho,
A esmola que Deus nos deu,
Eu vos peço com humildade
Que venhaes aqui cada dia,
Que vos quero dar a caridade.—
E o Senhor por ter luz:
—Por quem hei-de procurar?
E a Santa por não faltar:
—Por Thereza de Jesus,
—E eu sou Jesus de Thereza.—

Palavras não eram ditas
E o Senhor desappareceu;
Thereza com glorias tantas
Ficou elevada aos ceus
Quem d'isto fizer memoria
Rogue á divina alteza
Que nos ceus nos dê victoria,
Descanço na eterna gloria,
Com Jesus e Santa Thereza.

(Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

LENDAS LOCAES

O Sino de São Lourenço

A QUINHENTOS metros approximadamente da *Toca da Galliana*, que já descrevemos aqui, e a jusante do rio Guadiana, ha um sitio em que o mesmo rio se espráia bastante, fazendo logo em seguida uma curva muito pronunciada. A' margem direita d'esta curva, dá-se o nome de «Vargens de S. Lourenço», e, por occasião das grandes cheias, parte da corrente, batendo contra os rochedos que orlam a curva, retrocéde, e observa-se então o phenomeno da agua correr para cima, impellindo para a terra quaesquer objectos que vão agua abaixo.

As duas margens que circumdam a mencionada curva, apertam-se de modo a formar um estreito, e a margem direita é constituida por um enorme rochedo quasi perpendicular ao rio. Pois bem, precisamente em cima d'este rochedo, existe uma ermida em ruinas, denominada ermida de São Lourenço, cuja historia se perde na noite dos tempos. Ha todavia a crença de que, em epocas passadas, vivia ali um monge de barbas brancas e habito pardo.

Distante da ermida uns cincoenta metros, ha um logar no rochedo onde se vêem tres pedras salientes, sendo duas verticaes e uma horisontal. Esta ultima fórma com as duas primeiras um arco muito irregular chamado o *campanario*. E, segundo a tradição, é neste campanario que estava o sino da ermida.

Em consequencia dum cataclismo, que se deu ao morrer o tal monge das barbas brancas, o sino cahiu ao rio, que n'este sitio é profundissimo, e lá ficou. E' frequente ouvir dizer-se aos habitantes d'esta aldeia, que, desde então, em todas as manhãs de São João, sôa debaixo d'agua o celebre sino de São Lourenço.

Não sei porque, pertencendo o sino a São Lourenço, fossem as manhãs de São João as preferidas para o mesmo sino se fazer ouvir!...

Eis uma singella lenda, que, apesar de ninguem crêr n'ella, vae passando tradicionalmente de paes a filhos.

As Pedras das Bruxas

N'esta povoação tambem se acredita em bruxas. E, perto d'aqui, existem até umas pedras denominadas «Pedras das Bruxas». Estas pedras formam uma lapa em que se pódem abrigar tres ou quatro pessoas. Diz a tradição, que era nesta lapa que as bruxas se reuniam em seus conciliabulos, e alta noite faziam uma inferneira tocando adufes, pandeiros e bailando danças macabras. D'ali saíam depois aptas a passarem por baixo da silva e por cima da oliveira.

Não vae longe o tempo em que era frequente encontrar-se, nas diversas encruzilhadas, vestigios de ter-se ali desembruxado uma creança. Esses vestigios constavam de varias peças de vestuario, feitas em tiras, e de grande porção de trovisco, o qual devia egualar o peso da creança. A este processo de desembruxar creanças, dava-se o nome de «pesagem a trovisco», e era indispensavel que a operação fosse praticada por uma Maria e por um Manuel.

Outras vezes, o exorcismo consistia em passar a creança por um grande biscoito feito com farinha tirada de 7 alguidares, cinza de 7 lares e agua de 7 fontes.

No acto da passagem devia dizer-se:

— «Toma lá Manuel — Deita
cá Maria — Em louvor
de Deus e da Virgem Maria.»

E prompto. Ficava a creança desembruxada!

Hoje, felizmente, está menos arreigada no espirito do povo a crença nos bruxedos, e só de tarde em tarde apparece um caso de bruxaria.

As Mouras Encantadas

Junto d'esta aldeia, existe no meio d'um ferragial uma enorme pedra denominada «Penedo Gordo». Este penedo, de configuração irregularmente oval, apresenta um aspecto imponente e causa a admiração dos forasteiros, que pela primeira vez o vêem. A elle anda tambem ligada a sua lenda, conforme vamos referir:

No interior do mencionado penedo, habita uma moura encantada, a qual, já farta d'esperar pelo seu desencantamento, costuma sahir na noite de São João, em figura d'uma grande cobra, á procura de quem lhe *quebre o encanto*. E como ainda não encontrou ninguem que, em a vendo, não fugisse, não se sabe em que consiste o seu *encante*. Porisso, a pobre da moura lá continúa carpindo as suas maguas dentro do grande pedregulho.

De mouras encantadas, temos aqui abundancia. Eis os sitios onde ellas residem: Figueira Redonda, Pedras do Texugo, Oliveira da Cobra, Penedo Rachado e, um pouco mais distante, Figueira da Nevoa. Nada menos de seis residencias!

Tal era a tendencia dos meus antigos conterraneos para o maravilhoso, que em toda a parte viam, ou suppunham ver, coisas sobrenaturaes.

Para não fatigar o leitor com a descripção de lendas, que mais ou menos se assemelham, citarei apenas um caso, na verdade extraordinario, que ha tempo succedeu no Penedo Rachado.

O dito Penedo fica entre o Pedrogão e o rio Guadiana. E' um pouco mais pequeno que o Penedo Gordo, e está lascado d'alto a baixo, em virtude d'uma faisca electrica. D'ahi lhe vem a designação de — rachado.

Eis o caso:

Uma tarde, pelo tempo da ceifa, sumiu-se uma menina de tres annos. Os paes (que ainda existem) e mais familia, todos em grande afflicção fizeram as maiores diligencias no resto da tarde e durante a noite inteira para encontrar a creança, a qual, só na manhã do dia seguinte, se lhe deparou, dormindo em cima do tal penedo. Até hoje ainda se não poude explicar como a menina poude apparecer sobre aquelle rochedo.

A familia attribue o facto a milagre de Santo Antonio, a quem tinham encommendado a creança; o leitor attribuil-o-ha ao acaso; e eu, para romantisar o acontecimento, prefiro attribuil-o á... *moura!*

(Pedrogão do Atemtejo).

A. ROSA DA SILVA.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continúado de pag. 46)

DCCCXLII

A laranja nasceu verde,
Com o tempo amadurou;
Meu coração nasceu livre,
Esse teu o captivou.

DCCCXLIII

As ondas do mar são verdes,
Tudo no mar é verdura.
Todos logram seus amores,
Só eu não tenho a ventura!

DCCCXLIV

Aguas puras, crystallinas,
Aguas dos verdes *loredos*.
Diz'-me lá por que razão
Quem ama não tem segredos?

DCCCXLV

Amor falso e lisongeiro,
Mostra aqui tua affectura!

Por fóra cara de amante,
Por dentro malicia pura.

DCCCXLVI

A penha, que dura é,
Estala e não embrandece;
Amei-te com tanta fé...
Já ninguem me desvanece!

DCCCXLVII

As minhas tristes cantigas!
O meu cantar mette dó!
Desejava, amor, saber
Se me amas a mim só?

DCCCXLVIII

Aqui tens meu coração,
Quem te o entrega sou eu;
Eu já n'elle não governo,
Trata d'elle como teu.

DCCCXLIX

Acredita, meu amor:
Ninguem te quer mais do que eu!
Deus morreu por nos salvar;
Quem morre por ti sou eu!...

DCCCL

Cantigas são pataratas,
São vozes, leva-as o vento!
Quem se enleva em cantigas
Tem fraco entendimento.

DCCCLI

Cantigas são pataratas?
Eu digo que o não são;
Muitas vezes, em cantigas,
Desafoga o coração.

DCCCLII

Cupido, quando nasceu,
Tres beijos á mãe pediu...
Tão pequeno e tão brejeiro,
Com certeza ninguem viu!

DCCCLIII

Cuidava aquelle sujeito
Que eu por elle me morria...
Eu ria e zombava d'elle,
Como zombo hoje em dia.

DCCCLIV

Como póde um pae, tirar
Um filho, do querer bem?
Se a lei do pae é forçosa,
A de amor mais força tem.

DCCCLV

Chora a casada de fezes,
A viuva de as não ter;
Respondeu a solteirinha:
— Não acredito sem vêr.

DCCCLVI

Coração de pedra dura,
Arco de pedra lavrada!
Sempre quiz, mas nunca pude
Comtigo conseguir nada.

DCCCLVII

Campos verdes, verdes campos,
Todos cheios de matizes.
Conheço que são enganos
Tudo quanto, amor, me dizes.

DCCCLVIII

Canta tu, cantarei eu,
Faremos um cantarão...
Os anjos cantam no céo,
Nós cantaremos no chão.

DCCCLIX

Canta tu, cantarei eu,
Faremos uma capella;
Os anjos cantam no céo,
Nós cantaremos na terra.

DCCCLX

Dá-me um aceno se pódes,
Se é por mim que aqui vieste,
Que te quero agradecer
Os passos que por mim deste.

DCCCLXI

Detraz d'uma clara fonte
'Stá uma pedra esculpida
Com um lettreiro dizendo
«Quem ama, sempre duvida».

DCCCLXII

D'aqui d'onde estou bem vejo
Acenos d'amor fazer;
Eu sim quero mas não posso
Meus olhos p'ra lá volver.

DCCCLXIII

Diz'-me, amor, quem te offendeu?
Puxarei pela espada!
Basta de tu seres minha,
Para seres respeitada.

DCCCLXIV

Dá-me uma uma pera madura,
Da maçã uma talhada!
Quem tem amores dá tudo,
Quem os não tem não dá nada.

DCCCLXV

Eu fui ao mar, de joelhos,
De joelhos fui ao fundo,
E de joelhos irei
Por ti ao cabo do mundo.

DCCCLXVI

Fui ao mar buscar laranjas:
E' fructo que o mar não tem!
Como virá orvalhada
Quem das ondas do mar vem!...

DCCCLXVII

Fui ao mar por vêr as ondas,
Ao campo por vêr as flores,
Ao céo por vêr as estrellas,
E aqui por vêr meus amores.

DCCCLXVIII

Foste dizer mal de mim
Lá fóra da minha terra:

Ficaram-te conhecendo,
E eu fiquei sendo quem era.

DCCCLLXIX

Foste dizer mal de mim
A quem logo me o contou :
Ficaram-te conhecendo,
E eu fiquei sendo quem sou.

DCCCLXX

Inda que do norte vente,
E o mar se faça em pedaços,
Eu não deixo de te amar,
Em que haja mil embaraços !

DCCCLXXI

Já Serpa não vale nada,
Baleisão vale um vintem ;
Aldeia Nova val' tudo
Pelas mocinhas que tem.

DCCCLXXII

Já lá vae Abril e Maio,
Já lá vão estes dois mezes,
Já lá vae a liberdade
Que eu tinha comtigo ás vezes.

DCCCLXXIII

Já te eu disse, ó laranjeira,
Que não desses mais felôr !
Podes passar sem laranjas,
Como eu passo sem amor.

DCCCLXXIV

Lindas fontes, claras aguas,
Lindos jardins, lindas flôres !
A mim, nada me diverte
Na ausencia dos meus amores.

DCCCLXXV

Meu coração abrasado
Em viva chamma de amor,
De ciume está queimado,
Já perdeu todo o valor.

DCCCLXXVI

Meu coração anda em lanço :
Lance quem quizer lançar !
...Meu coração não se vende,
Só por amor se ha-de dar!...

DCCCLXXVII

Moram a' 'strellas no céo,
Os peixes no frio mar ;
Só tu, ingrato, não queres
No meu peito vir morar !

DCCCLXXVIII

Meu coração é de vidro,
Por dentro tem gavetinhas :
Fecha-se com saudades,
Abre-se com palavrinhas...

DCCCLXXIX

Nas frescas manhãs de inverno,
Quem ao campo fôr ás flores
Achará as primaveras
Mimosas como os amores.

DCCCLXXX

Nas frescas manhãs de inverno
Recolhe a flôr ao jasmim.
Quem mais faz menos merece,
Que assim me acontece a mim.

DCCCLXXXI

No deserto estava eu
Quando me foram chamar,
Que acudisse ao meu amor
Que me o queriam roubar.

DCCCLXXXI

Olhos pretos e ramudos
E' que me hão de captivar...
No rosto do meu amor,
Perguntem, que os hão-de achar !

DCCCLXXXIII

O amor, emquanto novo,
Anda com todo o cuidado ;
Depois da prenda na mão,
Mostra papel d'enfadado.

DCCCLXXXIV

O' meu amor, não embarques,
Olha que o mar tem travessas...
Eu fui para embarcar,
Achei o mar ás avessas !

DCCCLXXXV

Os teus olhos me captivam,
Ai ! que lindo captiveiro !
Já te não deixo, querida !
E's mais linda que o dinheiro !

DCCCLXXXVI

Póde o ceo produzir flôres,
E a terra estrellas ter...
Mas eu deixar de te amar ?
Isso não ! não póde ser !

DCCCLXXXVII

Passarinho passa o rio,
Passa o rio mas não bebe...
Assim eu passasse o tempo
Comtigo, cara de neve !

DCCCLXXXVIII

Passarinhos que cantaes
Nos campos da liberdade !
Cantae vós, chorarei eu
Minha eterna saudade!...

DCCCLXXXIX

Quando te eu não conhecia,
O meu tempo bem passava,
Alegremente eu vivia,
Nunca a paixão me abrasava.

DCCCXC

Quando te eu não conhecia,
Nem ao sentido me vinhas,
Não tinha lembranças tuas
Nem tu saudades minhas.

DCCCXCI

Quem vive ausente não gosa
Nem prazer nem alegria;

Meu coração vive ausente,
Só entregue á sympathia.

DCCCXCII

Quem disse que Santa Justa
Que não tem devotos seus...
—Fallar bem nunca me custa:
Santas noites nos dê Deus!

DCCCXCIII

Quando eu era solteirinha
Usava fitas e laços;
Agora já sou casada,
Trago meus filhos nos braços.

DCCCXCIV

Quando meus olhos te avistam,
E que não podem fallar-te,
Dobradas penas me ficam...
Melhor é não avistar-te!

DCCCXCV

Quem disser que o amor enfada,
E' mentira, nunca amou!
Eu amei e fui amada,
Nunca o amar me enfadou!

DCCCXCVI

Quando meus olhos te viram,
Meu coração te adorou;
Na cadeia dos teus braços
Minh'alma presa ficou.

DCCCXCVII

Quando eu te vi logo disse:
—Lindos olhos para amar,
Linda bocca para beijos...
Se a menina os quizer dar!

(Continúa)

(Da tradição oral, em Serpa.)

M. DIAS NUNES.

PROVERBIOS & DICTOS

(Continuado de pag. 48)

CCXCVIII

Muita unha a pouca penna, depressa se depenna.

CCXCIX

Maio pardo e ventoso faz o anno formoso.

CCC

Maio pardo enche o sacco.

CCCI

Mais vale comer na rua que morrer de fome em casa.

CCCII

Ramos molhados — annos melhorados.

CCCIII

Bem parece fogaça alheia em mesa cheia.

CCCIV

Barriga de moço não tem osso.

CCCV

Barriga de ganhão é barriga de cão.

CCCVI

Doente que espirra — fóra do hospital!

CCCVII

Dar, dóe, e chorar faz ranho.

CCCVIII

Dá Deus nozes a quem não tem dentes!

CCCIX

Norte bravo — agua no cabo.

CCCX

Gallinha e *pirum*, tudo é um.

CCCXI

Geada na lama — agua demanda.

CCCXII

Pobre e namoradeira — toda a vida solteira.

CCCXIII

P'ra baixo, até o diabo ajuda.

CCCXIV

Levantou-se o preguiçoso e puxou fogo á cama.

CCCXV

Lenha verde mal accende; quem muito dorme, pouco aprende.

CCCXVI

Se queres saber quem é o teu inimigo, dá o teu e *pide-o*.

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continua)

M. DIAS NUNES.

ANNO IV

VOLUME IV

N.º 5

SERPA, Maio de 1902

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.°, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.),* ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 5 SERPA, Maio de 1902 **Volume IV**

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

Os doze de Inglaterra

(Continuado de pag. 38)

Ao cabo de contas, ella tinha razão. O prazo estava á porta, e nada de Magriço! Já as outras damas, no dia assignalado para a grande refrega, vendo os seus cavalleiros muitissimo bem postos, todos de elmos armados, de grevas e de arnezes, uns figurões, uns grandes janotas, que outra cousa não era de esperar [1] pelo facto de terem partes divinas, como Camões diz que assim se expressou o duque de Lencastre na sua analyse ás partes dos homens, se vestem as onze

> de côres e de sedas,
> De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

Só ella, e ella sómente, por mal dos seus peccados docemente femeninos, só ella

> a quem fôra em sorte dado
> Magriço, que não vinha, com tristeza
> Se veste; por não ter quem nomeado
> Seja seu cavalleiro nesta empreza.

[1] Em todas as pelejas os senhores cavalleiros, se carregavam de verdadeiros arsenaes, como quando recebiam o grau. Não podia, porém, nenhum cavalleiro ter tal dignidade sem primeiro ter sido escudeiro. O titulo de escudeiro era então em Portugal o primeiro titulo de nobreza, porque, estabelecido o imperio pelas armas, a grandeza que mais se estimava era a que se adquiria por ellas. As armas que por feitos heroicos se ganhavam na guerra, e que se traziam nos escudos com que se pelejava, vinham pois a ser a demonstração da fidalguia mais honrada d'aquelle tempo. De aqui veiu que os que semelhantes escudos de armas alcançavam se chamavam escudeiros, em signal da nobreza que por elles haviam adquirido. Esta e não outra, é que foi a origem do nome de escudeiro. De escudeiros passavam a cavalleiros, quando depois de alguma batalha, successo ou encontro militar, eram armados cavalleiros pelos reis, ou pelas pessoas a quem elles para isso davam commissão, que ordinariamente vinham a ser os ricos-homens. E tambem para subirem a algum titulo, ou entrarem na jurisdição de algum senhorio, costumavam armar-se cavalleiros, velando primeiro as armas em alguma greja. Os escudeiros como os cavalleiros, cá em Portugal, sendo de nobre geração e não feitos por privilegio, eram de fidalgos de aquelle tempo, e não havia entre elles outra differença se não a de ter ou não alcançado o grau de cavallaria. Em Thomar havia antigamente um galante modo de fazer cavalleiros, como consta de um alvará dos registos de el-rei D. João I, pelo qual manda que aquelle costume se observe. Era elle que o que queria casar, n'aquella villa, cavalgava em um cavallo, com uma lança na mão, levando um alqueire de pão cosido e um almude de vinho, e chegando ao castello dava com a lança na porta, e dizia: *cavalleiro quero eu ser*. Saía a esta voz o alcaide, e cobrava a pitança, e o noivo voltava para sua casa habil para o casamento; e se o fazia sem satisfazer primeiro a esta ceremonia, levava-lhe o alcaide o oitavo. Era, por isto, que na *Nobiliarchia Portugueza*, refere Sampaio, se vê que até mesmo para mudança de estado passava um escudeiro a ser armado cavalleiro.

Consolavam-a os onze dizendo que se não agastasse porque esse Magriço, «era tal Cavalleyro que cumpriria sua promessa salvo se a morte lh'o estorvasse. E que se assim fosse que elles onze se combaterião com os doze Inglezes e tomarião alli tambem sua fama e honra.» O que valeu foi que estando elles n'isto, conforme prosegue Manuel Corrêa, chegou o Alvaro Gonçalves Magriço, com que ella e elles forão muito ledos: e foram-se todos os doze então ao duque, e disseram-lhe que elles eram alli vindos a seu rogo e mando, e porque eram cavalleiros estrangeiros e os com que haviam de fazer batalha naturaes e grandes senhores, e podia acontecer que dando-lhes Deus victoria, os tratassem mal, que lhe pediam que os segurasse. Então o duque chamou os doze cavalleiros inglezes e lhes disse que elles eram os cometedores de este desafio, e que as damas apresentavam por si aquelles cavalleiros: e que se acaso fosse que os vencessem, que elles lhes não fizessem nenhum desaguizado por si, nem por seus parentes: e que elle os tomava sobre sua cabeça e que soubessem que se alguma cousa se lhes fizesse que a elle era feita, e que castigaria a tal culpa, assim como se contra a pessoa de elle duque fosse commettida. Ao que responderam que elles os seguravam e que não houvessem receio de nada. Estando assim já seguros os portuguezes, foram o dia da batalha ver as suas damas e receberam de cada uma seu joel, que traziam nos elmos, e com elles se foram todos armados a pé metter no campo: e os juizes se metteram dentro, estando o duque e toda a cidade de Londres em grandes cadafalsos, onde tambem estavam as damas. Assim foi que entraram na batalha. [1]

Repete agora aqui o commentador dos *Lusiadas*, o conhecido motivo do grande desafio, por que houveram de repetil-o no campo da peleja, e como preludio, os doze cavalleiros inglezes. Estes figurões não se desdisseram. Pelo contrario. O que elles declararam em face dos seus doze contendores foi que eram muito feias as taes damas, e tão pouco para serem amadas que nenhum cavalleiro ousaria por força de armas contradizer semelhante verdade. Pois sabem os senhores o que a isto responderam os cavalleiros portuguezes? Que as doze senhoras «erão muyto gentis mulheres, e taes que Cavalleyros, e de terras bem remotas, como as suas erão, folgavão de as servir, e de se matarem em batalha com elles por amor de ellas.» [1]

Sempre poetas! Nós, meridionaes de uma canna, nunca deixámos de ter essa bóssa. Na epocha em questão, n'essa quadra ditosa de mil aventuras, todos tinhamos nas veias o sangue escaldante dos primeiros trovadores, e a imaginação de todos os portuguezes, claro está que havia de adaptar se ás fórmas da sociedade de então. Os cavalleiros portuguezes responderam muito bem. Mas, palavras não eram ditas, desataram os dois bandos no famoso combate, que Luiz de Camões diz que foi a cavallo e Manoel Corrêa exactamente ao contrario. Jorge Ferreira de Vasconcellos tambem diz que a briga foi a pé. Fosse porém como fosse [2]. O que se

---

[1] Os Lusiadas do grande Luiz ee Camões, *commentados pelo Licenciado Manuel Corrêa.* Mesmo commento.

[1] Mesma obra. Idem.

[2] Os nobres batiam-se, uns com os outros, a cavallo e com suas armas; os villões a pé e com bastões. Os bastões passaram a ser instrumentos de ultrage, porque os bastonados eram villões ou parecidos com elles, ou como taes considerados. Era um ultrage dar com um pau ou bastão em alguem, e o era tambem o dar-lhe na *face:* só os villões combatiam com o rosto descoberto, só n'elles só podia bater na face. A bofetada converteu-se n'uma injuria, que devia lavar-se com o sangue do offensor, porque tratara o offendido como villão. Foi sempre uma grande deshonra o facto de perder o escudo em combate. Muitos de aquelles a quem tal succedia suicidavam-se, porque era um labéo

COSTÚMES & PERSPECTIVAS

(Cliché de *Francisco Antonio Moura*)

Descarga do birbigão, n'um caes da ribeira d'Ovar

deprehende das descripções de Manoel Corrêa e Jorge Ferreira é que primeiro pelejaram com massas de ferro e depois com espadas. «E foy a batalha muy cruel, e tão dura — diz o primeiro dos dois narradores — que começarão pela manhã, e a horas de terça descançarão: e quando veyo a segunda batalha, meteram-se os Portuguezes tão apertadamente com elles, que finalmente ferirão os oyto muyto mal, e os lançarão fora do campo: no qual ficarão os Portuguezes vencedores, e com muyta honra tirados delle.»

Isto foi a pé. Agora a cavallo, como com muito artificio, segundo a expressão do commentador dos *Lusiadas*, nos pinta Camões a entrada e principio de semelhante batalha, o animo dos cavalleiros, impeto e furia dos cavallos e o successo da demanda, e como em breve tempo esteve a victoria pelos portuguezes:

Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma;
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece,
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavallo voa, que não desce,
Qual co'o cavallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

Alguem d'alli tomou perpetuo somno,
E fez da vida ao fim breve intervallo,
Correndo algum cavallo vae sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo.
Cae a suberba ingleza do seu throno,
Que dois ou tres já fóra vão do vallo;
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo e malha.

Gastar palavras em contar extremos
De golpes féros, cruas estocadas,
E' d'esses gastadores, que sabemos,
Maus do tempo com fabulas sonhadas.

Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas e afamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras e com gloria [1].

Parece, pois, que Luiz de Camões andou n'isto como Pilatos no crédo. Quer dizer, enguliu a patranha, e contou o caso como se elle fôra real. Assim se explica a razão do Poeta entender e dizer que se mais palavras gastasse em pintar grandes extremos de golpes ferozes e estocadas não menos valentes, que durante a batalha se deviam ter dado, é que elle correria parelhas com esses que perdem o melhor do seu tempo em dar por successos verdadeiros, fabulas e patranhas e toda a casta de cousas falsissimas. O que elle não põe duvida em declarar ainda mais é que

Recolhe o duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas e alegria;
Cosinheiros occupa e caçadores
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil cada hora e cada dia,
Emquanto se detem em Inglaterra
Até tornar á doce e cara terra. [2]

Segundo diz Manoel Corrêa, tambem assim foi. «Os doze forão levados á pousada, que para isso estava ordenada, aonde os vierão visitar suas Damas, e o Duque. E ao tempo que se assentárão á meza, as Damas lhes derão agua ás mãos cada huma ao seu: e quando a de Alvaro Gonçalves Magriço lha quiz dar, elle escondeo as suas, dizendo que não lhe havia de dar agua ás mãos mulher, se não homem.»

Esta delicadeza de Magriço contrariava os desejos de sua dama, que pelo nome não perca. Foi por esse motivo que ella então lhe rogou, o que se chama rogar, que lhe fizesse aquella mercê. E o Magriço a dizer que não queria, e sempre com as mãos pespegadas nas costas!

---

infamissimo dizer-se de alguem *que perdera o escudo.* — *Kaleidoscopo.* — Lisboa. 1865.

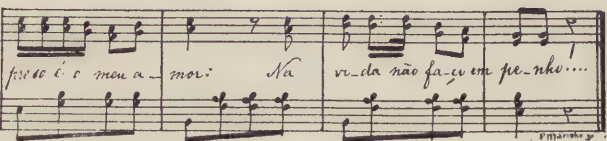
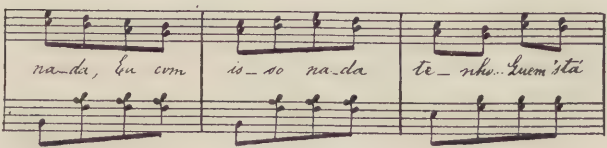
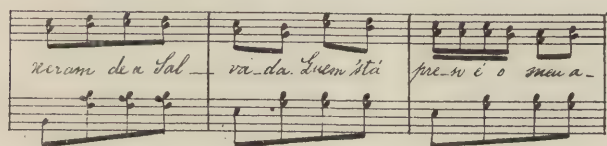
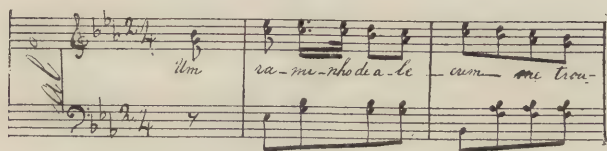
[1] Os Lusiades do Grande Luiz de Camões, *commentados pelo Licenciado Manoel Correia.* Mesmo commento.

[1] Os Lusiades. Canto VI. Est. LXIII a LXVI.

[2] Mesmo obra. Idem. Est. LXVII.

CANCIONEIRO MUSICAL

V

UM RAMINHO DE ALECRIM

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(DESCANTE)

Isto devia ter sua graça [1].

Estamos a vêl-os, ao Magriço e á dama. Elle todo pernostico a esquivar-se á homenagem da agua nas mãos, dizendo com a bocca, com os olhos e com todos os gestos:—Então, por quem é, minha rica senhora, nada de incommodos.

E ella, naturalmente dengosa, sempre na sua, e a dar-lhe com aquella estupada: — Ora, senhor Magriço, por que não ha-de deixar que lhe dê agua ás mãos?

Muito interessante.

Mas tanto apertou a loura dama com elle, allegando que cada uma das outras senhoras já havia prestado aquella mesma honraria a cada um dos demais cavalleiros, e que ella não podia deixar de lhe fazer outro tanto a elle, Magriço, que este tirou então do esperto peito as seguintes palavras:

«— Senhora, sabeis porque não quero que me lanceis agua ás mãos? E' porque as tenho muito cabelludas, e vendo-m'as assim, temo que vos aborreça [1].

(Conclue).

ALFREDO DE PRATT.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Um raminho de alecrim

Um raminho de alecrim
Me trouxeram de a salvada.
Quem 'stá preso é o meu amor...
Com isso não tenho nada!

Com isso não tenho nada,
Eu com isso nada tenho...
Quem 'stá preso é o meu amor:
Na vida não faço empenho!...

Serpa.

M. DIAS NUNES.

A FREIRA E O DIABO

Madre Thereza Maria de S. José, nascida em Villa Ruiva, arcebispado de Evora, era filha de Pedro Domingues de Moura. Saiu no auto de fé que se celebrou em S. Domingos de Lisboa em 6 de julho de 1732. Era ella accusada de seguir a «seita

---

[1] As aventuras, os amores, os feitos de armas dos heroes de Boiardo eram a imagem, vista atravez de um prisma dos homens do XV seculo: a ancia de liberdade descomedida, a misantropia, os crimes, a incredulidade dos monstros de Byron são o transumpto medonho e sublime de este seculo de exaggeração e de renovação social.

Se o espirito puro de cavallaria dominou tão largo periodo, os *cavalleiros-modelos* (permitta-se-nos a expressão) foram só os que se crearam no côrte de D. João I; e a poetica ficção dos doze de Inglaterra pinta a epocha em que se diz succedera essa aventura. Cavalleiros andantes portuguezes houve-os nos seculos anteriores; mas a cortezia, a louçainha, e a galanteria que caracterisam a verdadeira cavallaria só os mostra a nossa historia nos guerreiros indomaveis, que na batalha de Aljubarrota formavam o esquadrão brilhante chamado a *Ala dos Namorados:* eram estes guerreiros que faziam aquelles *votos denodados*, em demanda de cuja execução muitas vezes perdiam a vida; eram estes que, discorrendo pelas terras estrangeiras, alli deixavam perenne memoria de seus esforçados feitos.

Foi na luzida côrte do mestre d'Aviz onde achou a cavallaria de toda a Europa o seu Homero em Vasco de Lobeira. Como antes de aquelle houve poetas, assim antes de este houve romancistas; como Homero eclipsou a memoria dos contos de seus antecessores assim Lobeira fez esquecer as mal tecidas invenções dos mais antigos novelleiros.

Poucas memorias nos restam ácerca de Vasco de Lobeira. Sabe-se que foi natural do Porto e armado cavalleiro por D. João I antes de começar a batalha de Aljubarrota. Viveu a maior parte da sua vida em Elvas, e morreu em 1403. — Veja *Panorama*. Vol. segundo, pag. 123, artigo «Novellas de cavallaria portugueza».

[1] Os Lusiadas do Grande Luiz de Camões *commentados pelo Licenciado Manoel Correia.* Mesmo commento.

do preverso heresiarcha Molina, tendo por licitas as acções torpes, quando erão feitas com fim espiritual».

Pertenceu a Madre Thereza ao periodo faustoso do freiratico D. João V, ao qual se seguiu a reacção purificadora do Marquez de Pombal, a que o governo mariano, que se lhe seguiu, não poude deter a tendencia anti-monastica, que ainda dura, porém mitigada pelas conveniencias de altos personagens.

Confessou a freira na Inquisição «que todas as coisas extraordinarias que fez no decurso da sua vida, forão obra do Demonio, e que só no Santo Officio viera neste conhecimento pela muita miudeza e clareza com que lhe falava». Parece paradoxal que as pessoas ecclesiasticas, todas entregues á contemplação divina, fossem essas justamente as mais perseguidas pelos demonios, que não receavam entrar nos conventos a desinquietar os pobres servos de Deus. Mas por isso mesmo é que as pessoas religiosas, com a boa vontade de levar uma vida santa, despertavam a colera dos espiritos infernaes, que procuravam todos os meios de as distrahir de tão virtuoso proposito. E' muito natural que entre os credulos existissem numerosos individuos que acobertassem o seu procedimento mais ou menos irregular com o manto do demonio, porém nós é que não estamos na situação de descortinar neste assumpto o falso do verdadeiro, a não ser que o pretenso vexado o declarasse. Os inquisidores nunca tentavam pôr em duvida a influencia real do diabo, que era a origem de todo o mal. O diabo era o feitio corporal que tomava a maldade, a qual tinha uma latitude illimitada de sentido.

Os nossos antepassados tinham larga experiencia das acções demoniacas. As nossas chronicas contam numerosos episodios em que o diabo é a figura principal, o que denota a crença incontestada na existencia dos espiritos infernaes, tão amantes de almas como os missionaros de proselytos.

Ouçamos agora a perseguição que o demonio teve, mais do que exerceu sobre a pobre madre Thereza:

«Declarou mais: que ella trazia o Demonio debaixo dos pés, porque, quando se fazião exorcismos em sua presença, dizia ella ré ao Demonio, que se viesse metter debaixo d'elles, porque o mandavão os sacerdotes e ministros da Igreja, como com effeito mandavão: e logo a creatura vinha metter-se debaixo dos seus pés, e ella ré chamava ao Demonio mofino e outros nomes afrontosos. E que se lembrava que, sendo de 7 annos de idade, assistindo em casa de certa pessoa ecclesiastica sua parenta, tendo esta mesma casa uma endemoninhada, a quem fazia exorcismos, o Demonio em uma occasião, não estando o dito exorcista em casa, fugira com a dita endemoninhada para a lançar em um poço; e ella ré correndo atrás da creatura, a alcançara e abraçando-se com ella, invocando o soberano nome de N. S. da Encarnação e gritando assim por muito tempo, ouviu que o Demonio e muitos companheiros seus, forcejando muito com ella ré, gritavão, dizendo: cala-te, mofina, que tu me pagarás; as vozes forão horrendas, e os olivaes que estavam juntos ao sitio parecia que se despedaçavão e vinhão abaixo, mas ficou livre aquella creatura. Declarou mais que na dita casa andava ella ré ainda com mantilhas, como se lhe dizia, se levantou figura de que havia ser toda dedicada a Deus e sem ter ainda conhecimento nem uso de razão a deitavam no regaço da dita creatura vexada para o Demonio abrandar e a não perseguir e depois que soube, o que della se fazia nos seus primeiros annos dizia ella ré por graça ao Demonio que tinha sido seu aio e o Demonio lhe dizia por bocca da mesmo creatura vexada, se calasse que ella lh'o pagaria. Tambem declarou que sendo ella noviça em certo recolhimento vi-

ra ao Demonio em figura de uma cabra velha e muito preta, estando presente a sua mestra, a qual figura do Demonio a quizera derribar no chão sahindo ella do côro em uma noite; e ella o arguiu dizendo-lhe: confiado, querias derribar-me e desappareceu a cabra sem dizer coisa alguma; e já em outra occasião lhe quizera o Demonio dar com uma tranca e lhe atirou com ella. E que sendo já mestra de noviças no dito recolhimento sempre tivera grande dominio sobre o Demonio, e tanto que sabendo que o mesmo Demonio em figura de um pretinho procurava a certa noviça para com ella se tratar lascivamente, ella ré valeo á dita noviça mandando-a deitar comsigo na cama aonde não experimentou perseguição alguma, mas depois continuou em a perseguir e atormentar pelo mesmo caminho, o que sabendo ella ré em uma noite accudiu á dita noviça e na casa onde estava com pouca luz mal viu um vulto que era o mesmo Demonio; mas não poude distinguir se o vulto era de homem ou de animal e á dita noviça aconselhou ella ré e lhe mandou por obediedcia, que, quando se visse perseguida pelo mesmo Demonio, chamasse e gritasse por ella que lhe acudisse; e ao mesmo Demonio mandou tambem por obediencia que nada tivesse com aquella creatura. Declarou mais que, quando se tratava da fundação de certo convento para o qual ella tambem concorreu, algumas coisas lhe succederão com o Demonio, mas que estava já tão velha e tão esquecida que nada lhe lembrava para o referir, mas que tinha por certo que a ruina de certa obra em que ella tinha falado e de repente se achou desfeita em uma noite succedera por modo extraordinario, porque se naturalmente a desfizessem custaria muito trabalho e despesa; e que lhe parecia que podia jurar aos Santos Evangelhos, que não pronosticara esta ruina, ainda que estava muito falta de memoria e não se lembrava.

Estas ultimas declarações fez a ré com summa maldade e artificio e deu materia a novos exames, porque vendo-se apertada com as que se lhe fizerão ácerca dos factos extraordinarios que confessou e constavão da prova da justiça entendia que declarando o Demonio os despresos que lhe havia feito desvaneceria a vehemente presumpção com assistencias que declarou tivera delle desde que tivera uso da razão; e pelas repetidas ameaças que referiu lhe fizera o Inimigo desde aquelles annos, se via que ella lhe pagava com a raiva da sua alma e de outras muitas a quem enganou com a sua falsa doutrina.»

A Madre Thereza foi declarada por convicta, confessa no crime de fingir virtudes e favores especiaes de Deus N. S. para ser tida e reputada por Santa e ainda por convicta e confessa no crime de Molinismo e de obras e muitos factos extraordinarios, de que resultou vehemente presumpção de ter pacto com o Demonio.

Foi condemnada a reclusão a arbitrio no carcere do Santo Officio e degredada por 10 annos para a ilha de S. Thomé.

A sentença de que faço aqui largos extractos não se encontra original no Archivo Nacional, onde devia estar appensa ao processo n.º 8058 da Inquisição de Lisboa, hoje extraviado. Acha-se, porém, uma copia no codice n.º 1048. Debaixo do n.º 16:271 encontra-se, entre os processos da Inquisição de Lisboa, uma minuta da sentença.

Muito se tem escrito sobre a Inquisição, com pouco conhecimento de causa talvez. Os processos inquisitoriaes são minas preciosas para o conhecimento documentado de tres seculos, mas isso não justifica ou desculpa a creação do tribunal, nem a apologia deste. Não ha hoje em Portugal quem ouse defender o procedimento do Santo Officio, não certamente por falta de desejo, mas por falta de coragem de arrostar com a opinião. Numa sessão da Academia

Real das Sciencias de Lisboa um socio effectivo declarou que o lexicologista Moraes e Silva «fôra perseguido por ter proferido palavras offensivas para a inquisição e praticar actos de leviandade que egualmente não teriam sido absolvidos em qualquer tribunal ordinario.» [1] A formula condemnatoria do tribunal não está nem na crueldade dos tormentos, nem nas intrigas que levavam aos carceres centenares de victimas, está na propria essencia do Santo Officio ser dirigido por ecclesiasticos, desviados das suas funcções para exercer o cargo de julgadores em assumptos de que elles erão as partes queixosas.

Em seguida publíco uma prosopopeia, em que nos apparece falando a Madre Pereira, com a qual um anonymo pretendeu desmascarar o procedimento da beata. Está recheada de allusões, que a carencia do processo não permite revelar.

Epistola em presopopeia da Madre Thereza para Odivellas

1. Minhas Beatas
que as luzes bellas,
lá de Odivellas,
escureceis,

5. Deixae que brilhem
sem tais vapores
os resplendedores,
que todos têm.

9. Negar não posso
nesta mudança
huma lembrança,
que me deveis.

13. Não foi possivel,
isto he constante,
pois foi bastante
por me esquecer.

17. Eu fiz vos tolas
neste processo,
porque confesso
vos enganei.

21. Mais avizadas
sede, he precizo
que eu vos aviso,
procedais bem

25. Mostrai agora
os bons juizos,
aos meus avisos
não respingueis.

29. Crede a verdade
sem raiva e iras.
já que as mentiras
quizeste crer.

33. Se vires gente
com a moquenquisse
da beatisse,
não vos fieis.

37. Crede são p....
e alcoviteyras
e feiteiceyras
e o mais que eu sei.

41. Que este juizo
será falçario
e temerario,
dirá alguem.

45. Mas eu afirmo,
que isto he o certo,
e que he acerto
tudo isto crer.

49. Eu fui beata
e já está visto,
fui tudo isto,
que o confessei.

53. E as que comigo
comunicarão,
tudo isto andarão
pé ante pé.

57. Pois toda aquella,
fraca ou robusta,
que santa e justa
vos parecer;

61. Se em signaes mostra
de que he beata,
he patarata;
e isto he, o que he.

65. Crede o que eu digo:
esse toucado
de mim aprovado
é Frei Manoel.

69. Foi hum Domonio,
o que me disse,

[1] *Diario de Noticias* de 21 de março de 1902.

que o aplaudisse
por vos perder.

73. Tende entendido
que a que se jacta
de ser beata,
que essa o não he.

77. Porque o letreiro
que isso publica,
só nos indica
ser má mulher.

81. He a virtude
que mais avulta,
a que se oculta
e não se vê.

85. A que se mostra
com seus primores,
peza os amores
he um desdem.

89. Vossa virtude
em vóz só caiba,
só Deus a saiba
e mais ninguem.

93. Mas toalhinha
que diz: «sou boa».
Isto mal soa,
nunca o sereis.

97. Ao bom capelo
que confessastes,
e que o deixastes,
ide outra vez.

101. Porque reforma
com tão má capa,
sem ser do Papa
de m.... he.

105. O gibão novo,
á terça feira,
vesti na feira
posto ao revez.

109. Leve castigo
disso seria
que eu merecia
em fogo arder.

113. Estai me atentas,
ouvime agora,
sequer meya hora
o que passei.

117. Na prizão dura,
terrivel, forte,
aonde a morte
cara me fez.

121. Primeiramente
quis o tinhozo,
que o Vimiozo
me foi prender.

125. Não disse nada,
de que me peza
nem á Marqueza
nem ao Marquez.

129. Creem que eu fui preza
denunciada,
mas que culpada
isso não creem.

133. Para que os prodigios
que obrei com elles,
não são d'aquelles
que hande esquecer.

137. Fomos andando
eu, mais o Conde
e não sei d'onde
me foi meter.

141. Mas depois sube
que era chiton,
de Inquisiçon, [1]
e não falei.

145. Lá me fecharão
n'uma cazinha
triste e misquinha
não sei porquê.

149. Estava lá aquillo
tão mudo e quedo,
que me fez medo
de só me ver.

153. Ao outro dia
abrem-me a porta,
com a alma torta
então fiquei.

---

1 É proverbio bem conhecido.

157. Disse o Porteiro:
«Madre Thereza
«chamão na á meza
«venha você»

161. Eu respondi-lhe,
como quem chora:
«não estou agora
para comer».

165. O tal Porteiro
rio de vontade
e eu na verdade
não sei de quê.

(Conclue.)

PEDRO A. D'AZEVEDO.

LENDAS & ROMANCES

Santa Catharina

Nos estados de Roma
Houve certa creatura,
Catharina se chamava,
Filha d'um pérro mouro
E d'uma mãe arrenegada.
Todos dias que amanhecia
Seu pae a castigava:
Que deixára a lei divina
E á maldade se pegára,
—Como hei-de eu deixal-a,
Se eu n'ella vivo desposada? —
Logo seu pae mandou
Fazer uma roda de navalhas,
Metteu um leão dentro,
A ver se a roda rodava;
Tanto a roda rodou,
Que o leão despedaçou;
Metteu n'ella a Catharina,
E logo a roda parou.
Lá vem um anjo a Noé,
Com a cruz e mais a palma:
—O Catharina, ó Catharina,
Tu á gloria és chamada.

(Campo Maior).

Santa Izabel

Rainha Santa Izabel,
Mulher d'el-rei D. Diniz,
Muitas esmolas que dava
A ninguem as entregava,
P'las suas santas mãos as dava.
Um dia lhe aconteceu,
Indo c'o seu regaço occupado,
Com el-rei se ha encontrado,
E elle lhe ha perguntado:
—O que levaes, Senhora,
No vosso regaço?
—Levo cravos e rosas,
P'ra vosso desenfado.
—Cravos em janeiro
São maravilha achados. —
A santa se humildou,
Seu regaço lhe amostrou,
Uma capella de rosas
Outra de cravos achou.
Um dia lhe aconteceu
Ir ó seu palacio pedir
Um pobresinho leproso
Com cinco chagas abertas;
Dizei-me, ó meu irmão,
Se vosso mal não tem cura?
—O meu mal não tem cura,
Nem será remediado;
Eu vos peço, Senhora,
Que por vossas santas mãos
Meu corpo seja lavado.—
A santa, que isto ouviu,
O' seu quarto o levou,
N'uma bacia de prata
Seu santo corpo lavou,
Com 'ma toalha bem fina
Seu santo corpo limpou,
Na cama onde el-rei dormia
Seu santo corpo deitou.
Um cavalleiro, que isto viu,
Foi mui triste e fatigado;
—Saiba Vossa Magestade,
Saiba Vossa Senhoria,
A Rainha minha Senhora
Pela clemencia que ousou,
Um pobresinho leproso
Na vossa cama o deitou.—
El-rei, que isto ouviu
Foi mui triste e fatigado:
—Basta ó minha senhora,
Pela clemencia que ousaes!
Um pobresinho leproso
Na nossa cama o deitaes. —
A santa, que isto ouviu,
Os seus olhos pôz no ceu,
Os seus joelhos na terra.
El-rei as corrediças correu,
Um senhor crucificado achou:
—Agora vos digo, senhora,
Minha c'roa podeis dar,
O meu thesouro empenhar,
Para dar aos peregrinos,
Que eu contente hei de ficar.
Em Saragoça nascida,
Em Eztremoz fallecida,
Nas freiras de Santa Clara
Enterrada.

(Campo Maior).

Santa Iria

Estando eu cosendo
Na minha almofoda,
Com agulha d'ouro
E dedal de prata,
Veio o cavalleiro
E pediu pousada.

Eu lhe respondi
Quə não governava,
Se meu pae lh'a desse
Estava bem dada;
Deu-lh'a minha mãe,
A casa roubada:
Era meia noite
Elle que passeava;
De tres que nós eramos
Só a mim levava;
A minha almofada
No cavallo prantava;
Por essas charnecas
El' me procurava
Como me chamava:
—Em casa de meu pae
Iria fidalga,
Por estas charnecas
Ai de mim! coitada!
—Por essas razões
Morres degolada.—
Do alfange puxava
E ali a matava;
Coberta de rosas
Ali a deixava;
Ao fim de nove annos
Elle ali passava:
—Linda pastorinha,
Que guardaes o gado,
Que ermida é aquella
Que está no silvado?
—E' Santa Iria
Bemaventurada
—E' Santa Iria,
Morreu degolada.
—Oh! Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Queiras perdoar-me,
Serei teu romeiro.
—Eu não te perdôo,
Cruel carniceiro,
Que me degolaste
Que nem um carneiro.
—Oh! Santa Iria!
Meu amor primeiro,
Se me perdoares
Serei teu romeiro.
—Se quer's te perdôe,
Com 'ma disciplina,
Com tres nós no cabo,
Um anno e um dia
S'rás disciplinado;
Finda a penintencia
Serás perdoado.

(Elvas).

Santa Magdalena

Padre nosso pequenino,
Quando Deus era menino,
Andava por esses mares,
Visitando os seus altares;
Encontrou a Magdalena.
Com seis varas de rigor,
Par' alimpar o Senhor;
—Tato, tato, Magdalena,
Não me queiras alimpar,
Que estas são as cinco chagas
Que por ti hão de passar,
E tenho aqui uma toalha
P'r' ás tuas lagrimas alimpar.
—Peço ó meu divino Senhor
Não me alimpe as minhas lagrimas
Choradas com tantas penas,
Com tantas penas choradas.
Peço ó meu divino Senhor
Que as deixe seccas em meu rosto,
Dentro do meu coração.
—Magdalena arrependida,
Seccas te ficarão,
No rosto e no coração.
Tu te irás a confessar,
Eu te darei gloria d'entendimento
P'ra que possas receber
O Santissimo Sacramento.
—Peço ó meu divino Senhor,
Por caminho da minha culpa,
Eu seja encaminhada.
—P'lo caminho das montanhas
Serás guardada,
Por um anjo do ceu
Acompanhada,
Irás ter a egreja
Da cruz do meu Calvario,
Que lá has de achar
Um confessor,
Sentado no confessionario,
O's pés d'elle te ajoelharás,
Signal da cruz lhe farás,
Salvé Rainha pequenina dirás:
—Salve Rainha pequenina,
Rosa sem espinhos,
Cravo do amor,
Aqui sou mandada
Por Nosso Senhor,
A confessar-me,
O Senhor me dá gloria
De entendimento,
P'ra que possa receber
O Santissimo Sacramento.—
O confessor lhe disse:
—Levanta-te, Magdalena,
Que 'stá feita a tua confissão,
N'esta hora te vou dar
A sagrada communhão.
Estão a descer dois anjos do ceu
A buscar-te em procissão,—
Depois que a communhão lhe deu,
E a benção lhe deitou,
Se *anomeou*
Em corpo e em vida,
Santa Magdalena
P'r' ó ceu vae subida.

(Aldeia de S. Vicente)

A. THOMAZ PIRES.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continúado de pag. 64)

DCCCXCVIII

Anoiteceu-me n'um bosque,
Do escuro fiz abrigo;
Abracei-me com as feras...
Julgando que era comtigo!

DCCCXCIX

Ausentou-se o jardineiro:
Seque-se a folha da rosa!
Quem dois amantes quer ter,
Nem d'um nem d'outro se gosa.

DCD

As telhas do teu telhado,
Uma d'ellas tem virtude:
Eu passei por lá doente,
Ellas me deram saude.

DCDI

Ahi vem n'o meu amor,
Que virá elle buscar?
Vem-me encher de saudades,
Pr'a me acabar de matar.

DCDII

Ahi vem n'o meu amor,
Que eu bem lhe conheço os passos;
Assim eu o conhecesse
Descançando em meus braços!

DCDIII

Ausente mas sempre firme,
Resolvido a não deixar-te;
Quanto mais ausente eu vivo,
Mais firme sou em amar-te!

DCDIV

As aguas do rio Douro
Correm todas para o norte.
O meu peito é um thezouro
Onde existe a pouca sorte.

DCDV

Coitada da minha mãe,
Que a trago enganada!
Ella julga que eu sou sua,
Eu sou do meu bem amada.

DCDVI

Eu tirei o teu retrato,
Inda o conservo no peito;
Agora, não quer sair
Nem á força nem por geito.

DCDVII

Eu ausente e tu ausente,
Dois ausentes que farão?
Eu ausente d'uma rosa,
Tu ausente d'um botão.

DCDVIII

Eu não sei que sympathia
Os meus olhos vão tomando:
Quanto mais para ti olho,
Mais desejo estar olhando.

DCDIX

Eu jurei, fiz juramento,
Na casca de a noz que é forte,
De não amar outros olhos;
Só os teus, até á morte!

DCDX

Eu amei uma casada:
Ella amava seu marido;
Ella ficou sendo honrada,
Eu fiquei sendo atrevido.

DCDXI

Levantei me um dia, cedo,
Fui a passear ao campo:
Encontrei o teu retrato
Na folha d'um lyrio branco.

DCDXII

Meu coração, em te vendo,
De alegria quer morrer!
Se imaginas que é fingido,
Abre meu peito, vem vêr.

DCDXIII

Nos altos montes agrestes
Vive alegre o lavrador
Zombando de quem arrasta
Os duros grilhões de amor.

DCDXIV

Os olhos do meu amor
São dois confeitos dourados...
Abertos são duas rosas!
Fechados são dois cuidados!

DCDXV

O meu amor é tão lindo
Que tira a vista ao sol!
Cada vez é mais bonito,
Vae do bom para o melhor.

DCDXVI

O meu amor é tão lindo
Como a rosa quando abre;
Toda a gente me o cobiça...
Nossa senhora me o guarde!

DCDXVII

O cypreste tem mil folhas,
E todas ellas abanam.
Mais vale feia e honrada,
Que bonita e com má fama.

DCDXVIII

O primeiro amor que eu tive,
Mandei-o... ao rosmaninho!
Esse que agora ahi tenho,
Já leva o mesmo caminho.

DCDXIX

O primeiro amor que eu tive,
Mandei-o .. á salsa verde!
Esse que agora ahi tenho,
Deixal-o de amar não hei-de.

DCDXX

Oh! meu lindo amor!
As penas que eu sinto!...
Fallo-te a verdade...
Quando te não minto!

DCDXXI

O meu delicado amor,
Quando das portas saiu,
Firmeza e lealdade,
Foi o que mais me pediu.

DCDXXII

O' Manuel, nome de Christo,
Nome que a Virg' adorou!
Qual será a creatura
Que tal nome desprezou?!

DCDXXIII

Quando te avistei, amor,
Dei um ai, tremeu o chão,
Recolheram-se as estrellas,
Crisou-se o sol, com paixão...

DCDXXIV

Quatro coisas quer o amo
Do creado que o serve:
Deitar tarde, erguer cedo,
Comer pouco, andar alegre.

DCDXXV

Quem mais do que outrem quer ser
Não faz bôa julgatura;
Todos nós somos eguaes
No centro da sepultura.

DCDXXVI

Quando meu bem 'steve
Preso na cadeia,
Lagrimas com pão
Era a minha ceia.

DCDXXVII

Que satisfação tão grande
Que eu tive no dia de hoje!
Ir a vêr o meu amor,
'Stando elle lá tão longe.

DCDXXVIII

Quando o piorno fôr doce,
E o fel não amargar,
Então, casarei comtigo...
Quando o lume não queimar!

DCDXXIX

Quero-te bem, tenho-te odio:
Olha amor a minha graça!
Quero-te bem porque és linda,
Tenho-te odio porque és falsa.

DCDXXX

Quero muito á minha sogra,
Mesmo debaixo do chão,
Que me deixou o seu filho
Para minha estimação.

DCDXXXI

Rua abaixo, ru'ácima,
Sempre de chapeo na mão,
Namorando as casadas,
Que as solteiras certas 'stão.

DCDXXXII

Retira-te, ó pomba branca,
Que anda o caçador na serra,
Com as armas carregadas:
Aonde aponta não erra.

DCDXXXIII

Sympathia natural
Me obriga a querer-te bem;
E's minh'alma, és minha vida,
Não adoro a mais ninguem!

DCDXXXIV

Sabes cantar e não cantas;
Juro que me has-de pagar!
Sabes cantigas bonitas,
Não me as queres ensinar!

DCDXXXV

Suspiros, ais e tormentos,
'Maginações e cuidados,
E' o manjar dos amantes
Quando vivem separados.

DCDXXXVI

'Stou ao pé do limoeiro,
'Stou á sombra e estou ao sol;
'Stou ao pé do meu amor,
Que não posso estar melhor.

DCDXXXVII

Se eu chegar a possuir
D'esses teus olhos as luzes,
Mais de quatro hão de ficar
Na bocca fazendo cruzes.

DCDXXXVIII

Se os meus ternos ais se ouvissem,
Dava mil a cada hora!
Ia pôr a mão no peito
De quem me alembrou agora.

DCDXXXIX

Se o muito amar é delicto,
Venha o juiz! que me prenda;
Abra as portas da cadeia,
Que eu não quero ter emenda!

DCDXL

Se morrer minha rival,
Já tenho o luto comprado:
Uma saia côr de rosa,
Um avental encarnado.

DCDXLI

Tenho corrido mil terras,
Cidades mais de quarenta;
Tenho visto caras lindas:
Só a tua me contenta!

DCDXLII

Todos os dias que eu passo
Sem vêr a minha querida,
Esses não entram em conta
Nos dias da minha vida.

DCDXLIII

Tendes os cabellos loiros
Pelas costas espalhados;
Parecem madeixas d'oiro
Com fios de prata atados.

DCDXLIV

Tu és seraphim sem fim,
Tu és fim que fim não tens;
Tu és fim que me dá fim,
Tu és fim que me entretens.

DCDXLV

Teus olhos pretos, zagaias,
São pretos e ramalhudos;
Parecem dois papagaios
Apesar de serem mudos.

DCDXLVI

Tenho dentro de meu peito,
Laranja, cidra e limão;
Para ter todas as fructas,
Falta-me o teu coração.

DCDXLVII

Tenho tantas saudades
De meu bem, que está lá longe!...
Não me dou a conhecer,
Mostro coração de bronze.

DCDXLVIII

Tenho tantas saudades
De meu bem, que não me esquece!
Quem me dera sempre vel-o,
Que elle nunca me aborrece.

DCDXLIX

Tens os dentes miudinhos
Como as pedrinhas de sal:
Lá ao longe me parecem
Migalhinhas de crystal.

DCDL

Uma setta fina, aguda,
Fere o peito a uma princeza.
Não se ausenta nem se muda
Quem no amor tem firmeza.

DCDLI

Venho da ilha dos vidros,
Da terra dos diamantes.
Lá d'esses mares salgados,
Por vêr teus olhos brilhantes.

DCDLII

Perguntei ás violetas
Se comtigo casaria?
Responderam-me que sim...
Oh! que feliz eu seria!...

DCDLIII

A banca de pau preto
Usa lindos aventaes.
Namorei-te muito tempo,
Já não te namoro mais.

(Continúa)
(Da tradição oral, em Serpa.)

M. DIAS NUNES.

PROVERBIOS & DICTOS

(Continuado de pag. 64)

CCCXVII

Tão bem se paga a quem bem fia, como a quem mal tece.

CCCXVIII

Costumou-se a velha aos bredos—lambe-lhe os dedos!

CCCXIX

Conforme a nau, assim a tormenta.

CCCXX

Cria o corvo, que elle te tirará os olhos.

CCCXXI

Casa sem homem, nem a candeia dá luz.

CCCXXII

Anno de ameixas—anno de queixas.

CCCXXIII

Amigos, amigos, negocios á parte.

CCCXXIV

Amigo reconciliado, nunca d'elle bom boccado.

CCCXXV

Flôr ao peito—asno direito.

CCCXXVI

Quem tem medo, recolhe p'ra casa cedo.

CCCXXVII

Quem tem medo compra um cão.

CCCXXVIII

Quando o negocio vae *malo*, tabaqueal-o!

CCCXXIX

Quem ceia vinho, almoça agua.

CCCXXX

Encommendas sem dinheiro esquecem no caminho.

CCCXXXI

Casas, compral-as feitas.

CCCXXXII

Com homem perdido ninguem se metta.

CCCXXXIII

O olho do dono engorda o cavallo.

CCCXXXIV

O olho do mestre é regua.

CCCXXXV

Onde te conhecem, logar te fazem.

CCCXXXVI

Ouro é o que ouro vale.

CCCXXXVII

O muito chover é signal de escampar.

CCCXXXVIII

D'uma asneira nasce um cento.

CCCXXXIX

Musica, com baba; latim, com barbas.

CCCXL

Mondar e chover — dinheiro a perder.

CCCXLI

Quem mais perto está do lume, mais depressa se aquece.

CCCXLII

Quem diz o que quer, ouve o que não quer.

CCCXLIII

Quem não póde, trapaceia.

CCCXLIV

Quem mal não usa, mal não cuida.

CCCXLV

Quem tem quem o chore, todos os dias morre.

CCCXLVI

Peor está o rôto do que o descosido.

CCCXLVII

P'ra mal acompanhado, vale mais andar só.

CCCXLVIII

A escova da loja é a mão do caixeiro.

CCCXLIX

Enriquece quem Deus quer; quem trabalha tem que comer.

CCCL

Esmolou S. Matheus — esmolou pelos seus.

CCCLI

Quem tem pão e dinheiro, não lhe falta mancebo.

CCCLII

Quem tem padrinho, baptisa-se, e quem o não tem morre moiro.

CCCLIII

O futuro, a Deus pertence.

CCCLIV

O que não tem remedio, remediado está.

CCCLV

Cria fama e deita-te a dormir.

CCCLVI

Não deixes o certo pelo duvidoso.

CCCLVII

A má hora não ladram cães.

CCCLVIII

Janeiro fóra, — uma hora.

CCCLIX

Mais puxam duas tetas, que duas cordas de carreta.

CCCLX

De *Petrus* a *Martes* poucas vão n'as artes.

(Continua)

(Da tradição oral, em Serpa)

M. DIAS NUNES.

PHARMACIA PIRES

DEPOSITO

De fundas, meias elasticas, de linho, algodão, seda, algalias, muletas, **barometros**, pesa-licores e outros, capsulas de porcelana, ditas de ferro esmaltado, ditas para garrafas, copos graduados, cintos elasticos, urinoes de borracha, tubo de borracha, douches, ligaduras de gaze, ditas de borracha, mamadeiras, instrumentos cirurgicos, ditos para dentista, espatulas, suspensorios de nosso fabrico, penso de Lister, perfumes, apparelhos para agua-gazoza, goteiras para fracturas, olhos de crystal para bordado, imagem, ditos humanos, balões para oxigenio, almofadas com ar, pulverisadores, seringas diversas, escovas para dentes, ditas para fricção.

124, RUA DOS FANQUEIROS, 126

— LISBOA —

BIBLIOTHECA INFANTIL

Directora — MARIA VELLEDA

PRIMEIRO VOLUME — CÔR DE ROSA

(CONTOS PARA CREANÇAS)

A BIBLIOTHECA INFANTIL, destinada a recrear essas deliciosas cabecinhas loiras, que fazem a poetica alegria de cada lar, não se apresenta em ares de velha pedagôga, não traz na sua bagagem a farrapice da pretenção. Muito sorridente, muito carinhosa, como convem a uma boa e devotada amiga dos pequeninos, ella não quer outra coisa que não seja insinuar-se docemente no espirito dos seus leitorsinhos, desviar-lhes por momentos a attenção dos fatigantes trabalhos escolares, preparal-os, por meio de um aproveitavel e confortado descanço para a continuação da labuta diaria, onde reflorirá, de quando em quando, a recordação da historia lida, dos versos decorados, junto da mamã, á hora repousada do serão. A's mães amantissimas recommendamos esta publicação, segura dos attrahentes resultados que ella produzirá no espirito dos queridos pequeninos.

Condições da publicação

Contos populares, ouvidos aqui e acolá, ou simplesmente pequenas historias creadas pela inventiva da directora d'esta publicação, a BIBLIOTHECA INFANTIL fará sahir um volume por anno, dividido em 12 fasciculos independentes, de 24 paginas cada fasciculo, em formato decimo sexto, impressos nitidamente sobre finissimo papel Publicar-se-ha regularmente um fasciculo por mez. Cada volume terá seu titulo differente, sendo **Côr de rosa** o do primeiro

Condições de assignatura

A assignatura far-se-ha por séries de 6 fasciculos, ao preço de **360** réis cada série. O volume completo (12 fasciculos), para os não assignantes, custará **900** réis.

Redacção e administração - SERPA

ANNO IV

VOLUME IV

N.º 6

SERPA, Junho de 1902

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio

Porto — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44

Coimbra — Livraria França Amado

Summario:

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Diaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.),* ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 6 SERPA, Junho de 1902 Volume IV

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

ETHNOGRAPHIA AFRICANA

A moral entre os cafres

A MULHER, entre os cafres, em geral, não é o ente fragil e idilico, vaporoso e ethéreo, cásto e puro que nós nos acostumamos a honrar e a respeitar desde o berço, nas pessoas de nossas irmãs e mãe, até á mulher a quem mais tarde chamamos esposa e ligamos a nós de um modo affectivo e indissoluvel.

A mulher, virgem ou mãe, é para o preto apenas duas coisas profundamente praticas e positivas. Uma, a machina que trabalha; outra, o capital: mas capital muito mais apreciavel do que qualquer outro, porque se reproduz pela fecundação.

D'este modo de ver e sentir resulta uma coisa muito natural: o relaxamento da moral social, e o desprezo pela propria dignidade.

A moral das pretas é uma coisa accommodaticia e utilitaria.

Por lá não se attende a isso a que cá chamamos decoro, pudicicia e virgindade: e ha o mais soberano desprezo por essa matronaça a quem chamamos moral publica.

A rapariga virgem, póde entregar-se, seja em que edade fôr, áquelle que mais lhe agrade ou que mais artes tenha para a captivar.

A *sociedade* finge que não vê nem sabe, e os paes só lhe exigem uma coisa — que não fecunde. Porque?

Porque a fecundação desvalorisa o capital. Nada mais.

A rapariga, ou a mulher que se deixou polluir por um homem, póde entregar-se a tantos quantos quizer. Póde ir mesmo até á prostituição.

Perigo para os Lovelaces só o ha, quando teem a infelicidade de deixar vestigios da sua libertinagem, isto é, quando apparece um filho. Quando tal se dá, surgem então dos arcanos d'aquellas almas de lama, pruridos de brio e de dignidade offendida, que para quem bem os conhece é motivo para estoirar de riso; mas que no entanto se consideram justos e ponderaveis.

Os clamores de indignação surgem de todos os lados, e os *pobres* paes da *victima* procuram com encarniçamento o seductor.

Se o *D. Juan* é conhecido, o caso é de uma simplicidade extrema; mas se teem sido muitos, as responsabilidades são difficeis de apurar. Mas então é frequente a *victima* combinar-se com o pae *desolado* e apontar o seductor.

O alvejado reclama, recalcitra; mas os paes da rapariga appellam para o *milando*—especie de questão judicial—e então é que não ha volta a dar-lhe.

Accusadores e accusado, victima e

testemunhas, lá vão todos de roldão para casa do juiz, que antigamente era o regulo, e hoje são as nossas auctoridades.

Cada uma das partes paga uma libra ou meia libra — em Lourenço Marques a lei estipula uma libra—e começa a audiencia.

Falam primeiro os paes da rapariga, em seguida o accusado, e depois as testemunhas.

Se d'estes interrogatorios resulta a certeza do crime—que n'estes casos é o reconhecimento da paternidade—a lei é logo applicada.

N'estes casos, o depoimento das testemunhas é a ultima instancia; e do que d'ellas se apura não ha que appellar.

Esta especie de *milandos* é muito litigiosa; e occasiões ha, em que, os debates duram quatro, cinco e seis dias; principalmente quando as relações illicitas teem tido logar com mais de um individuo.

O que sempre ha, é uma condemnação, e esta recae por inteiro e completo n'um só individuo, se não se apura que houve outro *criminoso;* ou sobre mais de um individuo, quando se prove ou presuma que são egualmente culpados.

Embora o juiz seja qualquer auctoridade nossa, a lei a applicar é a prevista e em vigor no *codigo* cafreal.

Para esta especie de *crimes* não ha prisão; mas tão sómente uma indemnisação em dinheiro, que é de cinco libras se o criminoso renuncia á posse do fructo dos seus amores, isto é, ao filho nascido ou a nascer; e de dez libras, se declara querer tomar posse do pimpôlho.

Tambem o condemnado póde declarar querer casar com a victima; n'este caso está primeiro do que ninguem—quanto ao casamento está claro; mas tem logo de pagar a multa de cinco libras, ficando a posse definitiva da mulher, para quando com os paes da mesma se entender a respeito do custo total e modo do pagamento.

O condemnado quasi sempre quer ficar com a mulher e com o filho; porque, se apenas acceita a multa de cinco libras, perde o direito á mulher e ao creanço, e se acceita a multa de dez libras, fica é certo com a creança, que logo lhe será um empecilho, e no futuro pôde ser um encargo, pois que se fôr rapaz, fica na obrigação, logo que elle chegue á edade de casar, de lhe dar o dinheiro para a compra da mulher.

Ora, se elle receber como *esposa* a victima, paga é certo vinte ou vinte e cinco libras, mas fica com a machina de trabalho e mais com o capital de multiplicação garantida pela sua fecundidade.

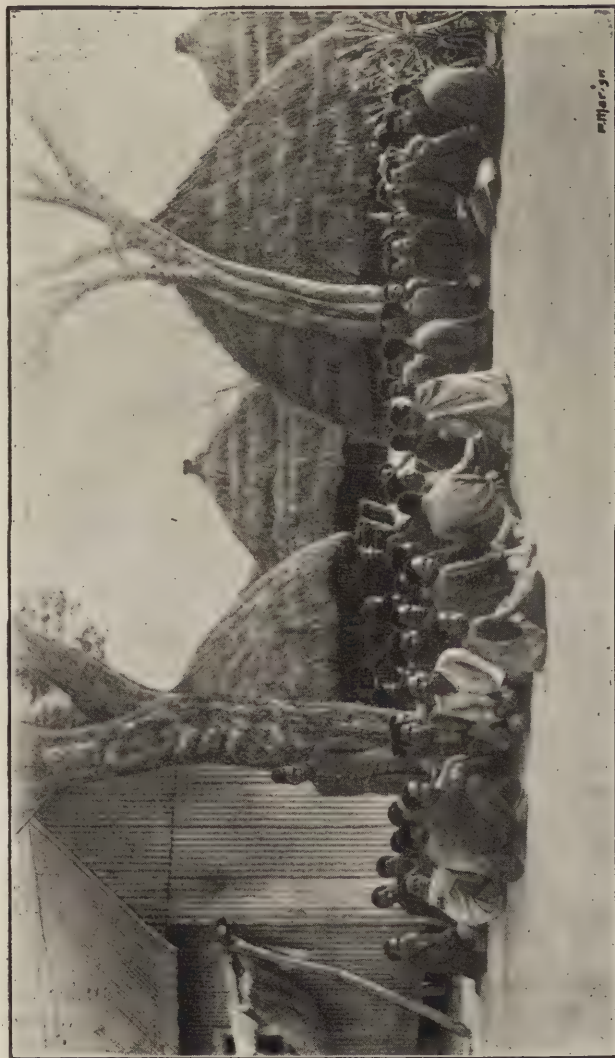
O adulterio entre os cafres, tambem é materia corrente, e sanavel a sua mancha com o pagamento de mais ou menos libras, conforme se prova se houve voluntariedade ou violencia.

O que causa verdadeiro espanto em nós, filhos de uma civilisação toda cheia de miticulosidades em pontos de honra, é o contraste que se nota no aspecto do offendido e da multidão, antes do *milando* e durante elle, e o aspecto que apresentam depois da resolução do mesmo.

Antes e no proprio acto do *milando* ha esgares horripilantes, ameaças expressivas, revoltas ferinas, imprecações bestiaes. Depois, quando as libras *cantam* nas mãos do *offendido*, ha sorrisos ternos, abraços amigaveis, confidencias intimas; emfim, uma tão grande manifestação de jubilo que attinge o delirio, chegando queixosos, culpado e a *sociedade*, a ficar tudo bebedissimo.

E para o futuro... amigos como d'antes.

Tendo vindo falando da moral dos cafres, e tendo explicado o modo como são considerados e punidos os crimes de violação e adulterio, resta-nos falar do crime de incésto, por ser aquelle que mais repugna não só á nossa moral, senão tambem á nossa consciencia, mas que infelizmente,

COSTUMES & PERSPECTIVAS

(Cliché de **Miguel Paes***)*

Pretos trabalhadores na machamba de Intabine

oh! aberração da besta humana! tão frequente é entre nós.

Que saibamos, o incésto entre os cafres, só se dá entre irmão e cunhada, ou entre cunhado e irmã; e o *direito* cafre sancciona-o e auctorisa-o como sendo a coisa mais natural do mundo.

A mulher, é uma cousa transmissivel; como tal passa aos herdeiros do defunto, e estes por sua vez exercem sobre ella todos os direitos, até o da *pósse*. Se ha entre os dois o grão de primos, não é isso tomado em nenhuma conta.

No emtanto apesar d'esta moral relaxadissima, que como se vê existe entre os pretos, ha no entanto duas especies de incesto que eu nunca vi commetter aos pretos, embora procedesse a minuciosas investigações.

E' o que se dá entre pae e filha, entre mãe e filho ou entre irmãos.

Os laços directos da consanguinidade merecem entre elles um respeito profundo.

Para terminar, e como parte utilitaria e que não convem esquecer, temos a dizer aos nossos caros leitores o seguinte:

Se alguma vez a desgraça os levar ás plagas africanas não pensem em disputar primazias com os pretos em questões de galanteios, nem tentem querer gosar dos seus direitos.

O que entre pretos passa como coisa natural e corrente, em questões de amores, attinge as proporções de verdadeiro attentado e nefando crime quando praticado por brancos.

O preto tolera ao branco a pancadaria, o improperio e o insulto. O que não tolera são as libertinagens com as suas mulheres ou filhos.

O mais que é permittido ao branco é *casar* com uma rapariga preta segundo o direito cafreal; mas o que nunca pode é apresentar reclamações ou queixas, quer a auctoridades brancas, quer a auctoridades pretas sobre tal assumpto, e principalmente se se trata de reclamações que visem a reembolsar do dinheiro dado.

Quando tal se dá, ou são aggredidos pelos pretos, ou são punidos pelos brancos.

MIGUEL PAES.

MODAS - ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Lá vae o balão ao ar

Lá vae o balão ao ar!
Se elle vae, deixal-o ir!
Ajuntem-se as moças todas
Para verem o balão subir.

Para verem o balão subir,
Para verem o balão baixar·
Ausentou-se o meu amor,
Já não ha quem saiba amar!

Serpa.

M. DIAS NUNES.

Abril e o mez que ha-de vir

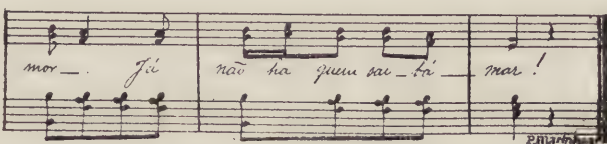
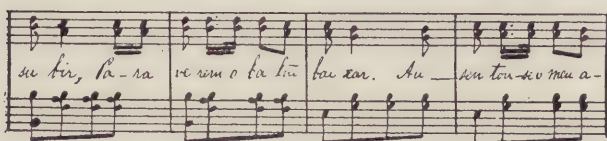
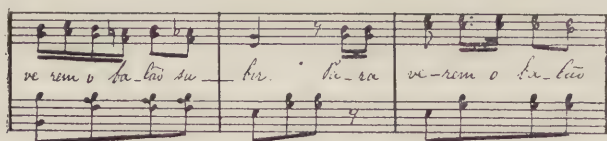
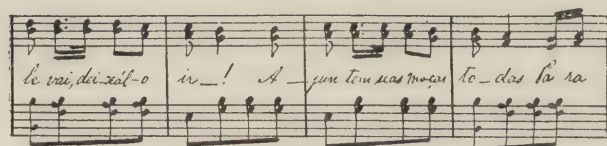
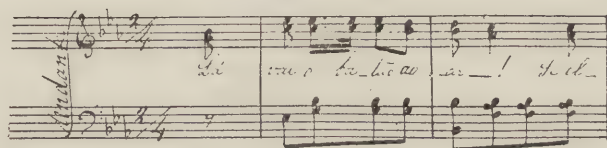
Lá diz o dictado:—«cada terra com seu uso». Nada mais legitimo, decerto. Todavia, os usos de certas povoações são, ás vezes, o Génesis de alguma historia-cabrion, com que máus visinhos de ao pé da porta as perseguem e atiçam.

Todos nós conhecemos várias anedoctas d'este genero, que correm mundo e se transmittem de páis a filhos, com gaudio dos narradores e manifesto despeito das gentes escarnecidas.

Ainda ha bem pouco tempo, o sr. Ludovico de Menezes, auctor de uns pamphletos que pretendem verberar os ridiculos do Algarve, (o meu lindo Algarve, florido, luminoso, ideal!) se referiu nos seus livrinhos á estafadissima *blague* dos orgãos de Olhão, terra que tem sido dêsde tempos

CANCIONEIRO MUSICAL

VI

LÁ VAE O BALÃO AO AR!

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(DESCANTE)

immemoriaes, — e não sei porquê, afinal... — o arre-burrinho de todos os outros algarvios. Esta lenda, a que se conta de Lagôa, e ainda outra que faz o desespero dos habitantes de Porches, são já tão conhecidas que — de Melgaço ao Cabo de S. Vicente — ninguem por sem dúvida as ignora. Mas ha outras menos vulgarisadas, e entre ellas, uma que supponho inédita.

Refiro-a porque — longe de offender os brios dos lacobringenses, para arrelia de quem a *blague* foi expressamente creada,—referi-l'a é o mesmo que demonstrar quanto a historica cidade é honesta.

O caso, dizem, passou-se assim:

Em Lagos, como em outros pontos do paiz, usava-se, no dia primeiro de maio, entrajar creanças ou mesmo adultos a capricho, quási sempre adornados com flores, a symbolisar o mez olorante que chegava, trazendo no regaço o poema da mocidade e a scintillante palheta dos matizes. Lagos — a opulenta e nobre Lagos — não se contentava, porém, só com flores. Lagos tirava dos seus *écrins* as joias mais preciosas e com ellas estrellava o peito, os cabellos, os braços, os vestidos de um rapaz e uma rapariga, que estavam todo o dia em exposição e a quem se dava o nome de «namorados de maio».

O costume promettia eternisar-se; mas, em hora nefasta — não ha bem que sempre dure.... — certos «namorados de maio» cuja consciencia não andava muito mana com os preceitos da honra e os dictames do dever, acharam que o oiro de que os haviam arreado, brilhava mais ao sol da liberdade do que na treva dos seus ergástulos de setim... E vae... safáram-se com elle!

Imagine-se o desespero dos lacobringenses, encontrando-se esbulhados das suas joias e expostos ás chufas dos satyricos! Mas a honra, a sua rica honra manchada por dois filhos sem gratidão nem escrupulos, ainda os fazia padecer mais. Tomáram tal quizilia ao mez das flores, que resolveram deixar de pronunciar-lhe o execrado nome. Maio, para elles, ficou sendo uma hypothese; e se quizerem ver Lagos zangada, é perguntar-se-lhe por Abril «e o mez que ha-de vir».

Quando eu era creança, e mesmo nos primeiros annos da minha mocidade, o primeiro de maio festejava-se differentemente do que hoje sóe festejar-se.

Citava-se muito aquelle costume (?) de «atacar o maio», que tinha uma significação algo carnavalesca. Na véspera, á noitinha, em muitas casas se trabalhava activamente, confeccionando ramalhetes atados com laços de fita, e cujo núcleo era... uma rolha! Estes ramalhetes mandavam-se de presente ás amigas, aos namorados... era um delirio! As esposas mettiam uma rolha na algibeira dos maridos; e rapaz que se aventurasse a ir de visita a casa onde houvesse uma ou mais meninas, era sabido que lhe introduziriam subrepticiamente no bolso do frac, a tradicional rolha hilariantissima...

As creanças — essas — tinham a sua *rolha* especial. Quem me dera no tempo em que minha mãe, ao abrir da madrugada, deslisava como uma sombra ao rez do meu leito, escondendo entre os lençoes o cartucho de amendoas, com que eu *atacaria o maio*, apenas despertasse...!

As raparigas do povo, então, arranjavam uns monos (o travesseiro da cama é que geralmente servia para a brincadeira) á guiza de camponezas, de saia, casaco e chapeu *na cabeça*, tudo enfeitado a flores, e que punham á janella ou ao postigo da porta. E a petizada, doida de alegria, exclamava: — Olha *o maio*!

As mamãs vestiam *de maio* os seus bébés, as professoras as discipulas preferidas.

No collegio que frequentei dos tres aos seis annos, a directora (D. Josepha Leiria — santa creatura!) levava-

nos todas a passeio; e á tarde, estando uma vestida *de maio*, — honra que me coube por mais de uma vez, — distribuia-nos doces e deixava-nos brincar em completa liberdade. Era a festa das creanças, da alegria e do amor.

Depois que estabeleci residencia no Alemtejo, tenho notado um dia que, no Algarve, me passára sempre despercebido — o da *Cruz de maio*, em que adornam piedosamente com grinaldas as cruzes dos caminhos.

Segundo me referiu uma illustre senhora de Serpa, que conhece muito a fundo as usanças tradicionaes dos povos convisinhos, uns situados na fronteira, outros já em plena terra espanhola, o dia da *Cruz de maio* foi, tempos atraz, especialmente consagrado.

Sobretudo na Espanha, a dentro de cada lar, fazia-se uma festa interessante. A cruz era adornada com joias, todas as joias da familia, que se despojava d'ellas e as substituia por flores. As raparigas vestiam-se com os trajes tradicionaes de suas avós, e era assim que recebiam as visitas da praxe, na sala onde a Cruz abria os seus braços artisticamente enleados com oiro e pedrarias. As taças de café aromatico, as bandejas de bolos circulavam. E á noite dançava-se animadamente, tudo em honra e para gloria da Cruz.

Ainda hoje em Serpa e nas aldeias dos arredores, se festeja com bailes e descantes o dia tres de maio.

Abençoado o povo! Que poesia, que doce poesia nas suas formosas e brancas tradições!

MARIA VELLEDA.

A FREIRA E O DIABO

(Concluido de pag. 75)

169. Diz: «para que coma
«não hé o convite,
«para que vomite
«será talvez.

173. Eu respondi-lhe:
«isso assim enjoa,
«que cousa boa
«certo não hé.

177. Diz: «mas será
«para que cante
«com voz galante
«hum minuete.

181. «Não sei cantar,
disse enfadada;
e elle «não he nada
«cantará bem.

185. «Hum tal compaço
«lá lhe levantão
«que todos cantão
«sol fá mi ré.

189. «Madre Thereza
«aparelhar,
«que ha-de cantar,
«em que lhe peze.

193. Eu fui andando
sem dar mais fala
e n'uma sala
escura entrei.

197. Clerigos tristes
vi com más pelles;
diante d'elles
ajoelhei.

201. Fui proguntada
com vós que espanta,
se eu era santa,
não lh'o neguei.

205. Dei por testigo
sem mais medulas,
vendia bullas
por dois vintêis.

209. Disse o milagre
do enforcado

tão celebrado
como entremez.

213. Só na garganta
tinha o baraço
feito n'um laço
e eu lho cortei.

217. De huma senhora,
que enviuvara
e que ignorara
sua prenhez.

221. Disse que eu fora,
quem lho dicera
e que a tal era
Dona Izabel.

225. Outros milagres,
que são patentes,
e as mais das gentes
sabem mui bem.

229. Relatei todos
porém os clerigos,
como galegos,
não querem crer.

233. Ao preguiceiro
logo me atarão
e me apertarão
bem os cordeis.

237. Tal cordalejo [1]
ali me derão,
que me fizerão
esmorecer.

241. Neste trabalho,
o que vos toca,
por couza pouca
só vos direi.

245. Por que he bem saibão
as creaturas
as diabrubras
que eu sei fazer.

249. Que de sette annos,
disse sem gabo,
vira o Diabo
n'um bode em pé.

253. E de então tive
com elle trato,
mas não com pacto,
por que o neguei.

257. Disse que eu fora
n'esse Convento
o instrumento
de Lucifer.

261. Porque a vós todas
as beatinhas,
com toalhinhas
vos enganei.

265. E que a soberba
eu a incinava
e a aconcelhava
como de Ley.

269. Que as de capelo
as desprezasse
e que as tratasse
com altivez.

273. Disse da freira,
de que as formigas
erão inimigas
e eu desterrei.

277. Pois quando eu mando
tudo obedece
e não se esquece
de obedecer.

281. Mas as baratas,
que á do Capelo,
eu com disvello
deixar fiquei.

285. Tambem lá disse
e esta pirraça
tem sua graça
e hum certo quê.

289. Disse que eu fôra,
quem por travessa
a huma abadessa
a morte dei.

293. E outra matava,
sem piedade,
se falta o frade
de Sacavem

297. Que á Portugal
de alguma sorte

---

[1] «Reprehensão aspera, forte, desabrida. Deriva-se do *aperto que faz o cordel nos tratos*, ou a corda». Diccionario da Lingua Portugueza (anonymo), 1769. Manuscripto n.º2120 do Archivo Nacional.

á sua morte
cooperei.

301. A oposição
que ella fazia,
ao que eu dizia,
tudo isto fez.

305. Disse que eu sempre
patrocinára
a quem amára
Luis Quifel.

309. Que eu fôra a capa
de seus amores
e outras peyores
se podem ler.

313. Disse que a um frade,
que hé mui garrido,
mui presumido,
queria eu bem.

317. E amára a outro,
que previnia
na Sachristia
hum certo quê.

321. Disto infirirão,
que feiticeira
e alcoviteira
eu vinha a ser.

325. Mas os feitiços
que eu os fizera
nem que eu os dera,
não o neguei.

329. A hum dos frades
que o meo retrato,
com bom recato,
quis esconder,

333. Clerigos tristes
lho apanharão
e lho queimarão,
não sei porquê.

337. Hum dos meos dentes,
que hum reliquario
n'um santuario
guardava bem,

341. Lança hum Ministro
com confiança,
onde se lança
o descomer.

345. Sempre me lembra,
que o sentira,
se isto hoje vira
Frey Manoel,

349. De Deus era elle
isto dizemos
e não sabemos
de quem hoje hé.

353. Elle me honrava
com grave intento,
que mandamento
era da lei.

357. Deves-me tudo
em boa hora,
que se eu não fora
elle não hé.

361. Do feito, e dito
desse convento,
com mao intento
me retratei.

365. Mas o retrato
tende entendido,
que hé parecido
a Lucifer.

369. Nossas manicas (?)
que eu do pecado,
tinha livrado
por comprazer.

373. Basta de graça,
porque os senhores
Inquizidores
em tal creem.

377. Traçado tinha
ser inda agora
reformadora
dessa lister.

381. Mas S. Bernardo
assim castiga
huma inimiga
de sua fée!

385. Fez dar-me tratos
de tão boa sorte,
que hera huma morte
cada cordel.

389. Fez dar-me asoites,
que por apostas

a tras das costas
sempre os deitei.

393. Mas o que sinto
com mais fadiga,
hé a cantiga
que se me fes.

397. Dá-me esta pena
hum tal cornudo,
que só o agudo
nos cornos tem.

401. Eu quero a trunfa
da carapinha,
porque á carinha
me ha-de estar bem.

405. E que ma ponhão
o ponto está,
antes que eu vá
a S. Thomé.

409. Não disse o pacto,
que tenho feito
dentro em meu peito
com Lucifer.

413. Alegrão novo
raro e jucundo
darey ao mundo
d'aqui a hum mez.

417. Qual barboleta
que ao fogo corre
e n'elle morre,
eu hei-de ser.

421. Se eu advinho
ou se eu me engano,
dentro de hum anno
vos o vereis.

Arch. Nacional. — lod. 1048, pag. 14.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

LENDAS & ROMANCES

Santo Antonio

Estando Santo Antonio em Padua,
A pregar o seu sermão,
Veio um anjo, que Deus mandou,
A trazer-lhe a embaixada:
—Tu, Antonio, podes crer
Que teu pae vae padecer,
D'uma morte innocente.
. . . .
E pediu uma Ave-Maria,
No meio do seu sermão,
E foi á Sé de Lisboa.
Vio aquelle acto de gente :
—Aonde vae esse homem,
Esse homem innocente?
—Esse homem é culpado,
Porque outro elle matou,
E para maior signal
No seu quintal o enterrou.
—Vamos onde está o morto:
«Levanta-te, homem morto,
Da parte do Omnipotente,
E desengana esta gente,
E diz quem te matou.»
—Este homem não me matou,
Nem d'elle tenho signaes,
Mas um que mal me queria,
E na companhia o levaes;
Não quer o meu sagrado Messias
Que eu já descubra mais.
—O' meu padre reverendo,
Dizei-me aonde moraes,
Que vos quero ir visitar,
Já que não presto p'ra mais.
—Admira-me, pae meu,
Não conhecer um filho seu,
Que lhe chamaram Fernando,
E lhe mudaram o nome p'r' Antonio,
Para o livrar do demonio,
Que sempre o andava attentando.
—O' meu filho tão amado,
O' meu filho tão querido,
Que me livraste da morte
Sem eu te ter conhecido.
—Pae, dei-me a sua benção,
De dentro do seu coração,
Que tenho de ir para Padoa
Acabar o meu sermão,
Que aquelles que lá estão
Já em falta me acharão.

(Elvas.)

Santo Antonio

(Variante do romance anterior)

Estando o padre Santo Antonio
Aprégando o seu sermão,
Veio um anjo lá do ceu
Que o vinha converter:
—Tu, Antonio estás aqui,
E tu não quererás crer,
Christo te manda dizer:
O teu pae vae a morrer.—
Santo Antonio, que isto ouviu,
A Ave Maria pediu.
Foi logo direito á corte.
. . . .
. . . .
Justiça com toda a gente:
—Onde levaes esse homem
Padecer tão innocente?

—Este homem vae a morrer
Por outro que elle matou,
Testemunhas o juraram,
No quintal o enterrou.
—Vamos a esse quintal
Onde esse homem morto está.—
Santo Antonio benzeu a terra.
....
....
—Levanta-te homem morto,
Com graça do Omnipotente,
Diz lá quem te matou,
Desengana esta gente!—
O morto se alevantou,
Deitou olhos ao senado:
—Esse homem não me matou,
Nem d'elle dou signal,
Na companhia levaes
Quem me fez todo o mal!
—Peço, p'la Virgem Sagrada,
Que não descubras mais,
Que venho aqui p'ra livrar,
Não venho p'ra condemnar.
—Dizei-me, ó reverendo padre,
Onde é o vosso convento,
Que vos quero ir visitar.
—O meu convento é em Padua,
Não podeis lá chegar,
Mas quero que reconheças
O vosso filho Fernando,
Que mudou nome p'r'Antonio,
P'ra se livrar do demonio,
Que sempre o andava atentando.
Deixai-me ir, ó meu pae,
Acabar o meu sermão,
Que deixei aquella gente
Toda posta em oração.
—Ditoso de um tal pae,
Que tem um filho d'esta sorte,
Vem de Padua a Lisbea
A livrar o pae da morte.

(Elvas.)

Confissão da Mãe de Deus

A Virgem se confessou
D'uma manhã p'ra um domingo,
Não foi por levar peccados,
Nem por os ter commettido,
Foi por guardar o preceito
Ao seu bemdito filho.
—O' senhor padre de missa,
De confissão me queira ouvir,
Que eu venho embaraçada,
Em vesperas de parir—.
O padre se assentava,
E a donzella se ajoelhava,
E o ventre que ella levava
A todo o mundo allumiava.
—Não se assuste, ó meu padre,
Que isto são os mysterios
Da Santissima Trindade.
O' senhor padre de missa,
Comecemos p'los mandamentos:
Primeiro, quem amei
Foi um Divino Senhor,
Que o trago no meu ventre,
Criado ao meu favor;
Segundo é guardar
Os dias que de Deus são,
A vinte cinco de março
Tive grande occupação;
Terceiro desejei
Ser criada de menor,
Sou um espelho cristallino,
Mãe do Divino Sol;
Quarto é honrar
A nosso pae, mais que a nós,
Eu não sei se fiz offensa
Em chamar a Jesus por vós;
Quinto já matei
Um demonio infernal,
Concebi o meu filho
Sem peccado original.
O' senhor padre de missa,
A confissão já 'stá feita,
Lhe peço por caridade
Me d'eite a *assolvição.*
—Levantae-vos, pomba branca,
Espelho cristallino,
Todo o seu bem se encerra
Inté no verbo Divino.
—Fique-se com Deus, ó meu padre
Que eu cá vou p'ra Belem,
Vou parir o meu filho
Par' amparo de todo o bem.

(Elvas).

O Natal

Lá na noite de natal,
Noite de tanta alegria,
Caminhava S. José,
Mais a Virgem Maria.
Caminhavam p'ra Belem,
P'ra là chegarem de dia.
Quando elles lá chegaram
Já meia noite seria,
S. José foi buscar lume,
P'r'áquecer a Virgem Maria.
Quando S. José chegou
Já Jesus era nascido,
Nasceu n'uns pobres portaes,
Que nem uns paninhos tinha.
Ella lançou mãos á cabeça
A uma touquinha que trazia,
E fel-a em quatro pedaços,
E o menino Deus cobria.
Veio um anjo lá do céu,
Lindos paninhos lhe trazia,
Uns bordados a ouro,
Outros a cambraia fina,
Que mandava o Pae Eterno,
Para a Virgem Maria.
Foi o anjo para o céu,
Cantando a Ave Maria,
Lá no céu lhe perguntavam,
Como ficou Maria.
—Maria ficou boa,
Na sua cella recolhida,
Que lhe a fez S. José,
Com a sua carpintaria,
Do mando do Pae Eterno,
Por ser para a Virgem Maria.—

Gloria seja a Deus Padre,
A Deus Filho tambem,
Gloria seja ao Espirito Santo,
Para todo o sempre amen.

(Elvas)

Os Santos Reis

— Quaes foram os tres cavalleiros
Que fizeram sombra no mar?
— Foram os tres do *loriente*
Que a Jesus foram buscar;
Foram-n'o achar em Belem
Revestido no altar;
Estava dizendo missa nova,
Missa nova quer cantar;
S. João ajuda á missa,
S. Pedro muda o *missar*;
Com trinta mil almas á roda,
Todas estão por commungar;
Depois que a communhão deu
P'r'ó céo as foi a *luvar*.

(Aldeia de S. Vicente)

Os Reis Magos

(Variante do romance anterior)

—Quaes foram os tres reis magos
Que fizeram sombra no mar?
—São os tres do Oriente,
Que a Jesus vem adorar,
Não procuram por pousada,
Nem *adonde* hão de ir pousar,
Procuram por Jesus Christo,
Onde o hão de ir achar?
Foram-n'o achar em Roma
Revestido no altar,
S. Pedro ajuda á missa,
S. João muda o missal,
Missa nova quer dizer,
Missa nova quer cantar.

(Aldeia de Santa Eulalia).

Os tres Reis

(2.ª variante de *Os Santos Reis*)

—Quaes são os tres cavalleiros
Que fazem sombra no mar?
—São os tres do Oriente
Que a Jesus vem procurar,
Não *próguntam* por pousada,
Nem aonde irem parar,
Próguntam por Jesus Christo,
Adonde o irão achar?
Por uma estrella guiados
Foram a achar em Belem;
A Virgem e nove mil annos
Nos léve p'r'ó ceu, amen.

Juromenha.

LCI

Os tres Reis

(3.ª variante de *Os Santos Reis*)

Já os reis magos chegaram
A' porta do Oriente,
Oh! meu Deus omnipotente,
Vão p'r' uma estrella guiada;
A Belem foram postar
Onde S. José estava;
S. José quando viu
Tres reis em sua pousada,
Su alma ficou *truvada*.
—Esse menino quem é?
—E' o filho de Maria,
Que ella nossa mãe é.
—Aceitae-nos como reis,
Elles estrangeiros são,
Dá lhe myrrha e incenso,
Tira-lh'o do coração.

(Elvas).

A Mãe de Deus do Rosario

A Mãe de Deus do Rosario
Mais a da Conceição,
Ajuntaram-se ellas ambas,
Foram d'aqui a Marvão.
Lá no meio do caminho
Pediu o Menino pão:
Abriu-se uma fontinha
De pau de manjaricão.
Foram lá mais para diante
Pediu o Menino agua:
Abriu-se uma fontinha
De manjarona sagrada.

(Campo Maior).

Deus me leve em corpo e alma

Deus me leve em corpo e alma.
Quando n'esta egreja entrei
Vi a Santissima Virgem
Vestida d'oiro fino,
C' o seu bento filho ao lado.
E elle lhe perguntava:
—Minha Santissima Mãe,
Dormis ou velaes?
—Eu, meu bemdito filho,
Nem durmo nem velo,
Vós me arrecordaes,
Esta noite sonhei um sonho,
Um sonho bem sonhado,
Que estava o meu bento filho
N'uma cruz encravado.
—Minha mãe, assim será.
Minha mãe, assim seria.
....

(Campo Maior).

A. THOMAZ PIRES.

A INSTRUCÇÃO EM SERPA

Já a pag. 161 do vol. II d'*A Tradição* dei noticia de dois mestres de grammatica, que exerceram o seu ensino em Serpa.

Encontro agora no folheto impres-

so na officina de Antonio Rodrigues Galhardo em 1773 e que tem o seguinte titulo:

«Lista dos professores regios de filozofia nacional; rhetorica; lingua grega; e grammatica latina: e dos mestres de ler, escrever, e contar, despachados por rezolução de S. Magestade de 10 de novembro deste prezente anno de 1773, em consulta da Real Meza Censoria de outo do mesmo mez e anno.» [1]

nota de José Bentes Saião nomeado professor de grammatica latina em Serpa.

Além d'este possuia a comarca de Beja mais dois professores de grammatica latina, um em Beja e outro em Moura, um professor de grego, um de rhetorica e outro de philosophia racional. Este ultimo professor chamava-se Manuel de Jesus Saião, parecendo pelo seu appellido ser parente do professor de Serpa.

No emtanto havia só tres professores de ler, escrever e contar; dois residentes em Beja e um em Moura.

O Marquez de Pombal tinha com as suas reformas de instrucção por fim aniquilar o espirito jesuitico; hoje as nossas reformas nenhum objecto teem em vista que não seja o cuidado material dos professores, na maior parte agentes eleitoraes ou protegidos destes.

Depois da queda do Marquez de Pombal houve largas mudanças. Em 1779 imprimiu-se em Lisboa na Officina Luisiana um folheto com o seguinte titulo:

«Lista das terras, conventos, e pessoas destinadas para professores de de philosophia racional, rhetorica, lingua grega, grammatica latina, desenho, mestres de ler, escrever, e contar como tambem dos aposentados nas suas respectivas cadeiras, tudo por resolução real de S. Magestade de 16 de Agosto do presente anno de 1779, tomada em consulta da Real Meza Censoria de 12 de Janeiro de 1778» [1]

Nesta lista tem sete povoações da comarca de Beja outros tantos professores de grammatica latina. Entre esses se conta ainda em Serpa José Bentes Saião. O ensino da leitura era ministrado por 16 professores ou institutos religiosos. Em Serpa coube este ensino ao Convento dos religiosos eremitas de S. Paulo. E' certo que presentemente ainda não ha em Portugal ou não foi restabelecido, o ensino official exercido pelas congregações religiosas, no emtanto em 1901 foi garantida a existencia no paiz dos estabelecimentos monasticos que se dediquem ao ensino. Gradualmente, como se fosse resultado d'um plano previamente concebido, tem ido renascendo modernamente todas as instituições (compativeis com o progresso feito) que tornaram antipathica a antiga monarchia.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

[1] Este folheto encontra-se num volume da Meza Censoria, que está hoje no Archivo Nacional, debaixo do n.º 362 do cartorio do Ministerio do Reino, de fl. 148 a 151.

[1] Acha-se na collecção já mencionada, sob o n.º 363 a fl. 4.

Cancioneiro popular do Baixo-Alemtejo

PRIMEIRA PARTE

(Continuado de pag. 79)

CMLIV

Aqui me tens ao teu lado,
Meu amor, haja prazer!
Sem comer posso passar;
Sem ti não posso viver!

CMLV

Aqui me tens ao teu lado,
Meu amor, haja alegria!
Sem comer posso passar;
Sem te vêr... nem só um dia!

CMLVI

Aperta-me a minha mão,
Ajunta palma com palma;

Aqui tens meu coração,
Toma posse da minh'alma!

CMLVII

Aperta-me a minha mão
'Té que eu diga:—Deixa! Deixa!
Quem mais aperta, mais quer,
Quem mais quer, menos se queixa.

CMLVIII

Deem as mãos uns aos outros,
Que me quero ir embora;
Quem quizer agua tirada,
Compre uma besta p'rá nora.

CMLIX

Disse-me a dona da casa
(Assim eu tivera o céo!):
— Quem quizer aqui balhar
Ha-de tirar o chapeo.

CMLX

Disse-me a dona da casa
(Em louvor de San Lourenço):
—Quem quizer aqui balhar
Ha-de tirar o seu lenço.

CMLXI

Dize-me, amor: Até quando
Ha-de ser a nossa ausencia?
Se ha-de ser por muito tempo
Peço a Deus paciencia.

CMLXII

Eu não sirvo de parede,
Tambem quero ir balhar;
Se me não levam ao meio
Salto p'rá rua a chorar.

CMLXIII

Eu tambem quero balhar,
Já vou estando zangado!
Se me não levam ao meio,
Já me vou embor' p'ró gado.

CMLXIV

Eu tambem quero balhar!
Oh! que desgraça é a minha!
Se me não levam ao meio
Vou fazer queixa á rainha.

CMLXV

Este balho está bom balho,
Agradeço-lhe o favor!
Mas não 'stá aqui balhando
Quem estimo por amor.

CMLXVI

Esta casa está bem feita,
Picadinha ao picão;
A' dona, que n'ella mora,
Deus lhe dê a salvação.

CMLXVII

Esta casa está bem feita,
Muito bem emmadeirada!
Muito gosto eu de balhar
Em casa de gente honrada!

CMLXVIII

Esta casa está juncada
Com junquilhos da ribeira;
Viv' o dono d'esta casa
Mais a sua companheira!

CMLXIX

Minha mãe tem lá'ma renda,
Uma renda de tresmalho.
Se me não levam ao meio,
'Stou-me rentando no balho.

CMLXX

Minha mãe tem lá 'ma renda,
Toda feita á franceza.
Se me não levam ao meio,
Vou-me embora com certeza.

CMLXXI

Minha mãe tem lá 'ma renda,
Uma renda que eu lhe fiz.
Se me não levam ao meio,
Vou fazer queixa ao juiz.

CMLXXII

Meu amor ficou de vir,
Mas, porém... inda não tarda!
O caminho é muito longe,
Tem que dar muita passada.

CMLXXIII

No nosso balhinho
'Stão pares eguaes:
Fechem lá a porta,
Não qu'remos cá mais.

CMCXXIV

O' moças, levem me ao meio,
Com toda a delicadeza;
Se me não levam agora,
Então fallo com aspereza.

CMLXXV

O' moças, levem-me ao meio,
Em que seja uma vez só!
Oh! que desgraça é a minha!
Nenhuma de mim tem dó!

CMLXXVI

O' moças, levem me ao meio,
Quer' balhar um poucochinho;
Quando não, vou-me p'ra casa
A comer pão com toucinho.

CMLXXVII

O' moças, levem-me ao meio,
Já vou estando zangado!
Se acaso me não levam,
Parto a canastra ao diabo.

CMLXXVIII

Quem tem cabras vende leite,
Quem tem porcos tem presuntos.
Oh moças! levem-me ao meio,
Por alma dos seus defunctos!

CMLXXIX

Quando as tuas mãos estreito,
E aperto com saudade,

Sinto dizer em meu peito:
—'Stá firme a nossa amisade!

CMLXXX

Semeei no meu quintal
A semente do repôlho.
Oh moças, levem-me ao meio,
Que me está luzindo o olho!

CMLXXXI

Se o meu lindo amor
Viesse aqui dar,
Um rosario ás almas
Havia eu rezar!

CMLXXXII

Senhores! Hajá silencio!
Não mando calar ninguem...
Disse-me a dona da casa:
— Silencio parece bem.

CMLXXXIII

Todos veem vêr
O nosso ballinho...
Só o meu amor
Não sabe o caminho!

CMLXXXIV

Graças a Deus que chegou
A alegria da minh'alma!
Olhos de branca açucena,
Raminho de verde palma.

CMLXXXV

Graças a Deus que chegou,
E' chegado não sei quem...
Chegaram dois olhos pretos
A quem os meus querem bem.

CMLXXXVI

Gósto muito de quem gosta
O mesmo gôsto que eu tenho;
Se tu em mim fazes gôsto,
Eu em ti dobrado empenho!

CMLXXXVII

Ind' agora tinha calma,
Agora já tenho frio.
O' meninos lá do meio,
Cautela co'o montepio!

CMLXXXVIII

Ind' agora tinha calma,
Agora já tenho frio.
Se me não levam ao meio,
Vão p'rás mães que as pariu!

CMLXXXIX

Já não quero tirar agua,
Que já tenho o tanque cheio...
Se meu bem aqui estivesse,
Já eu andava no meio.

CMXC

Minha mãe tem lá 'ma renda,
Uma renda d'entremeio.
Eu não sirvo aqui d'amparo,
Tambem quero ir ao meio.

CMXCI

Minha mãe tem lá 'ma renda,
Uma renda d'entremeio.
'Stou-me rentando no balho
Se não me levam ao meio.

CMXCI

Venho d'aqui tantas leguas
Por te vêr, oh meu amor!
Nem de rastos que tu andes
Me pagas este favor.

CMXCIII

Vamos lá cantando bem,
Para o balho ter valor;
Quem chegou agora aqui
Foi um grande cantador.

CMXCIV

Viv'ó dono d'esta casa
Mais a sua companheira!
Deus lhe dê muita saude,
Muita libra na algibeira.

CMXCV

Vou-me embora... e tu cá ficas!
Quem te podesse levar!...
Se podesses vir commigo,
Não havias cá ficar.

CMXCVI

Vou-me embora, que nem tanto
M'eu havia demorar,
Que tenho o caminho longe
E ámanhã que trabalhar.

CMXCVII

Vou-me embora, vou-me embora,
Já tenho a roupa no barco;
'Stá chegada a triste hora
Que eu de ti, amor, me aparto.

CMXCVIII

Virgem—Mãe da Guadalupe,
Minha mãe, minha madrinha!
Se meu bem vae ser soldado,
Oh! que desgraça é a minha!

CMCXIX

Virgem—Mãe da Guadalupe
Que *está* nã vossa ladeira,
Quem me dera vêr meu bem
De resalva na algibeira!

M

Virgem—Mãe da Guadalupe
Tem uma fita amarella
Que lhe deram os soldados
Quando vieram da guerra.

(Da tradição oral, em Serpa.)

FIM DA PRIMEIRA PARTE

M. DIAS NUNES.

PROVERBIOS & DICTOS

(Continuado de pag. 80)

CCCLXI

Em se dizendo: «o cão vae damnado», todos lhe atiram.

CCCLXII

Perdigão perdeu a penna, não ha mal que lhe não chegue.

CCCLXIII

O casamento, e a mortalha, no céo se talha.

CCCLXIV

O pó de maio é que cura as frieiras.

CCCLXV

Santa chave faz milagre.

CCCLXVI

Quem dinheiro tiver, fará o que quizer.

CCCLXVII

Quem grande cruz faz na massa, grande cruz passa.

CCCXVIII

Quem come as orelhas d'um coração, ou comerá outras ou não.

CCCLXIX

Quem mal não usa, mal não cuida.

CCCLXX

Usa, serás mestre.

CCCLXXI

Tanto come quem tem, como deseja quem não tem.

CCCLXXII

Arvore ruim, não a queima a geada.

CCCLXXIII

Em tempo de guerra não se limpam armas.

CCCLXXIV

Quem não se contenta com o pouco, não se contenta com o muito.

CCCLXXV

Quatro é conta de sapo.

CCCLXXVI

Quem dorme, dorme-lhe a fazenda.

CCCLXXVII

Quem vende fica vendido.

CCCLXXVIII

Quem muito se cura, pouco dura.

CCCLXXIX

Boi solto lambe-se todo.

CCCLXXX

Conforme somos, assim julgâmos.

CCCLXXXI

Mais depressa se apanha um mentiroso do que um côxo.

CCCLXXXII

A rico não devas e a pobre não promettas.

CCCLXXXIII

A brincar é que as coisas se dizem.

CCCLXXXIV

Arte e manha vence a campanha.

CCCLXXXV

De medico, poeta e louco, todos temos um pouco.

CCCLXXXVI

Jogo de tres, diabo o fez.

(Da tradição oral, em Serpa)

(Continua)

M. DIAS NUNES.

ANNO IV

N.º 7

SERPA, Julho de 1902

VOLUME IV

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel*, *Doutor Adolpho Coelho*, *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Alvaro Pinheiro*, *Alves Tavares*, *Antonio Alexandrino*, *Doutor Athaide d'Oliveira*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *C. Cabral*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *Filomatico*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *Lopes Piçarra*, *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª)*, *Miguel de Lemos*, *Paulo Osorio*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *Ramalho Ortigão*, *D. Sophia da Silva (Dr.ª)*, *Dr. Souza Viterbo*, *Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires*.

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.)*, *Alfredo de Pratt*, *Alvares Pinto*, *Antonio Alexandrino*, *A. de Mello Breyner*, *Arronches Junqueiro*, *Doutor Athaide de Oliveira*, *Conde de Ficalho*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *J. J. Gonçalves Pereira*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *D. Margarida de Sequeira*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *R.*, *Doutor Souza Viterbo*, *N. W. Thomas*, *A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*.

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Antonio Alexandrino*, *Antonino Mari (Dr.)*, *A. de Mello Breyner*, *A. Rosa da Silva*, *A. Thomaz Pires*, *Arronches Junqueiro*, *Athaide d'Oliveira (Dr.)*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *Dias Nunes (M.)*, *Gonçalves Pereira (J. J.)*, *João Varella (Dr.)*, *Joaquim d'Araujo*, *Ladislau Piçarra (Dr.)*, *Leite de Vasconcellos (Dr.)*, *Luiz Frederico*, *D. Margarida de Sequeira*, *D. Maria Velleda*, *Nicolás Díaz y Pérez*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Silva Brandão*, *Sousa Viterbo (Dr.)*, *Trindade Coelho (Dr.)*, * * *

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 7 SERPA, Julho de 1902 **Volume IV**

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

Os doze de Inglaterra

(Concluido de pag. 70)

Realmente, este celebre cavalleiro, dizem que tinha em tamanha quantidade e grandeza os cabellos nas mãos, que quasi lhe cobriam as unhas. Ainda assim devemos concordar que, mesmo cabelludo, o homem era muito poeta. Não vejo no entanto nenhuma razão para que elle occultasse as *manapulas* aos olhos das senhoras. Todos nós temos pello onde muito bem appetece ao Deus Creador, e quem o tem, seja lá onde fôr, não deve mostrar se duas vezes pelludo. As senhoras bem sabem. E a dama de Magriço o sabia tão bem, que assim respondeu ao que este lhe disse:

— Senhor, ante essas vossas mãos sou eu mais obrigada a lavar, e fazer-lhes todo o acatamento, pois que por ellas me livraste da deshonra e infamia que aquelles cavalleiros me queriam dar.[1]

Só então e assim annuiu o celeberrimo Magriço a que a sua dama lhe desse agua ás mãos!

Este figurão e mais dois dos seus companheiros, que foram o já nomeado D. Alvaro Vaz de Almada, e João Pereira Agostin, filho segundo de Gil Vasques da Cunha, senhor das terras de Basto e Monte Longo, e alferes-mór de D. João I, por lá se ficaram alguns tempos em Londres, passando-se mais tarde para outros paizes. Dos nove restantes, os quaes se chamavam D. Alvaro de Almada, o *Justador*,[1] D. Lopo Fernandes Pacheco, Pedro Homem da Costa, Luiz Gonçalves Malafaia, D. Ruy Gomes da Silva, Alvaro Mendes da Cerveira, Martim Lopes de Azevedo, D. Soeiro da Costa, e D. Gonçalo Rodrigues Ribeiro, sabe-se que tornaram poucos dias depois para Portugal, receiosos de que, se mais se demorassem, os inglezes vencidos por elles tomassem alguma traiçoeira vingança. E razão tinham elles, pois que «depois de estarem alguns dias na Corte, forão avisados de que os Cavalleyros Inglezes determinavão de os matar, sentidos de os vencerem: pelo que pediram licença ao Duque para se tornarem para Portugal. E posto que o duque se punha por elles, assegurando-os que não houvessem medo, elles não quizerão ficar, porque não se levantassem trayções no Reyno, e assim se forão»[2]

Ficaram, portanto, D. Alvaro Vaz de Almada, João Pereira Agostin, e

[1] Mesma obra. Idem.

[1] Era sobrinho do outro D. Alvaro Vaz de Almada.

[2] Os Lusiadas do grande Luiz de Camões, *commentados pelo Licenciado Manoel Correa*. Mesmo commento.

Alvaro Gonçalves Coutinho, denominado o *Magriço*. De este cavalleiro rezam ainda as chronicas que se passou pouco tempo depois a França indo dar com os ossos ao condado de Flandres. Ahi estava a infanta «D. Izabel, filha d'El-Rey Dom João o primeyro de Portugal, casada com o famoso Philippe, Conde de Borgonha, ao qual neste tempo chamava a Cortes El-Rey de França, porque todos os Condes de Flandres erão seus vassallos. Sabido pela Infanta, disse ao Conde seu marido, que não fosse por que ella queria hir áquellas Cortes. E assim o fez. E quando foi ao assentar no auto das Cortes, a Infanta mandou pôr a sua cadeyra junto e egual com a d'El-Rey. E sendo lhe muito extranhado pelos grandes de França : disse que ella merecia aquelle lugar, por que ella era filha de Rey: e mais, que ella daria Cavalleyro que fizesse conhecer por força de armas, que o Condado de Flandres não era teudo a vassallagem aos Reys de França. El-Rey assignou o dia para a batalha, e logo se nomeou hum valente cavalleyro Francez para defender o contrario do que ella dizia. E ella deu por si a Alvaro Gonçalvez Coutinho, o Magriço, porque não achou Flamengo, que ousasse de entrar n'esta batalha. O dia assinado e o campo seguro, os Cavalleyros forão metidos n'elle, e arremeterão hum ao outro, e aos encontros ambos forão em terra, vierão ás espadas, e andarão em sua batalha muyto espaço de tempo. E no fim o Francez foy morto, e vencido das mãos de Alvaro Gonçalvez Coutinho, e desta maneyra por suas mãos, por servir a dita Infanta, ficou Flandres fóra da subgeição de França.» [1]

Não é exagero. Magriço em toda a sua vida foi um duellista levado da bréca, batendo-se sempre com todo o denodo e merito por amor e por honra do bello sexo. [1] E tão grande defensor do eterno femenino, tão illustre caudilho dos doze de Inglaterra, tinha vergonha, o diacho do homem, de mostrar ás senhoras as mãos cabelludas!

Era uma fraqueza de aquelle valente.

Nos onze restantes, e muito especialmente em D. Alvaro Vaz de Almada, que Henrique VI de Inglaterra nomeou conde de Avrauches na Normandia e fez cavalleiro da ordem da Jarreteira, havia aquelle mesmo desmedido heroismo e santo sacrificio dos grandes athletas que fraternalmente, dedicadamente, se alistaram sob a mesma bandeira da cavalaria.

Este tão nobre e exforçado D. Alvaro Vaz de Almada, foi depois do episodio dos doze de Idglaterra parar á Allemanha onde teve um desafio com um allemão. [2] Diz Manoel

---

[1] Mesma obra. Idem.

[1] Além das façanhas a que já alludimos, tambem em Flandres este Alvaro Gonçalves Coutinho livrou a Condessa Madama Leonor, como diz o commentador dos *Lusiadas*, de um aleive que lhe levantou um allemão por nome Ranulptro de Colonia, ao qual matou em desafio na cidade de Dunquerque. E em Orleans, cidade de França, venceu em desafio Monsiur de Lanxey diante de El-Rei de França, e lhe tirou um collar de ouro do pescoço, como Tito Mandio mancebo fidalgo romano fez a outro francez tambem em desafio.

[2] O desafio, duello, ou combate judiciario, espalhou se por diversos paizes. A' Inglaterra, por exemplo, foi levado por Guilherme o Conquistador com outros costumes normandos. Com o tempo os combates judiciarios degeneraram em um pretexto de vingança particular debaixo da sancção da lei a com pretenção a descobrir a verdade e punir o perjurio. No systema feudal foi o duello ardentemente patrocinado, sendo muito congenial com os sentimentos e habitos dos arrogantes e orgulhosos barões que sem freio posto pela lei, sem obediencia aos principios da religião desdenhavam submetter suas questões a qualquer arbitração, ou reparar qualquer injuria por outro meio que não fosse a espada. As armas eram o seu passatempo, o roubo e a vingança o seu negocio ou profissão. E a tal ponto chegou o procedimento de uma aristocracia feroz, sem lei, sem religião, sem humanidade, que

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Apanha do birbigão já mão na ria de Aveiro

Correa que o concerto do desafio foi que levassem ambos as mesmas armas, e que «fosse tido por aleivoso e traidor o que fizesse o contrario. Entrarão em batalha, e a juizo de todos Alvaro Vaz de Almada hia de vencida. O Allemão posto em aperto, quiz-se aproveytar de huma arma secreta que levava escondida com hum gancho, com a qual aferrou em hum hombro de Alvaro Vaz de Almada, de maneyra que lhe rompeo o arnez, e o ferio na carne. Sentindo-se picado, e vendo o engano do Allemão, ferrou-se com elle, e lançando-lhe as mãos ás guellas, de tal maneyra lhas apertou, que lhe fez deyxar alli o folego. O emperador e todos os mais circunstantes julgarão o Almada por grãde Cavalleyro, e o Allemão por traydor, pois com aquelle engano o quizera matar.»

Salienta-se tambem o vulto gigantesco de D. Alvaro Vaz de Almada por ter sido elle aquelle mesmo cavalleiro e amigo dedicado que, quando D. Pedro, seu velho camarada, lhe perguntou se estava resolvido a acompanhal-o na morte como sempre o acompanhara na vida, respondeu que *era essa a sua firme resolução e que não tinha outro desejo que lhe fosse mais caro.* Então elle e D. Pedro juraram juntamente não sobreviverem um ao outro. Este facto, porém, não ficou por aqui, porque para tornarem mais solemne e santo o seu juramento ambos elles commungaram e repetiram sobre a hostia aquella concordia. Este foi o ultimo lampejo da cavallaria expirante. Ora por isto e pelo que nos diz Pinheiro Chagas, [1] se vê que as idéas exaltadas de cavallaria e de mysticismo, predominavam nos mais nobres espiritos da epocha, dando assim ao sentimento da amisade um caracter ethereo e grandioso que hoje parece pertencer exclusivamente ao amor.

Afinal tudo aquillo era amor cheio de muita honra e de bastante valentia. Aquellas idéas reproduziam-se em todas as formas sociaes e instituições do seu tempo. O sentimento religioso traduzia-se em crusadas ou em guerras de seitas; o sentimento do prazer, em justos torneios e caçadas. Em tudo, porém, se manifestava a imagem da guerra, e, assim, aos serões, os themas inexgotaveis aos trovadores vinham a ser os amores e as armas. As leis apesar de terem a sua principal origem no direito canonico e depois no romano, abriram por alli a liça aos combates judiciarios. As habitações eram castellos, e os adornos dos aposentos, corpos de armas pendurados, todos lanças e razes, onde as mãos delicadas das formosas castellãs tinham lavrado a historia de combates.

ALFREDO DE PRATT.

se formaram sociedades marciaes, cujo officio era proteger os fracos e indefezos, soccorrer os opprimidos, corrigir abusos, e promover o bem publico. Eis a origem da cavallaria, ou cavalleiros andantes. Mas a cavallaria andante, modificando sobremodo o mal dos duellos, perpetuou comtudo esta pratica inventando outros pontos de honra, e instituindo as suas *justas e torneios.* Eram aquelles combates singulares de homem a homem; estes, combates de muitos cavalleiros fazendo voltas em torno.—*Kaleidoscopo.*

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Não te assomes

Não te assomes, meu bem, á janella,
Ai, que te pode vêr alguem!
Não te assomes, meu bem;
Se te assomas, com desgostos, oh ceus!
morrerei.

Serpa.

M. DIAS NUNES.

[1] Historia de Portugal, *desde os tempos mais remotos até á actualidade escripta segundo o plano de F. Diniz, por uma sociedade de homens de lettras.* Vol. II pag. 333.

CANCIONEIRO MUSICAL

VII

NÃO TE ASSOMES

(DESCANTE)

PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

I

Em tempos remotos,[1] a parte da costa de Portugal comprehendida entre a foz do Douro e o Cabo Mondego estava longe de ter a configuração que agora apresenta.

Uma grande reintrancia do litoral se offerecia aberta ás aguas do Oceano, que iam banhar directamente os terrenos altos do continente, os relevos abruptos hoje bastante interiores, entrando livremente pelos numerosos valles que o sulcavam e fazendo-se sentir as marés com incremento nos leitos de todos os rios que convergiam para esta especie de bahia.

Então, varios portos d'abrigo se abriam por certo ao longo de todo o litoral, que já de si reconcavo e dando algum resguardo aos ventos mareiros mais obliquos, necessariamente possuiria para os tempos modernos as condições mais favoraveis e mais invejadas pela industria da pesca.

Pela acção combinada de correntes oceanicas e ventos do mar, grandes alluviões d'areia começaram a ser arrastadas para cima da costa, formando-se ao longo d'ella um comprido baixio que pouco a pouco se foi elevando até emergir em toda a sua extensão do seio do Oceano indo unir quasi em linha recta, os dois extremos da primitiva bahia.

O continente ficou assim augmentado com uma vasta planicie arenosa d'alguns kilometros de largura, cuja parte confinante com o mar ainda hoje se conserva no estado natural de duna; mas todas as enseadas do litoral e todos os rios de menor curso d'agua desappareceram por completo obstruidos pelas alluviões marinhas.

[1] Do tempo da dominação romana na peninsula não ha a menor referencia á ria d'Aveiro, parecendo que n'essa epocha ainda o R. Vouga desaguava directamente no Oceano.

A este açoriamento resiste porém a corrente do rio principal da região, o Vouga, que auxiliada pela do R. Antuã e pelas correntes d'alguns riachos mais proximos, exerce d'encontro ás areias em movimento para cima da costa, uma contra impulsão decidida e permanente, obrigando-as a parar e a accumular-se a distancia na frente das fozes d'estes rios, e obrigando-as a manter sempre uma abertura, para as aguas fluviaes sahirem para o mar.

A duna formou assim uma tira ou quebra-mar ao largo da costa em toda a zona influenciada pela corrente do Vouga, para o Norte e para o Sul da foz d'este rio, formando então a bacia salgada que elle desagua — a ria d'Aveiro — e dando actualmente a esta bacia uma unica communicação com o mar — a barra d'Aveiro.

Em virtude d'esta evolução geologica effectuada pelo trabalho de deposição d'alluviões marinhas, o tracto da costa de que nos occupamos, passou a ser um litoral todo de duna, de contorno quasi rectilineo, com um só porto d'accesso; e ficou dotado com um pequeno declive de entrada pelo mar dentro até grande distancia da terra, o que faz com que as aguas costeiras sejam muito pouco fundas.

Como a costa — do C. Mondego para o R. Douro — tem uma direcção bastante inclinada para Nordeste, acha-se ella completamente exposta aos ventos predominantes — noroestes — que incidindo de mais a mais n'um mar de pouco fundo — portanto muito sensivel — o trazem sempre revolto e de difficil manobra.

A par d'estas circumstancias, o unico porto que a costa possue — aberto na areia da duna, é naturalmente movediço, variando constantemente de fundo, de largura e de direcção; não tem ponta de terra que lhe faça abrigo de qualquer dos lados — Norte ou Sul — e nenhuns bancos o podem proteger pelo largo porque as areias sob a impulsão do vento e correntes oceanicas — agentes já

apontados — tendem sempre a precipitar-se para o continente.

O porto é portanto mau — de difficil accesso ordinariamente, e impraticavel logo que o mar se cave.

As condições geographicas da costa d'Aveiro, que superficialmente deixamos expostas, mostram que a industria da pesca, n'este districto maritimo, não tem elementos alguns favoraveis para se poder exercer em barco, ou para explorar o estabelecimento de armações fixas ao longo do litoral.

Se por sua vez voltarmos a nossa attenção para as especies maritimas que povoam a costa, para os elementos de exploração que ella póde fornecer á industria da pesca, vamos ver que novas causas se vêem unir ás já apontadas, corroborando e accentuando a restricção de meios de captura a que o pescador d'Aveiro se vê obrigado.

Como regra geral, as aguas costeiras ds todo o nosso continente, não abrigam especies sedentarias junto do litoral, isto é — não são povoadas por peixes que n'ellas vivam habitualmente, creando-se e reproduzindo-se nas proximidades da terra.

As especies sedentarias, domiciliadas na costa de Portugal, habitam um valle ou pégo que o prolongamento submarino do continente váe formar a uma distancia de 10 a 30 kilometros da linha das praias, pégo que corre longitudinalmente com a terra, tanto na sua parte occidental como meridional, e que podera ter a largura maxima de uma milha.

Para aquem e para além d'este valle submarino, as aguas perdem a sua intensa fertilidade, a abundancia de pesca cessa de existir.

As especies ichtyologicas de habitos sedentarios procuram aquella zona do fundão porque ali o solo, pela sua natureza geologica, é muito accidentado e possue uma variada vegetação, o que representa vastos comedouros e numerosos abrigos para a conservação e reproducção dos peixes.

Ao mesmo tempo o grande volume d'aguas proporciona-lhes uma temperatura mais ou menos constante durante os grandes frios e os grandes calores nas differentes estações do anno.

Este conjuncto de circumstancias favoraveis ou antes essenciaes á vida da fauna maritima desapparece perto do litoral onde o fundo geralmente areento é liso e arido e não tem muitas vezes uma cobertura d'agua bastante espessa para resistir ás temperaturas intensas.

Sciente das condições de povoamento das aguas, toda a nossa pesca do alto se exerce n'aquelle grande pesqueiro, que contorna ao largo a costa de Portugal.

E' ali — n'uma distancia media de 30 kilometros da costa — que se vão lançar as redes e os anzoes para a colheita da pescada, do congro ou safio, corvina, cherne, pargo, solho, e de uma grande variedade de sedentarios de menores dimensões — o cachucho, o besugo, boga, peixe-gallo, rodovalho, ruivo, sargo, salmonete, etc.

As differentes pescas costeiras fazem-se para dentro d'aquella linha do peirão ou encosta do valle submarino, quer se dediquem á captura da especies nomadas ou de arribação, como a sardinha, sarda, a cavalla, o atum, etc., quer tenham por objecto os peixes domiciliados no grande pesqueiro, nos pontos em que este, pela natureza do solo em differentes alturas da costa, se alarga ou insinúa para mais perto do litoral.

Estão n'este, segundo caso as pescas do salmonete, safio, pargos e outros sedentarios, que commumente procuram pousios adequados a menores distancias das costas, em prados ou em rochedos; e bem assim — e muito especialmente as pescas do crustaceos — lagosta, lavagante, aras

nha ou aranhola e a caranguejola ou santolla.

Claro está que, quanto maior altura d'agua e fundo mais accidentado coberto de vegetação, o mar for trazendo para junto da praia, em qualquer altura do litoral, — tanto mais riqueza e variedade da exploração encontrará a pesca costeira que ahi se estabelecer.

Na zona de que tratamos — a costa d'Aveiro — está bem de vêr que, taes condições favoraveis não podem ter logar: o fundo é todo de areia limpa, e entra no mar em declive tão suave e successivo, que a 15 kilometros da costa as sondagens não attingem 50 metros.

E' precisamente entre as latitudes do Rio Douro e do C. Mondego, que o grande pégo — manancial da pescaria — se affasta mais de terra, em toda a costa de Portugal.

Perante tal desvantagem, o pescador de todo o districto d'Aveiro e da parte norte do districto de Coimbra, ou ha de ir bem longe para exercer a variada pesca do alto, ou tem de se cingir á pesca costeira só de nomadas.

Mas para a pesca do alto, onde estão os portos d'abrigo imprescindiveis para os barcos se recolherem ordinariamente, ou para se refugiarem em occasião de tempestade?

Houve em tempos, um certo numero de pescadores em Ilhavo, que se destinavam á pesca do alto, e por isto lhes chamavam mesmo *os alteeiros*. O mistér era porém tão arduo e arriscado, tão mal compensado tambem pelos grandes dispendios do tempo e do material, que nunca enthusiasmou novos adeptos, e a colonia foi rareando successivamente, bastante ajudada pelos sinistros na costa e e barra d'Aveiro, até se extinguir por completo.

E' forçada pelas condições naturaes da costa e do seu solo maritimo, que a industria da pesca entre o C. Mondego e o Porto tem de se cifrar e resumir na exploração costeira das especies nomadas, e restringir-se a processos de captura muito especiaes, visto que nem os barcos pódem ter um largo campo d'acção, nem as armações fixas são aqui susceptiveis de emprego, nem a riqueza piscicola da costa dá ensejo a mais arrojadas tentivas d'outro genero.

(Aveiro)

JAYME AFFREIXO.

APPARIÇÕES

Após larga e involuntaria interrupção, volto hoje a occupar-me do celebre fenomeno das *apparições*, que tantas vezes e tão profundamente abála o espirito inculto do nosso bom povo.

Continuarei a singella exposição das minhas observações pessoaes, tendentes a provar, que toda a *apparição*, por mais expontanea que pareça, revéla sempre um estado morbido do systema nervoso.

Posto isto, passemos á narração do seguinte caso:

M. G., de 28 annos d'edade, casada e com filhos, é natural de Serpa. Não sabe lêr nem escrever, e pertence ás classes humildes da sociedade. E' muito timida, e diz que soffre, desde pequena, d'amiudados sustos. A respeito d'antecedentes hereditarios nada me constou digno de menção.

Conta M. G., que aos 9 annos aproximadamente, estando um dia a fazer lume na cosinha, veiu uma rapariga, sua companheira na brinca, collocar-lhe junto da porta, sem ella dar noticia, um grande bonéco. M. G., assim que accendeu o lume, voltou-se para a dita porta, e, dando com os olhos no bonéco, ficou de tal maneira impressionada, que soltou um grito e cahiu sem sentidos.

Depois d'este grande susto, quando M. G. soffria algum desgosto, pelo fallecimento de qualquer pessoa de familia, sentia entrar-lhe pelas unhas dos pés uma especie de formigueiro, que subia até ao coração, o qual então muito opprimido parecia querer estalar. Durante estas crises nervosas, desapparecia-lhe a fala, mas conservava a audição. Queria responder ao que lhe perguntavam, não podia. A's vezes tambem lhe saía espuma pela bocca.

Um dia, pouco depois do susto acima referido, achando-se M. G. em sua casa a brincar com as bonecas, appareceu-lhe do lado esquerdo e ao pé d'uma luz, o vulto negro d'uma pessoa. Este vulto não se lhe tirava do sentido, perseguia-a por toda a parte, tanto de dia como de noite, apresentando-se-lhe sempre do lado esquerdo e ao pé da luz. Assim ia M. G. passando vida tormentosa, até que sua mãe tomou conhecimento da triste occorrencia.

O facto foi immediatamente participado a uma tia de M. G., que era viuva. Essa tia contou então a seguinte historia: O seu marido prometteu á Senhora d'Ayres [1] meia canada d'azeite e dinheiro para uma missa. Que a missa fôra paga, mas a meia canada d'azeite o não tinha sido por esquecimento. D'aqui concluiu a viuva, que era provavelmente a alma de seu marido que apparecia á sobrinha, e por conseguinte era preciso requerê-la.

Effectivamente, n'uma occasião achando-se reunidos, a pequena, os paes, a tia e ainda outras pessoas, viu M. G. o tal vulto, a quem dirigiu estas palavras dictadas por sua tia:

—«Por parte de Deus te requeiro, se és alma do outro mundo, dize o o que queres?»

Resposta do vulto:

—«Uma promessa á Senhora d'Ayres de meia canada d'azeite.»

M. G. declara que estas palavras foram pronunciadas pelo *vulto* n'um tom medonho, e que ella, ao ouvi-las, ficára como morta. Ao mesmo tempo produziu-se um grande terror entre as mulheres presentes.

Ficou a tia muito contente por se ter desvendado o mysterio, e logo combinou com o pae de M. G., pagar-se a promessa.

No fim de oito dias, lá marchou uma piedosa caravana, acompanhando M. G., caminho da Senhora d'Ayres. Assim que chegaram á egreja, foi M. G. deitar o azeite na lampada de Nossa Senhora. Mal este acto acabava de realisar-se, sentiu M. G. uma intensa oppressão sobre o coração, e percebeu que o vulto negro, abeirando-se d'ella, lhe disse:

—«Agradecido, sobrinha!»

Isto proferido egualmente n'uma voz medonha.

Pouco a pouco, M. G. foi-se reanimando, bebeu uma gotta d'agua e tomou o folego. Em seguida notou, com grande espanto, que a sua negra visão desapparecera. A viagem de regresso fê-la perfeitamente, e ao chegar a casa parecia outra.

Embora livre da sua lugubre *apparição*, nem porisso M. G. deixou de ter ataques nervosos, que de vez em quando a vinham atormentar.

No inverno proximo passado, um terrivel vulto negro vem novamente perturbar o espirito de M. G. A scena passou-se do seguinte modo:

Estava um bello dia M. G. sentada á sua porta, cosendo ao sol, e de repente sentiu deslisar-lhe pela frente, junto d'uma luzinha, um vulto negro e horrendo. Aterrada com esta visão, caiu immediatamente, privada de sentidos. Como d'antes, continuava o

---

[1] A Senhora d'Ayres é uma pequena imagem que se encontra n'uma egreja do mesmo nome, situada proximo de Vianna do Alemtejo. Os povos dos districtos de Beja e Evora, teem pela dita imagem immensa devoção, e a prova mais eloquente d'esta devoção, temo-la nas innumeras offerendas que se observam no respectivo templo, assim como nas festas solemnes, que todos os annos se realisam em homenagem á mesma Santa.

mesmo vulto a persegui-la, e M. G. andava muito triste, mas não queria confessar a sua infelicidade a ninguem. Até que por fim, instigada pela familia a dizer o que tinha, declarou então, que lhe apparecia um vulto negro. Fizeram-na requerer esse vulto, nos mesmos termos que da primeira vez, e a resposta, foi:

—«Levem uma véla a Nossa Senhora de Guadalupe.»

Escusado será dizer que M. G., apenas ouviu esta frase, teve um ataque nervoso, ficando no estado d'inconsciencia.

Alguem se lembrou que o avô do marido de M. G. tinha feito uma promessa á Senhora de Guadalupe, e que certamente era a sua alma que apparecia a M. G.

No dia seguinte, M. G., acompanhada d'algumas pessoas, dirigiu-se á ermida da supracitada santa, que fica muito proxima d'esta villa, para cumprir a dita promessa. Apesar do trajecto ser curto, M. G. fê-lo com extrema difficuldade, indo a sua horrivel visão a tortura-la todo o caminho. Chegados á ermida, M. G. foi collocar a véla no castiçal que estava sobre o altar, pedindo ás companheiras que a segurassem. Depositada a véla, M. G. caiu desfallecida e perdeu os sentidos, e immediatamente sentiu aproximar-se-lhe o vulto, dizendo:

—«Seja pelo amor de Deus, neta!»

Decorrido algum tempo, começou M. G. o entrar em si, deram-lhe uma gotta d'agua e ella ficou mais alliviada. Regressou depois a casa alegre e satisfeita, recuperando o appetite, que ha muito lhe havia faltado.

M. G, conta as suas funebres historias com muito medo, parecendo-lhe ver ainda o extranho vulto negro com a mesma voz medonha.

*

* *

Da simples leitura da historia que ahi fica, conclue-se muito naturalmente, que M. G. é uma hysterica com allucinações da vista e do ouvido. Que a sua nevrose data desde a infancia, e porisso não admira que a primeira *apparição* surgisse logo aos 9 annos d'idade.

Prova a nossa observação ainda, que a sugestão religiosa tem exercido sobre o padecimento de M. G. uma acção therapeutica quasi nulla.

Em conclusão: M. G. é uma triste plebleia, victima da sua extraordinaria fraqueza nervosa, agravada pelo duplo mal da ignorancia e da miseria. Da ignorancia, resulta não poder a infeliz doente reagir contra a atmosfera supersticiosa que a envolve, e em razão das circumstancias precarias em que vive, não póde a mesma enferma, de fórma alguma, seguir um tratamento adequado á sua impertinente nevropathia.

(Serpa).

LADISLAU PIÇARRA.

A MULHER PORTUGUEZA E OS ESTRANGEIROS

Variada e curiosa é a bibliographia estrangeira referente a viagens feitas a portugal, por individuos de todas as nacionalidades. N'algumas de estas narrativas colhem-se informações curiosas a respeito dos nossos usos e costumes, apreciações de homens e monumentos, muitas vezes cheias de justiça, que nos despertam gratidão. Escriptores ha porém, que recheiam os seus trabalhos com as mentiras mais palpaveis, com as apreciações mais injustas, filhas de propositada má fé, ou pedantesca ignorancia.

É grande o numero de livros, folhetos e artigos que se teem escripto sobre Portugal.

Manuel Bernardes Branco, o erudito escriptor, compilou essas especies bibliographicas sob o titulo de *Portugal e os estrangeiros*, trabalho

altamente importante, e que nos servirá de precioso auxilio n'esta despertenciosa compilação.

Vamos pois extractar as apreciações referentes á mulher portugueza. Começaremos por Elvas:

. . . .

«Um celebre viajante do seculo antecedente descrevendo Ielch, nome que os arabes davam a Elvas, pinta-a como uma povoação fortificada, posta nas faldas de um monte e cercada de uma planicie semeiada de habitações ruraes e de bazares ou mercados. Elvas era então famosa pela formosura das mulheres.» [1]

João Baptista Venturino, escriptor que acompanhou o legado enviado por Pio V, aos reis de França, Hespanha e Portugal em 1571, corrobora a affirmativa do escriptor arabe, exprimindo se nas seguintes palavras:

«As mulheres são gentis e desembaraçadas, usam trajos similhantes ao de castelhanas, mas não andam tão embuçadas, nem tão arrebicadas e brunidas» [2]

E continuando a narrativa, diz o mesmo escriptor, apreciando as mulheres de Villa Viçosa:

«Tem formosas mulheres, e entre outras uma que não é menos da alma que de corpo, da idade de 25 annos, filha de Thomé de Castro, a qual por sua muita litteratura chamam Publia Hortensia. Esta donzella, que tinha estado em Salamanca, quiz defender conclusões naturaes e legaes, o que não teve logar por causa da subita partida do Legado.» [3]

Um escriptor anonymo que acompanhou os embaixadores enviados pela republica de Veneza, a fim de cumprimentarem Filippe II pela conquista de Portugal diz-nos que:

«As mulheres portuguezes são singulares na formosura e proporcionadas no corpo, a côr natural dos seus cabellos é a preta, mas algumas tingem-n'os de côr loira; o seu gesto é delicado, os lineamentos graciosos, os olhos pretos e scintillantes, o que lhes accrescenta a belleza; e podemos affirmar com verdade que em toda a peninsula as mulheres que nos pareceram mais formosas foram as de Lisboa; posto que as castelhanas, e outras hespanholas arrebiquem o rosto de branco e encarnado, para tornarem a pelle, que é algum tanto ou antes muito trigueira, mais alva e rosada, persuadidas de que todas as formosuras são feias. O trajo feminino em Lisboa é o commum de toda a Hespanha, isto é o manto grande de lan ou de seda, segundo a qualidade da pessoa. Com elle cobrem o rosto e o corpo inteiro, e vão aonde querem, tão disfarçadas, que nem os proprios maridos as conhecem, vantagem esta que lhes dá maior liberdade do que convem a mulheres bem nascidas e bem morigeradas. As damas nobres costumam ser acompanhadas, pela cidade, de creados bem vestidos, que lhes precedem com passos lentos e socegados, e de donas que as seguem com grandissima gravidade, não tendo por boa reputação o serem acompanhadas de donzellas.» [4]

Cervantes, o immortal auctor de *Dom Quichote de la Mancha*, diz fallando das mulheres de Lisboa:

«la hermosura de las mujeres admira y enamora.» [5]

---

[1] *Edrisi*, Geog. *(versão de Joubert) vol. 2 pag. 29. Apud A. Herculano.* Historia de Portugal, *tomo III. Lisboa 1878. Pag. 286.*

[2] *Panorama. Vol. V. 1841. Pag. 310.*

[3] *Ibidem. Sobre esta tão celebrada filha de Villa Viçosa diz o doutor Barbosa*—Monarchia Lusitana, *pag. 629 do III vol.:*

«Quando esteve em Elvas veiu visital-o Publia Hortensia de Castro, natural de Villa Viçosa, que desejosa de se instruir nas sciencias, como lhe servisse de obstaculo o sexo para frequentar as escolas o desmentiu, estudando com trage de homem, juntamente com seu irmão Jeronymo de Castro, em a Universidade de Coimbra. Humanidades, e depois Filosophia em que defendeo, quando contava dezesete annos de idade conclusoens publicas com admiração de todos os espectadores respondendo aos mais nervosos argumentos, como testemunha o insigne André de Resende, na Epist ad Bartholam.

«Não forão menores os progressos que fez a sua perspicaz comprehensão nas materias theologicas penetrando os reconditos mysterios d'esta sublime Faculdade, de que deu hum claro testemunho sustentando em Elvas outras conclusoens, das quaes mereceu ter por ouvinte a Filippe II que lhe deu em applauso deste acto huma tensa de vinte mil réis.»

Barbosa—Monorchia Lusitana, *pag. 629, 3.º volume.*

[4] Viagem a Portugal dos Cavalleiros Tron e Lipomain, Panorama. *Vol. VII, pag. 98.*

[5] *Manuel Bernardes Branco* — Portugal e os Estrangeiros. *Tomo I, pag. 243.*

O Duque de Chatelet, que trata os portuguezes, como sendo vingativos, vis, soberbos, escarnecedores, presumpçosos excessivamente, ciosos e ignorantes, affirma que

«Podemos, sem exaggeração, gabar os encantos das portuguezas. Não ha europêas, que tenham melhor carnação. Teem muito espirito, e talvez ainda mais vivacidade que as francezas. Em quanto ao galanteio excedem todas as mulheres da Europa, teem na expressão essa ternura seductora, que desperta e promette prazer: mas se este é facil, é muito perigoso obtel o, porque os maridos e parentes conhecendo a extrema fraqueza de suas mulheres, nunca as desampararam, espionando quantos rodeiam a casa, e se por acaso sae ou entra alguem, que desperta suas suspeitas, cravam-lhe no coração um punhal, de que andam sempre munidos. As damas de classe superior vestem-se á franceza, exceptuando a cabeça, que enfeitam á moda do paiz com flores e diamantes collocados com muita garridice e arte. Todas ellas teem lindos olhos pretos muito expessivos.» [6]

Chateaubriand, o immortal auctor de *Genio de Christianismo*, quando em 1791 fugindo aos furores da revolução franceza se dirigia á America desembarcou na ilha Graciosa e admirou

«... a vivacidade das mulheres, baixas e morenas, mas bem apessoadas e vivas.» [7]

Mariano Baillie, é dos estrangeiros que nos trata desabridamente, não escapando as mulheres, a quem mimoseia com as seguintes *galanterias:*

As velhas portuguezas parecem-lhe invariavelmente horrendas. As caros das damas de Lisboa eram desengraçadas e grosseiras a ponto de lhe parecer impossivel como podiam passar por bonitas. [8]

Elisée Réclus, o celebre geographo francez, referindo-se a Portugal, viu que:

A maior parte das mulheres são baixas e gordas. Não possuem a belleza varonil das hespanholas, mas distinguem-se pelo brilho dos olhos, cabello abundante, vivacidade de physionomia, e maneiras amaveis. [9]

A Madame Adam, a distiucta escriptora franceza que ha pouco visitou Portugal, devem as nossas compatriotas as seguintes amabilidades:

... Les Espagnoles sont plus africaines que les Portugaises plus arabes.

Les Portugaises sont plus asiatiques, surtout á Lisbonne; mais le melange de race orientale et occidentale a fait de la Lusitanienne, á la fois indolente et passionnée une créature d'une charme infini, dans sa grâce et dans sa gravité.

Elles ont toutes, les yeux admirables; mais elles sont plus jolies à la campagne qu'á la ville, avec plus de sveltesse dans l'allure. Quelquesunes atteignent la complete beauté lorsque chez elles le type arabe se mêle au type juif.

. . . .

L'heroisme est traditionel chez les femmes portugaises et leur semble facile.

Plus qu'aucunes femmes d'acun autre pays elles ont, durant des siècles donné des preuves de leur vaillance. Quelques èpouses et quelques mères ont été celles qui sans cesse, ont vu s'embarquer, en si petit nombre, pour de si grandes conquêtes, pour de si lointaines possessions leurs maris et leurs fils.

Qui d'adieux stoïques ont été faits aux rives du Tage! Que de pleurs versés sur ceux qui ne sont pas revenus! [10]

. . . .

Das mulheres de Guimarães fallam lisongeiramente dois estrangeiros, escrevendo um que:

---

[6] Chatelet (Duc du) *Voyage en Portugal, où se trouvent des details interessants sur ce Royaume, ses habitants, ses colonies, sur la Cour et M. de Pom' al, sur le tremblement de terre de Lisbonne etc. Revu, corrigé sur le Manuscrit et augmenté de notes sur la situation actuelle de ce royaume et de ses colonies, par J. Fr. Bourgoing, ci-devant Ministre plenipotenciaire de la République française en Espagne, membre associé de l'Institut National, etc. Avec la Carte du Portugal, et la Vue de la Baie de Lisbonne Second edition. Paris. (1801). Apud. Bernardes Branco. Vol. I.*

[7] *Bernardes Branco. Tomo I. Pag. 245.*

[8] Mariano Baillie. *Lisbon in the years, 1821, 1822 and 1823. London 1824. 2 vol. 8.º Apud. B. Branco. Vol. I. pg. 45.*

[9] *Nouvelle Geographie Universelle. Paris 1876.* Apud. B. Branco, pag. 170 do v. 3. 2.ª parte.

[10] *La Patrie Portugaise* par (Madame Adam) Juliete Lamber. *Paris 1896. Pag. 306 e 307.*

Les plus agréables portugaises sortent de la ville de Guimanarez. [11]

e o outro:

La ville de Guimanarez et ses environs sont peuplés des plus charmantes Portugaises, qui ont en général beacoup de gorge tandis que les Castillanes n'en ont presque pas. [12]

Lichnowshy, principe Allemão, urbanamente faz referencias ás mulheres portuguezas:

... Descontada esta pequena fatalidade, achei inteiramente agradavel e muito de interessar uma *soirée* dansante a que eu assisti no palacio de Bemfica; estava reunida a flor da sociedade Lisbonense: todas as damas tinham bellos olhos, algumas eram formosas, e um par d'ellas vinham bem vestidas. As suas maneiras, todo o seu trato fazem recordar muito a amavel familiaridade das Hespanholas, e os attractivos arrebatadores das Francezas; é na verdade um *juste-milieu* encantador, apesar de que perdoar-me hão urbanamente as damas Portuguezas, se e não curvo sempre e inevitavelmente o joelho deante de todas as suas outras qualidades. [13]

Murphy o celebre archictecto inglez, que escreveu um apreciavel livro sobre Portugal, prestá homenagem ás nossas mulheres nas seguintes palavras:

Les femmes portugaises sont douées en général d'excellentes qualités, elles sont chastes, modestes, et extremement attachées à leurs maris. Nulle d'elles ne se permetrait de sortir sans la permission de son epoux ou de sa famille. Afin d'écarter d'elles jusqu'á l'ombre du soupçon, il est interdit aux hommes, même à leurs parents, d'entrer dans leurs appartements, ou de s'asseoir auprès d'elles dans les promenades publiques. Ainsi leurs amants ont rarement le plaisir de jouir de leur vue, si ce n'est à l'église, théâtre unique de leurs soupirs et de leurs signes amoureux:

Là, des secrets du cœur l'œil est le messager,
Où se transmet par lin le serment de s'aimer.

Traduit d'Hudibras.

....

Depois de fallar na maneira dos amantes se corresponderem e das despesas que as familias fazem com casamentos, baptisados e enterros, nota que os portuguezes são economicos e sabios, principalmente as mulheres, que não bebem senão agua, bastando que alguma beba vinho para se duvidar da sua castidade. E depois prosegue:

Les suites des femmes du Portugal, influent singulièrement sur leur complexion, qui est pâle et inanimée. On remarque cependant que celles qui font habituellement de l'exercice ont une belle carnation. Les yeux des Portugaises sont noires et expressifs; leurs dents extrêmemente blanches et régulières. Il regne dans leur conversation beaucoup d'agréments, et dans leurs manières beaucoup d'affabilité et de naturel. Il n'y a peut-être pas d'exemple que la forme de leur habillement ait varié une fois dans un siècle. Coëffeurs, parfumeurs, marchandes de modes, sont des professions aussi inconnues à Lisbonne que dans l'ancienne Lacédémone. [14]

Agora é uma princesa que nos vai revelar as impressões que lhe deixaram as mulheres de Portugal:

As damas portuguezas são de pequena estatura, e teem a tez morena: seus olhos são geralmente pretos e expressivos; são ao mesmo tempo modestas e espirituosas e passam por ser generosas. São magnificas no seu vestuario, mas toscas nas suas maneiras, teem seus domesticos a uma distancia extremamente respeitosa, e exigem d'elles homenagens que não são devidas senão talvez a testas coroadas. A mobilia de suas casas é de um explendor acima de toda a

[11] Julien Joseph Virey — *Histoire naturelle du genre humann. Tomo I, pag. 324.*

[12] *Dictionaire des sciences medicales*, dado á estampa por uma sociedade de medicos e cirurgiões notaveis. *Tomo XIV.* Artigo *Femme. Apud. Guimarães. Apontamentos para a sua historia pelo* Padre Antonio José Ferreira Caldas. Porto 1881. Vol. I, pag. 5.

[13] *Portugal — Recordações do anno de 1842 pelo* principe Lichnorwsky *Traduzido do allemão. Lisboa 1844. Pag. 49.*

[14] *Voyage en Portugal a travers les provinces d'Entre-Douro et Minho, de Beira, d'Estremadure et d'Alenteju, dans les annees de 1789 et 1790; contenant des observations sur les Moeurs, des Usages, le Commerce, les Edifices publics, les Arts, les Antiquités, etc., etc., ce Royaume. Traduit de l'Anglais de* Jacques Murphy, *architecte. Orné de planches. Paris 1797. Pag. 227 a 230.*

idéa, e manteem um numero immenso de creados, pois não despedem nunca nenhum d'aquelles que teem servido na sua familia com fidelidade. [15]

Terminaremos com um extracto da narrativa de viagem de G. Calvo Asencio, escriptor hespanhol.

E' dos livros em que mais se tem calumniado Portugal e peior apreciado as nossas cousas.

Descrevendo as reuniões ou bailes aristocraticos, nota a seriedade e compostura que n'elles ha, e isso incommoda-o, e classificando a conversação a que assistio de continuado chorrilho de tolices e injurias; referindo-se ás damas, diz:

... a dama de alto cothurno entretem-se innocentemente em desacreditar quantas senhoras e meninas, impellidas pelo redemoinho da walsa passam arquejantes no seu lado.

e mais adiante, referindo-se á belleza das nossas mulheres, escreve:

... não existe desgraçadamente (ainda que as excepções, que não são poucas, merecem na verdade admirar-se) figuras elegantes e formosas, nas quaes a par do luxo brilha a belleza fascinadora... a raça brazileira tem contaminado com seus perfis as antigas feições esculpturaes, as quaes tão celebradas fizeram as damas portuguezas.

... As pateadas são sempre certas tratando-se de hespanholas feias: é regra infallivel. Não ha em geral grandes bellezas no theatro portuguez; não se admiram rostos deslumbrantes de formosura na scena lisbonense: entre suas celebridades artisticas não está o publico certamente acostumado a contemplar continuamente a graça, o encanto, a correcção de linhas e a pureza de contornos, e este é o motivo porque se não comprehendem á primeira vista as razões para exigencias estheticas de tanto rigor por parte dos portuguezes quando se trata de actrizes estrangeiras. [16]

Elvas.

A. J. TORRES DE CARVALHO.

LENDAS & ROMANCES

A PASTORINHA DA LAPA

Inda agora vim da Lapa
Quem me dera lá tornar;
E ora valha me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.
Só para vêr a pastorinha
Que lá ficava assentada;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.
Co'uma roquinha á cintura
E uma cestinha á ilharga;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.
Foram dizer ao marido
Que ella andava namorada;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.
Co'um sacerdote de missa,
E elle missa não dizia;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
— Confessa-te, mulher minha,
Que hoje te tiro a vida;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
Quer m'a tires, quer m'a deixes,
Essa tenção era minha;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
Peço-te marido meu
Que me enterres na ermida;
E ora valha-me Deus
Valha-me a Virgem Maria.
Lá acima ao altar mór,
Aos pés de Santa Cath'rina. —
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
Lá no fim de nove mezes
Um lindo *cante* se ouvia;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
Quer por dentro, quer por fóra,
A ermida retenia;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
Foram dizer ao marido,
Menina que era nascida;
E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria,
San José a baptisava,
Nossa senhora era a madrinha;

---

[15] *Memoires de la* Margrave d'Anspach. *Ecriptes par elle même; contenant les observations recueillies par cette princesse dans les divers cours de l'Europe, ainsi que des anedoctes sur la plupart des princes e d'autres personnages célèbres de la fin du XVIII siecle. Traduits de l'anglais par J. T. Parisot, traducteur des lettres de Junino, des Memoires de Sheridan &c. Ornés de portraits. Paris. Arthur Bertrand, libraire. 1826. 8.º gr. 2. vol. 1.º 391. Pag. 2.ª 305 pag. Apud. Bernardes Branco — Portugal e os Estrangeiros. Tomo I da 2.ª parte, pag. 258.*

[16] *Lisboa en 1870. Costumbres, litteratura y artes del vecino reino por G. Calvo Asencio. Madrid 1870. Apud. B. Branco. Tomo I. Pag. 34 e 35.*

E ora valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Maria.
— Aqui tens marido meu
A vida em que eu andava;
Ai Jesus valha-me Deus,
Valha-me a Virgem Sagrada.
Quem a Virgem serve bem
Sempre lhe dá boa paga;
Ai, Jesus, valha me Deus
Valha-me a Virgem Sagrada.

(Elvas)

O LAVRADOR DA ARADA

Indo o lavrador da Arada
P'ra casa no seu carrinho,
Encontrou um pobresinho.
O pobresinho lhe disse:
— Deixe-me ir n'esse carrinho.
Apeou-se o lavrador,
E subiu o pobresinho.
Levou-o p'rá sua casa,
P'rá melhor sala que tinha.
Mandou-lhe fazer a ceia
Dos melhores manjares que havia.
A ceia já estava feita,
E o pobresinho não comia;
Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha.
A cama já era feita
E o pobre não dormia.
Era meia noite em ponto
E o pobresinho gemia.
Levantou-se o lavrador
P'ra vêr o que o pobre tinha,
Achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.
— Se eu soubera quem vós ereis
Outro agasalho vos dera;
Dera vos sala de prata
Forrada de primavera.

(Elvas)

O POBRESINHO

(Variante do romance anterior)

Indo o lavrador por um caminho,
Encontrou um pobresinho.
O pobresinho lhe disse:
Se no seu carro o levava.
E no seu carro o levou,
Na sua casa o foi pôr,
Na sua casa o deixou.
Mandou-lhe faz r a ceia
Dos melhores manjares que tinha.
A ceia já era feita.
O pobresinho não comia.
Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha;
Por cima damasco rôxo,
Por baixo cambraia fina.
Lá por essa noite adiante
O pobresinho gemia.
Levantou-se o lavrador
A vêr o que o pobre tinha.
E o pobresinho lhe disse:
— Escuta, lavrador, escuta,
Porque amanhã é o teu dia,
A tua mulher nos infernos,
Tu na minha companhia. —
Tocam os sinos em Belem:
— Quem morreu, quem morreria?
— Foi Christo Nosso Senhor,
Filho da Virgem Maria.

(Elvas)

A MORENA

Levantou-se frei João
N'uma manhã de geada,
Foi-se á porta da Morena,
Da Morena malfadada:
— Abre me a porta, Morena,
Morenita da minh'alma!
— Como te hei de abrir a porta,
Frei Joanito d'esta alma,
Se tenho o meu filho ao peito,
E meu marido á ilharga?
— A quem dás, ó mulher minha,
A quem dás a tua fala?
— Dou-a á filha da forneira
Que procurou se amassava;
Se amassasse pão de leite
Que lhe deitasse pouca agua,
E me faça 'ma m'rendeira
Antes alva que não rala.
— Levanta-te, mulher minha,
Vae cuidar da tua casa:
As duas filhas que tens
Ellas são mui bem mandadas;
Uma que vá peneirar,
Outra que vá buscar agua.
— Levanta-te marido meu,
Vae fazer uma caçada,
Que não ha melhor coelho
Que é o da madrugada. —
O marido que sahia,
Morena que se enfeitava,
Com suas meias de seda,
Que na perna lhe estalava;
Com vestido e brilhantes,
Que no collo lhe brilhava.
— Abre me a porta frei João,
Frei Joanito d'esta alma. —
O fradinho, de contente,
Em vez de correr saltava.
Ella que de lá sahiu,
O marido que encontrava:
— Onde foste, mulher minha,
Que vindes tão enfeitada?
— Venho de ouvir missa nova
Que me regalou esta alma.
— Aonde foi essa missa
Que assim se disse á calada?
— Em casa de frei João,
Disse-se á porta fechada.
— Aqui te farei a cova,
Co'a ponta do meu bordão,
P'ra não tornar's a ir vêr
O corpo de frei João.
— Coitadinhos dos meus filhos
Que outra mãe não hão-de ter.
— Se vós fosseis boa mãe
Outra morte havieis ter.

(Elvas)

FREI JOÃO

(Variante d'A MORENA)

Levantou-se frei João,
N'uma manhã de geáda,
Abotoando os seus calções,
Tocando em sua guitarra.
Foi á porta da Aurora,
Da Aurora malfadada:
—Abre-me a porta, Aurora,
Pelas cordas da tua alma.
—Como te hei de abrir a porta,
Frei João da minh'alma,
Se tenho meu filho aos peitos,
O meu marido á ilharga?
—Quem é esse, mulher minha,
Que comtigo fallava?
—E' o moço do forno
Que pergunta se amassava.
Se amassasse pão de leite,
Que lhe deitasse pouca agua,
Se amassasse pão de trigo,
Uma pinga só bastava.
Levanta-te, marido meu,
Vae fazer a tua caçada,
Que não ha melhor hora
Que a hora da madrugada.
—Levanta-te, mulher minha,
Vae tratar da tua casa,
Manda tuas filhas á fonte
Com jarros de ouro e prata.—
O marido que sahia
Ella mui bem se enfeitava,
Bom sapato, bella meia,
Que na perna lhe estalava.
Foi á porta do convento,
Por frei João procurava.
Frei João assim que a via
Em vez de correr saltava,
Pegara-lhe pela mão,
A' sua cella a levava;
Dá-lhe copos de geléa,
E pratos de marmelada.
Quando para casa voltava,
C'o marido se encontrava:
—Donde vindes, mulher minha,
Que assim vindes enfeitada?
—Venho d'ouvir missa nova
Que frei João a cantava.
—Aqui te dou uma facada,
Do lado do coração,
P'ra que não tornes a ouvir
Missa cantada de frei João.
—Não se me dá de morrer,
Que para morrer nasci,
Dá-se-me de frei João
Ficar no mundo sem mim.

(Elvas)

FREI ANTONIO

(2.ª Variante d'A MORENA)

Levantou-se frei Antonio
Uma manhã de madrugada,
Bate á porta de Morena,
Morenita mal casada.
—Abre-me a porta Morena,
Morena da minh'alma.
—Não posso frei Antonio,
Frei Antonio do coração,
Que tenho meu filho ao collo,
Meu marido pela mão.
—O que é isso, ó mulher minha,
A quem dás as tuas fallas?
—Foi o filho da padeira
Que perguntou se amassava,
Se amassava pão de leite,
Não lhe deitasse agua,
E se era de trigo
Lhe deitasse pouca agua.
—Levanta-te, bella mulher,
Vae tratar da tua casa.
—Levanta-te, ó homem meu,
Vae tratar d'uma caçada,
Manda-me de lá uma lebre,
P'r'á noite t'a ter guizada.—
O marido que sahia,
Ella bem se enfeitava,
Ao convento foi passar,
Por frei Antonio perguntava.
Frei Antonio, assim que a viu,
Em vez de correr saltava,
Dava-lhe bellos bolos,
Talhadas de marmelada,
E pela mão a levou
A' cella onde dormitava.
Ella que vinha p'ra casa,
O marido que encontrava.
—Onde foste, mulher minha,
Que vens tão enfeitada?
—Venho de dar uns parabens
Pertencentes a nossa casa,
A nossa prima Francisca
P'lo filho que Deus lhe dava.
—Fizeste bem, mulher minha,
Fizeste tu, como honrada,
Agora o que tu mereces
E' uma saia nova.—
A primeira que lhe deu
Foi com a tranca da porta,
A segunda que lhe deu
Foi co'a tumba já á porta.

(Elvas)

MARAVILHAS DO MEU VELHO

Maravilhas do meu velho
Tenho eu para contar,
Que me deixou real e meio
P'ra me vestir e calçar;
E o que d'isto me sobrasse,
Que lh'o tornasse eu a dar,
P'ra comprar de presunto
P'r' o velho se besuntar.
Levantei-me de manhã cedo,
Fui fazer o meu jantar,
Encontrei meu velho morto
Entre as portas do quintal.
Chamei pelas choradeiras
Que m'o ajudassem a chorar,
Bem chorado, mal chorado,
Seja o velho enterrado.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

ANNO IV

N.º 8

SERPA, Agosto de 1902

VOLUME IV

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.),* ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 8 SERPA, Agosto de 1902 **Volume IV**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

UM PRECURSOR DO HOMEM DAS BOTAS

Em 2 de dezembro de 1811 Lisboa quasi que se despovou para ir assistir a um espectaculo, tão extraordinario como extravagante, que lhe haviam promettido disfructar por um annuncio impresso avulso e que fôra affixado nos logares publicos dois dias antes. Ahi se affiançava que á 1 hora da tarde d'aquelle dia um official inglez, munido de botas de cortiça, atravessaria o Tejo desde a Torre de S. Vicente até á Torre Velha.

Já antes do momento aprasado o concurso do povo era enorme e calcula-se que mais de vinte mil pessoas se agglomeravam nas immediações da monumental fortaleza. Imagine-se a impaciencia e anciedade com que todos esperavam que apparecesse o heroe da aventura, e quantos rumores não circulavam n'esta alarmante expectativa!

Chegou o momento opportuno, ouviu-se soar em algumas torres a hora predestinada; quem tinha relogio não fazia senão codsultal-o, mas o *Homem das botas* não havia ninguem que conseguisse lobrigal-o por mais que arregalasse os olhos. A decepção ia augmentando successivamente e as pragas de uns juntavam-se com as facecias e as risadas dos outros. Os basbaques reconheciam o seu engano e iam-se retirando á surrelfa, chalaceando de si proprios, anteparando-se d'este modo contra as chufas dos precavidos. Os mais ingenuos, porém, impenitentes pacovios, deixavam-se ficar e só ao fim da tarde, quando as trevas assomavam, é que se dissiparam os derradeiros bandos.

Ainda hoje está para se saber o motivo d'esta burla: se foi algum sujeito de bom gosto que quiz divertir-se á custa da credulidade popular, ou se houve, n'este apparato de brincadeira, algum intuito de qualquer natureza. A policia procedeu a averiguações, mas nada se apurou que elucidasse o caso. Tendo-se o annuncio affixado e dtstribuido com dois dias de antecedencia, o que pareceria natural é que ella desde logo indagasse da procedencia e do auctor da *galga* e publicasse um contra-aviso, prevenindo o publico de que só se tratava de illudir grosseiramente a sua boa fé. Mas a policia de então, como a de hoje, gosta mais de remediar que de prevenir, e dar graças a Deus quaepo remedeia, pois o mais cnrial é não fazer coisa nenhuma, por chegar sempre tarde e a más horas, á semelhança dos carabineiros de Offenbach. [1]

---

[1] A proposito do *Homem das botas*, leia-se o que escreveu o sr. Pinto de Carvalho (Tinop) a pag. 206, do 1.º volume da sua obra *Lisboa d'outros tempos*.

O grande acontecimento de 3 de dezembro de 1811 não foi tão original nem tão esporadico, que se deva contar como inteiramente novo e sem precedentes. Mais uma vez o *nihil sub sole novum*, repercutia triumphante. O *Homem das botas* teve um precursor em Portugal no seculo XVI. Não se conhecem promenores circumstanciados do comico episodio quinhentista, mas entre um e outro existem fortes elementos de affinidade.

A noticia que temos de tal precursor é indirecta; apenas uma referencia, mas esta referencia é deveras suggestiva e curiosa. Apparece ella n'um memorial sem data, mas com toda a certeza do seculo XVI, dirigido por um João Rodrigues a Sua Alteza, indubitavelmente D. João III.

João Rodrigues, cognominado *o dos engenhos*, era homem de grande e variada aptidão e offerecia-se a mostrar o seu prestimo e habilidade em muitas coisas do serviço do rei e da patria: — em aperfeiçoar as bombas que estancavam as aguas nos navios, em aperfeiçoar o fabrico da artilharia e da polvora, em adestrar os bombardeiros, em tirar objectos do fundo do mar, etc. O prospecto dos seus serviços e do seu valimento é tão amplo e tão importante que elle proprio chega a receiar que Sua Alteza o não acredite. E, para desvanecer estas suspeitas, elle affirma convictamente a Sua Alteza que nem os seus inventos são como o *homem de Alcochete, que disse que havia de vir por baixo d'agua a Lisboa.*

D'aqui se vê que o *Homem das botas* não podia reclamar para si a prioridade, pois tres seculos antes havia quem tivesse tido a mesma idéa.

Uma differença se nota entre os dois heroes da aventura. Um viria por baixo d'agua, outro por cima d'ella; um calçado com botas de cortiça, o outro não se sabe se no primitivo trajo de Adão, se munido de qualquer apparelho. Em todo o caso, o fundo da lenda é o mesmo, e, apesar dos progressos da sciencia, o *Homem das botas* não se tornou realidade. Por emquanto não passa de uma grotesca, mas aproveitavel personagem d'um romance á Julio Verne.

SOUSA VITERBO.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

EU OUVI

Eu ouvi, mil vezes ouvi
Lá no campo rufar os tambores...
Das janellas me chamam-n'as moças:
— Já lá vou, já lá vou, meus amores!

Serpa.

M. DIAS NUNES.

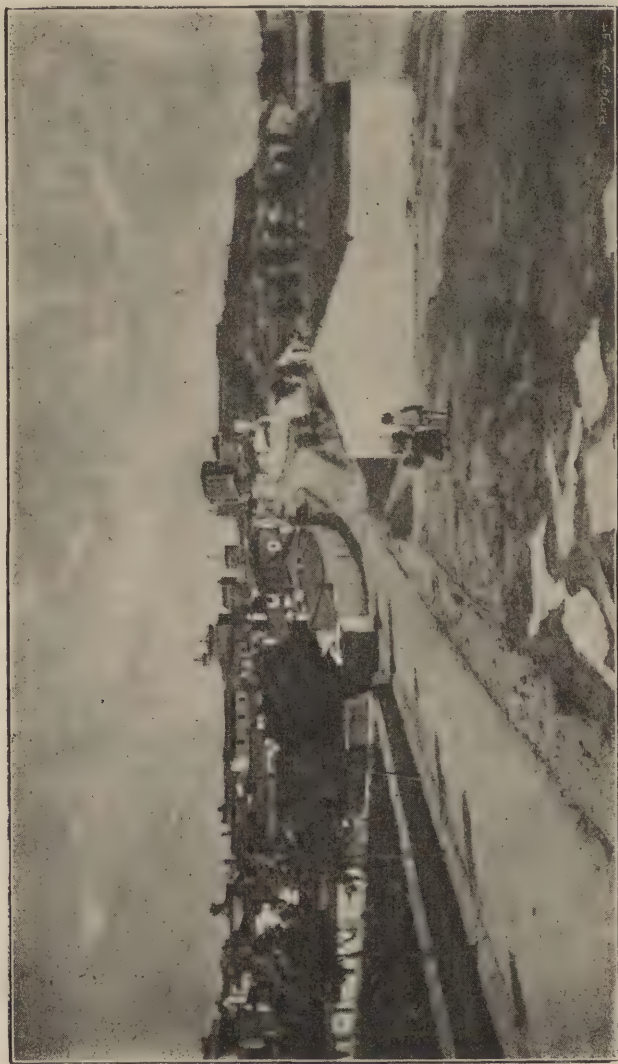
PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

II

Pelo que deixámos exposto no numero anterior d'esta revista, comprehende-se sgora bem que a industria piscicola das costas d'Aveiro se resuma *na pesca da sardinha com artes de arrastar para a terra*, e n'um ou n'outro ponto *na pesca tambem do carangueijo por meio de arrastar mais pequenos — denominados chinchorros — e do allar para bordo.*

Não quer isto dizer que as grandes redes da sardinha não tragam de ordinario uma certa variedade de especies e que todos os centros situados na beira-mar não sejam sufficientemente mimosos de peixe — de roballo, linguados, corvinas, tainha, etc. e d'outros de somenos estimação para classes menos abastadas — raias, cação, lula, etc.; mas todo este producto e ainda mesmo o dos grandes lances de cavalla e chicharro extremo que sempre se obtem em certas epo-

COSTUMES & PERSPECTIVAS

A notavel villa de Serpa, vista do nascente

chas do outomno, todo elle junto representa uma verba insignificante, e quasi nulla comparada com aquella em que importa o custo da pesca.

A industria dedica-se unica e exclusivamente á sardinha, entrando em linha de conta, como parcella importante, o caranguejo que vem d'envolta com a sardinha; e n'uma dimiuuta escala, á pesca exclusiva d'este crustaceo. Todos os demais productos do mar podem passar perfeitamente desapercebidos.

Em compensação a sardinha frequenta tão assiduamente estas paragens desde o declinar do verão até aos fins do inverno, que a região de que me occupo parecendo á primeira vista uma das menos importantes de Portugal, é — como em breve veremos com todo o rigor — distinctamente a mais productiva do paiz.

Restringindo-se a exploração á captura d'uma especie unica e nomada, a producção ha-de necessariamente estar sujeita a grandes oscillações de um anno para outro, visto que os nomadas nem sempre affluem com a mesma intensidade ás differentes paragens que costumam visitar, e de todos elles é talvez a sardinha aquella cujos trajectos de emigração são mais irregulares e nós até hoje menos conhecemos.

E' opinião geralmente acceite que a sardinha se approxima das nossas costas, assim como d'outras da Europa, para desovar; e é por egual admittido que ella, assim como quasi todos os nomadas, procura para este acto, de preferencia, os logares mimosos d'areia onde com mais regosijo possa roçar o ventre e ajudar a expulsão dos ovos.

A tal instincto presta-se como nenhuma outra, a costa d'Aveiro, e é esta sem duvida a razão do estado florescente da pesca local.

Na abundancia com que a sardinha apparece nas differentes costas divergem as opiniões dos ichtyologistas, se não no todo pelo menos no grau de importacia das diversas causas que todos elles apontam.

Querem alguns que entre todas ellas avulte a direcção mais ou menos favoravel que toma, d'epocha para epocha, o ramo da corrente oceanica Gulf-stream que corre do Norte para o Sul ao longo das costas occidentaes da Europa, influindo esta corrente quente não só pela temperatura como tambem pela maior ou menor quantidade de detrictos da pesca do bacalhau que comsigo arraste dos bancos da Terra Nova.

Inclinam se outros para a influencia mais soberana da riqueza vegetal dos solos submarinos e fazem entrar então como factor primordial da accorrencia da sardinha a existencia d'esses prados e a sua conservação e defesa contra a pesca de arrasto a vapor e á vela.

O que é certo é que ambas as opiniões teem uma acceitação scientifica incontestavel, e neccessariamente as causas indicadas hão de ter ambas importantissima influencia no curso dos cardumes e nas suas paragens.

E' preciso ainda notar que a sardinha pescada em Portugal não é toda de arribação, embora esta seja a melhor e a que constitue a grande safra. Ha tambem a sardinha sedentaria nas nossas aguas, aqui nascida e creada, e esta é que com certeza nada tem com a corrente das Antilhas, e com mais certeza ainda não póde abundar em fundos aridos ou devastadas pelas redes de *ganguy*, *chalut* ou *bou*.

Pelo seu lado os pescadores da região sabem *de certeza* que a safra depende desfavoravelmente dos ventos terraes ou do levante que afastam sempre a sardinha para o largo, e ainda das aguas se apresentarem muito claras porque o peixe tem então um campo visual muito maior e no seu temor de tudo quanto vê — até da sua propria sombra n'um fundo claro — fóge dos areaes em demanda apenas das grandes funduras.

Outra desvantagem na safra, e não

CANCIONEIRO MUSICAL

VIII

EU OUVI

(Musica recolhida por D. Elvira Monteiro)

(DESCANTE)

pequena, chegando n'alguns annos a ser capital, é o excesso de carangueijo na costa.

Em regra a costa é rica d'este marisco e elle contribuiu bastante para os interesses da pesca porque o mercado cóta-o sempre firme como o melhor de todos os adubos agricolas. Mas annos ha em que os bancos, as montanhas do carangueijo são tantas eião extensas, que nem a sardinha quer atracar para a terra, nem as artes a conseguem ensacar, porque tão depressa ella presente as garras do crustaceo arrastado na fente da rede, foge espavorida em todas as direcções.

Alem d'isto as redes enchendo se muitas vezes, completamente, d'esta pescaria que não fluctúa, não nada, e é pesadissima, é imprescindivel ir ao mar despejal-as para se não rasgarem, ou perderem completamente partindo-se as cordas d'allagem.

Por sobre isto, avulta o estado do mar, não só ao largo como na borda. Innumeras vezes apresenta-se o mar completamente chão a distancia, e a arrebentação da praia conserva-se alterosa e puchada não permittindo que os barcos caiam n'agua e vão fazer o lance.

Não ha duvida de que a pesca maritima do districto d'Aveiro está sujeita a grandes contigencias e é portanto muito arriscada. De mais a mais exige grandes despezas, quasi todas feitas no começo da safra. Se nunca se juntaram todas as adversidades dando um resultado final completamente desgraçado para os proprietarios das companhas, é comtudo certo que durante o anno se dão sempre e a meudo crises parciaes que affectam horrorosamente os proletetarios — os pescadores contractados para o serviço.

Em todo caso, Aveiro tem conservado — pelo menos n'estes ultimos annos que alcança a estatistica da Commissão Central de Pescarias — um logar sempre brilhante entre todos os demais do paiz.

Pelas estatisticas vemos que a media do producto total da pesca, nos mares do continente e ilhas adjacentes, nos quatro annos que decorrem de 1896 a 1899, foi de 3.800:000$000 réis em cada anno [1].

D'estes 3:800 contos, 1:725 contos representam o valor medio annual da pesca da sardinha, para o qual valor, Aveiro contribuiu com a media annual de 400 contos.

Conglobando n'um só districto as areas das capitanias de Caminha, Vianna do Castello, Porto e Leixões, procedendo egualmente com todas as do Algarve, podemos dividir a nossa costa em sete zonas a saber:

1.ª — do Norte: de Caminha a Espinho.

2.ª — de Aveiro: de Espinho a Mira.

3.ª — da Figueira da Foz: do Sul de Mira ao parallelo 40.°

4.ª — da Nazareth: do parallelo 40.° ao Cabo Carvoeiro.

5.ª — de Lisboa: do Cabo Carvoeiro ao Cabo Espichel.

6.ª — de Setubal: do Cabo Espichel ao Cabo Sardão.

7.ª — do Algarve: do Cabo Sardão ao Cabo de S. Vicente, a Sagres e ao Guadiana.

As sete zonas dão-nos o seguinte quadro de rendimento annual medio de pesca:

Zonas	Milhas de costa	Producção annual	Producção media por milha de costa	Differenças entre a producção real e o que ella seria se fosse uniforme em todo o litoral.	
				Para +	Para —
1.ª	53	563:500$	10:632$	108:000$	
2.ª	37	553:500$	14:959$	235:000$	
3.ª	25	194:500$	7:780$		20:000$
4.ª	45	171:000$	3:800$		216:000$
5.ª	65	537:500$	8:270$		21:000$
6.ª	80	731:500$	9:144$	44:000$	
7.ª	110	828:000$	7:527$		118:000$
Total	415	3:579:500$	—	—	—

[1] N'esta verba não está incluido producto da pesca das baleias nos Açores, cuja media aenual foi de 22 contos; nem a da pesca do bacalhau por navios nossos na Terra Nova, cuja media annual foi de 110 contos.

1.ª — Se ao total de 3.579:500$000 réis juntarmos a producção das ilhas, no valor de 220:000$000 réis, teremos a totalidade de 3.800:000$000, a que já atraz nos referimos.

2.ª — A producção media por milha de litoral é de 8:600$000 réis approximadamente; e sobre esta base são calculadas as duas ulimas columnas da tabella.

3.ª — Nos valores indicados pela tabella estão conglobadas a pesca maritima e a das aguas salobras pertencentes á jurisdicção das capitanias dos portos, por me parecer assim mais rigorosa a estatistica. Esta pesca das aguas salobras tem demais um valor muito reduzido: cêrca de 137:000$000 réis por anno.

E' certo que a ria d'Aveiro, bacia salgada mais importante de todo o paiz, deve ter uma producção mais saliente, embora as estatisticas officiaes a não tenham apurado por falta d'elementos. O seu valor, sem ser o de 40$900 réis por ellas accusado, não attinge comtudo a alta cifra que por algures se phantasia. Essa producção minuciosamente colhida dos mappas apresentados pelos respectivos postos fiscaes, tem o valor medio annual de 69 372$453 réis, entre 1896 e 1901.

A tabella que apresentamos é bastante eloquente e dispensa-nos de quaesquer outras considerações para evidenciar se a importancia e a superioridade productiva d'Aveiro no certamen das pescarias nacionaes.

Como porém não é nosso fim sublimar qualquer zona ou deprimir outras — nem creio que isto interesse ninguem — é justo que não passemos adeante sem vermos o assumpto pelo prisma da *estabilidade da industria*, circumstancia altamente preponderante na importancia relativa e real dos differentes centros de pesca.

Aveiro, comquanto tenha uma producção muito superior e distincta não póde ter as honras culminantes da primasia. Quando tratarmos da organisação economica das companhas, veremos que o pescador sempre assoldadado nunca pode ter aspirações superiores a alcançar o sustento diario. Por agora basta que notemos, que as safras durando apenas de maio ao Natal, quando muito, fóra d'estes mezes, o pescador do mar ou tem de procurar outro modo de vida ou é obrigado a emigrar para outras zonas onde a industria se mantenha activa.

Lembra aqu objectarmos — e a ria d'Aveiro?

A ria d'Aveiro nem alcança Espinho ao Norte, nem Mira no extremo opposto; mas mesmo que tivesse essa extensão era ainda pequena de mais para occupar o grande numero de braços que sahe da pesca maritima. Além d'isto, a ria, talvez mesmo por nos dever despertar os maiores cuidados e o maior interesse pelas suas bellas e riquissimas condições naturaes, tem sido sempre votada a um tal desprezo, que hoje está completamente haurida e esphacellada, não podendo offerecer recursos a nenhumas pescas regularmente organisadas.

Da gente que sahe das campanhas do litoral, parte emigra para Setubal, Lisboa ou Leixões; parte vae para os trabalhos agricolas; grande numero entrega-se á vida d'expedientes, ao emprestimo, á indigencia e á miseria; e uma certa percentagem passa então á ria sob novos contractos para a pesca d'arrasto com os chinchorros, assolando e despovoando o pouco que ainda resta.

Outro tanto não succede no Algarve, em Setubal, Lisboa e mesmo no Norte.

A primeira zona de pesca do paiz é incontestavelmente a costa do Algarve, desde a Ponta de Sagres á foz do Guadiana, tirando-lhe o tracto da costa occidental, do Cabo Sardão ao Cabo de S. Vicente, que é completamente morto.

O Algarve além de possuir o exclusivo do atum no continente — producção que de per si representa o valor medio de 310:000$000 réis por anno — reune em si as melhores condicções de toda a peninsula hispanica para o exercicio da pesca maritima.

No Algarve — póde-se dizer — ha todos os peixes das nossas paragens e pesca-se com todo os apparelhos do nosso uso.

N'estes termos, o exercicio da pesca ali é constante, tem sensivelmente

a mesma actividade em todas as epochas do anno; e a industria toma assim um caracter perfeitamente definido — o pescador é pescador e não tem necessidade de ser outra cousa; tão pouco é obrigado a emigrar ou a assoldadar-se forçadamente, sendo-lhe facultado fazel-o ou deixar de o fazer explorando a industria por conta propria.

Em identicas circumstancias acha-se Setubal, desde o cabo Espichel até ao Sul de Sines, despresando como morto o litoral que vae d'aqui até á ribeira de Seixe, divisão natural dos concelhos de Odemira e Aljezur — ou antes Alemtejo e Algarve — ao Sul do cabo Sardão.

Setubal com a magnifica barra do Sado, a costa de Cezimbra correndo Este-Oeste e protegendo ainda uma grande zona do litoral para o Sul do porto, com o pequeno abrigo do cabo Sines mais abaixo, mantem uma industria bastante activa durante todo o anno, conta maior numero de armações fixas de sardinha do que todo o Algarve, e faz um bom commercio de pescarias pela facilidade de exportação que lhe offerecem tanto a via maritima como as terrestres.

Na zona de Lisboa tambem a industria encontra importantes elementos naturaes para se desenvolver, além de ter o melhor mercado do paiz para expôr os seus productos. A exploração é susceptivel de se exercer por variados systemas, e a colonia piscatoria que moureja entre os cabos da Roca e Espichel é certamente a mais numerosa de todas, relativamente á area que explora.

Na zona do Norte, entre os rios Minho e Douro, ainda se accentua uma permanencia de trabalho que está muito fóra da comparação com Aveiro. Lá está o poveiro, esse typo verdadeiramente caracteristico do pescador, em absolucto, essa raça verdadeiramente distincta de luctadores do mar, cuja faina persistente atravez de todas as vicissitudes de tempo e mar, levanta a região que os abriga a um grau de importancia maritima que a ninguem é dado esconder ou deixar desapercebido.

A favor da producção de Aveiro, poder-se-ha ainda argumentar, que a porção de costa occupada pelas praias de pesca representa uma extensão total muito reduzida, ficando tambem uma grande tracto completamente morto para a industria.

Isto é verdade; mas se a industria se não exerce n'esses pontos intermedios, não é porque as condicções maritimas ali sejam differentes, mas sim por faltas de communicação ou de transportes e por falta de braços. A pesca da sardinha requer tanto pessoal e compensa-o tão escassamente que a população regional a custo chega para o numero de campanhas actualmente existentes, e o pescador de fóra não se tenta a emigrar para cá.

Em resumo — Aveiro é o primeiro districtro productor de pescaria, segundo a actual divisão administractiva do litoral; como centro de industria piscicola, não o póde ser e está muito longe d'isso.

(Continúa).

JAYME AFFREIXO.

O Rei D. Sebastião em Serpa

ESCREVEU um certo João Cascão uma narrativa deveras interessante da viagem que o malogrado rei D. Sebastião fez pelo Alemtejo e Algarve em 1573.

O acolhimento que lhe faziam e á sua comitiva era quasi igual em todas as povoações. As ordenanças com as suas bandeiras recebiam o monarcha com salvas e as municipalidades acompanhavam-no processionalmente conduzindo-o debaixo do palio, que em mais de uma povoação servira ao imperador do Espirito-Santo, emquanto os foguetes e os artificios de fogo estalavam nos ares.

Mascaradas, folias pelas (danças), danças de «ciganas», de «almozonas«

e de mulatas, homens formados em *soisses*, (donde fizemos súcias), mouriscas, arremedos á judenga, representações de autos desempenhados por castelhanos (em Odemira), constituiam os principaes divertimentos, nos quaes o proprio rei não desdenhava de tomar parte quando se tratava de touradas e caçadas. Pode fazer-se ideia do que seriam aquellas festas comparando-as com os actuaes entrudos. Durante a noite as luminarias nas janellas e as barricas de alcatrão nas muralhas das villas tentavam rasgar o negrume.

Não escapava e rei de receber á entrada das povoações os salamaleques de qualquer magistrado de eloquencia mais ou menos empolada, o qual todavia não tinha a dita de vêr a sua producção nas columnas de nenhum *Diario do Governo*. Em Moura, onde o rei foi recebido por onze bandeiras de ordenança e duas danças, pronunciou o prior de S. João um discurso em que se dizio o seguinte:

«Os antigos egypcios que em lugar de letras usavão de figuras quando queriam significar a Deus pintavam um sceptro direito e levantado com um olho em cima dando a entender por esta figura ser Deus justo e ver tudo. Na sagrada Escritura os Reis se chamão Deuses não por natureza mas por imitação.»

Estas e semelhantes homenagens feitas a um rapaz mal educado em todos os ramos, que não fossem os de *sport* e religiosos (educação jesuitica), cercado de uma côrte de esfaimados dependentes, não faziam mais do que preparar a crise por que passou Portugal em 1580.

A grossaria do monarcha póde avaliar-se pelas palavras que pronunciou depois de vêr as moças da Duqueza de Bragança, que estavam reunidas no guarda-roupa, sala por onde necessariamente o rei havia de passar: *que bem se poderia ali fazer outra ezefama*. Donde colligiu o chronista que ellas lhe deveriam ter parecido bem.

O enthusiasmo com que foi acolhido o monarcha já tinha cessado, quando foi preciso reunir os contingentes militares que o haviam de acompanhar na infeliz campanha de Africa, e tambem quando a independencia da patria exigia mais do que cumprimentos e homenagens artificiaes e interesseiras. Então como hoje bem póde classificar-se o patriotismo portuguez como *der laermende gedanklosen Patriotismus der Portugiesen*[1], sob o ruido do qual politicos e familias internacionaes retalham ou hypothecam secretamente o patrimonio commum.

Da narrativo de Cascão apresento aos leitores da benemerita revista a parte que se tefere á permanencia do rei D. Sebastião em Serpa.

«6.ª feira 6 de fevereiro ouvio el Rey missa em Mertola ás 6 oras o senhor Dom Duarte a ouvio com elle. Soube vindo da Igreja que avia na Villa Touros e mandou que os tivessem prestes, os quaais estavão da banda de alem do rio. Passou el Rey em hum bergantim, indo ia de caminho para Serpa. Vio os Touros em hum serrado que ali avia, mandou sair a elles seu moço da Camara, e lhe fez alguãs sortes, e depois entrou elle e o senhor Dom Duarte e o Duque de Aveiro e alguns fidalgos até se vir corromper a festa, e entrar tambem Lopo Roiz, ainda que os Touros não tinhão os cornos cerrados. Deixou el Rey esta festa e partio para Serpa que são sete legoas grandes e de roim caminho, duas legoas antes de chegar a Serpa se desceo el Rey em hum vale, e esteve hum pedaço grande descançando. O Duque d'Aveiro estando no caminho a cavalo consoando com alguns fidalgos que comem a sua meza lhe cahio o chapeu no chão, e Dom Francisco Portugal mandou seu filho Dom João que tras a mala del Rey qee se decesse e tomasse o chapeu e o beijasse e o desse

[1] *Das Echo* XXI (1902), 2968.

ao Duque de Aveiro o que elle fez, e o Duque de Aveiro o recebeo com as suas cortezias costumadas. El Rey se pos a cavalo e antes de chegar a Serpa mea legoa o receberão 92 homens de cavalo de capas e espadas e a ordenança de sete bandeiras e á porta da villa estava hum arco de madeira por onde havia de entrar bem concertado com hum vulto de São Sebastião em cima, e no arco huns versos em latim que adiante se escreverão[1]. A porta estva armada de tapeçaria, e nella feito hum pulpito de madeira em que se lhe houvera de fazer a falla que não houve effeito pello que direy e ira fora da historia escrita.

Nesta porta o receberão os vreadores em hum palio de damasco branco el Rey se deteve parecendolhe pellas insignias que avia falla e o seu porteiro mor e alcaide mor se chegou a elle e lhe disse que não avia falla porque o homem que estava para a fazer esmorecera não se atrevendo a fazella. O alcaide mor lhe entregou as chaves da villa e o acompanhou a pé na forma costumada.

Receberam a el Rey com palio em Serpa sendo villa e não notavel[2] foi mercê particular que el Rey quiz fazer a João de Mello e a D. Martinho Pereira e Manuel Quaresma que são naturais d'esta Villa. Isto dizião os praguentos e tambem dizião que soltarão alguns prezos que tinham parte.

El Rey foi levado por huma rua muy comprida e toda armada e com algumas moças bem parecidas até o castello onde estava aposentado, acompanhado de tudo acima dito e com mais cinco danças tres de molheres moças e muito feas, e duas de homens, e duas pellas: aqui achou el Rey recado Rainha.

Serpa he de 1:300 vizinhos, á noite no castelle desta villa muitas luminarias. O palio deu-o o estribeiro mór para o Sanctissimo Sacramento.

[1] O que não se effectuou.
[2] Mais tarde recebeu este titulo.

Sabbado 7 de Fevereiro ouvio el Rey missa em Serpa, o senhor Dom Duarte a ouvio com elle, depois de jantar lhe correram Touros, andou a elles e o senhor Dom Duarte, e o Conde de Vimioso, e Christovão de Tavora, e o Alferes mór, e Dom Pedro de Menezes, houve dous Touros muito arresoados a que todos fizerão sortes, e a que de mais gosto houve assi em el Rey, como em todos, foi huma que fez hum moço da estribeira do senhor Dom Duarte que tomando-o o touro lhe rompeo com hum corno huma aljubeira que trazia bem provida de cartas de iugar e de tentos e algum dinheiro, e lhe espalhou todo pello corro. Fica a historia sendo mais fermosa, a quem souber a inclinação que este homem tem a este exercicio de cartas, e bem se enxergou nelle ser-lhe affeiçoado, porque muito devagar as tornou a apanhar todas.

Hum homem velho por festejar a el Rey fez algumas sortes ao touro *pezadamente como velho*, e el Rey por sua idade não ser para andar no corro houve que estava bebado, e depois que soube que era querer lhe fazer festa, fez-lhe mercê de huns officios que tinha para hum filho seu. Os touros acabados partio entre as duas e as tres para Moura pella posta com o senhor Dom Duarte, e o Duque de Aveiro, e todos os fidalgos que quizerão correr que são quatro legoas de jornada. Chegou el Rey a uma fonte e esteve bebendo por hum chapeo de tafetá do filho do Conde de Vimioso, e matarão huma adem em alagoa as Coladas, a qual com medo do falcão que lhe tinha dado huma pancada se veyo ali meter. No camivindo correndo a posta cahio o cavalo com Dom Rodrigo Lobo, e o tratou muito mal, e de Moura mandou el Rey que se fosse para Evora. Dom Alvaro filho do Conde do Vimiosos deu outra queda, mas não fez nada.»[1]

PEDRO A. D'AZEVEDO.

[1] Archivo Nacional, *Ms* 1104, pg. 646.

SETUBAL

Crenças, superstições e usos tradicionaes

V

Astronomia e meteorologia rustica

LUA

Suas influencias

E' CRENÇA inabalavel esta da influencia da Lua sobre a Terra e todos os seus habitantes.

Ella tem acção sobre a mudança do tempo, sobre o estado da atmosphera, sobre as plantas, animaes, homens, mulheres, ovos, sementes, tudo emfim.

A Lua tem entrada em todas as fórmas de linguagem desde a *Lua de mel* até á *Lua marçalina.*

Ora já que falámos em *Lua marçalina*, comecêmos por ella.

Dão este nome á lua de março e atribuem-lhe o poder de gelar as plantas e os rebentos fructiferos.

E' esta crença semelhante á que existe em França sob o nome de *lune rousse.*

— *A lua cóme as nuvens*, dizem os homens do mar; e crêem que as nuvens se desfazem com a sua luz.

— As phases da Lua teem influencia poderosa sobre o tempo:

> «Lua nova trovejada
> trinta dias é molhada».

Se acontece haver trovoada na proximidade de lua nova, teem como certo que em todos os quartos haverá chuva.

« *A Lua gósta d'agua*, dizem os homens do campo, *e anno em que ella governa é anno de chuvas.*

— A posição que a Lua, nas quadraturas offerece á nossa vista, tambem é interpretada sob o ponto de vista meteorologico.

«Lua deitada, marinheiro em pé». Presagia máu tempo.

«Lua em pé, marinheiro deitado». Indicio seguro de bom tempo.

— O halo lunar é prenuncio certo de chuva.

— Sobre as plantas tem a Lua influencia notavel.

A's suas phases são subordinadas as sementeiras, córtes, pôdas, enxertias, sachas, todos os trabalhos agricolas emfim.

As sementeiras devem ser feitas no *escuro da Lua*, isto é uns dias antes até dois ou três dias depois da Lua nova.

Córte de madeiras, canas, vimes, tudo o que ê destinado a secar, deve ser cortado no minguante. As pódas e enxertias, no crescente. A lua cheia é destinada á colheita de sementes, talvez pela mesma razão porque os pescodores procuram os *mariscos* (crustaceos e moluscos) na epocha do plenilunio.

« *O marisco enche e vasa com a Lua*, e affirmam que só na Lua cheia estão *gordos e cheios* (sic).

O crescimento de algumas plantas depende, segundo crença antiga, da luz da Lua.

Quem semeiar pepinos em sitio em que *não bata a Lua* não colherá um. «Pepino sem lua, amúa».

E o desenvolvimento é tão energico á luz do luar que os camponêses afirmam que os *ouvem crescer aos estalos.*

— Esta acção creadora da Lua sobre os vegetaes, abrange tambem e com egual vigor, os animaes.

Ha um facto notavel que vae aqui a modo de parenthesis.

A influencia da Lua sobre os vegetaes é sempre benefica, salvo a tal *lua marçalina*: mas essa benevolencia não se manifesta sempre para com os animaes.

— Sobre o organismo humano póde dizer-se que é muito prejudicial, a darmos crédito ás lendas que correm...

— A Lua exerce domidio sobre a pesca, a caça, a creação, etc.

— A mulher dos campos, quando *deita* a sua galinha, tem sempre em vista que a eclosão coincida com a lua nova ou cheia; porque crê que os pintos nascidos em mingoante são

fracos, rachiticos e a custo escapam da morte ao fim de uns dias.

(Por causa das trovoadas põem uma ferradura debaixo da certã onde a galinha está chocando).

— E' a Lua quem determina nos animaes a epocha do cio.

Quando um animal está n'esse estado dizem: *esto aluado.*

— Ha uma ophtalmia periodica nos cavallos que supõem corresponder ás phases da Lua.

— O peixe, a caça dizem que estão mais górdos na epocha da Lua cheia.

— No homem a influencia d'este astro começa a manifestar-se desde as primeiras evoluções do óvulo no ventre materno, e só finda na morte... que digo eu? Nem ahi!

Creem (os que creem) que os mórtos sahem nas noites de luar, dizem que, com saudades do sol... Adiante...

— Como diziamos, a Lua começa a exercer a sua acção sobre o homem, mesmo antes d'este vir á luz; e só depois do nascimento se tórna perniciosa para o seu organismo.

Teem as mães o maximo cuidado em não expôr a creança aos raios da Lua, e não só a creança como tambem o berço e as roupas do seu uso.

As alterações no organismo de uma creança são logo atribuidas á lua; e quando se manifesta um d'esses ataques frequentes n'essas edades, ouve-se logo dizer: *o innocinte está com a lua.*

E' costume *aparar* os cabelos das creanças no crescente, para *crescer depressa e basto.*

— O povo atribue á Lua influencias sobre o sistema nervoso.

Os ataques epileticos são efeitos da Lua.

Creem que os doidos sofrem nas ocasiões de lunação.

— A Lua, como tudo o que excita a curiosidade humana, tem tambem a sua lenda.

Alguns veem, no disco lunar, um homem com um mólho de silvas ás costas, castigo imposto por ter violado o descanço dominical.

Outros veem nas manchas do disco as fórmas d'um rosto humano.

— Apesar de ignorarem a acção da Lua nas marés, ainda assim notam a coincidencia d'esse phenomeno com as phases do nosso satelito.

> *«Lua nova, Lua cheia*
> *Praiamar ás duas e meia».*

— O brilho do luar tambem tem sido objecto da observação popular:

> *Luar de janeiro não tem parceiro.*
> *Luar de agosto dá no rosto.*

— Notam a coincidencia do plenilunio com a Paschoa:

> *«Não ha Passos sem crescen'e*
> *Nem Endoenças sem Lua cheia».*

— Na linguagem popular observa-se tambem a influencia da Lua:

Quando alguem está abstracto dizem: *Parece que andas na Lua*, ou que *estás na Lua*!

— Na sua longa intimidade com os grandes problemas da Natureza, o homem rude, o trabalhador dos campos, ou do mar, tem procurado ligar observações, estabelecer regras, interpretar effeitos que o habilite a prever mudanças que possa aproveitar, quando beneficas, ou acautelar-se quando lhe forem hostis.

A Lua com as suas phases as suas manchas, e mais singularidades do seu aspecto tem-se prestado admiravelmente ao papel, que o homem lhe distribuiu, de superintender em todos os seres e coisas que povoam a Terra.

(Continua).

ARRONCHES JUNQUEIRO.

Amorinhos

QUANDO uma nacionalidade ameaça, na apparencia, perder-se, quando as cambalhotas da politica a precipitam para junto á beira do abysmo,

não é vão entretenimento nem tão pouco um retrocesso ir ao passado buscar na litteratura, na arte, na tradição, os documentos impereciveis da sua autonomia.

Ha para todos os povos cuja vida isolada se firmou, resistindo, com todos os seus embates, ás perturbações de muitos seculos, uma razão de ser historica que justifica a sua independencia e, a todo o tempo, vergada essa independencia ás instaveis imposições da força, é o germen que fica sempre para um dia poder fructificar. Essa razão de ser é preciso ir buscá-la á historia, desde as origens remotas da raça e da formação posterior da nacionalidade, com os seus vinculos differenciadôres, no decorrer do tempo indestructiveis. Todos esses caracteres se fixam pelos seculos fóra, — marcando simultaneamente uma natural evolução, — em todas as mànifestações d'arte, quer ella venha da fonte erudita, quer nasça expontane do sentimento d'um povo. Encontram-se na architetura, encontram-se nos cantos nacionaes e n'esses contos que de geração em geração foram passando e estão ainda vivos, como se fôssem d'hoje, no seu feitio ingénuo e interessante, para a imaginação popular que os prefere, para a alma simples do povo que os adora.

Oriundos, as mais das vezes, de velhas formas eruditas, esses contos, passando no decorrer dos tempos pela boca do povo, tomaram para si um novo encanto. Veio para elles todo o pittoresco interesse da lingoagem popular que na tradição oral os foi trazendo, com todas as suas exclusivas maneiras de dizer e as cambiantes que uma modificação ethnologica lhes traz pelo cunho mais ou menos intenso d'uma variante ou dialecto.

Os que chegaram até hoje na tradição escripta são em geral essas novellas de cavalleria medievaes que em diversas variantes foram correndo as partes do mundo, que, por afinidades de raça, lhes podiam ser sensiveis e que desceram ao vulgo quando os livreiros as facultaram nas edições de cordel. Os outros são, as mais das vezes, historias de pura phantasia, allegoricas em muitos casos, em que ha as velhas fadas com a magica varinha e filhas de reis que ficam encantadas annos e annos, até que um principe loiro, garboso e lindo, as venha um dia resuscitar para a vida e iniciar no amôr. São aquelles contos em que apparecem torres ideaes de oiro e madreperola e que, em creanças, nenhum de nós ainda deixou de ouvir com pasmo, no aconchego do lar, dos labios sêccos d'uma velhinha de rosto debroado da neve dos annos que não ha sol que destrua, da voz talvez convencida d'algum velho creado que nos viu nascer e que nos trouxe ao collo, da boca acariciadôra, sorridente e meiga de uma mãe.

Historias com muito mais imaginação que sentimento, ellas servem talvez a demonstrar o quinhão germanico que nos coube na constituição inicial da nossa raça.

*

Historias são essas que o povo diz, ornando-as com todo o pittoresco encanto da sua forma, mas cuja reproducção graphica, para que não seja nma profanação ou um crime, deve ser o previlegio d'uma penna de qualidades tão raras que de forma alguma pode ser vulgar. Porque o escrupulo de fixação deve ser de tal ordem que a intensão d'uma phrase não transvirja, que uma só palavra não venha, com o seu feitio de litteratura erudita, desmanchar um conjuncto que, sem ella, poderia ser perfeito. O proprio Garret, a quem devemos, com o *Frei Luiz*, o *Camões* e as *Viagens*, esse magnifico trabalho de reconstituição das nossas obliteradas tradições populares que se condensa no seu interessante *Romanceiro*, é accusado de, com o seu temperamento de litterato, ter querido completar,

alindando-os, os documentos que as investigações lhe traziam, á primeira vista esfarrapados e confusos.

E' sobre isto que Theophilo Braga nota n'um dos seus primeiros trabalhos, fallando do estudo dos Romanceiros: «appareceu-nos uma luz nova: o que parecia uma rudeza era na realidade o documento da vida d'uma raça; o que parecia um capricho sem sentido era um symbolo foraleiro da alma germanica, conservado pelo atavismo no Mosarabe; o que parecia um desconcerto grammatical era um arcaismo da linguagem do principio do seculo XV; o que parecia ser um canto truncado era um episodio completo mas abreviado de Gesta franceza». [1]

Depois, quando se recebe uma narração da tradição oral ha, quanto á forma, a destinguir o vicio da lingoagem de qualquer variante legitima da dicção popular e, para que essa distinção se faça exactamente, um grande conhecimento da lingoa é mistér, não só na sua forma de erudita pureza classica, mas principalmente na dialectologia que, vinda as mais das vezes, do povo em sua origem, a escripta não chega vulgarmente a fixar.

E' de resto facto amplamente provado que na nossa lingoa desde ha muitos seculos que existem bem claramente definidas, duas correntes, uma popular e outra erudita. Já o nosso antigo grammatico João Franco Barreto notava com razão na sua *Ortographia dr lingua portuguêsa* (1671): Em cada naçã e ẽ cada lingua ha ũs que fallam melhor que outros: e parece que acerca do vulgo e gente popular, plebea e servil, ha uma lingoagem e acerca dos nobres, cortesãos e pessoa de juizo e letras outra». [2]

[1] *Theoria da historia da litterutura portuguêza* por Theophilo Braga. (Dissertação do concurso) 1872. Pag. 34.

[2] Esquisse d'une Dialectologia Portugaise (These pour le Doctorat de l'Universitè de Paris — Facilité des lettres) — presentée par J. Leite de Vasconcellos. 1901. Pag. 15.

*

Difficuldade é pois bem grande dar forma escripta a algum d'esses contos que a tradição oral trouxe até nós, conservando-lhe todo o delicioso sabor popular tão caracteristico que essa tradição lhes marcou, a despeito muitas vezes da sua remota origem erudita. Por isso, n'esta 3.ª edição dos *Mecs amôres* sahida agora, as ultimas quarenta paginas, que constituem os *Amorinhos*, poderosamente se destacam pelo feitio vivamente original que lhes imprime a sua origem que o auctor soube deixar claramente a descoberto com os preciosos recursos da sua arte. E' sempre essa prodigiosa penna de Trindade Coelho, que nunca soube fugir das coisas simples e bellas, que nunca felizmente deixou de essrever em português, e é ainda a sua alma de provinciano fanatico da sua terra, que encarna perfeitamente a alma do povo e com ella ri, com ella chora, com ella soffre, com ella sabe amplamente sentir.

Da sua penna aquellas três narrações que são *O conto das três maçãsinhas d'oiro*, *O conto da infeliz desgraçada*, *O conto das artes diabolicas* e ainda a bem conhecida *Parabola dos sete vimes* sahiram como das mais preciosas obras d'arte.

E comtudo a quantos não parecerá simples, não chegará a parecer futil, a reprodução alli de conhecimentos velhos dos tempos de creança ou das noites de lareira, n'aquella mesma forma porque de tantas vezes até hoje sairam de labios simples do povo?

Mas, para tudo o que fôr, embora ligeiramente artista, aquelles contos hão-de ser a revelação d'uma aresta nova d'um talento de miniaturista já por demais conhecido de tantas pequeninas obras primas.

Uma prova d'uma proposição já velha, elles podem afirmar bem alto a tanto infortunado artista que corre mundos em busca d'uma idéa e da tunica formal para revesti-la, que a inspiração sempre sorridente, sem-

pre amavel, sempre nova, está alli, na alma do povo, — alma simples embora mas capaz de se emocionar com vehemencia e capaz ainda de sentir com sinceridade e amôr.

PAULO OSORIO.

LENDAS & ROMANCES

VIRGEM MÃE ASSUPREMADA

Chegou-se a minha partida,
De fazer minha jornada,
As profecias da vida.
— Filho meu e meu amor,
Que jornada será essa?
Como poderei eu passar,
Senhor, sem vós esta festa?
Depois dos filhos ausentes
As paschoas são festejadas,
Entre paes, mães e parentes;
Mas não posso dispensar,
Irdes vós e eu ficar.
— Isto certo ha-de ser;
Prenderão-me a um pilar,
Nas minhas faces darão
Bofetadas sem temor;
Meus cabellos arrancarão
Com raiva e rigor;
Meus amados amigos
Nenhum *parcerá;*
Os tormentos tão esquivos
O meu corpo passará;
Nada te dará João,
Que é tempo de caminhar,
Deitae-me a vossa benção,
Filho do pae singular. —
Aqui se aparta Jesus,
A *Jérsalem* passou,
A' morte se entregou,
P'ra salvação da gente.

(Elvas)

QUINTA FEIRA D'ENDOENÇAS

Quinta feira d'endoenças,
Sua santa humanidade,
Correu Christo toda a cidade.
Com grande pezar de cruz.
No caminho lhe falta a luz,
As pedras se aquebrantavam,
E o filho de Deus morria,
Morria para nos salvar.
E S. João — que não ha tal.
-- Pois se vós crêdes saber
Ide além aquelle outeiro,
Vereis as ruas regadas
C'o seu sangue verdadeiro. —
A senhora que isto ouviu,
No chão cahiu desmaiada,
E S. João, que é seu sobrinho,
Logo a foi levantar:
Erga-se, ó tia, ó tia,
D'esta alma,
Que no Calvario montenho
Tocam trombetas e caixas.
Que nos matam vosso filho
Aquella gente malvada,
....
— Calla-te, calla-te, Magdalena,
Não vivas desconsolada
Que no reino de meu pae
Tenho uma prenda guardada,
Para te dar Magdalena,
Santa Bemaventurada.
Foi-se d'ali a Senhora,
Muito triste, desconsolada,
Direita ó Calvario montanho,
Onde seu Bemdito filho estava.
....

(Villa Fernando)

QUINTA FEIRA D'ENDOENÇAS

(Variante do romance anterior)

Quinta feira de endoenças
Sua santa humanidade,
Christo correu a cidade
Com grande peso da cruz,
No caminho lhe faltava a luz,
E o sol se escurecia,
E o filho de Deus morria,
Morria por nos salvar.
S. João que não ha tal.
— Se vós não o crédes.
Ide além áquelle outeiro,
Verás as ruas regadas
C' o seu sangue verdadeiro. —
Arrumado á columna,
Arrumado vae o cordeiro,
A Magdalena em cabello,
Pelas ruas d'Amargura;
Se vós sois amada sua,
Que adiante não vades mais,
Que esse homem que buscaes
Elle se chama Jesus;
Jesus está na cruz,
Com trez cravos encravados,
Um nos pés e dois nos braços,
E Magdalena do outro lado.
O' meu mestre, ó meu Senhor,
Eu fui a Magdalena
Que sempre vos offendi:
— O' Simão ajuda-me aqui,
A esta cruz tão pesada.
— Sim, ajudarei, Senhor,
Com as cordas da min'halma.
— A tua alma será tão limpa,
Como a estrella do bom luar.

(Beja)

SANTO GRAAL

Já os anjos vão p'r'ó ceu,
'Stou disposto em procissão,
S. Pedro leva a cruz,
S. João leva o pendão,
Dentro d'aquelle pendão
Vae *vermento* armado,
Dentro d'aqnelle *vermento*

Vae Jesus crucificado,
Morto de pés e mãos,
Seu santo sangue lhe vae caindo
Para o calix consagrado,
P'ra que todo o homem q'o bebesse
N'este mundo seria rei,
No outro será coroado.

(Aldeia de S. Vicente)

QUE GRITOS HA NO CALVARIO

— Que gritos ha no Calvario,
Magdalena, que será ?
—Crucificam a Jesus,
São ais que a senhora da.
— Que gritos ha no Calvario,
Magdalena, que será ?
Indo eu p'r'ó Calvario,
Nas minhas contas rezando,
No caminho me disseram
Que a Virgem estava chorando.
Chorava a Virgem, chorava,
Chorava ao pé do horto,
Que não tinha uma mortalha
Para Jesus que está morto.
A mortalha já está feita,
Falta agora a sepultura,
A sepultura já está feita
Nos braços da Virgem Pura.

(Campo Maior)

ERGUI-ME DE MADRUGADA

Ergui-me de madrugada
Só por ir á *Surreição,*
Encontrei Nossa Senhora
C'o raminho d'ouro na mão.
Eu lhe pedi 'ma folhinha,
E ella me disse que não,
Eu lh' a tornei pedir,
E ella me deu o seu cordão,
Que me dava doze voltas
E um nó no coração,
E a pontinha que sobrava
Chegava do céu ao chão.
Santo Antonio, S. Francisco,
Aceitae-me este cordão,
Que m'o deu Nossa Senhora,
Domingo da *Surreição.*

(Villa Boim)

LEVANTEI-ME DE MADRUGADA

(Variante do romance anterior)

Levantei-me de madrugada
A ouvir missa e sermão,
Encontrei Nossa Senhora
Com um ramalhete na mão.
Eu lhe pedi uma folhinha,
Ella me disse que não,
Eu lh'a tornei a pedir,
Ella me deu o seu cordão,
E me disse :
— Vae alem áquelle castello,
Que lá 'stá um mouro pérro,
Procura-lhe se é christão ;
Se elle disser que não,
Pucha pelo teu cutelo,
Arrinca-lhe o coração.
— O' cutelo tão estimado,
Onde foste baptisado ?
— Nas pias de S. João,
Martyr S. Sebastião.

(Campo Maior)

MARAVILHAS DO MEU VELHO

Vossê, velho, quer casar,
Só se fôr com a condição
De eu dormir na minha cama,
E vossê, velho, no chão.
Eu hei-lhe com r pão alvo,
Vossê velho de rolão.
Eu hei-de beber bom vinho
Vossê velho vinagrão
Eu hei-de ir á romaria
Onde as outras moças vão.
Sete varas de filó
Quero eu para a cintura,
Em me mettendo no baile
P'ra fazer boa figura.
Vindo de lá uma vez
O meu marido achei morto.
O' irmãos da Misericordia,
Levem-no a enterrar,
E bem longe das paredes
Não salte elle p'r' *ó* quintal.
Façam-lhe a cova bem funda
Com cem varas de medir,
Que o velho era maganão
Não torne elle cá a vir.
Fui p'ra casa puz meu manto,
Fui meu velho ver enterrar,
E não houve quem dissesse:
Viuvinha quer casar.
A panella da viuva
E' um grande entremez,
Eram dezoito olleiros
Gastaram n'ella um mez.
Leva cem porcos de vára,
E outros tantos de corrida,
Queima cem carros de lenha,
P'rá carne ficar cosida,
Não fallando em alegumes,
Porque isso inda passa a mais,
Póde Beja inteira vir
Com todos seus ferrageaes.
Volta atraz, que me esqueceu
Da panella um pontinho,
Eram dezoito mulheres
P'ra lhe porem o testinho.
E' onde amasso o meu pão,
Leva um moio de farinha
E outro moio de rolão.

(Beja)

A. THOMAZ PIRES.

ANNO IV
N.º 9

SERPA, Setembro de 1902

VOLUME IV

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA
e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — Galeria Monaco — Rocio
Porto — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44
Coimbra — Livraria França Amado

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 **primorosas gravuras** de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.),* ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 9 SERPA, Setembro de 1902 Volume IV

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

AS CANÇÕES FRANCEZAS EM PORTUGAL

Além dos quadros epicos das Canções de Gesta, propagaram-se por via do canto as Canções narrativas chamadas na Edade média franceza Chansons *de toile*; todos estes themas da *Mal maridade*, *Freira arrependida*, Marido que mata a mulher, Mulher que engana o marido, Amores com a casada, Noivo que rapta a desposada, Amante que morre por vingança da mulher desprezada, acham-se abundantemente representados no Romanceiro portuguez continental e insulano, em versões provadamente do seculo xv.

As canções lyricas francezas tambem se espalharam pela Europa no seculo xv, facto devido aos habitos de côrte e imitados na vida desafogada da burguezia. Escreve Gaston Paris: «Na seculo xv, accentuadamente na Italia, estimavam-se bastante as Canções francezas, sobretudo as que tinham um caracter popular. As numerosas collecções que as contém, não apresentam comtudo algumas semelhantes ás nossas...»[1] Podemos seguir este veio em Portugal.

No seculo xv as cantigas francezas vulgarisaram-se na Peninsula; Millá y Fontanals cita uns versos francezes na primeira folha de um registro de Aragão:

> Nulh hom no se dout esbausir
> De se que li doyt avenir,
> Si fortuna l'en sobrapren.[1]

Na Bibliotheca de Gallardo, (p. 558) cita-se uma canção castelhana com um verso francez:

> Y bien come quien se messa
> Sus criados cantaremos
> *Je soy pobre de liêsse.*

Os tres poetas francezes Alain Chartier, Guillaume de Loris, e Michoud, vêm referidos nas allusões de Rocaberti na sua *Comedia de la Gloria de Amor*. As allegorias do *Roman de la Rose* entravam na sympathia dos poetas cultos, que as preferiam á allegoria tragica da *Divina Comedia*.

Na Bibliotheca do Condestavel de Portugal existiam muitos livros de poesia franceza, e Santillana, que conhecia o Roman de la Rose e admirava Alain Chartier, «preferia aos francezes em vez dos ilalianos *en el guardar del arte.*[2]

---

[1] Id. *ib.*, 1889, p. 621.

[1] *De los Trovadores en España*, p. 516.

[2] Varios Cancioneiros fraucezes apparecem apontados no Inventario dos objectos que Isabel a Catholica tinha em Alcazar de Segovia em 1483, e que se guada no Archivo de Simancas; entre outros:

«Otro libro de pliego entero, escripto en

No *Auto da Fé*, representado em 1501, Gil Vicente escreveu esta rubrica: «*Cantam a quatro vozes una hũa enselada*, que veiu de França, *e assi se vão com ella*, *e acaba a obra.*» (I, 75.) E no *Auto dos Quatrô Tempos*, representado nos paços da Alcaçova em 1505: «Até chegarem ao presepio vão cantando *huma cantiga franceza* que diz:

> Ay de la noble
> Villa de Paris, etc.

Esta cantiga encontra-se no *Cancioneiro musical dos Seculos XV e XVI*, publicado por Barbieri, mas alguns dos seus versos estão em um françez illegivel; vem acompanhado da musica da epoca.

Barbieri conheceu a referencia de Gil Vicente, deplorando não ter mais versos para restabelecer o texto deturpado do Cancioneiro (fl. CXII v.), notando: «cuya correccion dejo á cargo de otro investigador mais habil y afortunado que yo.» Teutámos essa restauração:

> Ay de la noble
> Ville de Paris,
> Que de Aude
> Porte le nom.
>
> Ay de le gentil
> Compagnon:
> Ay de la fille
> De Roldon.
>
> Partir me fait
> Seul ma raison;
> Povre d'espoir
> Qui echangeons.
>
> Que déjà revoir
> Me fais Marion,
> Qui est la brunete
> Que echange nom.
>
> Tirum-lirum, tirum,
> De turrin, que vient
> Soldat et capitain. [1]

A Canção de Francisco de Sousa, *Abaixo esta serra*, (Can. ger., III, 562) acha-se na forma tradicional no Auvergne, *Baichate montagne*, e na forma litteraria de Gaston Phebus; deriva d'esta corrente franceza documentada com outras similares no Cancioneiro publicado por Barbieri. Na estrophe 41 da Ecloga *Crilfal*, vem uma situação que era commum ás Canções francezas:

> Como alli têm por uso,
> em uma roca fiando;
> mas, como que hia cuidando,
> *cahia-se-lhe o fuso*
> *da mão de quando em quando.*

Boileau cita uma velha canção franceza, que faz lembrar estes versos do *Crisfal*:

> La charmante bergère
> Ecoutant ces discours,
> D'une main menagère,
> Allait filant tousjours;
> Et doucement atteinte
> D'une si douce plainte,
> *Fit tomber por trois fois*
> *Le fuseau de ses doigts.*

---

pergamiño de mano *en romance francés* que es *Cancioneiro francez* con un unas tablas de cuero colorado sin cerraduras.

«Otro libro de quarto de pliego de pergamino de mano que és *canto de organo en francès* con unas tablas de papel forradas en cuero colorado.

«Otro libro de pliego entero de mano de papel *romenance francès* que se dice *Cancioneiro francès* con unas coberturas de pergamiño». (Ap. *Cancioneiro musical del siglo XV y XVI*, p. 14.)

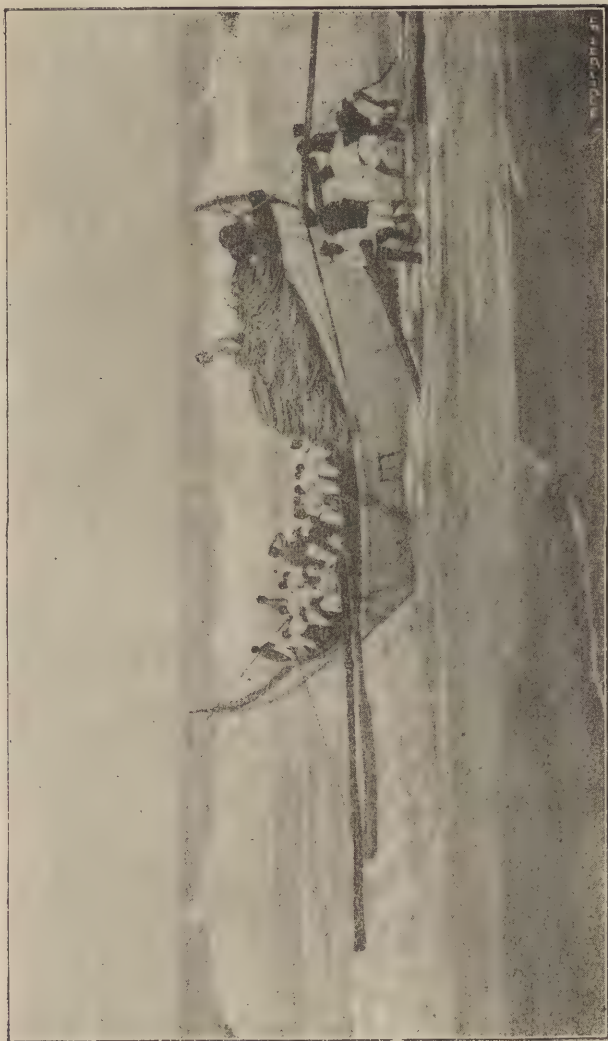
Nos catalogos das Livrarias de D. Martin (1410) o do Principe de Viana (1469) apontam-se muitos poemas e cancioneiros francezes.

Ed. Barbieri.

[1] *Canc, musical*, n.º 429. Transcrevemos aqui o texto deturpado para que outros aperfeiçôem a restituição:

> Ay de la noble vile de Pris.
> Que de dua purte leno;
> Ay de le campañon gentil,
> Ay de la fille de Roldon.
> Paitir me fase mon rason
> Pobre despin que exangenos
> Que dejar me fas Marian
> Qui e bruneta qui exunge nos
> Tirum-lirum tirum
> De turrin que bien solda caplá

A musica é a quatro vozes, sendo a melodia em tiple com acompanhamento de contralto.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Lançamento ao mar d'um barco da pesca costeira na Costa Nova do Prado (Aveiro)

Antonio Prestes, no *Auto da Ave-Maria* condemna as *musicas jusquinas*, (de Josquin des Prés), e aquelles que além de trajarem á italiana tem «*Dulce França* nos ouvidos.» (p. 53, Ed. 1871.) Esta corrente franceza na côrte portugueza explica-se pela viagem de D. Affonso v, indo pedir auxilio a Luiz XI; nos poetas do Cancioneiro geral de Garcia de Resende, cita-se com influencia franceza:

> Mas, um conselho, senhor,
> vos darei á *ley de Erança*...
>
> (Canc. ger., I, 318.)

> nam se meta
> nenhum de vossas mercês
> enculpar *trajo francez*.
>
> (Ib., II, 122.)

> que quem sua trova fez
> nam em *França*, mas em Fez
> aprendeu tal invenção.
>
> (Ib., III, 271.)

Antonio Prestres, diz em um verso: «Ah, que *tanger tão francez*.»

A Cantiga popular, a que allude Camões no verso do Auto de *El Rei Saleuco*: «Ouvistes vós cantar já — «*Velho malo em minha cama?*»; e no *Crisfal*: — Quando a cantar se ouvia — Dando fé, que *em sua cama — Ovelho não dormiria*... — apparece em uma canção de Auvergne, o *Vieillard d'amour*, mas a communicação a Portugal explica-se pelo seu apparecimento no Cancioneiro musical dos seculos XV e XVI.

Eis a letra da composição musical de Sedano, (fl. cccj.) publicada por Barbieri sob o n.º 460:

> Viejo malo en la mi cama,
> Por mi fé, no dormirá.
>
> — Es un viejo desdeñado,
> No puede comer bocado,
> El beberá lo cobrado,
> Toda me gomitará.
>
> «Hija, él tiene parientes
> Muy ricos y muy potentes;
> Aunque le falted los dientes,
> Asi nó te morderá

Desde que as côrtes de Portugal e Castella se reconciliaram, realisando-se o casamento do principe D. Affonso com a filha de Fernando e Isabel, a influencia franceza foi substituida pela castelhana, e começou uma corrente de desnacionalisação ou prevalecimento do *iberismo* sobre o *lusismo*.

THEOPHILO BRAGA.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANOS

MUITO CHOREI EU

Muito chorei eu no domingo á tarde!
Aqui está meu lenço que diga a verdade.
Que diga a verdade, deve haver cautela,
Tua mãe é bruxa, tenho medo d'ella.
Tenho medo d'ella, medo d'ella tenho,
P'ra casar com ella não preciso empenho.

(Serpa)

M. DIAS NUNES.

PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

II

(Continuação)

DEFINIDA a importancia da região, conscios da consideração que lhe devemos dar e do interesse que com justiça nos deve despertar, passaremos sem mais delongas aos usos e ao systema da pesca local.

Como já dissemos, o sytema é o da rede de cercar e allar para a terra.

A rede consta de um sacco, comprimento approximado 40^m, medindo de 60^m a 70^m de circumferencia de bocca, e afunilando para o fundo ou *cuada* onde tem 10^m de largura.

A malha da rede começa com $0^m,10$

CANCIONEIRO MUSICAL

IX

MUITO CHOREI EU

(Musica recolhida por D. ELVIRA MONTEIRO)

(CHOREOGRAPHICA)

de lado, na bocca, e termina na cuada em cerca de $0^m,01$.

A' bocca do sacco estão ligados dois grandes pannos de rede ou *mangas*, eguaes e de cerca de 230^m de comprido. A sua altura junto á bocca 25^m, estreitando a 12^m ou 15^m nos extremos livres. Estas extremidades teem o nome de *calões* e as cordas que se lhes fixam para allar a rede, teem o nome de *calas*.

Para se obter a verticalisação das mangas adapta-se-lhes rodellas de cortiça no lado de cima e bocados de chumbo no opposto, e egualmente se procede na bocca do sacco nas duas partes superior e inferior.

A' cortiçada dá-se o nome de *panda*, a qual descreve n'agua um arco de circulo ininterrupto quando se larga a rede. Quando se começa a allar, descreve então um U mais ou menos alongado e estreito conforme a juncção que se dá ás callas.

A malha das mangas começa em $0^m,12$ de lado, junto á bocca do sacco, e àugmenta até $0^m,25$ nos calões. Não varia gradualmente de malha em malha, o que seria impossivel de realisar, mas sim por quartelladas com os nomes de *alcanella*, *caçarote*, *regalo e claro*, partindo do sacco. No fundo d'este amarra-se uma boia — o *calime*, e a pouca distancia dos calões, nas calas, outra boia — os *arinques*, fluctuadores do tamanho conveniente para poderem assignalar de longe a posição da rede no mar e permittirem a sua tiragem a direito para a terra, não avançando um calão mais do que o outro.

São feitas as redes de fio de linho de $0^m,0015$ de diametro no fundo do sacco e de $0^m,001$ nas mangas, pois aqui não é necessaria tanta fortaleza. Prompta, é mettida n'uma infusão de casca de salgueiro, operação que tem o nome de *encascar*, e finalmente as mangas são alcatroadas.

As calas, são formadas de *rolos*, e estes de *cordas*, fabricadas de linho, ou de linho e pita, ou de esparto, de comprimento muito variavel no mercado, mas nunca superior a 35^m. O comprimento total das calas que se carream nos barcos juntamente com a rede, varia evidentemente com a distancia a que a sardinha anda da praia — distancia geralmente maior no inverno do que no verão. A sua media pode comtudo calcular-se em 4 kilometros, indo excepcionalmente os barcos ao affastamento maximo de 8 kilometros.

Os barcos — de fundo chato, muito arqueados, comprimento 12^m, altura a meio $1^m,20$, carregando cerca de 10 tonelladas. Prôa e pôpa muito prolongadas para o ar, o seu fundo de bico a bico é uma lunula espherica, e ao longe e de travez fazem-nos lembrar pelo feitio grandes cascas de talhadas de melancia.

Puchados a 2 ou a 4 remos, a maior parte a 4, teem hoje uma lotação obrigada de 32 remadores, 1 arraes e 4 *caladores* ou encarregados de irem arriando as cordas a pedido do andamento do barco e largarem a rede no sitio escolhido.

Os remos, de choupo ou eucalypto teem cerca de 12^m de comprido e são manejados, cada um por 8 pessoas ou 16, metade de cada lado do remo; trabalham uns sentados, outros de pé, e outros por intermedio de puchadouros de corda ou *cambões*.

Alem da gente da barcada, cada rede carece de 18 auxiliares em terra para coadjuvar os differentes serviços de carregar o apparelho no barco, deitar este ao mar, alliviar a rede quando chega á arrembentação da praia, colher e transportar cordas e redes, despejar o sacco da pescaria e carregal-a para as lotas em que é vendida na praia, etc.

Para allar as redes do ponto em que se largam para a praia, empregou-se d'antes um numeroso pessoal. Hoje, á excepção d'uma ou outra em Mira, com redes de menores dimensões ainda assim, a tracção é feita por bois, o minimo — 10 juntas por cada rede ou sejam 5 juntas a cada cala.

Nas praias em que o gado pertence á companha, assim é: o numero de 10 juntas nunca ou raro é excedido. Em todo o caso cada companha exige pelo menos 20 juntas, afim de se revesarem nos dois, tres e quatro lances que se podem fazer durante o dia, numero que varia com o tamanho dos dias e com a distancia a que anda a pesca.

Em regra este gado é comprado nas feiras d'abril, gordo e possante e é depois vendido no fim da safra, bastante arrasado, a lavradores que o engordam novamente para consumo.

N'outras praias — e estas em maior numero — o arrasto é explorado pelos proprios lavradores dos povoados proximos ao mar, os quaes mandam juntas, pasto e guiadores para as costas, se o centro de pesca é isolado na duna ou fica longe, como por exemplo Torreiro e Furadouro, ou que acodem rapidamente de suas casas ao local das redes logo que as companhas içam signal ou enviam chamadores.

Em qualquer dos casos, o trabalho do mar anima muitissimo a industria pecuaria em todo o districto, dando-lhe os lavradores tanta importancia que quando appareceu uma empreza pretendendo explorar a tracção das redes por meio de cabrestantes electricos, elles acudiram immediatamente em protesto, argumentando como é d'uso entre nós em occasiões d'este genero.

Se a companha possue o gado, carece ainda de pessoal para o tratar e guiar, e das construcções indispensaveis para estabulos e arrecadação de pastos. Se o não tem, bastam-lhe os armazens para guardar redes e cordas, e as accommodações para o pessoal mais adstricto á companha — gerentes e guardas.

O que fica dito já evidencía que a pesca maritima em Aveiro não póde ser explorads senão por capital d'algum vulto.

Avaliando-o por alto, teremos:

5 redes a 480$000 réis.....	1:900$000
12 remos a 9$000 réis........	108$000
2 barcos a 130$000 réis......	260$000
1 jogo de calas, cada cala a 35 rolos, cada rolo a 5 cordas, cada corda a 4$500 réis ...	1:575$000
6 boias para fluctuadores. ...	20$000
1 caldeiro de cobre para fazer a curtimenta de encascar...	150$000
1 cinta para reforço das redes em occasiões de grande pescaria..................	40$000
Forcados para empurrar os barcos, rolos de madeira, varas, etc., para as arrastarem na areia, e outras meudezas...	600$000
Total........	4:653$000

Abstrahindo das edificações em terra, cujo valor extremamente variavel segundo os locaes de pesca é difficil de precisar, e tanto se póde conseguir em grande como em pequena escala, vemos que o material exige cerca de mil libras, numeros redondos.

A despeza que durante uma safra — maio a dezembro — ha a fazer com o gado regula por 2:500$000 réis nas em praias que o arrasto é pago por lance aos lavradores. Embora o preço seja relativamente barato, 400 réis a 500 réis por junta em cada lance, o lavrador tambem explora por seu lado, e na tracção mercenaria em vez de 5 juntas por corda é necessario pôr 12 e ás vezes mais.

Nas praias em que o gado é propriedade do dono da companha, fica este por cerca de 3:000$000 réis — o que não quer dizer que não ficasse mais caro se se usasse do outro processo, porque n'estes logares de mais difficil communicação para transporte de pastos, o preço de tracção havia de ser muito mais elevado.

Os pagamentos ao gado mercenario são feitos em 3 ou 4 epochas fixas do anno, sendo geralmente de uso abater-se nas contas finaes um certo numero de lances.

O pessoal vence de forma muito variavel nas diversas praias.

N'umas — Costa Nova do Prado e S. Jacintho, d'um e outro lado da barra d'Aveiro — paga-se um salario

fixo — 400 réis por dia de trabalho e 200 réis por dia em que o mar não permitta a pesca — isto para a gente da barcada. Os arraes teem maior vencimento, e os auxiliares de terra ganham 360 réis ou 180 réis, conforme o mar é bom ou ruim.

N'outras praias, cada individuo que se matricúla tem uma soldada fixa por safra, maior ou menor segundo as suas aptidões e dedicação pelo serviço, não tendo mais vencimento algum — é o que se faz em Espinho.

Nas outras finalmente — Paramos, Esmoriz, Furadouro, Torreira e Mira, ha salario fixo por toda a safra e uma percentagem — diminuta é certo, mas real — para cada um, sobre o producto bruto da pesca, deduzidas as despezas do fisco, do vinho preciso para a ração de um quartilho a cada um dos da barcada, por vez que vão ao mar, [1] e mais algumas estipuladas na occasião da matricula. Em todos os tres systemas, com o pessoal não se pode fazer uma despeza inferior a 3:500$000 réis.

Por ultimo todas as companhas são obrigadas a um variado numero de despezas supplementares — concerto de redes, de barcos e de remos, substituição de cordas, multas, avarias de vulto porduzidas por outras companhas ou por sinistros, etc. — o que tudo orça por cerca de 1:500:000 réis, incluindo o vinho que mais ou menos generosamente sempre é distribuido a todo o pessoal afóra a classica *marinha* ou *marinhada*.

O vinho desempenha em todas as nossas pescas um papel que não é facilmente substituivel, o que não póde causar admiração a ninguem. Na costa d'Aveiro, avançamos sem receio de desmentido, que elle é a mola real de toda a faina maritima e de todos os serviços que lhe são correlativos.

Mas cingindo-nos ao nosso assumpto — temos mais:

[1] Esta ração de vinho tem o nome tradicional de *marinha*.

Despeza do gado...........	2:750$000
Despeza do pessoal	3:500$000
Despezas suplementares	1:500$000
Total.........	7:750$000

D'onde se infere agora com apreciavel rigor que o custeio geral d'uma companha importa na somma de réis 12:000$000, despresando fracções.

O material que faz uma safra difficilmente serve no anno seguinte, sobretudo redes e cordas; com quanto toda esta cordoalha tenha sempre venda, o seu producto é insignificante, e se é certo que durante o verão os apparelhos já usados remedeiam no serviço, tambem não é menos verdade que o numero de cinco redes calculado para cada empresa, no orçamento que fizemos, é sempre excedido por todas ellas.

Perante estas verbas de despesa, a entidade proletaria — pescador — está aqui banida por completo de concorrer á exploração da pesca maritima. Trabalha n'ella mas não a explora.

Se a maior parte das companhas não pertence ainda hoje a puros capitalistas, mas a arraes que nasceram de pescadores e pescadores teem sido durante toda a sua vida, é preciso notar que estes homens não começaram a sua vida explorando o capital por meio do trabalho, mas já capitalistas vieram com o seu capital explorar o trabalho do proletario, e tomando depois amor a este genero de negocio, a elle se dedicaram inteiramente, chegando ao cabo de longa pratica de presencear a pesca, a entendel-a e a podel-a dirigir capazmente.

Subir de companheiro ou simples arraes a dono da empresa da pesca, só pelo trabalho da pesca, não é cousa viavel n'esta região.

Em Espinho, Paramos, Furadouro, Mira, cada companha pertence ordinariamente a um grupo de cinco,

seis, oito, dez e mais individuos, cujas profissões fazem ás vezes o conjuncto mais disparatado que é possivel phantasiar-se, mas contando-se sempre entre elles um que conhece a arte e é competente para gerir os negocios da sociedade e mesmo o trabalho na praia.

Na Torreira, são as companhas propriedade de capitalistas transformados em arraes.

Em S. Jacintho e Costa Nova, perto d'Aveiro, são propriedade de simples capitalistas.

A pesca executa-se, carregando no barco a rede e as duas calas, e fazendo-o deslisar depois para a agua sobre varas e rolos de madeira puchado por 4 juntas de bois e por toda a gente da companha.

Logo que as juntas da frente não podem avançar mais para dentro do mar, sahem, e o seu esforço é substituido pelo do pessoal empurrando o barco com uma comprida e grossa forquilha de madeira.

O pessoal da tripulação salta para o barco quando o vê sufficientemente avançado e a galear, e começa a ajudar com os remos, até despegar; acertam depois a voga da remagem, transpõem a arrebentação e seguem para o largadouro tendo deixado em terra a extremidade d'uma das calas, que vae arriando á medida que o barco navega.

Chegados ao largadouro — que umas vezes é indicado pela presença da sardinha, outras é d'antemão escolhido e marcado unicamente pela distancia á terra, lançam a rede com o barco a andar e a descrever um semi-circulo, seguindo depois para terra arriando a outra cala.

Encalhando o barco, vem o gado puchal-o para fóra do alcance do mar e logo cinco ou mais juntas a cada corda começam a allar a rede, faina esta que dura cerca de duas horas para 4 kilometros de cala.

Chegada a rede perto da praia entra o pessoal por agua dentro alliviando-a do solo, e em occasiões de ondulação esta gente trabalha sob a arrebentação da praia.

Posto o sacco em secco é descosido longitudinalmente e despojado da pescaria, que ou é vendida em lotes ali mesmo na praia ou quando sardinha, entra para os lagares de salga da companha vendendo-se mais tarde quando o mercado lhe abre sahida.

JAYME AFFREIXO.

SETUBAL

Crenças, superstições e usos tradicionaes

VI

Astronomia e meteorologia pastoril

2

AS ESTRELAS

Ao esmaecer a lús com que o Sol, nos ultimos raios, innunda a atmosphera, começam a acender-se as estrelas pelo ceu, silenciosas, n'uma scintilação cheia de misterios, em que parecem falar-nos n'uma lingua que que nós não comprehendemos, mas que se nos afigura sublime, estonteadoramente béla, desesperadoramente incomprehensivel.

Decerto, os olhos de todos os homens, em todas as épochas, desde as mais remotas, se fixaram nas estrelas, e o seu espirito, naturalmeute investigador e progressivo, foi observando a sua immutabilidade a par de todos os seus reconditos misterios.

Certamente conheceram todas as de primeira e segunda grandeza.

Hoje, poucas são as que conservam nomes especiaes entre a gente rustica; comtudo ainda é interessante a lista, ideias, preconceitos, e mais observações que vivem actualmente no repositorio *scientifico* do povo.

*

As estrêlas que teem nome especial na astronomia rustica, são:

—A estrêla do Norte.

—*Estrêla da manhã, ou estrêla do boieiro*—ou ainda *Estrêla do pastor*.

—Estrêla da tarde.

—Estrêla de rabo.

—Estrêlas que cahem.

São estas as que isoladamente citam.

Juntas em grupo, temos:

—*Cadeira de S. Pedró*.—(G- Ursa)

—*As três Marias*—(são as *delta*, *épsilon* e *zéta* do Orion.)

Setestrêlo—(Pleiade no Touro.)

(Dizem os homens do campo que o pastor (estrêla Sirius) atira o cajado (*As três Marias*) ao rebanho (setestrelo.)

E' bem pequeno o espolio. Conhecem todas, mas só nomeiam estas e isso lhes basta.

Pergunta-se a hora a um pastor qualquer, e, basta olhar o ceu, para nos satisfazer com a aproximação de minutos apenas.

Notam tambem o desaparecimento das constelações:

—*Não ha, nem ha de haver,*
Quem em maio o setestrelo possa ver.» Mas não ligam esse desaparecimento á marcha aparente do Sol pelo zodiaco.

A estrêla do Norte! com que ancia os pescadores a procuraram no ceu, guia divino que lhes aponta o caminho!

Não ha maritimo que a não conheça. Outro tanto não sucede com os aldeões e camponêzes.

No campo preza-se mais a meteorologia do que a astronomia.

O homem além de prescrutador é utilitario.

Foram, como se sabe, os pastores os primeiros astronomos.

Conheciam todos o ceu visivel.

Esse estudo levou-os ao conhecimento da meteorologia, e, como esta sciencia lhes prestava mais serviços, para ella se inclinaram.

Esqueceram-se as estrêlas para observar os phenomenos puramente atmosphericos.

Alguns, os do mar, guardaram da astronomia tudo o que lhes utilisava.

Continuemos, pois basta já de divagações.

Chamam *estrêla da manhã*, do *boieiro* ou *do pastor* a qualquer estrêla de primeira grandeza ou planeta que nasce antes do Sol.

Estrêla da tarde (menos citada), qualquer de primeira grandeza ou planeta (Venus ou Mercurio).

Esta distincção a favor da estrêla da manhã, ainda é resultante do caracter utilitario do vulgo. *Estrêla do pastor*, é o signal de que é tempo de começar a faina do dia.

A da tarde não lhes é necessaria, pois que o pôr do Sol, põe termo aos labores ruraes.

A estrêla da tarde é a estrêla dos poetas, (e dos preguiçosos, que raras vezes podem ver a da manhã).

Entremos nos dominios phantasticos *das estrêlas de rabo*, nome bastante prosaico com que baptisaram poeticos e misteriosos vagabundos do espaço.

Desde a mais remota antiguidade, os cometas teem sido objecto de terror para os póvos.

Annunciam desgraças.

As guerras, as pestes, os terremotos, etc., são annunciados pelo aparecimento d'estes curiosissimos astros.

Mercê da illustração que se tem generalisado, hoje não são horrorosamente temidos, nem causam a menor alteração na marcha ordinaria da vida.

Todavia ao ver desenhar-se no ceu aquella figura phantastica, digâmo-lo porque é verdade, o povo não a ólha *ainda* com bons olhos.

Continuam a sua vida, proseguem nos seus trabalhos, mas quando a noite lhes mostra o misterioso visitante, não gostam, e pedem a Deus que *aquilo se desfaça*; *porque se não faz mal, tambem não faz bem nenhum.*

Tambem lhe chamam *signal* por julgarem o astro precursor de desgraças.

A chuva de estrêlas a que aqui se dá o nome de *dança de estrêlas* annuncia morte de rei ou pessoa real.

Quando uma estrêla parece desprender-se do ceu n'um traço de lús dizem que é uma alma que desce ao inferno.

Eis o que ainda resta na imaginação popular ácerca das estrêlas.

Dos planetas pouco ha a dizer.

Crêem nas influencias planetarias, mas não conhecem os planetas (para elles tudo quanto veem no ceu são estrêlas), nem dão pelo seu movimento no meio das constelações.

Cada anno é regido por um planeta, entrando n'esse numero o Sol e a Lua.

E' pelos vulgares almanachs (*folhinhas*) que elles se guiam, não oferecendo por isso interesse algum a sua maneira de crêr, a não ser pelo demasiado valor que dão ás noticias e predições das taes *folhinhas*, restos da preponderancia dos astrologos medievaes.

(Continua).

ARRONCHES JUNQUEIRO.

A TRADIÇÃO E A HISTORIA

E' a tradicão o conhecimento ou a somma de conhecimentos, que passa d'uma geração para outra e póde dizer-se que se bebe com o leite, terminando só com a edade adulta a sua acquisição.

Todas as classes tem tradições que muitas vezes ellas se comprazem em chamar gloriosas; mas quer sejam quer não, constituem sempre um modelo, que reproduzidas com poucas alterações pelos individuos que as adquirem, servem de dique á regressão, destruidora do presente, a um passado longiquo.

A fórma mais geral da transmissão é a oral, que é um processo primitivo e inconsciente e que deve ser substituido pela fixação escrita, tarefa a que se dedicam os ethnographos, como mais grave em resultados perduraveis e conservadores da pureza tradicional. A tradição abrange tudo o que é manifestação humana e deve ser sempre despida de todo o subjectivismo.

Um ramo das tradições é o que se manifesta nas lendas, ou a historia contada pelo povo, a qual não é a historia geral da nação, mas sim a que poucas vezes passa além do concelho. Ao compulsar os trabalhos dos nossos collectores encontram-se poucas lendas, falta que parece dever attribuir-se ao povo portuguez. Mas será realmente assim? Certamente que ellas existem, porém, como estão ligadas a edificios insignificantes ou pardieiros e os heroes das anedoctas são nomes obscuros, o collector, que só pensa em explendidos castellos e em altos magnates, despreza-as como metal vil. Ou então considera-as como fazendo parte da religião, pelo que uns por piedade devota outros por hostilidade as repellem. Algumas vezes as lendas fogem á obscuridade indo receber fórma litteraria, que as faz suspeitar, porém, de retoques voluntarios.

As nossas chronicas e historias antigas apresentam bom quinhão de lendas, que fizeram recahir sobre os autores daquelles trabalhos o anathemas dos historiadores conscienciosos, que todavia não repararam, que ao lado da historia documentada com actos escriptos legitimos, se poderia ir formando uma historia criada pela phantasia mais ou menos popular e regida por leis rigorosas.

Para que a lenda seja bem conhecida é mister que a historia se faça sobre factos indisputaveis, o que não é a regra ainda entre nós. O sobrenatural desappareceu, é certo, das nossas publicações, mas foi substituido pela preoccupação artistica, que encobre a indolencia dos autores e abre carreira franca ao logismo. Não sendo as nossas academias, bibliothecas e archivos, na maior parte, senão

synedrios de bem maventurados, e os nossos professores de historia não passando de simples compiladores e repetidores, nestas circumstancias a quem caberá por officio de proceder ás investigações historicas e fazer progredir o conhecimento do passado?

Falta, portanto, ao collector das lendas portuguezas base solida de comparação, que só a historia elaborada sobre documentos lhe póde offerecer.

Em 1666 imprimiu em Paris Fr. Isidoro da Luz, lente de controversia da Universidade de Coimbra, um tratado intitulado *Opusculum de sacris Traditionibus*, no qual pretendia demonstrar a superioridode, em muitos pontos, das tradições sobre os livros sagrados, que os protestantes defendiam. A doutrina defendida por Fr. Isidoro é inaceitavel, posto que seja preciosa para o estudo d'aquella época. E' este o primeiro grau na consideração do valor que devem ter as tradições.

O segundo grau é aquelle, em que os documentos e as tradições tem valor egual ou pelo menos estas são subsidiarios d'aquellas.

Finalmente o terceiro grau, que é o unico scientifico, funda-se principalmente nos documentos, que a diplomatica examina com rigor, retirando de ahi grande somma de conhecimentos insuspeitos.

Da obra em dois volumes intitulada *Historia de Santarem edificada*, publicada em 1740, que tem por autor o P. Ignacio da Piedade e Vasconcellos, recolhi os trechos em que este escriptor se refere a pontos historicos provados pelos documentos ou conservados pela narração mais ou menos oral, por onde se vê que o mencionado autor não desprezou por completo a tradição, de que todavia lhe seria difficil, em virtude da educação, meio e profissão, desligar-se.

«Para compor esta Obra revolvi com grande trabalho muitos Cartorios da mesma Villa, vendo os authenticos, que são as melhores testemunhas, e os textos mais fieis para o credito de semelhantes obras; e com elles ajustey a verdade: e he sem dúvida, que nelles achey muitas couzas, que não dizem com outros relatórios de algumas datas noticias que correm impressas em opusculos de escritores graves; do que venho a entender, que alguns destes escrevérão sem primeiro verem os ditos Cartorios, ou por seguirem a outros mal informados, ou por se fiarem na fé das tradiçoens; que estas muitas vezes o vulgo as glosa muito além da sua pureza». A quem ler (Prologo).

«... os factos, que são dignos de se fazerem ao mundo lembrados, correm mais seguros nos escritos, que nas tradiçoens.. Pag. 1. da Tom. I.

«... he tradição, mas não nos consta de alguma escritura» Id. pag. 313.

«Tradiçioens achámos bem recebidas dos naturaes desta Villa, proferidas por sujeitos doutos, e grandes indagadores de antiguidades,...» Id. pag. 319.

«...confórme as tradiçoens do que achámos em manuscriptos, e letra redonda» Id. pag. 396.

«... a ignorancia de seu principio, he credito da sua antiguidade: quando o principio he tão distante que senão pode descubrir, a distancia sempre fas melhor perspectiva». Tom II, pag. 2.

«... he tradição entre os naturaes de Santarem,...» Tom. II, pag. 15.

«... ha tradição antiquissima...» Id. ibid.

«... sabemos por tradiçoens deduzidas de antiguidades,...» Id. pag. 44.

«... não me foy possivel averigualo por allegação de alguma escritura.» Id. pag. 49.

«... Outros assentão com melhor tradição,...» Id. ibid.

«Porque examinando eu com muita diligencia, e especialidade... se haveria tradição do principio,...» Id. ibid.

«... ficou na Ordem sempre vi-

va esta tradição dos seculos passados Id. ibid.

«... he tradição e se crê como sem dúvida,...» Id. pag. 125.

»... he tradição corrente...» Id. pag. 192.

«He tradição constante na mesma Ordem,...» Id. pag. 385.

«... por tradição de pays para filhos.» Id. pag. 389.

«... Ha neste convento uma tradição constantissima,...» Id- pag. 397.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(Recolhidos da Tradição oral)

Graças a Deus para sempre,
Tenho a barriga cheia e toda a minha gente.

Havia n'outro tempo um homem muito ruim para a mulher e filhos, e por isso os fazia passar fomes, batia-lhes, não lhes dava falla, emfim, a pobre mulher vivia n'um tormento constante.

Tinha elle por costume ser o primeiro que aviava o seu prato, com pouca comida, e principiava logo a comer, de fórma que, quando a mulher estava aviando o prato do terceiro ou quarto filho, já elle tinha acabado, e então tirava o prato que tinha o resto do jantar, que guardava n'um armario, e dizia, á maneira das santas graças:

Graças a Deus para sempre,
Tenho a barriga cheia e toda a minha gente.

A mulher, coitadinha, tinha de comer só pão, para que os filhos comessem o que ella tinha podido tirar do prato, mas que era pouco para tantos. E elle como n'aquella occasião comia pouco, depois vinha comer sósinho o que tinha guardado. Assim succedia todos os dias e a todas as comidas, até que um dia appareceu ali um compadre a quem a mulher, cheia de desgosto, contou o que o marido lhe fazia e a má vida que lhe dava, devido ao seu mau genio.

O compadre teve muito dó d'ella e dos filhos e prometteu-lhe que o havia de ensinar.

Veio depois o marido e fez muitas festas ao compadre, convidando-o para ficar em sua casa, etc., etc.

Chegou a hora de jantar e o dono da casa fez o costume; mas quando foi tirar o prato para ir guardar, depois de recitar a oração costumada, diz-lhe o compadre: — Espere lá, compadre; se vocemecê tem a barriga cheia, a minha e a das crianças estão despejadas; e como vocemecê me convidou para ficar na sua casa, não ha de ser para eu passar fomes. — O outro envergonhou-se de tornar a assentar-se e foi para o trabalho, e o compadre e a familia comêram a fartar. Depois disse para a comadre: — «Vocemecê não faça ceia, e deixe o resto por minha conta».

Chegou a noite, e depois de terem estado um bocado á lareira a conversar, foram-se todos deitar, mas no meio da noite o dono da casa, que não podia com fóme, chamou a mulher e disse-lhe: — «O' mulher, *plamôrdeus,* vae-me fazer alguma coisa para comer, que não posso estar com fome».

— «Ai *hóme!* o que te hei-de fazer a estas horas?».

— «Faz-me umas papas».

Levantou-se a pobre mulher, reanimou o lume e pôz o tacho da agua a ferver com a farinha, mas quando estavam quasi promptas, o compadre que tinha ficado na cosinha «para dormir mais quente», atira com as meias sujas para dentro do tacho que, estando mal seguro, tombou, e entornaram-se as pápas!

— «Ai compadre que me desgraçou!»

— «Então a comadre não estava fazendo barrella?

— «Não senhor, eram umas papas para o meu marido. Então o que lhe hei de agora dizer?»

— «Ora, conte-lhe o meu engano.»

A mulher foi para o quarto contar ao marido o que se passou, mas elle que tinha muita fome diz-lhe: « — O' mulher, tem paciencia, vae fazer-me um bolo de amassadura, e coze-o no borralho.»

— «Ora como hei de fazer isso, se o nosso compadre está lá na cosinha, e se me vê ao lume faz-me alguma pirraça.»

— «Anda lá, experimenta.»

A mulher fez o bolo e foi cosêl-o; mas o compadre assim que a viu, veio assentar-se ao lume, dizendo que não podia dormir com frio, e pegando na tenaz, diz-lhe:

— «Agora vou contar-lhe a minha historia: Olhe, comadre, o meu pae era rico, mas nós quando elle morreu, eramos 14 irmãos, de maneira que teve de entrar a justiça em casa, por causa das partilhas. Que desgraça nos succedeu, minha comadre! Foi tudo dividido assim: bocado a um, bocado a outro; a um as panellas, a outro os tachos, a outro os pratos, por fim era já tão grande a barafunda, que cada um tirava o que podia.»

— E a cada quinhão de que fallava fazia um risco fundo com a tenaz no bolo, com a cinza, que era impossivel comer-se!

A pobre mulher, por mais que diligenciava evitar que elle estragasse o bolo, nada poude conseguir, em vista do enthusiasmo com que elle fazia os quinhões, e quando viu o estado em que elle o pôz, disse: — «Ai, compadre da minha alma! que era um bolo para meu marido!»

— «Ai, comadre, porque não m'o disse? E eu julgava que era o *formento* que vocemecê estava fazendo!

— «Então agora o que lhe hei de eu dizer?

— «Ora, diga-lhe que dormiu e que o gato o comeu.»

A mulher isso lhe disse. O marido ficou desesperado, e como não podia ficar assim, resolveu pôr ás costas a albarda da burra e ir para o faval, comer favas cruas. Assim fêz, mas o compadre, que o sentiu, pega n'uma *espingarda* e vae atraz d'elle, e quando o apanhou a comer as favas dispara um tiro. O homem assim que isto ouve começa a gritar: — «O' compadre, não atire que sou eu!»

O outro fez-se muito admirado e procurou-lhe o que estava ali fazendo coberto com a albarda? Que elle tinha disparado pensando que era um rapôsa que estivesse comendo as favas.

— «E' que como hontem não jantei como costumo e nem *ciei*, não posso dormir com fome, e vocemecê tem estragado o que minha mulher tem ido fazer para eu comer, e por isso me vi obrigado a comer favas.»

— «Ora muito bem; pois isso que lhe fiz hoje foi para avaliar o que a sua muiher e os seus filhos passam com a sua maldade de os fazer passar fóme. Agora que já sabe o que isso custa, deve emendar se e deixar que a sua familia encha a barriga.»

O homem serviu-lhe a lição, e d'ahi em diante, comiam todos a satisfazer, e elle já não dizia

Graças a Deus para sempre,
Tenho a barriga cheia e toda a minha gente.

(Elvas)

A fada mouca

Era uma vez uma velhinha muito mouca, mais mouca, que a minha avó! Esta velhinha foi um dia ao campo buscar um feixe de lenha, e encontrou um rapazito com um cesto no braço, mas como era muito curiosa perguntou-lhe:

— «D'onde vindes rapazinho?»

— «Venho d'Inglaterra.»

— «Debaixo da terra?! Oh! louvado seja Deus! E o que trazeis n'essa cestinha?»

— «Um presunto.»

— «Um defunto! Oh! louvado seja Deus! E o que trazeis na vossa mão?»

— «Uma canna verde.»

— «Uma canella d'elle! Oh! louvado seja Deus!»

O rapaz poz-se a rir dos disparates que dizia a mouca, pelo que ella ficou muito zangada e lhe disse:

— «Visto que te ris de mim, eu te fado para que em toda a tua vida não possas dizer senão:

Cócorócó que estou nos ovos!

E assim succedeu! Até que o rapaz, desgostoso de não poder dizer mais palavra nenhuma, se matou!

E seja Deus louvado,
Está meu conto acabado.

(Elvas)

A princeza encantáda

Havia n'outro tempo um rei e tinha uma filha muito sábia, que d'isso tinha grande ufania,

Um dia disse ella ao rei que mandasse deitar um bando para toda a gente vir a palacio responder ao que ella dissesse

Assim se fez, mas com a promessa de que, se fosse mulher que respondesse bem, teria uma terça, e se fosse homem casaria com a princeza.

Com tão boa promessa veio toda a gente ao palacio, mas ninguem sabia responder.

Faltava ainda um lavrador, que disse para um creado que apparelhasse a egua, para ir responder á princeza.

O criado que era muito bruto, mas ladino, diz-lhe:

— «O' sr. meu amo, deixe-me ir a mim *tâmêm!*

— «O' alarve, o que *le* has de tu responder?

— «Não sei, mas tenho cá uma aquella que hei de *le* saber responder.»

O lavrador riu-se muito, mas disse que sim; e o rapaz foi-se vestir de lavado e pôr o seu fato domingueiro, mas passando por uma méda de lenha tirou uns poucos de paus que metteu no bolso e o mesmo fez a um ovo que uma gallinha acabava de pôr».

Reparando n'isto, o lavrador diz-lhe:

— «Ande lá sr. meu amo que tudo serve.»

Montaram-se os dois, cada um em sua egua, e foram caminho do palacio.

O lavrador, no meio do caminho, teve uma necessidade; apeou-se e foi satisfazel-a. E depois o creado tirou do bolso um lenço de sêda, apanhou tudo e guardou, como tinha feito á lenha, dando a mesma resposta ao amo — «de que tudo servia».

Chegaram, e o lavrador foi o primeiro a ir ouvir a princeza, mas nada soube dizer, e mandou o rapaz, visto que eram admittidas pessôas de todas as classes.

A princeza abriu uma porta e disse:

— «Eu sou um fogo.

— «Asse-me lá este ovo» — disse o rapaz, apresentando-lhe a seguir a lenha e o presente que trazia no lenço.»

— «Não tenho lenha.»

— «Aqui estão uns pausinhos.»

— «Você é um sujo.»

— «Aqui tem uma próva.»

A princeza ficou desesperada por ser aquelle bruto a unica pessoa que lhe tinha sabido responder; mas como a palavra do rei não voltava atraz, casou com elle.

E quem lá se viu
E' que lá se achou;
Beijinhos e abraços
Para quem o contou.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

LENDAS & ROMANCES

O CEGO D'AMOR

— Abram-se as portas,
Fecham-se os postigos,
Menina dê-me um lenço,
Que já venho ferido.
— Se o senhor vem f'rido
Venha muito embora,
Que as minhas portinhas
Não se abrem agora.

Acorde, minha mãe,
Acorde se está dormindo,
Pois temos á porta
Um cego pedindo.
—Se elle está pedindo,
Dá-lhe pão e vinho,
E diz'-lhe depois
Que siga o caminho.
—Não quer' do seu pão,
Não quer' do seu vinho,
Quero que a menina
Me ensine o caminho.
—Agarra a tua roca,
Tambem o teu linho,
Vae, Maria, vae,
Vae com o céguinho.
—Acabou-se o linho
De duas rocadas,
Vae, vae, céguinho
Que ali está a estrada.
—Eu já não sou cego,
Eu já vejo bem,
Venha, menina, venha,
Venha até alem.
Ao cimo da estrada,
Alem é que a menina
Vae ser desgraçada;
Eu já não sou cego,
Já é claro dia,
Sou o tal rapaz
Que a menina não q'ria.
—Se meu pae soubera
Me vinham matar,
O que correria
Para me salvar!
Antes que eu grite,
E torne a gritar,
Pelo meio dos mattos
Me vão a matar.
Rua das tres quinas,
Do meu desengano,
Adeus minha avó,
E irmão de tres annos;
Adeus meu jardim,
Adeus jardineiro,
Adeus minha tia,
E meu amor primeiro;
Adeus minhas casas,
Adeus minhas janellas,
Adeus minha mãe,
Que tão falsas me eras.
O meu bem amado
Me andava a dizer,
Que sonhava com pennas,
Que pennas vinham a ser;
Maria Isabel
Me andava a avisar,
E eu tão mocinha
Sem a acreditar.

(Elvas)

O CEGO D'AMOR

(Variante do romance anterior)

—Donzella, abre a porta
Ao cego perdido,
Deita-me um lenço
Que venho ferido.
—Se tu vens ferido
Venhas, embora,
A porta não abro
Nem dou lenço agora.
Venha, minha mãe,
Venha cá ouvir,
Um cego tão bello
A cantar e a pedir.
—Se elle canta e pede,
Da-lhe pão e vinho,
E ao pobre cego
Ensina o caminho.
—Eu não tenho sede
Nem quero beber,
Preciso de guia.
P'ra me não perder.
—Oh! vae minha filha,
Pega na meada,
E ao pobre cego
Ensina a estrada.
—Adeus, minha aldeia,
Tão querida e amada,
Adeus minha mãe,
Vou ser desgraçada.
—Por Deus, ó donzella,
Não vertas o pranto,
Segue o pobre cego
Que te ama tanto.
—Dizes que me amas,
Não o posso crer,
Pois sendo tu cego,
Como me hasde vêr?
—Com os olhos da alma.
Por Deus Nosso Senhor,
Segue e acompanha
O cego d'amor.—
Seguiram os dois
Pela estrada adiante,
Sem querer descançar
Sequer um instante.
Depois disse o cego:
—Quer's ser minha amada?
—Sim,—disse a donzella
Meia attapalhada.
Passados oito dias,
Oh! que esplendor!
Casou-se a donzella
Com o cego d'amor.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

ANNO IV

N.º 10

SERPA, Outubro de 1902

VOLUME IV

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel*, *Doutor Adolpho Coelho*, *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Alvaro Pinheiro*, *Alves Tavares*, *Antonio Alexandrino*, *Doutor Athaide d'Oliveira*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *C. Cabral*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *Filomatico*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *Lopes Piçarra*, *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos* (*Dr.ª*), *Miguel de Lemos*, *Paulo Osorio*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *Ramalho Ortigão*, *D. Sophia da Silva* (*Dr.ª*), *Dr. Souza Viterbo*, *Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires*.

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel*, *filho* (*Dr.*), *Alfredo de Pratt*, *Alvares Pinto*, *Antonio Alexandrino*, *A. de Mello Breyner*, *Arronches Junqueiro*, *Doutor Athaide de Oliveira*, *Conde de Ficalho*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *J. J. Gonçalves Pereira*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *D. Margarida de Sequeira*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *R.*, *Doutor Souza Viterbo*, *N. W. Thomas*, *A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*.

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Antonio Alexandrino*, *Antonino Mari (Dr.)*, *A. de Mello Breyner*, *A. Rosa da Silva*, *A. Thomaz Pires*, *Arronches Junqueiro*, *Athaide d'Oliveira (Dr.)*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *Dias Nunes (M.)*, *Gonçalves Pereira (J. J.)*, *João Varella (Dr.)*, *Joaquim d'Araujo*, *Ladislau Piçarra (Dr.)*, *Leite de Vasconcellos (Dr.)*, *Luiz Frederico*, *D. Margarida de Sequeira*, *D. Maria Velleda*, *Nicolás Díaz y Pérez*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Silva Brandão*, *Sousa Viterbo (Dr.)*, *Trindade Coelho (Dr.)*, ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 10 SERPA, Outubro de 1902 Volume IV

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

A Bella mal maridada

Temos bem caracterisados entre os galantes da côrte portugueza os *Cantares velhos*, que no seculo XV estavam em moda, e que eram propriamente glosas, ou voltas sobre as antigas Serranilhas populares. Citaremos ainda como muito vulgarisado no seculo XV o romance lyrico da *Bella mal maridada*, glosado no Cancioneiro de Rezende; o poeta Nuno Pereira despeitado porque D. Leonor da Silva casara com outro, escreve:

> *Donzella mal maridada*
> que se nos vae d'esta terra,
> Deus lhe dê vida penada,
> por que lhe seja lembrada
> minha pena lá na serra
>
> Canc. ger. I, (250.)

Jorge da Silva, tambem lhe escreveu como em ajuda:

> Por vós fizeste lembrar
> a gentil *mal maridada*,
> por vós a vereis cantar,
> e vós deveis de chorar,
> tal levada.

E Garcia de Rezende mandando novas da côrte ao capitão da Mina, referindo-se a este casamento de D. Leonor da Silva, tambem allude ao velho cantar:

> A que sabeis que casou
> que diz, que é *mal maridada*,
> o dia que se ençarrou,
> uma grande bofetada
> a seu esposo pregou.
>
> (Ib. t. III, 570.)

Sá de Miranda escreveu umas Voltas *A la bella mal maridada* em castelhano; e Gil Vicente cita muitas vezes este romance:

> Cantar-te-han por alvorada
> *La bella mal maridada*
> Mal goso viste de ti.

Gil Vicente, na Tragicomedia *Fragoa de Amor*, representada em 1525, parodiava em linguagem de preto este cantar velho:

> *Le bella mal maruvada*
> De linde que a mi vê,
> Vejo-ta triste nojada,
> Dize tu rasão puruqué.
> A mi cuida que dormia
> Quando ma foram cassa.
> Se acordara a mi jazia
> E ese nunca a mi lembrá.
> *Le bella mal maruvada*
> Não sei quem cassa a mi,
> Mia marido non vale nada,
> Mi sabe rasão puruquê.
>
> (Obr. II, 333.)

Barbieri estudando este thema musical, (Canç. n.º 158) allude á parodia de Gil Vicente, para provar como: «La extraordinaria popularidad del tal Villancico se extendia a Portugal.» (p. 107.) Jorge de Montemór,

tambem traz no seu Cancioneiro uma glosa da *Bella mal maridada*, que por ventura pela sua posição de cantor da Capella real, trataria tambem em musica.

Prestes, *no Auto do Procurador*, cita-lhe o segundo verso : *de las mas lindas que yo vi* ; (p. 113 e 448.) e no *Auto do Desembargador :* «Casado e *bem maridado.*» (p. 216.) D. Francisco Manuel de Mello, fez um romance á *La bella mal maridada*, *elogio de chaça* (na *Avena de Tersicore*, p. 71.) por ventura allusivo á Condessa de Villa Nova e Figueiró, por quem tanto soffreu. Gregorio Silvestre satirisou os poetas que estafaram este thema com glosas e parodias no fim do seculo XVI :

> O' *bella mal maridada*,
> A que manos has venido!
> Mal casada e *mal glosada*
> De los poetas tratada
> Peor que de tu marido...
>
> (Rom. ger. Ochôa, 350).

A enorme vulgarisação d'este romance resultou do grande numero de Pliegos sueltos em que foi impresso no fim do seculo XV, alguns d'elles examinados por Duran. (*Rom. gen.*, I, p. XLVIII.)

Parece que a forma primitiva d'este thema poetico da *Bella mal maridada* foi a de romance, trovádo sobre um caso local ou anedocta da vida burgueza dos fins do seculo XV, como se infere de uma nota, a um poemeto do *Cancionero de obras de burlas provocantes a risa*, em que se lê: «*La Malmaridada.* Se dice por una señora llamada Peralta, de pequeña edad y gentil disposicion : la cual por sus pecados, casó con hombre tan feble, viejo y de mala complission, que ella tiene harto la mala ventura...»

Este nome de *Peralta* teve na côrte de D. João II um sentido malicioso, como se vê pelos apodos ao tratameuto *Per*, *Alteza*, no Cancioneiro de Rezende. A muita popularidade do Romance determinou as suas diversas transformações artisticas, primeiramente *glosado*, como se vê na glosa de Quezada, depois *parodiado* ao burlesco, ou applicado ao *divino* por Francisco de Ocaña, e finalmente convertido em formas lyricas de Vallancico, generalisado pelas melodias harmonisadas pelos principaes contrapontistas hespanhoes do seculo XVI. Foi pelas glosas e pela musica que os versos do romance trovado por Juan de Zamora, como se infere da miscellanea poetica de Fernando Colon, se conservou na tradição, até cahir no desdem dos poetas cultos, como a glosa satirica do portuguez Gregorio Silvestre, no fim do seculo XVI. O estudo da *Bella mal maridada* leva a determinar as phases da transformação da poesia popular, passando os seus themas das formas narrativas (*Romances*) para as lyricas (*Villancicos*) e para as bailadas ou representadas (*Autos e comedias famosas.*) Assim no seculo XVI, os compositores Luiz de Narvaez (1538), Enrique de Valderrábano (1548) influiram no prevalecimento da forma lyrica, tomando por thema muitos romances populares, que encantavam os serões do paço e da fidalguia. No seculo XVII, todo o fervor poetico de Lope de Vega e Calderon incide n'esses mesmos themas, elaborando-os na nova estructura da *Comedia famosa.*

Muitos dos *Romances velhos* do seculo XV, entraram no Cancioneiro do principio do seculo XVI e nas folhas volantes em gothico pela importancia que então se ligava ás suas *glosas* lyricas.

THEOPHILO BRAGA.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

O LOUREIRO

O loureiro bate, bate,
Ladrão!
Que eu bem n'o oiço bater...
Dá co'a rama no telhado,
Ladrão!
Par'ó amor entender...

(Serpa)

M. DIAS NUNES.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

UMA LINHA DE BOTIRÕES (REDES FIXAS DE PESCA) NA RIA D'AVEIRO

PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

III

Delineada nos seus traços geraes, a pesca das *artes d'arrastar para a terra* parece-nos uma faina monstruosa e despida de interesse,—sem variantes e pouco susceptivel de grandes incidentes; mas vamos agora observal-a mais detidamente, tanto na organisação intima, economica e maritima, das companhas, como na pratica da industria, e veremos que por certo não haverá outra, nem mais complexa, nem mais movimentada, nem que desperte, pelas contingencias do mar, tantas commoções e por vezes tão justo enthusiasmo.

Segundo a lei maritima, as companhas de pesca são consideradas como guarnições de navios do commercio, tanto pelo que respeita á sua organisação como, á reciprocidade de relações entre os individuos que as compõem — desde o arraes até ao ultimo dos companheiros — e entre estes e o proprietario dos materiaes da pesca.

N'estas companhas d'Aveiro ha dois arraes: um — o primeiro para os effeitos da disciplina — dirige todos os serviços em terra e tem alçada sobre todo o pessoal até ao momento em que o barco larga da praia. No mar, o outro arraes e os 36 remadores, formam a tripulação vulgar de qualquer barco de pesca. Esta gente — *a da barcada* — constitue o elenco dos verdadeiros pescadores em cada companha. Os 18 companheiros restantes são simples auxiliares da pesca, não sahem da terra, assim como o 1.º arraes, embora este seja competente para governar a embarcação. Ambos os arraes teem a respectiva carta d'habilitação; cada um dos da barcada, a respectiva cedula de embarque; o pessoal auxiliar, é dispensado da inscripção maritima na capitania do porto, mas está sujeito para todos os effeitos ás disposições dos regulamentos maritimos durante todo o contracto da safra.

Toda a companha é lançada no rol da matricula e fica obrigada a trabalhar, sob a direcção dos respectivos arraes, para uma dada empresa de pesca, e bem assim o emprezario fica obrigado a satisfazer integralmente á companha os salarios estipulados na matricula seja qual fôr o resultado da exploração.

Este pessoal que a matricula só divide em tres cathegorias — arraes, barcada e auxiliares — não póde deixar de ter na pratica uma latissima sub-divisão.

Se pensarmos no que seja arrumar n'um barco, por maneira que fiquem claras e safas, cordas no comprimento total de 8 kilometros e mais, e uma rede que fechada, mede cerca de 270^m do extremo do sacco ás pontas das mangas; no que seja colher depois estas cordas, á medida que o gado as vae tirando na praia, e transportal-as novamente d'ali para bordo, bem como a rede para largar onde possa seccar; se pensarmos tambem no que seja dividir cerca de 32 homens por 4 remos e até mesmo por 2 — devemos ver que para a mais elementar regularidade de todos estes serviços, a divisão do trabalho se impõe quasi que individualmente.

A distribuição dos encargos não segue a mesma norma em todas as praias de pescas, e até na mesma praia varía muitas vezes de companha para companha, o que provem das condições locaes não serem precisamente as mesmas, de Espinho até Mira, e de que nem todas as empresas estão montadas com o mesmo desenvolvimenfo ou dispõem de identicos recursos.

E' portanto natural que a minha descripção não seja rigorosamente verdadeira para todos os locaes em absoluto, embora eu procure quanto possivel conjugar os usos com as localidades.

CANCIONEIRO MUSICAL

X

O LOUREIRO

Musica recolhida por D. Elvira Monteiro

(DESCANTE)

Regra geral na costa — o transporte das redes é feito em carros de bois, e egualmente o das cordas, sobretudo se é dos armazens para a praia. A estes transportes ajuda toda a companha sem excepção.

A arrumação dos apparelhos na ré do barco é feita sob a direcção do arraes, pelos 3 ou 4 *caladores* — *cordoeiros* na Zona Norte — individuos encarregados, depois, de irem arriando as cordas e lançarem a rede ao mar — coadjuvados estes por 8 remadores que lhes passam as cordas da areia para dentro do barco. D'estes 8 maritimos diz-se *que teem cordas*. São elles os encarregados de as transportar, depois, quando veem sahindo do mar, do ponto em que os larga o tiro do gado, novamente para o barco. Teem por isto um excesso de vencimento, que para as companhas de Esmoriz até Torreira póde regular por 4 libras.

Para colher as cordas em *pandeiros* á medida que veem do mar, ha 2 auxiliares especialmente designados, um para cada cabo. Desfazem tambem os nós todos das calas, dividindo-as assim nas suas *cordas* componentes, para que possam ser facilmente transportadas d'ali, enfiadas n'uma vara aos hombros de dois dos respectivos encarregados *que teem cordas*.

Os *colhedores* de cordas teem no Norte do districto, sobre a taxa approximada de 10 libras de soldada como auxiliares, o excesso de 4 libras por safra, ou um augmento na percentagem do pescado, se a ha, que corresponde á mesma quantia.

Em Espinho, Paramos, Esmoriz, Furadouro e Torreira, ainda hoje os barcos são movidos só por dois remos, cujos punhos teem o comprimento da bocca da embarcação. Ao remo da prôa, cuja pá trabalha a bombordo do barco, dão o nome de *maião* e ao remo da ré com a pá para estibordo (direita) dão o nome de *prôa*. E' nm tanto confusa e inexplicavel esta denominação, porque é trocada, mas è assim.

A divisão de 16 homens por cada um d'estes madeiros é a seguinte: 4 remam em pé virados para prôa; 4 — sentados com o rosto para a pôpa; e 7 — collocados por ante-a-vante [1] d'ambos os remos, lá na prôa, remam por meio de 2 cordas — ou *cambões* — fixas no meio do punho do remo, as quaes depois a distancia se subdividem em 7 chicotes cada um com sua argola de ferro ou simples puchadouro de madeira.

Finalmente ha ainda um 16.º — *o da requinta*, que por meio de um outro cambão activa no remo, lá de cima do pequeno castellinho que todos estes barcos teem na prôa.

O logar mais importante em cada remo é o 1.º do punho — em pé. A estes dá-se no Norte o nome de *caneiros* — porque manobram o *cano* ou punho do remo, e no Sul o nome de *revezeiros*. Em regra, vão em cada barco dois *caneiros* para o mesmo remo, afim de se substituirem um ao outro, quando cancem, o que é fatal porque elles além de darem a feição ao vae-vem da vaga, trabalham no ponto mais afastado do tolete — ou *escalmão* como cá dizem — e são portanto os que descrevem maior arco de circulo na remagem.

Do Sul a Norte, os caneiros ou reveseiros são fixos e ganham tanto ou quasi tanto como o arraes do mar, cerca de 20 libras.

Os remadores sentados logo por dentro dos caneiros, são os *mettedôres* — logares immediatos em importancia e pagos á razão de 17 libras, termo medio. São insubstituidos n'um lance; mas se ha novo lance no mesmo dia, o mettedor já não volta a este logar — vae para a prôa pegar n'um cambão.

De ordinario cada remo tem 4 mettedores, para se revesarem sempre,

---

[1] Ante-a-vante é termo technico que quer dizer lado da prôa, assim como anti-á-ré — lado da pôpa.

embora se dê o numero maximo de 4 lances.

Ao mettedor segue-se o *espiador em pé*, a este o *espiador sentado*. São fixos egualmente nas praias onde ha percentagem —a troco d'um pequeno augmento d'esta; mas onde a não ha — como Espinho — taes logares já correm de lance em lance a roda dos remadores.

Temos depois successivamente aos espiadores: o *trez em pé — o trez sentado — e quatro em pé — e o quatro sentado* no remo prôa.

No remo *maião* não ha logar para o *quatro sentado*.

Junto ao tolete ou *escalmão* senta-se um remador sim, mas por ante-a-ré do remo, e voltado para a pôpa — remador que trabalha no remo *prôa* por meio de um *cambão* amarrado perto da extremidade do punho.

Este remador, por se sentar mesmo encostado ao *escalmão* que é de ferro e suja o barco n'aquelle sitio com os productos da sua oxidação natural, tem o nome especial de *ferrugem*.

E' o logar de menos monta porque pelo grande percurso do punho do remo, *o ferrugem* por intermedio do cambão, pouco esforço pode transmittir ao andamento. E' em todo o caso uma situação muito perigosa porque se o *maião* com um embate da vaga soltar do escalmão, corre á ré e esmaga-o pelas costas.

Decrescem gradualmente de importancia os logares descriptos, visto que quanto mais perto do fulcro ou tolete, tanto menos se conta com o trabalho da alavanca. Em Esmoriz — todos os logares da barcada estão rigorosamente distribuidos pelo pessoal do mar. Ao saltar no barco, cada um toma logo conta do seu cargo, já sabe d'antemão o que vae fazer; e penso que esta boa disciplina e boa harmonia entre patrões e pescadores se consegue a troco de umas pequenas gratificações de vinho, de vez em quando. Nas demais praias já não será assim.

Os quatorze dos cambões — sete de cada remo —trabalham todos por ante-a-vante das bancadas, frente para a pôpa: os do remo da ré, mais encostados a bombordo, visto que este punho está para esse lado (tem a pá para estibordo); e o grupo do remo da vante — que é o *maião* — trabalha mais chegado ao lado opposto, por motivo identico.

Cada grupo de cada remo forma 3 filas: a 1.ª — mais á prôa, consta de 2 remadores a que dão o nome de *encurtas*; á 2.ª, composta de outros 2 e á 3.ª de tres, dão o nome de *cambões do meio*, excepção feita do remador que na 3.ª fila fica encostado á borda do barco, que é chamado *cambão do canto*.

Quando se pretende fazer avançar o barco contra a rebentação é evidentemente necessario estabelecer 2 espias ou cordas, uma para cada lado da prôa, afim de que esta se mantenha na normal á vaga. Para isto está em terra a gente precisa d'um e d'outro lado segurando nas extremidades das espias, e a bordo, sobre o castello, dois remadores afim de darem volta aos cabos nos cabeços competentes, ou arriarem-nos logo que o barco despique. Estes — teem por este serviço especial o nome de *barroteiros* [1] e depois porque remam com uns cambões compridos, dados aos punhos dos remos, chamam-lhes *requintas* como já dissemos.

Sobre o trabalho da remagem resta-nos apenas dizer que a bancada dos remadores *em pé* é convenientemente mais baixa do que a dos *sentados*, e ha ainda no barco os estrados e os estribos ou degraus precisos nos pontos proprios para o movimento natural dos pés.

Nas occasiões do mar bom, a faina

[1] Este nome provem de trabalharem sobre o castellinho cuja peça de madeira principal é o *barrote*—ou arco — lançado de borda a borda, sobre o qual assenta depois o taboame.

de deitar o barco ao mar, em pouco monta, a menos que o barco já todo mettido n'agua não cáia dos rolos de madeira e fique sem fluctuar.

Em tal caso, com mar muito chão, em má praia e com maré desfavoravel, é difficilimo tiral-o d'essa critica posição, e muitas vezes impossivel, sendo preciso descarregal-o.

Aparte porém este ou qualquer outro accidente d'ordem muito secundaria, esse trabalho faz-se perfeitamente com a gente da barcada, uma duzia d'auxiliares se tanto, e duas juntas de gado — com mar bom.

Se porém elle é de vaga, os remadores embarcam mais depressa para rapidamente pucharem pela voga, assim que venha qualquer onda maior que ponha o barco a nado.

Torna-se então imprescindivel a concorrencia de todo o pessoal da companha para segurar a forquilha applicada á pôpa afim de impedir que o barco recúe com a pancada do mar, e para o fazer avançar lestamente, passado esse embate.

O trabalho da forquilha é d'estas vezes bastante perigoso e tem de ser feito com todo o cuidado; n'um recúo maior e imprevisto, póde ir o cabo contra a areia, quebrar-se e inutilisar uma porção de braços — por isto, á faina do lançamento dos barcos e especialmente ao serviço da forquilha, preside sempre o 1.º arraes.

Em todas as praias ha a distinguir duas linhas de rebentação: a 1.ª á babugem da areia, chamada mesmo a *rebentação da praia*; a 2.ª — mais fóra, no peirão ou no ponto em que a vaga do vento não encontra já fundo suffieiente para se expandir em toda a amplitude, e se dobra então formando cabana e despenhando-se no proprio cavado que abre na sua frente, correndo depois para a praia, toda em espuma.

A esta dá-se o nome de *rebentação do banco*, e é muito mais viva e de temer que a da praia, que só vem a ser produzida pelas ondas já quebradas *no banco*.

Além d'estas duas, levanta-se ainda n'algumas costas, uma terceira mais ao longe, chamada *a do pégo*, e produzida pela grande ondulação do largo que sempre resulta de uma demorada acção do vento sobre o mar.

A *rebentação do pégo* é propria das costas do pouco fundo e sujeitas a ventos de travessia [1], embora elles predominem em zonas affastadas do litoral.

Taes circumstancias são ambas muito pronunciadas em toda a zona d'Aveiro, onde a 3.ª rebentação floreia algumas vezes até mesmo com os noroestes rijos da costa.

As distancias a que dão as duas ultimas rebentações dependem de varias clausulas, especialmente — da intensidade e direcção do vento e da distancia a que elle começou a activar no mar, bem assim da sua permanencia depois junto da terra, e por ultimo, da altura do mar.

E' preciso tambem notar que nem sempre se estabelece as 3 linhas de quebramento, e que ultrapassados uns certos limites de duração do temporal, o mar rebenta a eito — aqui — até onde a vista póde alcançar.

Em todo o caso, para mar susceptivel de trabalho, n'esta costa, podemos collocar a rebentação do banco entre 100 a 150 braças, e a *do pégo* a uma distancia de cinco a seis vezes esta. Não quero dizer que os barcos se aventurem á pesca depois de perfeitamente caracterisada a 3.ª faxa de rebentação; de ordinario tentam-na em quanto ella apenas se dá ora aqui, ora ali, mais ao Norte ou mais ao Sul, sem de maneira alguma formar uma linha ininterrupta de espuma, embora a ondulnção seja ali de maior altura.

JAYME AFFREIXO.

---

[1] Ventos do mar, sensivelmente normaes á linha do litoral. De travessia ou de travez.

COSTUMES DE SEIXAS E REFOIOS DE LIMA

Tendo-me o meu amigo A. S. facultado a leitura de umas cartas que recebera em resposta a uns quesitos que tinha enviado para Seixas e Refoios de Lima: e parecendo-me interessantes alguns assuntos lá descritos, resolvi extractar dellas, o que vai adeante publicado com a respectiva menção das datas das cartas e local.

E' tão modesta a litteratura sobre o povo portuguez que serão sempre bem vindas informações d'esta especie.

O Alto-Minho é a ligação natural com a Galliza e por intermedio deste antigo reino estamos unidos linguisticamente com a restante peninsula. Desde a Beira até o Algarve a passagem de Portugal para Hespanha faz-se sentir notavelmente; ao passo que no Minho e em grande parte de Tras-os-Montes nem os costumes nem a linguagem fazem alterações sensiveis dambos os lados da fronteira.

Nos trechos das cartas, a que me refiro, nota-se a emigração de Seixas para a provincia hespanhola da Galliza. Emquanto os nossos patricios vão trabalhar para Tui e Vigo, os naturaes destas regiões descem para o sul e vem offerecer os seus prestimos ao Porto e Lisboa, dando assim nma prova da necessidade que a humanidade tem, illudida com esperanças muitas vezes enganosas, de ir procurar, longe da patria e dos seus, senão a riqueza pelo menos a abastança.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

SEIXAS

30 de janeiro 1896.

O povo desta freguezia emprega-se á pesca, á agricultura, ao commercio e ás artes, emigrando todavia muitos para o Brazil, Lisboa e Hespanha; á industria, possuindo, já, dois fornos de cal que exportam para o norte da provincia e Galliza; bem como uma fabrica a vapor de moagens e massas exportando estas para quasi toda a provincia do Minho, e parte do Douro; e um açougue sendo as rezes abatidas n'esta mesma povoação; uma estação telegrapho-postal, bem como uma estação de via ferrea de 4.ª classe; havendo tambem duas feiras annuaes, uma no dia de S. Bento a 21 de março, outra a 11 de julho, esta dura tres dias, e é n'este dia a festa principal de S. Bento, que se venera na magestosa capella da mesma invocação sendo concorrida por muito povo, principalmente da Galliza.

O caracter do povo no geral é bom. Os vicios predominantes são jogo de *cartas de baza*, a freqnencia da taberna. Sendo esta freguezia a mais populosa do districto de Vianna, como aldeia apenas ha por anno 1 a 2 filhos naturaes. Os homens no geral são robustos e as mulheres com raras excepções, pouco formosas.

Os homens, no geral, vestem como os artistas da cidade, e as mulheres muito semilhantes ás creadas de sala das cidades e isto ainda mesmo na classe baixa não usão cores vivas e usão pouco ouro, não vestindo como as camponezas. Os homens, em geral, andão todos calçados e as mulheres, tambem á excepção da classe pobre, que nos dias de trabalho andão descalços, e nos santificados calçados. Dão-se alguns crusamentos com os gallegos em virtude da proximidade e convivencia. Esta freguezia tem um dialecto proprio pronunciando as vogaes quasi sempre abertas, vicio que conservão mesmo aquelles, que, desde a infancia se affastão para paragens longiquas.

Não ha differença alguma moral ou physica para os povos das freguezias circumvizinhas, a não ser no dialecto.

Não existe n'esta freguezia nenhuma casa nobre, nem restos de algum solar.

5 de fevereiro 1896.

O progresso veiu destruir na ma-

xima parte da freguezia do pitoresco Minho o uso caracteristico que tanto brilho dava aos habitantes d'esta provincia.

Esta freguezia que mais parece uma villa do que aldêa, tinha um vestuario proprio e muito similhante ao que ainda hoje usão os camponezes do concelho de Ponte de Lima, minha terra natal.

Aqui tudo mudou cedendo o logar ao luxo demasiado... Se vizitarmos as ricas freguezias da Maia, Gondomar e Gaya veremos mulheres, mal vestidas, não obstante viverem em casas que mais parecem nobres do que de lavoura, e nos dias de festa com saias de custo, levando ao pescoço, meadas do oiro, estrellas, corações. As mulheres de Avintes usão dos seus chapellinhos, que tanta graça lhes dão. No alto Minho infelizmente tudo mudou.

28 de fevereiro de 1896.

Até meado do seculo actual o vestido caracteristico dos homens era uma jaqueta, algumas com alamares, e nas festividades usavão uma especie de casaca de abas curtas com larga gola; trazião collete comprido e calças de estopa no trabalho, e de cotim nos dias santificados e festividades; poucos, só os abastados, usavão calças de pano fino, calçavão botas de cano alto, e os agricultores no tempo de frio usavão capote com romeira, e alguns com um cordão de retroz preto que circumdava o pescoço por baixo da gola, apertando por baixo do queixo e terminando por duas borlas de seda preta. Os pescadores ainda usavão de capote de saragoça ou de burel com capuz.

As mulheres usavão na cabeça alem de pente largo e alto, de lenços brancos de fino linho ou de cassa, alguns recortados e todos bordados nos cantos, vestião collete curto e decotado no peito com larga fita avelludada deixando ver a fresca camisa de linho na cintura, 4 a 5 centimetros de altura, usando de uma jaqueta curta a que chamavam *roupinhas*, com uma pala quadrada, que descia no meio das costas com duas ordens de vidros de côres, vestindo saia curta de um tecido chamado *fraldilha*, tecido de linho e lã, andavão quasi sempre em mangas de camisa e descalças excepto as abastadas, e quando ião ao templo porque neste caso calçavão chinellas, as que tinhão meios usavão capote com gola de velludo, e mais tarde o capote foi substituido pela capa de bom panno, orlado de largas fitas de velludo lavrado ou liso. Hoje, porém, guarda-se o rigor da moda.

REFOIOS DE LIMA

19 de Abril 1896. — 1.ª Forma de vestir ha 50 annos, e hoje? Ha 50 annos ainda havia entre o nosso povo alguma sinplicidade e espirito economico, por isso o seu trajo era simples como o seu viver. Os lavradores abastados usavão aos domingos e dias santos o seu chapeu de panno grosso alto e duro e ainda se via alguem, mas raro, que usava d'um mais alto, e mais largo no alto ou copa. *Jaqueta*, *japona*, ou *vestia* de pano grosso ordinariamente azul, que chegava á cinta, com gola alta e manga estreita; collete ora do mesmo pano, ora d'outro qualquer, de trespasse e curto com grandes bolços; calças d'um pano quasi sempre mais grosso, largas, compridas, bolsos d'orelha, e na frente uma especie de portinhola a que se dá o nome d'alçapão, de que hoje alguem as usa ainda. Ainda se não vião algumas cujo alçapão era inteiriço com as orelhas dos bolsos, e quando era preciso abrir esse alçapão, desabotoavão os botões que o seguravão, e caía a tal porta juntamente com as orelhas dos bolsos. A camisa de pano de linho, era sempre farta e com collar e punhos do mesmo pano, sendo o collar alto chegando alguns ás orelhas com uma pequena dobra sobre si e quasi sempre bordada, assim como o peito que era do mesmo panno, ou da

francaria, (?) Não se usavão ceroulas. Era raro o que calçava sapatos ou butes, e os qne usavão destes erão de couro grosso, e cano alto e duro. Ainda ha 5o annos havia um ou outro lavrador que usava uma especie de casaca, e que chamavão *fardeto nisera* ou *xideiro;* era uma japona de rabo ordinariamenie curto, não passava muito abaixo das cadeiras, manga estreita, e gola muito alta a chegar ás orelhas e com botões de metal amarello. Havia ainda alguns colle'es curtos de fustão branco com listras vermelhas; era o *non plus ultra*, o luxo.

Os menos abastados só se differençavão na qualidade dos pannos, sendo as japonas de briche ou saragoça, panno encorpado e de bastante dura, côr de pinhão, e as calças de cotim azul e grosso. Quasi nunca calçavam meias, e o classico tamanco ou sócco (páu mais ou menos cavacado com um couro amoldado ao pé e pregado a taxa) era, e é ainda o usual. Este trajo era ordinariamente o de dia da bôda, e era tratado de forma que as calças e as *niseras* principalmente passavão para filhos e até netos. Para os dias de trabalho havia a mesma forma de roupa, menos os *nizeras*, que erão só para as grandes festas, e era então de panno de estopa, materia que se extrahe do linho, e é mais grosseiro, simples de verão, e para o inverno, era e é tecido juntamente com lã e tingido de preto, a que se dá o nome de *liteira*. Naquelle tempo deste panno se fazia todo o fardamento. No serviço era o panno de estopa branco no verão, liteira no inverno; e em logar da jaqueta usava-se de camizola de lã por cima da camiza d'estopa, e sempre o classico socco ou tamanco. Hoje muda a coisa muito e para continuar com o mesmo sexo, direi que actualmente os mais abastados, e até os menos, trajão aos domingos e festas da forma seguinte: chapeu á ultima moda, casaquinha á ingleza, collete e calça de panno que se chama ora casemira, ora cheviote ou picotilho, camisa de panno cru com collarinho e pannos no ultimo gosto, bons sapatos, ora de cabedal branco com bordados, ora pretos e feitos segundo a ultima forma. Já se não passa sem o seu relogio de prata com respectiva corrente, e muitos andão pelas esquinas de *harmonium*, ás costas. No serviço em geral, já se não usa a *liteira*, porque parece mal, usa-se de cotim. Nos domingos já se usa muito a meia multicolor, tamanco feito no luxo, e até alguns de verniz. O vestir do sexo fragil era tambem simples, usavão aos domingos as mais abastadas saia de panno a que se chamavão *baeta-panno* uma especie de jaqueta, que denominavão *roupinhas* de pano azul que dava pela cinta, tendo posteriormente uma especie de rabo de casaca mas em ponto pequenino, mangas estreitas em baixo e mais lárgas em cima com muitas pregas nos hombros, a gola variava ora mais larga, ora mais estreita. Collete d'espartilho curto, deixando ver a limpa camisa na cintura, 4 a 5 centimetros d'altura e lenço na cabeça grande, que muito variava de côr, socco nos pés, e nada de meias. Nas orelhas brincos a que chamavão de *cabaça* compridos, outras argolas tudo d'oiro e ao pescoço um, dous ou mais fios de contas e nm outro objecto a que se dava o nome de *laço* composto de differentes peças pequenas d'oiro ligadas entre si, e que formavão um todo, mais ou menos apparatoso, conforme o peso, de forma triangular, preso por uma fita ao pescoço. No trabalho usavão a saia de liteira, collete, e aos hombros uma especie de chaile de baeta a que davão o nome de *capucho*, e que depois de cruzar na frente ia atar pelas pontas, já feitas para essa forma, na parte posterior. Hoje usão na cabeça lenços de lã de differentes côres (cachenez), casaquinhas de panno fino com vivos amoldorados, de velludilho, saia de chita de differentes côres (sem serem muito vivas), e umas

ou outras mais abastadas, saia de panno que de ordinario é a de bôda ou para a bôda. O collete é o qne hoje dá mais que fazer ao pobre alfaiate, é de panno ou casemira ou outra qualquer fazenda, espartilhos altos e compridos, isto é, sobem muito acima dos peitos e descem muito abaixo da cinta, nestes está disposta por differentes formas a capricho do alfaiate uma fabrica inteira de retroz de variadas côres. Ao pescoço usão dois ou tres fios de contas algumas grossas, a que chamão *rocões*, e uma ou outra tem a sua corrente com a respectiva medalha que varia muito quer no feitio quer na grandeza. Os brincos são do ultimo gosto, por isso algumas os trocão a cada passo fazendo assim grandes negocios para os paes... No serviço seguem quasi systemas antigos, mas em logar de *capucha* usão uma especie de jaquetão a que chamão *chambre* de chita. Se por andar descalços se entende andar sem meias respondo que em geral assim é, se se entende andar em sóccos digo que em alguns trabalhos e occasiões tirão os sóccos dos pés. Não ha dialecto caracteristico, apenas entre um ou outro logar da mesma freguezia se dá differentes formas de pronuncia e differença no timbre. Com relação ao divertimento *Vacca das cordas* não pude colher mais esclarecimentos além dos que o autor do *Minho Pitoresco*, obra ultimamente editada e que faz a descripção d'este divertimento conforme as informações que lhe foram dadas pelo sr. Miguel Roque dos Reis Lemos, [1] outrora professor da cadeira de latim na Villa de Ponte de Lima, e hoje professor no Lyceu de Vianna do Castello, amador incançavel de antiguidades de Ponte de Lima, consultando todos os antigos ms. que poude encontrar no concelho. Na Camara Municipal não existe documento algum que esclareça sobre a origem deste divertimento. Acha só que em Carvalho, os *Estrangeiros no Lima* e alguns ms. antigos. por alguns a quem pedi auxilio, consultados nada nos dizem. E baldado esforço, porque não era possivel escapar cousa alguma notavel as informações do Sr. Reis Lemos. Consta da tradição além do que lá põe o *Minho Pitoreseo* que a vacca era fornecida pelos marchantes e que ás cordas pegavão os moleiros. Como julgo o *Minho Pito:esco* ser obra conhecida deixo de transcrever para esta o que n'aquella obra se diz a tal respeito. Existe uma outra antiguidade de Ponte de Lima — as laranjadas. Nas festas de S. Sebastião na mesma villa era antigamente feita a expensas da Camara. No dia do Santo saia a procissão, acompanhava-a a Camara e mais auctoridades d'aquelle tempo. O povo da villa saía aos muros e daí atiravão com laranjas a toda a gente que ia no prestito, e ao andor do Santo. Tudo ficava sujo e algumas pessoas chegavam a recolher-se maguadas a casa. Em 1723 o Corregedor d'então Francisco de Sousa Taveira, pediu e obteve que tal costume acabasse e por isso foi publicado o alvará de 14 de Abril de 1727, prohibindo as laranjadas e impondo multas. Não mais se atirarão laranjas ao prestito religioso, mas os habitantes da villa começarão o costume de naquelle dia correrem ás laranjadas os transeuntes, costume este que subsistiu até aos principios do presente seculo.

[1] A *Tradição* publicou no seu primeiro volume a pag. 119 e 151 um estudo deste investigador sobre o assumpto que se trata.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(Recolhidos da Tradição oral)

O padre ridiculo

Era uma vez umpadre muito ridiculo, e por isso em chegando proximo os fins dos mezes, arranjava sempre uma questão com os criados

rapazolas que o serviam, e despedia-os sem lhes pagar; e assim ía sendo servido de graça.

Um dia um estudante fez uma aposta com os companheiros — de que era capaz de roubar o padre. Os outros apostaram que não; e elle para ganhar a aposta vestiu-se com fato muito velho, e á noite foi a casa do padre saber se queria um criado, accomodando-se com todas as condições que elle lhe impôz.

O padre estava assentado e mais a sua ama, a um bello lume de lenha, e disse ao rapaz que fosse tambem para ali.

O rapaz foi, e passado pouco tempo, diz-lhe o padre:

—«Então como me chamam por ahi a mim?»

—«Chamam-lhe o sr. padre prior.

—«Fortes parvos! Eu chamo-me *papa-deuses.*»

O rapaz fez-se muito admirado.

—«E então a esta senhora?»

—«Ama do sr. prior.»

—«Sucia de bestas! Esta é a *Fugritatis.*»

Nova admiração do rapaz.

—«E isto?» — dizia elle indigitando o gato.»

—«E' um gato.»

—«Não; é o *papa-ratos.*»

—«E isto?»

—«E' lume.»

—«Não. São *alumiantes.*»

—«E aquillo?»

—«São umas escadas.»

—«Qual historia; são *escrimonias.*»

—«E o que está nos paus da chaminé?»

—«São chouriços e paios».

—«Não digas tolices. São *papas* e *cardeaes*»

—«E isto?»

—«E' agua.»

—«Não; isto chama-se — *abundantes.*»

O rapaz tomou muito sentido em todos os nomes, e d'ali a pedaço diz:

—«Ora eu queria pedir um favor a V. S.ª»

—«Então o que é?»

—«E' que eu tenho sezões, e já estou com o frio (e n'isto batia com os dentes uns nos outros) e então se me deixasse dormir aqui, eu mesmo na lareira me deito.

O padre teve dó e deu a licença pedida.

D'ali a pouco a ama, que já tinha acabado de passar as contas, e dormindo no *entrevalo* dos padre-nossos e das ave-marias, lembrou ao padre que eram horas de se deitarem.

O padre que tambem já tinha completado a sua conta, despejando a longos tragos a borracha de vinho, e comido o ultimo bocadinho de lombo assado no espêto ao bello lume, e encontrando-se tão quente por fóra como por dentro, resolveu ir deitar-se, deixando o rapaz ao lume a curtir a sezão, e lembrando-lhe que pela manhã tinha de ir ajudar-lhe á missa.

—«Vá vossa mercê descançado, que a essa hora já me tem passado a *trabuzana*, e estou leve como um coelho.»

Tanto que o rapaz ouviu *ressonar* o padre e a ama, tirou a carne toda que estava na chaminé para um sacco que achou, e pôz diante da porta do quarto quantas cadeiras e mezas achou; atou uma porção de estôpa ao rabo do gato, que principiou a dar berros quando elle com um tição de lume lhe deitou fogo; e pondo o sacco da carne ás costas, foi bater á porta do quarto dizeudo:

—«O' pápa-deuses! tira-te dos braços da Fugritatis, vae accudir ao *papa-ratos* que vae pelas *escrimonias* acima, cheio de *alumiantes*; accode-lhe com *abundantes*, que eu cá vou carregado de *pápas* e *cardeaes*.

Quando o padre, depois de ter quebrado o nariz nas cadeiras que estavam á porta do quarto, poude entrar na cosinha, ficou desesperado por aquelle marôto lhe ter roubado os seus bellos paios e chouriços. Mas por mais qne procurou nunca soube quem tinha sido o espertalhão que o enganou, ganhando assim a aposta que tinha feito.

Seja Deus louvado
E o meu conto acabado,
Que não é bonito,
Mas é bem contado.

O gallo

Era uma vez um gallinho que andava a esgaravatar n'um campo e achou uma bolsa cheia de dinheiro!

Principiou a pensar a quem daria o dinheiro, que melhor o recompensasse, e decidiu que o levaria ao rei, e partiu caminho do palacio com a bolsa ao pescoço.

No caminho encontrou uma raposa que lhe disse:

—«Aonde vás, gallinho?

—«Vou levar esta bolsa de dinheiro ao rei.»

—«Eu tambem quero ir.»

—«Mette-te aqui para o meu rabo.»

Lá se metteu a raposa. Foi mais adiante e encontrou um montão de pedras, e perguntam-lhe:

—«Onde vás, gallinho?»

—«Vou levar esta bolsa de dinheiro ao rei.»

—«Nós tambem vamos».

—«Mettam-se aqui para o meu rabo.»

Encontrou mais uma ribeira e um enxame de abelhas, que lhe pediram para ir com elle e que o gallo mandou metter no rabo.

Assim chegou ao palacio, cheio de todas aquellas coisas, e pediu para ir entregar a bolsa ao rei. Este recebeu o dinheiro e mandou-o metter no gallinheiro.

Ficou o gallo todo zangado, porque esperava grande recompensa em troca da bolsa, e para se vingar deixou sair do rabo a raposa, e esta comeu as gallinhas todas!

O gallinho pôz-se em cima do gallinheiro a cantar:

Qui-quiri-qui!
Venham vêr o que eu fiz!

Vieram a ver e não havia nenhuma gallinha.

Disse o rei:

—«Mettam o gallinho dentro de um pote.»

Assim se fez, e elle assim que lá se viu, deitou fóra do rabo as pedras e partiu-se o pote. E o gallinho pôz-se a cantar

Qui-quiri-qui!
Venham vêr o que eu fiz!

Foram dizer ao rei o que havia e elle mandou-o metter n'um forno bem aceso.

O gallinho assim que o metteram lá, largou a ribeira e apagou-se o fogo. O gallinho pôz-se a cantar em cima do telhado.

Qui-quiri-qui!
Venham vêr o que eu fiz!

O rei, já desesperado, disse:

—«Tragam cá esse maroto, que lhe quero sujar em cima. Mas assim que o rei se despiu, o gallinho largou as abelhas, que se pegaram todas ao corpo do rei, que já escorria sangue por todos os lados, e levaram-no para a cama quasi morto.

Depois deram outra vez a bolsa de dinheiro ao gallo com a condição de se ir logo embora, visto elle fazer tanta maldade.

O gallinho assim fez; e quando chegou á sua terra distribuiu o dinheiro pelos pobresinhos, que era mais bem empregado do que no rei.

Seja Deus louvado
Está meu conto acabado.

(S. Vicente)

A rapoza

Era uma vez uma rapoza que foi a casa de um barbeiro e disse-lhe assim:

—«O' sr. barbeiro, corte-me aqui o meu rabo que está cheio de piolhos.

O barbeiro cortou-lhe o rabo.»

No outro dia volta lá a rapoza:

—«O' sr. barbeiro, *qué d'elle* o meu rabo?

—«O teu rabo atirei-o para o telhado.»

—«Ai sim?... pois levo-lhe uma navalha.»
Foi a casa de um oleiro:
—«O' sr. oleiro, aqui tem esta navalha para raspar as suas tigelas.»
No outro dia foi lá:
—«Então a minha navalha?»
—«A tua navalha partiu-se.»
—«Pois roubo-lhe uma tigela.»
Foi a uma horta:
—«O' sr. hortelão, aqui tem esta tigela para refogar as suas bringelas.»
No outro dia voltou á horta:
—«Onde está a minha tigela?»
—«A tua tigela quebrou-se.»
—«Ai sim?... pois furto-lhe estas bringelas.»
Foi a casa de um moleiro:
—«O' sr. moleiro, aqui tem estas bringellas para o seu jantar.»
Passados dias foi lá:
—«Então as minhas bringelas?»
—«As bringelas, comi-as.»
—«Pois levo-lhe um sacco de farinha.»
Foi a casa de uma mestra:
—«Sr.ª mestra, aqui tem esta farinha para fazer bolinhos ás suas meninas.»
No outro dia foi lá:
—«Então a minha farinha?»
—«Fiz bolos para as meninas.»
—«Ai sim?... pois levo-lhe uma menina.»
Levou a menina e foi a casa de um violeiro:
—Sr. violeiro, aqui tem esta menina.»
O violeiro foi levar a menina a casa da familia.
No outro dia vae a rapoza:
—«Sr. violeiro, onde está a minha menina?»
—«A tua menina morreu.»
—«A' sim?... pois levo-lhe uma viola.»
Roubou-lhe a viola e foi para cima de um telhado, e pôz-se a cantar assim:

Eu de rabo fiz navalha,
De navalha fiz tigela,
De tigela fiz bringela,
De bringela fiz farinha,
De farinha fiz menina.
De menina fiz viola,
Torrum tum tum,
Que me vou embora!

(Elvas)
(Continúa)

A. THOMAZ PIRES.

LENDAS & ROMANCES

EXCERTOS DE DIFFERENTES ROMANCES

(a)

De rastos vae Jesus Christo
Pela rua d'Amargura,
Nunca poude encontrar
Nenhuma só pessoa.
. . . .
Lá ó cimo d'uma quelha
Encontrou uma mulher
Procurando por seu filho:
— Vistes por aqui meu filho,
Bem q'rido e bem amado?
— O' minha senhora bella,
Eil-o alem vae todo desflorado.
. . . .
Andando senhora assim
Até ó Calvario
. . . .
Lá está c'o a sua c'roa d'espinhos
Com sua lanceta espetada,
Seu crucifixo *ameloado*
. . . .
Tres lebrinhos tinh' ó panno.
Tres malhas eram quedadas
. . . .
. . . .

(Recolhido em Elvas por uma mulher da Beira Alta)

(b)

Alem vae Jesus,
Que lhe *querem* vós?
Quero ir com elle
Porque leva a cruz,
Seus braços abertos,
Seus pés encravados,
Derramando seu sangue
P'los nossos peccados.
A terra tremia
Do pezar da cruz,
Rezemos tres vezes:
Salvae-nos Jesus.
Salvador do mundo
Que a todos salvaes,
Salvae-m' a a min'halma
Bemdito sejaes.

(Campo Maior)

(c)

— O' mulher's, que tendes filhos,
Que sabeis que cousa é dor,
Visteis por aqui passar
O meu filho redemptor?
— Bem vi, senhora, bem vi,
Antes do gallo cantar,
Uma cruz elle levava ás costas,
Que o fazia ajoelhar.
— O' mulher's que tendes filhos
Ajudae-me a chorar
A morte de Jesus Christo,
Que é meu filho natural.

(Elvas)

(d)

Arrenego de ti, maldito,
Mais das tuas más palavras,
Que a alma é de Deus
Que anda em sua resguarda,
E o corpo é dos bichinhos,
Que andam por cima da agua.

(Elvas)

(e)

O' homem da caravella,
Volta atraz, que vaes perdido,
Que essa mulher que ahi levas
E' casada, tem marido.

(Elvas)

(f)

Senhora, mandae soccorro
A'quella triste galera,
Que está captiva dos Mouros
Na costa da *Ingalaterra.*

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

A MORENINHA

(Variante de Cidadêlhe)

— Oh morena, oh moreninha,
oh morena mal fadada,
se me não abres a porta,
não és morena nem nada. —
— Como te heide abrir a porta
frei João da minha alma,
tenho meus filhos ao peito,
meu marido á ilharga? —
— Teus filhos deita no berço,
teu marido resonava. —
O marido acordou
com as fallas que ella dava.
— Tu que tens oh mulher minha
a quem dás as tuas fallas? —
— E' á moça da padeira
que ella vae para a massada. —
— Que me faça pão de leite,
que lhe bote pouca agua,
que me faça uma bôla,
basta que não seja rala. —
— Levanta-te meu marido,
vae fazer uma caçada,
não ha coelho melhor
que é o da fresca madrugada. —
Ella que o viu sahir,
ella toda se arranjava,
pegou no seu pente
seu cabello penteava,
pegou nos seus ganchinhos
seu cabello enganchava,
pegou na sua mantinha
até aos pés se asseava.
Olha a triste moreninha —
á porta de frei João
moreninha batucava.
Elle que a presentiu,
saltos que nem uma lebre,
berros que nem uma cabra,
deu-lhe beijos e abraços
d'aquillo que ella gostava,
deu-lhe d'aquelle bom mel
d'aquella bôa marmellada,
já se ia enchendo d'ella,
mandou-a para sua casa.
Chegou ao meio do caminho,
seu marido encontrava
D'onde vindes mulher minha,
que vindes tão asseada? —
— Venho de ouvir missa nova,
frei João a cantava. —
— Oh que missa era ella
que nem os sinos tocavam,
ainda agora lá passei
as portas fechadas estavam. —
— Calla-te lá meu cornepinho,
amorsinho da minha alma,
que a missa de frei João,
é de portinha cerrada. —
— Tu que tens mulher minha,
que tanto mudas de côr,
ou tu me temes a morte
ou tu tens outro amor? —
— Eu a morte não n'a temo,
que eu d'ella hei de morrer,
tenho pena de meus filhos
que outra não virão a ter. —
— Se tu fôras uma mãe
como devias de ser,
olhavas por teus filhos,
frei João não ias vêr. —
— Pega lá esta facada,
dada do meu coração,
não te tornas a gozar
dos abraços de frei João. —
Ao cabo de nove mezes,
frei João a procurava,
Que de triste moreninha,
que da triste desgraçada,
que da triste moreninha
que n'esta rua morava? —
— A moreninha morreu,
morreu está na sepultura,
a morte da moreninha
brevemente será a sua. —
— Pega lá esta facada,
pega lá que t'a dou eu,
não te tornas a gosar
d'amorsinho que foi meu. —

J. J. GONÇALVES PEREIRA.

ANNO IV
N.º 11

SERPA, Novembro de 1902

VOLUME IV

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA

e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro acresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração de

A TRADIÇÃO — Serpa

Venda avulso

Lisboa — *Galeria Monaco — Rocio*

Porto — *Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44*

Coimbra — *Livraria França Amado*

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel, Doutor Adolpho Coelho, Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Alvaro Pinheiro, Alves Tavares, Antonio Alexandrino, Doutor Athaide d'Oliveira, Castor, Conde de Ficalho, C. Cabral, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, Filomatico, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, Lopes Piçarra, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª), Miguel de Lemos, Paulo Osorio, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, Ramalho Ortigão, D. Sophia da Silva (Dr.ª), Dr. Souza Viterbo, Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires.*

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino, A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro, Doutor Athaide de Oliveira, Conde de Ficalho, M. Dias Nunes, Fazenda Junior, J. J. Gonçalves Pereira, Doutor João Varella, Doutor Ladislau Piçarra, D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Côvas, R., Doutor Souza Viterbo, N. W. Thomas, A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho.*

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt, Alvaro de Castro, Antonio Alexandrino, Antonino Mari (Dr.), A. de Mello Breyner, A. Rosa da Silva, A. Thomaz Pires, Arronches Junqueiro, Athaide d'Oliveira (Dr.), Castor, Conde de Ficalho, Dias Nunes (M.), Gonçalves Pereira (J. J.), João Varella (Dr.), Joaquim d'Araujo, Ladislau Piçarra (Dr.), Leite de Vasconcellos (Dr.), Luiz Frederico, D. Margarida de Sequeira, D. Maria Velleda, Nicolás Díaz y Pérez, Pedro A. d'Azevedo, Silva Brandão, Sousa Viterbo (Dr.), Trindade Coelho (Dr.),* ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 11 SERPA, Novembro de 1902 Volume IV

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

III

(Continuação)

Occasiões ha em que o mar dá probabilidades de sahida aos barcos, offerecendo-lhes tanto *no banco* como *no pego*, demoradas folgas ou *sotas* para passar; e depois, repentinamente, em quanto elles vão ao largadouro e voltam, cerram-se as rebentações impossibilitando-lhes o regresso.

Ficam então nos maiores apuros: não dispondo d'outro motor alem dos remos, visto que não armam nem podem armar vela, é-lhes impossivel arribar para Leixões ou Figueira, unicos portos d'abrigo, porque o d'Aveiro é impraticavel, fica dentro das rebentações, e mais perigoso é accometer com elle do que com a propria praia.

Tambem correm o risco da cala da rêde se partir e terem de se aguentar continuamente sobre os remos, recurso extremo que não póde ser de longa duração.

De terra nada se lhes póde fazer e elles tambem, nada esperam. O unico soccorro possivel seria o d'um rebocador que salvasse os barcos ou apenas o pessoal em casos extremos, mas o districto, embora riquissimo em producção e o primeiro contribuinte, portanto, no imposto de 5 % sobre o pescado, não possúe esse recurso e só pedindo-o para o Porto o póde obter. Para o pedir rapidamente seria necessaria uma ligação telegraphica ou telephonica entre todos os centros da pesca do districto e o Porto, ligação que não ha; de maneira que, dada uma collisão d'estas, em qualquer ponto medio da costa, havendo mesmo um rebocador commissionado no Porto ou em Leixões, o seu concurso ha de ser sempre tardio.

Regra geral: os barcos veem para a praia. Estudam demoradamente o mar, atezam quanto pódem a *mão da barca* que ha-de salvar na passagem das rebentações, e no momento melhor, atiram-se para a terra. Algumas vezes não mais a pisam, mas quando a abordam, o espectaculo da praia é então singularmente commovedôr e enthusiasmante.

Outras occasiões ha em que o mar é evidentemente perigoso, mas d'entre cinco ou seis companhas que irresolutas estão á borda avançando e recuando com os barcos, acontece partir uma para fóra ou por mais ousadia e fortuna, ou por vangloria, ou ás vezes mesmo por contingencia do momento que os impelle para o *banco* e para o largo.

E' o peór mal que pode cahir n'uma praia. Tanto assim — que logo as familias dos pescadores apparecem

em pêso e em grande grita ao redor dos barcos.

Os que partiram não voltam para traz, por orgulho; e mesmo para o fazer, como de ordinario não levam ancoróte, teem de ir lançar a rede a distancia pelo menos sufficiente para lhes segurar a corda que ha de aguentar na arribada sobre a costa.

Esses mais facilmente vão para a morte do que veem para o escarceo dos seus eguaes.

Os que ficaram teem-se sob o repto dos que partiram, e para estes cessaram todas ás hesitações e cessaram todos os compromissos: ali não ha patrões — os barcos são d'elles; não ha familias — elles pertencem-se a si proprios, inteiramente; não ha outras aspirações que não seja —partir.

As grandes desgraças nunca acontecem na ida. Se os barcos se não enchem d'agua ou quebram ali na praia e teem a fortuna de encontrar depressa passagem no banco, na zona mais calma ou *lago*, entre o banco e o pégo, são esgotados e refeitos de qualquer avaria recebendo-se até pela cala que fica em terra — o *reçoeiro* — um rêmo ou quantos precisem. O pessoal tambem descança remando mansamente em direcção ao pégo, que vencem com extraordinaria prudencia mas com uma coragem de leões.

A sahida dos barcos faz-se, é claro, por entre as imprecações, os rogos e o choro lancinante das mulheres e das creanças. Os simples espectadores deixam de ser uns indifferentes n'essas horas tragicas e não raro fazem côro com aquella turbamulta de angustia e de desgraça.

Elles, nos barcos são indiflerentes a tudo.

Adivinha-se-lhes a pallidez sob o tostado da pelle — mas mais nada.

Revestidos d'uma impassibilidade que arripia, não teem um gesto que os traia, nem uma palavra de carinho ou animação, assim como a não teem de desdem ou de enfado.

Só arraes de reconhecida competencia, verdadeiramente habeis e conhecedores do mar, experimentados e senhores de si cara a cara com a morte, podem ser os mestres d'estes barcos, e arcar com a immensa responsabilidade moral d'estas occasiões: mos todos elles, na costa, são homens para isto.

Partem, dominados pelo orgulho, pela teima, mas nunca se precipitam nem perdem o sangue frio; manobram com toda a pericia, mandando sobre os rêmos, tanto para o andamento como para a direcção do barco, porque não se usa leme, e com o mesmo porte grave que levaram assim veem e se sómem na praia esquivando-se a todas as expansões.

O maior defeito, o unico mesmo porque elles peccam — é a embriaguez, salvas as excepções, está bem de ver.

E parece até, que por signa d'esta gente, os melhores para o mar e os mais peritos, são exactamente os que mais cêdo se inutilisam com o alcoolismo.

Transposto a *pégo* vão lançar a rede e voltam arriando a cala do retorno — a mão da barca — muito atesada e chegados novamente ao *pégo* pairam, e é essa a occasião mais solemne da empresa.

As rebentações são peores á pôpa do que na prôa. Na prôa ha o perigo da *cabana* da onda se formar sobre ella e a catadupa rebentar-lhe em cima engulindo o barco. A' pôpa — ha o da vaga mais veloz que o barco, o pilhar com todo o incremento e levar na sua frente sempre com a pôpa levantada, até á occasião em que a onda por baixo recúa e por cima avança, voltando-o de fundo para o ar no sentido de pôpa á prôa.

Para evitar que o mar pegue no barco e o leve comsigo, la está a mão da barca, que segura a tempo na bica, da ré o retem, e a onda continúa para deante, vae levantar-lhe a prôa,

COSTUMES & PERSPECTIVAS

Apanha do birbigão em barco, com as dragas, na ria de Aveiro

deixando descer a ré e estabelecer-se assim o equilibrio da embarcação.

Como no pégo é que a velocidade e a altura da onda é maior, é ahi que reside o maior perigo.

A mão da barca, embora comprida e cuidadosamente esticada póde recorrer muito pelo fundo e não ser firme a tempo, póde até partir; e além d'isto a faxa da rebentação pode ser tão larga que não só obrigue o barco a repetir a manobra demorando-se sobre ella, como ainda póde acavallar duas ondas e não lhe dar possibilidade de manobrar para ambas quasi que ao mesmo tempo.

Se a vencem, entram no *lago* e ahi esgotam e descançam; mas o que deve ser sobremodo horroroso para esta gente é — livres da ondelação alta do pégo que lhes tapava a terra — verem agora a praia e porventura n'ella os destroços d'um naufragio.

Se teem sob as vistas o sinistro de companheiros que os precederam, redobram de precauções e de arguicira, prescrutando o *banco*, esticando bem a *mão da barca*, e quando se atiram — vae com Deus! — é para a vida ou para morte.

Se são felizes, estão salvos. A rebentação da praia vem-se galgando vagarosamente, a par e passo com a retenção da mão-da-barca, e junto á terra, mesmo, com a prôa a galear quasi sobre a areia, aguardam a onda em termos para os deixar em sêcco. Chegada ella, põe-lhes a pôpa quasi a pino, a mão-da-barca opéra por seu turno, a vaga corre um pouco adeante levantando-lhe a prôa e logo o arraes sem mais demora, n'um arremesso magestoso, atira para fóra a corda salvadora e o barco entra imponentemente, ainda com toda a força da onda, n'uma grande corrida, pela terra dentro.

No outomno de 1899, na praia de S. Jacintho, situada logo ao Norte da barra d'Aveiro, partiram n'um dia pelas 10 horas as 6 companhas para o mar, sendo este um tanto puchado mas não rebentando o *pégo*.

Na volta, a 1.ª companha que arribou, assim que venceu o *banco* largou por mão a mão-da-barca, e uma onda perto já da praia virou-os pela pôpa sobre a prôa, repentinamente, ficando sepultados trinta e tantos homens debaixo do barco, que logo partiu as bicas e ajoujou as bordas na areia, não deixando nenhuma sahida.

Estava n'um ponto em que nem a agua o fazia fluctuar nem permittia que ninguem lá podesse trabalhar.

Por felicidade uma vaga empnrrou-o mais para cima da praia e o povo conseguiu-o levantar d'um dos lados e tirar de lá a tripulação.

Foram quasi todos em braços, mais ou menos contusos, um sahiu do barco já morto e dois foram levados pelo mar, encontrando-se mais tarde os seus cadaveres.

As 5 companhas restantes, apesar do mar ter crescido muito, manobraram depois com todo o rigor, em presença d'este naufragio, e arribaram lindamente na praia sem o menor desastre.

Desaparecem todos como por encanto: vão beber a marinha — a caneca de vinho que ganharam pelo serviço que veem de cumprir.

O gado começa a tirar, mas as redes, n'estas occasiões, não trazem nada, e melhor é mesmo que venham vasias, porque se trouxerem pescaria facilmente se rasgam na passagem do banco e até mesmo se podem perder completatamente voltando-se o *sacco* sobre as *mangas* e partindo-se as calas, pela grande resistencia que o apparelho assim emmolhado offerece á tracção.

Quando porem ha bons lances, quando ha sardinha na costa e ao alcance das calas, a chegada d'uma rede d'estas á praia, com o sacco completamente cheio de pescaria, valendo muitas vezes mais de tres contos de réis, causa uma animação indescriptivel, e dá logar a um movivento espantoso de pessoal. Não ha

CANCIONEIRO MUSICAL

XI

AMANHÃ ANDA A RODA

Musica recolhida por D. Elvira Monteiro

(CHOREOGRAPHICA)

peixe que crie mais ramos de industria do que a sardinha, sobretudo na costa de S. Jacintho, pelas circumstancias especiaes do logar. Adeante, quando me referir propriamente á esta praia, mostrarei que é ella, incontestavelmente, a que se pode tomar como modelo em todo o districto, e procurarei evidenciar o que seja um d'estes bancos felizes.

——

A tiragem das redes é o serviço especial e de maior pericia desempenhado pelo 1.º arraes.

Não se julgue que tal faina se resume em jungir bois ás calas e fazel-os andar.

Primeiro que tudo, desde que haja mais d'uma companha a trabalhar em qualquer praia, as calas geralmente crusam-se a distancia e as filas do gado andam entermeadas no areal. Este crusamento é forçado, aliás as companhas teriam de se espalhar n'uma grande zona para que as calas ficassem independentes.

O geito que é preciso dar-lhes quer para um ou outro lado, quer unindo-as mais ou menos, isto tudo, sempre fugindo a avarias proprias e alheias, é um trabalho tão complicado e suscita constantemente em todas as praias tão acirrados pleitos, que só uma longa pratica e certa comprehensão natural alliadas podem dar um arraes consciencioso.

O 1.º arraes preside, como disse, á tiragem da rede, mas toma especialmente conta do *recoeiro* e o arraes do mar, após a *marinha*, vem tomar conta da mão da barca.

Para completar a distribuição do pessoal, diremos ainda que dos *auxiliares de terra* ha um encarregado de guardar os apparelhos, que ficam carregados no barco de um dia para o outro — tem o nome do guardadôr e o seu vencimento no Norte eguala sinsivelmente o do arraes do mar — cerca de 20 libras.

Do pessoal da barcada, quatro ou cinco são *escascadores* — mettem as redes na infusão de casca de salgueipo e preparam este curtimento na folga do mar.

Estes, alem dos seus vencimentos proprios de remadores teem geralmente cerca de 20$000 réis — no Norte — para dividir entre elles.

As tres boias de cada rede tambem teem seus encarregados, que tomam os nomes dos respectivos fluctuadores — dois são os *arinques* — ou *ódres* no Norte — e um é o calime. A gratificação dos ôdres ou arinques regula por 1/2 libra, e a do calime — da Torreira para Norte, pelo menos — por 7$500 réis, porque este tem conjunctamente o encargo da limpeza do barco.

Cada companha tem ainda dois redeiros para o serviço permanente de concerto de redes, sendo obrigados a revistal-as logo que enxuguem e fazer-lhes todas as malhas que tenham partido. Estes, no Norte teem uma soldada de 12 a 14 libras, como auxiliares, porque coadjuvam o serviço na praia, e mais 100 réis nos dias de pesca, sejam quaes forem as avarias dos apparelhos.

Tem tambem cada companha um encarregado dos *enxalavares*, *redenhos*, ou *rapicheis*, que são pequenos saccos de rede, em forma de funil, que servem para o transporte de peixe e especialmente para o tirar do sacco da arte para as lotas da praia. A gratificação d'estes é de 3$000 réis.

Nas praias onde o gado é extranho ás companhas, e a sua estabulação é nos povoados visinhos, têm estas 2 chamadores do gado cada uma, os quaes partem a correr para as cercanias onde estão afreguesados, assim que o barco larga de terra. Egualmenle ha 3 ou 4 chamadores ds pessoal por companha, nas praias muito povoadas como Espinho, sendo este serviço feito pelo arraes de terra nas isoladas como S. Jacintho.

IV

O districto maritimo d'Aveiro conta actualmeute 38 companhas de pesca, distribuidas por 8 praias differen-

tes, da seguinte fórma: em Espinho, 6; pouco ao Sul, em Paramos, 4; logo a seguir, em Esmoriz, 1; no Furadouro, praia fronteira a Ovar, 5; na Torreira, no paralello de Pardelhas, Murtoza e Estarreja, 6; em S. Jacintho, logo pelo norte da barra de Aveiro, 7; na Costa Nova do Prado, a pouca distancia, ao Sul do pharol da barra, 4; e em Mira, 5.

Espinho, que é hoje uma villa das mais importantes do districto e de mais risonho futuro, constituindo só de per si um concelho autonomo, teve a sua origem nos simples palheiros e armazens das companhas de pesca. Antigamente, o grande centro d'agora não passava de ser *os palheiros da costa* de Anta e de Silvalde, como ainda acontece com todos os demais centros piscicolas do litoral, que ainda continuam a *ser palheiros da costa* de Esmoriz, d'Ovar, d'Aveiro, etc.

Este de Espinho, situado porém já fóra dos limites do Norte da ria, achando-se em franca communicação com o interior, sem aguas ou grandes areaes a isolal-o, e achando-se consequentemente no caminho mais curto e mais commodo entre Aveiro e o Porto, desenvolveu-se naturalmente com a passagem do caminho de ferro, e mais ainda nestes ultimos dez annos com o successo sempre crescente da fabrica de conservas alimenticias que aqui se estabeleceu.

Tal desenvolvimento apagou-lhe o cunho caracteristico *de praia de pesca* — se bem que á industria tenha aberto, ou venha a abrir, melhores horizontes — e por isso a nós pouco nos interessa este centro piscicola.

Os traços geraes da pesca local são os seguintes:

O pessoal é todo de Espinho, tem soldada fixa por safra, d'antemão estabelecida, e lançada ao rol da matricula na sua totalidade exacta. Não teem a menor percentagem. Fazendo-se mais d'um lance, os proprietarios dão-lhes ao 2.º lance ou ao 3.º dois ou tres enxalavares de sardinha para serem divididos entre toda a companha. Se o lance é unico, nada dão — o que é emfim regra geral em toda a costa.

Esta gente vive com suas familias, mesmo em Espinho, em casas ainda na maior parte de madeira — palheiros — mas já submettidas ao alinhamento geral das ruas, que diga-se de passagem é um projecto de arruamento grandioso, moderno e magnifico em toda a extensão da palavra.

Habitam na orla mais proxima da praia, estendendo-se com preferencia sobre o Sul, onde formam um bairro piscatorio mais accentuado. Vivem na maior pobreza, como todos os pescadores portuguezes sem discrepancia de logar, e logo que o mar *não dê* cahem em regra na miseria mais completa e absoluta, indo esmolar dentro da villa — que por seu lado se não retrahe a prestar-lhes algum soccorro e que por isto mesmo é ferozmente invadida e de continuo pela pobreza bem duvidosa das freguezias agricolas que lhe são visinhas.

D'estas vem o gado que serve as companhas — Silvalve, Anta, Taboaça, São Felix e Brito. Geralmente os lavradores estão afreguesados com as seis empresas da costa e combinando-se entre si, nunca deixam de concorrer com as juntas necessarias parr cada rede — cerca de 12 a 15 para cada cala. Bem assim trazem sempre um certo numero de carros com o pasto para o penso dos bois durante o dia, e esses carros coadjuvam muitas vezes o transporte da pescaria, da praia para os armazens ou directamente para o caminho de ferro, serviço este que é especialmente explorado por outros lavradores.

Da sardinha colhida pelas artes, mais d'uma terça parte talvez, é adquirida pela fabrica de conservas de Espinho, para enlatar; uma pequena parte é comprada por peixeiras que se cottisam e adquirem uma lota ou monte, dividindo-a depois entre si e indo-a vender em canastras á cabeça, pelos arredores proximos; a res-

tante é arrematada por negociantes, que a exportam mesmo fresca, mettida a granel em cabazes com punhados de sal, ali mesmo na praia e expedida seguidamente pelo comboyo, ou a recolhem nos armazens em lagares ou dornas de madeira, n'uma moira de sal e agua do mar, acamando-a passado certo tempo—horas ou dias—com todo o preceito, em cabazes ou barris e despachando-a assim.

Pondo de parte a fabrica, cuja area d'exportação é latissima, não só em Portugal e colonias mas especialmente até no extrangeiro—Europa, America e Africa—a praia d'Espinho abastece de sardinha meio fresca e salgada uma grande zona no Minho, Douro e Beira — Porto, Braga, Guimarães, Regua, Pinhão, Mirandella, Barca d'Alva, etc.; para baixo—Coimbra, até Entroncamento; para Este —Abrantes, Amieira, Castello-Branco, Fundão, Covilhã, Guarda, Villar-Formoso; e voltando para o poente—Celorico, Vizeu, Tondella e Santa-Combadão.

As safras, com quanto durem todo o anno, pela letra da matricula—só se accentuam desde o começo da primavera até ao Natal.

Em Espinho exerce-se tambem a pesca especial do carangueijo por cerca de 60 a 80 barcos pertencentes aos proprios pescadores.

O systema d'esta pesca é o mesmo do da sardinha: barcos e redes em ponto pequeno, e em logar de arrastar para a praia, arrasta-se mesmo para bordo. Cada companha compõe-se apenas d'uns 6 ou 8 individuos, a maior parte ou quasi todos matriculados nas artes da sardinha, trabalhando apenas na folga ou excusa do serviço d'estas durante o outomno, ou depois d'ellas fecharem, no hynverno—do Natal por deaete.

Com quanto um pescador, obtendo licença ou faltando ao serviço possa facilmente ir pesear o carangueijo arranjando a companha em casa entre os proprios filhos ou os do visinho, esta exploração é muito incerta e accidental, tanto mais que só com muito bom mar se póde exercer.

O processo é simples: chegados ao ponto onde reconhecem haver mais crustaceo, a pouca distancia sempre da praia, largam fateixa com cerca de 20 braças de filame em cujo extremo amarram uma boia. A esta amarra-se o extremo da cala da rêde—*o reçoeiro*, e arriando este, que tem cerca de 60 braças, vão com o barco fazer o *lance* e voltam arriando a *mão da barca* para junto da boia á qual o seguram pelo travez. Depois, metade do pessoal á prôa e metade á ré, vão-se alando as calas até a bocca do sacco chegar á borda.

Por meio de rapicheis ou enxalavavares tira-se-lhe o carangueijo para o barco, colhe-se a rede em termos e vae-se fazer outro, e outro lance, até o barco estar carregado, ou até fatigar.

Um barco dos maiores, bem cheio, e em occasiões de sementeira, quando o lavrador mais carece d'elle para o adubo das terras, póde dar muito bom lucro—10 libras e até mais, com quanto as boas colheitas já regulem termo medio por metade d'esta quantia.

O carangueijo femea é comestivel em fresco e muito saboroso, mas extraordinariamente irritante. Ainda assim nas familias dos pescadores e n'outras classes pouco abastadas faz-se largo uso d'elle na alimentação, e se se não faz ainda maior é porque nas occasiões de fome tambem o não ha—o mar não permitte ir pescal-o.

Ao carangueijo dá-se tambem em todo o districto os nomes de *mexoalhó, pilado e escasso.*

Usam ainda em Espinho, estabelecer em varas umas redes pouco altas, pela praia fóra, na normal á agua, até á maior distancia que pódem na baixa mar. Quando enche a maré muitos peixes—roballos, tainhas, so-

lhas, raias—vindo á babugem da praia se deixam ficar d'encontro a estes redis, sendo apanhados facilmente pelos pescadores logo que a agua baixe e permitta ir visital-os.

A praia de Paramos consta, como a de Esmoriz, unicamente dos palheiros das companhas de pesca. Tanto n'uma como n'outra o pessoal é recrutado nas proprias freguezias que dão o nome *aos palheiros*, e fóra — em Espinho, Cortegaça, Maceda e alguns na Murtosa.

Esmoriz tambem os contracta, n'alguns annos, em Arada.

Os vencimentos são fixos por safra, como em Espinho, mas menores, havendo então uma percentagem para cada individuo, sobre o producto bruto da pesca, deduzidas as verbas de—imposto do pescado (5, 4 % approximadamente), vinho para *marinhas*, e uma certa quantia para pagamento do gado, ás vezes toda essa despeza.

A percentagem equilibra as soldadas d'aqui com as de Espinho e é egual para todos—as differenças estão consignadas nas soldadas—sendo em toda a costa Norte, de 4 % a parte de cada um. Geralmente os arraes do mar teem alem d'esta percentagem consignada na matricula uma outra sobre o rendimento liquido, particularmente combinada entre elles e donos.

Os arraes de terra, esses—tanto em Espinho, como Paramos, Esmoriz, Furadouro e Torreira, são em regra donos ou consortes na propriedade das companhas.

Nas quatro primeiras praias cada companha pertence ordinariamente a um grupo de individuos que ás vezes attinge a cifra de dez, e cujas profissões formam ás vezes o conjuncto mais disparatado que seria possivel architetar-se, provindo isto da pesca, pela sua producção ultra-inconstante, dar uns resultados muito comparaveis aos da loteriá, coisa que tenta todas as classes, sobretudo em Espinho, segundo é fama.

Algumas companhas ha que entre os socios proprietarios teem de tudo: pescadores, simples capitalistas, lavradores, commerciantes, industriaes e até simples artistas. Em todo o caso, o mais vulgar na zona do Norte, é ellas serem constituidas por negociantes de sardinha, já oriundos d'outros, e creados no meio e nos habitos da beira-mar, formando assim um typo especial que participa de negociante e de pescador. A estes addicionam-se quasi sempre os parentes, ás vezes os credores do cordame ou do vinho—que são artigos de primeira necessidade na pesca—e não raro pequenos capitalistas que gostam de explorar esta industria pelo rendimento e pela vida um tanto á vontade que ella lhes offerece n'aquelles centros isolados á beira-mar.

Taes sociedades formam-se sempre com a clausula de que cada consorte ha-de trabalhar na companha como *auxiliar em terra*, sendo obrigado a dar homem por si quando se queira eximir ao serviço. Em regra não se exime nenhum, mas não se conclúa d'aqui que elles na verdade exploram industrialmente o capital por meio de trabalho.

Pela lei, esses proprietarios collocam-se sob as ordens, sob o mando dos proprios arraes que contractam tanto na faina, como na disciplina da companha. Nós bem ajuisamos e bem sabemos o que será na pratica essa disciplina, e esse commando, lá nos areaes do oceano, quasi que desprendidos de todo o convivio, ainda assim esta situação moral é tanto duvidosa para o individuo, e não abona nada em seu favor.

Sem duvida, nas companhas elles entram mais como espias d'aquelles com quem fraternisam apparentemente, do que como seus eguaes e camaradas no trabalho.

Alguns são comtudo os arraes de terra, os dirigentes superiores de todos os serviços, como já ficou dito,

e por isso mesmo na matricula, a sua soldada é lavrada como *particular*.

E' de uso nomearem sempre um procurador e um escrivão escolhidos entre elles ou extranhos á sociedade —o primeiro para tratar de todos os negocios monetarios, tendo muitas vezes *um caixa* sob suas ordens, e o segundo para o serviço da escripturação propria da companha e commercial.

(Continúa)

JAYME AFFREIXO.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

AMANHÃ ANDA A RODA

Amanhã anda a roda!
Já devia andar...
São duzentos contos,
Quem se quer habilitar!

Amanhã anda a roda
Na praia do norte...
São duzentos contos,
Quem se habilit'á sorte!

(Serpa)

M. DIAS NUNES.

O NORTE E O SUL

E' BEM palpavel o dualismo que, ha dois mil annos para cá, divide duas das raças principaes da Europa, uma a germanica, que habita o norte, a segunda, a romanica, que tem o predominio no sul. O dualismo não se manifesta só no typo physico e na linguagem, tambem se traduz num grupo especial de phenomenos intellectuaes que tem o nome vulgar de religião. Dentro da região germanica manifestam-se igualmente contrastes entre os que habitam o norte e o sul; mas tratar d'elles não é objecto deste artigo, nem tão pouco das differenças existentes na raça romanica, posto que se faça menção aqui do que ha mais importante.

Entre os francezes do norte e os provençaes, as differenças são numerosas, tendo perdido estes, desde as luctas com os albigenses, a autonomia que não recuperaram inteiramente. Na Italia, os piemontezes submetteram os meridionaes e forão estabelecer a capital do novo reino em Roma, ao sul. Na peniusula hispanica, gallegos, leonezes, castelhanos e aragonezes, todos da mesma religião, precipitaram-se sobre os meridionaes, então mahometanos ou sectarios do rito mosarabe, arrancaram-lhes a autonomia e deixaram-nos num estado tal de prostração, de que ainda se não ergueram.

E em Portugal? A' primeira vista e em face das grandes extensões occupadas pelos outros romanicos pareceria estar Portugal isento d'estes antagonismos, quando tal não succede. Portugal é uma facha estreita recortada no litoral da peninsula hispanica, no sentido do norte a sul, e que toma tal aspecto que parceiro mais completo na Europa se não encontra a não ser a Italia, que é uma formação natural e social ao mesmo tempo, ao passo que em nós é só social.

Esta posição de Portugal torna-a differentemente aquecida pelos raios solares, a cuja differença se junta ainda grande parte do norte ser de caracter montanhoso e o sul ser assaz plano.

Dado mesmo o caso que os portuguezes fossem homogeneos na sua raça, isto é a dosagem dos differentes povos que por aqui passaram e para aqui immigraram fosse dentica no norte e no sul, a natureza do terreno seria sufficiente para no fim de algumas gerações tornar antagonicas as duas fracções populares, se não physicamente, pelo menos social e economicamente.

A porção de Portugal, que fica ao norte do Mondego, foi percorrida e parcialmente occupada pelos arabes, que pouco tempo ali estacionaram, ao revez do sul, onde elles por largo tempo se detiveram. Logo nos primeiros tempos da monarchia, numerosas colonias de francezes e germanos vieram estabelecer-se em Portugal, principalmente na Estremadura. Mas tanto estes como os muçulmanos forão rapidamente absorvidos na massa total da nação. O processo da absorpção não será facil de descrever, pelo menos no que diz respeito aos mouros. A determinação da fronteira do norte e do sul póde fazer-se pela dos districtos de Coimbra e Castello-Branco, que devem pertencer ao norte, o que não é arbitrario, pois para o sul do districto agora referido, de Coimbra, até quasi a 1100 não é conhecido nenhum documento latino e quanto ao outro districto de Castello-Branco, como foi de colonização exclusivamente beirôa, não é de justiça que seja collocado no sul.

A superficie territorial occupada pelas duas fracções é quasi igual, o norte fica com 42:000 kilometros quadrados e o sul com 46:000. Mas já não succede o mesmo com a população, que fica no norte com tres milhões e no sul com 1.700:000, o que dá a percentagem de 71 e 36 habitantes por kilometro respectivamente. Os setenptrionaes são o duplo dos meridionaes, e como estes vivem num territorio levemente mais extenso, mais ameno e rico, segue-se haver uma forte tendencia de nivelamento ou corrente immigratoria de cima para baixo.

Out'ora os immigrantes abrião o caminho com a espada, hoje é com a enxada, com o capello, com a batina e pelo balcão.

Após a conquista do sul pelos sectarios da cruz, grandes tractos de terrenos forão cedidos pela corôa ás ordens religiosas (Alcobaça) e ás ordens militares. Os membros d'estas confrarias naturalmente eram setemptrionaes e como pelo seu caracter religioso não podiam constituir familia legitima, nunca houve occasião de se formar nobresa de remotas origens, que, adaptando-se ao sul, pudessem pugnar pelos interesses meridionaes.

Quanto aos interesses religiosos, a parte, que não era muçulmana e seguia o rito mosarabe, tendo tambem uma gerarchia especial, foi obrigada a seguir o rito romano sem confessar ou conhecer as verdades da religião, que lhe era imposta sem replica. Esta evangelização forçada observa-se no habitante do sul, que é menos religioso do que o habitante do norte, não porque a sua instrucção seja superior á deste, mas por outras causas e principalmente porque os seus antepassados não foram christianizados por uma especie de evolução, mas sim violentamente. A larga superficie que habitam e que os isola, evita-lhes tambem o despotismo parochial, o que já se não observa tanto na Estremadura onde a população, como é mais densa, permitte o renascimento de antigos focos de evangelisação e a criação de outros no vos sob pretexto de instrucção e caridade.

A maior parte dos beneficios ecclesiasticos rendosos estão occupados no sul por setemptrionaes, porque ha sempre um *deficit* no clero meridional, o qual é preenchido com as excedentes das dioceses do norte.

E' a Beira, principalmente, que offerece gente de trabalho á Estremadura e ao Alemtejo em certas epocas do anno. Quasi todos os serviços em Lisboa que demandam energia corporal são desempenhados pelos beirões, quer nos serviços propriamente domesticos, quer nos humildes empregos municipaes ou do estado.

A maior parte das forças de segurança publica de Lisboa, que constituem um exercito tão disciplinado e talvez melhor municiado que o de linha, é constituida por gente do nor-

te, escolhida entre a mais robusta. Os homens do sul não inspiram tanta confiança, nem tão pouco teem estes necessidade de se offerecer aos politicos, na maioria do norte, que receião a demasiada sociabilidade delles, ao passo que os do norte, obrigados pela necessidade, conscios da sua força physica e da protecção que lhes garantem as funcções que exercem, falhos de parentes e amigos entre a população de Lisboa, não hesitam em exercer *mão-forte* sempre que as circumstancias o exigem.

E', portanto, Lisboa uma especie de praça de guerra destituida de liberdade de reunião, oppressão que é mantida em parte pela força e em parte pela corrupção e dependencia dos funccionarios electivos, aos quaes é sempre incutido o dogma da infallibilidade governamental.

Sempre que um individuo passa duma região a outra é com o fim de melhorar de condição social ou de salario. Pelo contrario, a tendencia dos indigenas consiste na conservação do bem-estar adquirido, para cujo conseguimento cabal precisão de dispôr de certa faculdade de resistencia. Ora os immigrantes vem sempre dispostos a realizar um ideal, mesmo a preço de privações e vexações, e como os terrenos da lucta não encontram adversarios devidamente armados, é-lhes facil alcançar a victoria. Os filhos dos immigrantes não tem, porém, já as qualidades paternas.

No terreno politico é onde a influencia do norte se observa com maior clareza, como se póde vêr na composição do parlamento. D'este parlamento quasi se póde dizer que constitue o sexto anno da faculdade de direito da Universidade de Coimbra e até os seus trabalhos não passam quasi de uma continuação dos jogos de palavra e de outras diversões mais ou menos intellectuaes dos que frequentam a unica universidade portugueza.

E' portanto interessante examinar qual a procedencia dos alumnos da Universidade. Servi-me para isso do *Annuario* de 1899-1900. [1] Incluo no sul todos os alumnos que não sejam naturaes dos districtos do norte, isto é, das Ilhas, Ultramar e Brazil. Os habitantes do Ultramar e Brazil tem o caracter exageradamente meridional, o que tambem se observa nos madeirenses, mas nos açorianos manifestam-se qualidades que os approximam dos setemptrionaes e ainda os fazem ultrapassar. A colonização dos Açôres foi tambem partilhada pelos germanos, pelo menos nalgumas ilhas, e é a este facto e á sua convivencia com inglezes e ao isolamento no meio do oceano que, obrigando-os a viver dos proprios recursos, os leva naturalmente a serem particularistas, energicos e interesseiros na divisão do orçamento geral do estado.

Começando pela faculdade de theologia, vemos que na totalidade de 74 alumnos só se encontra 6 naturaes do sul contra 68 do norte ou seja 11 vezes mais. Braga (20) e Porto (17) têm para si metade de toda a faculdade. Esta percentagem confirma o facto geralmente reconhecido da religiosidado intensa do norte.

Nas faculdades de Medicina e Mathematica encontra o norte superior ao sul em 5 e 4 vezes respectivamente. Os districtos do centro do paiz tem aqui maior representação do que os do extremo norte e os do sul, o que tem a sua explicação em serem aquellas sciencias professadas nas regiões extremas em estabelecimentos especiaes.

A faculdade de direito é por certo de todos os estudos conimbricenses a que maior peso tem, não só por ser a unica existente em Portugal, mas tambem porque é d'ali que saem alem dos magistrados judiciaes, quasi todos os empregados da administra-

[1] Não garanto a exactidão dos numeros, que em todo o caso só poderá variar em poucos algarismos.

ção publica. Entre os 656 alumnos que conta encontram-se 276 pertencentes aos districtos do centro, 193 aos do extremo norte e 187 aos do sul.

O districto que envia maior numero á faculdade de direito é o do Porto (81), a que se seguem o de Vizeu (67), o de Lisboa (64) e o de Coimbra (62). Dos districtos do sul o que se segue a Lisboa é Faro e ainda assim só com 22 naturaes. As Ilhas e as colonias apresentam 32. Entre os districtos do norte e do centro o menos representado é Vianna do Castello (24), que em todo o caso fica superior a Faro. O numero de alumnos naturaes dos districtos do norte (incluindo os do centro do paiz) na faculdade de direito é quasi o triplo do numero de naturaes do sul.

De não menos influencia do que os diplomados da Universidade poderia gosar a força pública. Era de esperar que os officiaes de todas as armas exercessem a sua actividade dentro dos limites da carreira militar, mas quer em resultado da superabundancia nos quadros, quer em resultado dos cumprimentos dos deveres militares, que são capitulados de rispidos, um grande numero de officiaes de todas as patentes se encontra disseminado em variadas funcções de caracter mais ou menos civil.

A acumulação exerce-se principalmente em Lisboa, que é o centro de attracção, pela abundancia de diversões e pela facilidade de travar relações com os dadores das funcções publicas.

O *Annuario da Escola do Exercito* no anno lectivo de 1900-01 dá os seguintes resultados quanto á frequencia total de 246 alumnos. Erão naturaes do sul 157 e do norte 89 (do extremo norte 45). Só á sua parte contava Lisboa com 83 alumnos, approximadamente tantos como todo o norte. O predominio do sul nos alumnos militares explica-se facilmente, em parte pelo facto da maior parte das forças estarem reunidas em Lisboa e Alemtejo, como pontos mais directamente atacaveis pelos inimigos externos e internos, em parte pela propenção natural de seguirem a carreira paterna os filhos dos officiaes, que em resultado das exigencias do serviço de seus paes têm nascido no sul; e em parte ainda pelo facto de que um estabelecimento scientifico deve ser frequentado com mais intensidade pelos naturaes da região onde elle funcciona.

Todavia por muita influencia que disponha o exercito, está subordinado aos politicos.

O dualismo em Portugal entre o norte e o sul póde resumir-se em poucas palavras.

Ha duas regiões: uma dotada de forte pressão, em que a lucta pela vida é por isso mesmo energica, outra em que se produz o vacuo e em que os individuos que nella vivem não necessitam de grande esforço para prosperar. O equilibrio estabelece-se por meio de uma corrente que traz os individnos mais aventurosos e energicos da região de maior pressão para a de menor pressão. Em geral os individuos naturaes da região de maior força, mais adextrados e industriosos supplantam os da outra região não só nos assuntos que dizem respeito á generalidade da nação, mas ainda nos municipaes.

Com o poder adquirido vão influir tambem nas regiões, donde são oriundos, espalhando beneficios entre os adeptos e corrompendo as hostes dos adversarios locaes.

Finalmente o setentrional é credulo ou parece sel-o e o meridional é sceptico; sem que todavia estes caracteristicos tragam os correspondentes sacrificios áquelles que devem cumprir o seu dever.

Wellington dizia dos portuguezes, por occasião da invasão das hostes napoleonicas na peninsula, o seguinte:

«Temos enthusiasmo em barda e abundancia de *vivas*. Temos illuminações, canticos patrioticos e festas. Falta, porém, que cada um cumpra o seu dever, no logar competente e obedeça incondicionalmente ás auctoridades legaes.»

Este trecho vem inserto num livro bastante vulgarizado em Inglaterra ([1]) e não terá servido muito para honrar Portugal no conceito popular inglez.

Cada povo, cada provincia tem o seu *facies;* nuns está elle bem estudado, noutros, como no portuguez, não succede assim, nem tão pouco ha elementos para o descrever convenientemente. A lenta infiltração da gente do norte no sul é um phenomeno já antigo, e se conseguirmos isolar a influencia d'ella na administração publica, obtemos um elemento que se tem manifestado sempre como impulsivo.

O que fica escripto é apenas um incentivo para observar as differenças das duas regiões e despertar o antagonismo latente n'ellas.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

(Recolhidos da Tradição oral)

Letras e trêtas

ERAM d'um vez uns lavradores que tinham dois filhos; um era estudante e o outro era cabreiro.

Como o anno fosse mau pediram um moio de trigo emprestado ao compadre priôr, que era padrinho do filho que estudava; mas quando colheram a seara não pagaram o trigo, e assim foi correndo o tempo.

Sempre que iam á missa, desfaziam-se em desculpas com o padre por não terem ainda pago, e elle dizia-lhes sempre que arranjassem a sua vida e que pagassem quando podessem. Mas no outro domingo repetia-se a scena, até que afinal o padre, já farto de os aturar, disse um dia ao pae: «Olhe compadre, diga ao meu afilhado que arranje uma mentira do tamanho do *Padre-nosso*, que já lhes perdôo a divida.»

O velho ficou louco de contente e foi para casa dizer ao filho que, visto elle ter tantas letras, arranjasse a mentira quanto mais depressa melhor, para a ir dizer ao sr. padrinho, como elle desejava; mas o rapaz por mais que estudou, por mais que contava as palavras das mentiras que armava, não conseguia fazer uma da tamanho do *Padre-nosso*; n'umas sobravam, n'outras faltavam, até que declarou ao pae que não podia satisfazer o empenho do padrinho.

O pae ficou triste e muito zangado com o rapaz, dizendo que de nada lhe aproveitava o que o padrinho gastava com elle, visto não ser capaz de arranjar uma mentira.

N'um domingo em que estavam fallando sobre o caso, quando o outro filho veio á casa, disse este:

«Olha a grande coisa! ter que arranjar uma mentira do tamanho do *Padre-nosso*! Maior sou eu capaz de a arranjar, e ir dizel-a ó padrinho se vocemecê quizer!»

—O que dizes tu filho?! lhe diz a mãe. Pois tu *astréveste?*

— «*Astrêvo* sim senhora! Ora dême vocemecê licença e lá verá.»

— «Eu sei lá filho! Tu és *amodos* que assim tão brutinho, para ires fallar com aquella gente...»

— «Deixe lá mãe que uma pessoa, com'ó outro que diz, *tamem* não é tão parvo como ós da cidade pensam; ora verá.»

Com estas e outras razões convenceu a mãe e o pae, e no domingo lá foi elle caminho da egreja para dizer ao sr. padrinho a mentira encommendada.

O padre, que já estava prevenido,

([1]) Smiles sobre o *Caracter.*

logo que acabou de dizer a missa foi para a sacristia, com um amigo a quem contou o caso, esperar o rapaz. Este não se fez esperar e de chapeu na mão e acariciando a cabeça, como vulgarmente se usa no campo, chegou ao pé do padrinho, poz as mãos, pediu-lhe a benção e depois disse:

«Pois meu padrinho, eu tinha um colmeal tão grande! tão grande! que nem sabia o conto ós cortiços! Um dia puz-me a contar as abelhas e faltava-me uma! Fui por esse mundo em pergunta da minha abelha e vae sr. padrinho (e n'isto batia uma forte palmada na perna do padre) estavam quinze lobos a comel-a! Eu atiro-lhes com uma ameixa (e *traz* — nova palmada) e matei-os todos! Mas só deixaram uma perninha da abelha. Pégo a torcel-a (outra palmada) não deitou nada; começo a destrocel-a e deitou dez almudes de mel! (e nova palmada no padre, que já se encolhia!). Ora aqui estava eu sem ter onde deitar o mel! Fui ao monte buscar um burro, com licença de meu padrinho, (e *traz* — palmada) e carreguei o mel, mas pesava tanto que fez uma ferida nas ancas ó burro! Fui a casa de um alveitar que deitou na ferida um alqueire de favas! Ai meu padrinho! (e mais palmada — o padre já suava!) fez-se um ervilhal que apanhava tres leguas de grandeza! Cahe-me nelle um porco-espinho que não se lhe viam de longe senão as unhas! Atiro-lhe com uma foice, espeto-lhe (com sua licença) o cabo no rabo e (palmada na perna do padre), ó meu rico padrinho, aquillo é que era bonito ver o porco!... Com as pernas ceifava, com a foice debulhava, com a bocca pregava cada assopro que cahia a palha para o chão e as ervilhas levava-as o vento! Quando se foram a medir deitaram dois moios de trigo e um poucochinho e foi assim que meu pae poude pagar ó meu padrinho...»

O pobre priôr, que tinha a perna derreada pelas palmadas, levantou-se logo e disse ao rapaz que estava perdoada a divida, com tanto que elle acabasse já a mentira, que era bem maior do que o *Padre-nosso.*

O rapaz foi logo levar a boa nova á mãe, que ficou louca de contente e convencida de que

Muitas vezes as trétas
Valem mais que as letras.

E seja Deus louvado,
Está meu conto acabado.
Quem lá se viu
E' que lá se achou.
Beijinhos e abraços
P'ra quem o cantou.

(Elvas)

A viuva

Havia n'outro tempo uma mulher casada que tinha uma filha ainda pequena. Ella era muito amiga de festas e de bailes, mas como o marido era muito doente não podia sair e ir aos divertimentos, e por isso tomou-lhe uma zanga tal que não o podia ver.

Peorou o homem e já não se levantava, e ella não queria saber d'elle. Só de vez em quando, para as visinhas ouvirem, lhe dizia muito de rijo:

«Lourenço, queres um caldinho?» «Quero sim mulher». Ella então dizia-lhe devagarinho: «Tem paciencia meu rico filho, meu rico menino, que agora não ha». Depois dizia para a filha: «*Zefa!* vae ajudar a ver morrer teu pae, que no domingo ha festa e tua mãe, se elle morrer, com certeza já lá vae».

Morreu o homem mesmo no domingo, e a mulher estava toda triste por ter de chorar o marido e não poder ir á festa. Tanto se lamentou por isto que uma visinha disse-lhe que ficava chorando emquanto ella ia, mas que lhe daria em troca um alqueire de centeio.

Acceitou a viuva a proposta e foi logo vestir-se e arranjar-se e marchou depois para a festa, que devia terminar com baile.

A carpideira toda a noite andou á roda do defunto, que estava estendido num esteirão, e ella fingindo que chorava, dizia:

«Aqui ando eu,
A chorar o alheio,
Por alqueire de centeio.
Ai meu bello marido morto!
Sirva-te isto de conforto!»

Assim levou a carpideira toda a noite, emquanto a viuva se estava divertindo, com a consciencia tranquilla, visto que o seu dever outra o estava desempenhando.

Chegou o dia e a viuva voltou para casa justamente quando a carpideira, repetindo a lamentação, dizia:

«Aqui ando eu
Chorando o alheio,
Por um alqueire de centeio!
E sabe Deus se será bem cheio!»

Ouvindo isto, a viuva, tocando as castanholas e dançando em volta do marido, respondeu logo:

«Cheio e recheio!
Calcado e recalcado!
E ainda por cima
Um grande punhado.
E zus câtâtruz!
E zás câ tâ traz!
Bem hajam as festas!
E mais quem as faz!»

(Elvas)

(Continúa)

A. THOMAZ PIRES.

LENDAS & ROMANCES

A GALANDUCHA

— Galanducha, Galanducha,
Filha do duque d'Alvar,
Quem me dera estar 'ma hora
A teu mandar.
— 'starás uma, estarás duas,
Se te não fores gabar.
— D. Carlos que d'ali sahia
Logo se foi a gabar
A uma casa de jogo
Onde o pae estava a jogar.
O pae, que tal ouviu,
Em vez de correr saltava,
Pegou-lhe pela mão
E n'um quarto a fechava:
— Deixa estar, Galanducha,
Que amanhã serás queimada.
Grandes prantos, grandes prantos,
Grandes prantos de pesar,
Jà não ha criados
Que meu pão queiram ganhar. —
Desce um anjo do céo á terra:
— Eu teu pão quero ganhar.
— Leva-me esta carta
A D. Carlos de Alvar,
Se o achares a dormir
Deixa-o bem accordar,
Se o achares a passear
Já lh'a podes entregar. —
Foi em tão boa occasião
Que o achou a passear:
— Novas te trago, Carlos,
Novas de grande pesar,
Amanhã a Galanducha
Seu pae a manda queimar.
— Alto, alto, meus criados,
Meus cavallos a ferrar,
Com ferraduras de bronze,
Que se não possam gastar,
Amanhã por estas horas
Jornada temos que andar. —
D. Carlos que sahia,
A menina que encontrava:
— Alto, alto, meus criados,
Fazei lá parar o coche,
Senão eu o farei parar,
Qne essa menina que ahi levam
Inda vae por confessar.
— Confesse-a, senhor Padre,
Em quanto nós vamos jantar.
— Confesse-se bem, menina,
Com confissão de pesar,
Lá no meio da confissão
Um abraço me ha de dar.
— Mal o haja o seu rir,
Mais tambem o seu zombar,
Por causa de D. Carlos
Meu pae me manda queimar.
— Confesse-se bem, menine,
Com confissão de pesar,
Lá no meio da confissão
Um beijinho me ha de dar.
— Juro-lhe pela salvação,
Que o Senhor me ha-de dar,
Que onde D. Carlos pôz bocca
Não ha de outro poisar.
— Appareça já um Padre,
Que nos venha já casar,
Mande recado a seu Pae,
Que nos venha visitar.

(Elvas)

A. THOMAZ PIRES.

NO IV
N.º 12
SERPA, Dezembro de 1902
VOLUME IV

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores:

LADISLAU PIÇARRA
e M. DIAS NUNES

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.

Preço da assignatura
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros .... 1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

NUMERO AVULSO 100 RS.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração de
A TRADIÇÃO — Serpa

Summario:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

A TRADIÇÂO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente illustrado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes. Encerra collaboração de: *Alberto Pimentel*, *Doutor Adolpho Coelho*, *Alfredo de Pratt*, ***Alvaro de Castro***, ***Alvaro Pinheiro***, *Alves Tavares*, *Antonio Alexandrino*, *Doutor Athaide d'Oliveira*, *Castor*, ***Conde de Ficalho***, *C. Cabral*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *Filomatico*, ***Doutor João Varella***, ***Doutor Ladislau*** *Piçarra*, *Lopes Piçarra*, *D. Carolina Michaelis de Vasconcellos (Dr.ª)*, ***Miguel de Lemos***, *Paulo Osorio*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *Ramalho Ortigão*, ***D. Sophia da Silva*** *(Dr.ª)*, *Dr. Souza Viterbo*, *Dr. Theophilo Braga* e *A. Thomaz Pires*.

PREÇO DO VOLUME BROCHADO 1$200 RÉIS

SEGUNDO ANNO

1900

12 numeros, de formato grande, nitidamente impressos em papel superior e adornados com 29 primorosas gravuras de pagina. Estes numeros, que constituem o segundo anno da *Tradição*, são collaborados por: *Alberto Pimentel, filho (Dr.)*, *Alfredo de Pratt*, *Alvares Pinto*, *Antonio Alexandrino*, *A. de Mello Breyner*, *Arronches Junqueiro*, *Doutor Athaide de Oliveira*, *Conde de Ficalho*, *M. Dias Nunes*, *Fazenda Junior*, *J. J. Gonçalves Pereira*, *Doutor João Varella*, *Doutor Ladislau Piçarra*, *D. Margarida de Sequeira*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Pedro Côvas*, *R.*, *Doutor Souza Viterbo*, *N. W. Thomas*, *A. Thomaz Pires* e *Doutor Trindade Coelho*.

PREÇO DOS 12 NUMEROS 1$200 RÉIS

TERCEIRO ANNO

1901

12 numeros, esplendidamente impressos sobre optimo papel, illustrados de 24 bellas gravuras de pagina. Collaboração de: *Alfredo de Pratt*, *Alvaro de Castro*, *Antonio Alexandrino*, *Antonino Mari (Dr.)*, *A. de Mello Breyner*, *A. Rosa da Silva*, *A. Thomaz Pires*, *Arronches Junqueiro*, *Athaide d'Oliveira (Dr.)*, *Castor*, *Conde de Ficalho*, *Dias Nunes (M.)*, *Gonçalves Pereira (J. J.)*, *João Varella (Dr.)*, *Joaquim d'Araujo*, *Ladislau Piçarra (Dr.)*, *Leite de Vasconcellos (Dr.)*, *Luiz Frederico*, *D. Margarida de Sequeira*, *D. Maria Velleda*, *Nicolás Díaz y Pérez*, *Pedro A. d'Azevedo*, *Silva Brandão*, *Sousa Viterbo (Dr.)*, *Trindade Coelho (Dr.)*, ***

PREÇO — 1$200 RÉIS

Anno IV — N.º 12 SERPA, Dezembro de 1902 Volume IV

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

PESCAS NACIONAES

A região d'Aveiro

IV

(Conclusão)

A exportação segue pouco mais ou menos o curso da de Espinho, excepção feita da fabrica que após varias tentativas em Paramos reconheceu que a demora no transporte prejudicava muito a sardinha para conserva em oleo.

Os negociantes de Espinho é que concorrem tanto a Paramos como a Esmoriz, levando alguma para os seus armazens; outra tomam-na as peixeiras, e a restante, meio-fresca ou depois de salgada, exportam-na os proprios donos das companhas e negociantes locaes. Além dos pontos indicados para Espinho, Paramos fornece bastante pescaria para Villa-pouca-d'Aguiar.

Gado e transportes, em Paramos, são fornecidos pelos lavradores da propria freguezia, e em Esmoriz respectivamente o mesmo.

No Furadouro, a praia tem-se desenvolvido ultimamente, muito procurada como estancia balnear. Conserva ainda assim o cunho caracteristico da praia de pesca.

O pessoal é todo d'Ovar, tem soldada certa e o seu quinhão de 0,4 % como já ficou dito para Paramos e Esmoriz. Vive habitualmente no Furadouro, que ainda dista d'Ovar cerca de uma legua. Ali mesmo ouvem missa ao domingo na capella da praia e só não havendo trabalho ou depois do unico lance que dão n'esses dias, vão a casa os que não teem comsigo a familia.

O gado é todo d'Ovar e suas freguezias—Vallega, Avanca e Guilhoval. Os lavradores mandam para ali as juntas, os moços do gado e os pastos, recebendo um preço fixo por lance—cerca de 500 réis.

O commercio da sardinha é feito pelos proprios senhores das companhas, só depois de salgada. Na praia só concorrem á pescaria, peixeiras que á cabeça a levam a Ovar e todas as freguezias ao redor, á Villa da Feira, Oliveira d'Azemeis, Couto, Cocujães, Arouca, etc. O producto da rêde vae por assim dizer inteiro para os lagares da companha, e depois da sardinha bem passada pela moira é empilhada em canastras e transportada em carros de bois pela magnifica estrada do Furadouro—hoje com o macadam bastante descurado como todas as demais—para a estação ferro-viaria d'Ovar, seguindo toda para differentes pontos do Douro, unicamente.

A Torreira é por assim dizer o berço da *pesca pelas rêdes de arrastar*

para a terra. Conservou-se sempre como o primeiro centro piscicola do districto, até que ha poucos annos a praia de S. Jacintho rapidamente augmentou em numero de companhas, organisando-as melhor e introduzindo algumas innovações na rotina de certos serviços inherentes á pesca.

Era tambem a Torreira a estancia balnear mais considerada e appetecida entre a Figueira e o Porto, até ha coisa de uma duzia d'annos. Por este motivo erigiram-se ali grandes edificações—palacetes para habitação particular e hoteis, com quanto o local se achasse isolado na duna da costa pela ria d'Aveiro, e do ponto marginal da ria que lhe fica fronteira—a Béstida—ainda haja 7 kilometros de estrada a percorrer até á estação ferro-viaria mais proxima, que é a de Estarreja.

Espinho tirou-lhe, porém, esta primasia e cada vez accentúa mais a sua depressão sobre ella, de fórma que a Torreira permanece e permanecerá como praia de pescadores, unicamente, em quanto existir.

O pessoal que trabalha ali é todo da Murtosa, Pardelhas e Montes da Murtosa—que é tudo confinante. Ganha soldada e quinhão como já ficou dito e vive habitualmente na praia.

O gado é na maior parte extranho ás empresas da pesca, sendo fornecido por lavradores do concelho d'Estarreja e grande parte tambem pelo d'Ovar, especialmente por Vallega.

O commercio da sardinha é absorvido logo na praia pelos negociantes estabelecidos em palheiros á beira da ria—*os mercanteis*—que em bateiras suas a exportam para os mercados de Pardelhas e Aveiro.

D'estes mercanteis trataremos mais de espaço ao occuparmo-nos de S. Jacintho.

A largura da duna na Torreira póde regular por um kilometro, mas ainda não está concluida a estrada sobre o areal, ligando os palheiros da costa aos palheiros da ria.

O transporte da sardinha, quer em carros quer á cabeça de mulheres, é bastante moroso e violento.

S. Jacintho—é actualmente o primeiro centro da pesca de todo o districto, e pela sua situação especial, a verdadeira praia dos pescadores.

Fronteira a Aveiro, da qual dista uns 6 kilometros pelo caminho da ria, acha-se quasi que isolada por todos os lados: para o Norte—o areal da duna, que até á Torreira representa uma extensão de cerca de 10 kilometros, e pelo Sul e Levante—o canal da barra e a ria. D'aqui, uma grande falta de communicações commodas e rapidas com a cidade, e consequentemente um abandono quasi absoluto pelos forasteiros balneares, que demais a mais, logo ao Sul da barra teem a praia de banhos do Pharol e a da Costa Nova do Prado, ambas ligadas a Aveiro pela magnifica estrada de José Estevam e por uma serie de pontes lançadas sobre os differentes braços da ria.

Em S. Jacintho, a duna tem uma largura pouco superior a 2 kilometros, achando se as edificações das companhas junto á praia do mar, e as dos *mercanteis* em linha á beira da ria, tendo tambem aqui as companhas as arrecadações precisas para o seu trafico.

Entre o mar e a ria ha quatro linhas ferreas distinctas—construcção superior a Decauville—pertencentes a quatro das empresas de pesca, fazendo-se todo o serviço de transportes em zorras puchadas a bois. As linhas, montadas sobre travessas de madeira assentes em paralellipipedos de lodo endurecido, extrahidos de certos terrenos alagados da ria, já com aquella fórma e promptos a servir, [1] offerecem de um lado e ou-

[1] Estes paralellipipedos têm o nome de *torrões*, e cortam-se facilmente nas praias da ria por meio do *balão*—alfaia rigorosamente comparavel no feitio ás colheres proprias para manteiga.

COSTUMES & PERSPECTIVAS

(Cliché de **Gomes Marques)**

Lavradeira dos arredores de Braga

tro *passeios* para o transito a pé; e como a duna não é nada plana, antes bem accidentada por effeitos dos ventos, todas ellas teem importantes atterros, especialmente num valle bastante pronunciado e extenso do areal a um terço de distancia do mar. Começam mesmo á beira da ria e terminam nos arraiaes das companhas, hoje quasi todas ligadas por um troço de linha Norte-Sul com as competentes plataformas-girantes ou agulhas de mudança.

Aqui, o gado é propriedade das empresas, tendo cada uma 20 a 21 juntas que formam dois turnos de allagem, cada um de 10 juntas, 5 para cada cala, sendo o restante destinado á tracção das zorras entre a costa e a ria.

Assim, as edificações teem de ser numerosas e algumas muito grandes.

Cada empresa tem pouco mais ou menos os seguintes palheiros ou barracões, todos sobre o comprido:

O destinado a habitação do pessoal gerente, n'um dos extremos, ficando o resto dividido em pequenos *ménages* completamente independentes para os pescadores que teem comsigo as familias.

Outro barracão, egualmente dividido em compartimentos capazes para cerca de 8 homens, ou para outras familias.

Se n'um ou n'outro d'estes dois, não está incluida a divisão para acondicionamento de redes e cordame, ha um 3.º edificio que póde servir então para todo o material—tanto de cordoalha como madeiras.

A seguir, o armasem *da salga*, ou dos lagares destinados a receber a sardinha que se não vende logo á sahida da rede; a *abegoaria* ou estabulo do gado, dividido por *baias* ou anteparas de taboa para cada junta, correndo as mangedouras ao longo das paredes e ficando ao centro um corredor livre; finalmente—o armasem da palha, para reserva de pastos.

E' claro que esta distribuição de accomodações não é rigorosa mas unicamente generica: a maior ou menor latitude de vistas das emprezas, os capitaes de que dispõem, a differente fortuna que as acompanha na exploração, e o gosto, que por certo não é o mesmo em todas—tudo isto concorre para a diversidade na disposição dos palheiros, no seu numero e na sua utilisação.

Para os transportes, quer de pescaria quer de apparelhos, entre os arraiaes ou terminus das linhas e a beira do mar, cada empresa tem um grande numero de carros de bois, que differem dos carros vulgares usados no Norte, em terem os eixos de ferro e as rodas serem por assim dizer umas caixas, apresentando um rodado ou largura de pina de mais de um palmo.

Alguns teem mesmo o eixo fixo ao carro e não ás rodas, para mais facilidade de grandes mudanças da direcção na areia, sobretudo com o carro carregado. O trilho da roda é formado de estreitas tiras de madeira dispostas no sentido do eixo — tal qual como formando uma celha—e ligadas nos extremos por dois aros de ferro; de cada face partem os competentes raios—havendo por isso duas ordens d'elles e paralellas—que vão fixar o cubo, umas vezes unido ao eixo outras girando n'elle.

O pessoal que trabalha nas sete campanhas de S. Jacintho é todo da Gafanha—povoação que ladeia a estrada de José Estevam n'uma grande extensão, mais perto da ria do que d'Aveiro — e da Mortosa — sita em frente da Torreira e mais populosa ainda do que a Gafanha.

Os primeiros teem o nome de *gafanhões* e os da Murtssa o de *marinhões*. Estes são mais pescadores, mais gente do mar, mas em compensação os outros são mais disciplinados e humildes tornando-se portanto mais faceis de levar e mais certos no compromisso da safra.

Os gafanhões, como ficam perto

CANCIONEIRO MUSICAL

XII

MINHA SAIA

Musica recolhida por D. Elvira Monteiro

(CHOREOGRAPHICA)

de casa, de ordinario não teem as familias na costa e sempre que o serviço se não adeante excepcionalmente pela noute dentro, ao pôr do sol marcham para sua casa, n'um barco que é d'uso as empresas concederem-lhes especialmente para o seu transporte. Chegam já de noute á Gafanha e voltam no dia seguinte de madrugada, devendo estar promptos a embarcar, na praia, ao raiar do dia.

Os marinhões, mais longe de casa, ou trazem familia ou fazem vida de quartel aos grupos de 8 ou 10. Só vão a casa ao sabbado á tarde, voltando na 2.ª feira, se não ha pesca ao domingo, ou vão no proprio domingo depois do lance, que geralmente nunca se repete.

Na praia, perto da ria ha uma capella cujo orago é S. Jacintho, mas chamada, pelo menos actualmente, da Sr.ª das Areias, capella onde todo o pessoal das companhas que está na praia vae ouvir missa aos domingos e dias santificados. (*)

Em S. Jacintho não ha percentagem, e as soldadas são estipuladas por certo jornal *com mar bom* ou pescando-se, e metade d'esse jornal *com mar ruim*, ou não se podendo fazer lance.

Os arraes do mar teem 800 ou 900 réis diarios com todo o tempo, e os arraes de terra vencem além d'esta soldada uma certa gratificação particular ou um pequeno quinhão, n'algumas empresas, do producto liquido da safra.

A sardinha é vendida logo que sae do sacco aos mercanteis, excepção feita das occasiões em que elles se combinem e a queiram tomar a preço excessivamente baixo, porque então mettem-na nos lagares e aguardam um periodo accentuado de escassez para lh'a venderem em bom mercado.

Os mercanteis de S. Jacintho, da Costa Nova e da Torreira, são a grande mó da classe da *beira-mar* d'Aveiro, que ainda é constituida por *marnotós* ou tratadores das marinhas do sal, negociantes de sardinha que não sahem do caes de desembarque do peixe, negociantes e tratadores de junco produzido nos terrenos alagadiços da ria, e mais uns tantos individios oriundos d'estes ou de mistéres que os levem a viver mais intrinsecamente com elles, como por exemplo empregados de alguns estabelecimentos do balcão, artistas de certos officios, etc.

O que é facto é que entre a *beira-mar* d'Aveiro, não ha os pescadores e o termo pescador não se dá sem offensa a qualquer membro d'esta clase. Com quanto todos elles sejam pescadores da ria, a pesca está por tal modo empobrecida n'estas aguas interiores, que evidentemente o individuo que tenha por profissão caracteristica a exploração d'ellas não pode ser muito mais do que um quasi indigente.

Os mercanteis, durante a safra da costa, empregam-se exclusivamente em comprar ali a sardinha e, transportando-a depois nos seus barcos para o caes d'Aveiro, vendel-a aqui aos negociantes do caes, que por seu turno a passam a carreiros e almo-

---

(*) Todos os annos ali fazem a festa á Sr.ª das Areias, correndo o *ramo* pelas differentes empresas das companhas.

O dia escolhido é um domingo de setembro, depois do dia 8, que é o da festa do S. Paio da Torreira — a maior festa d'arraial do districto d'Aveiro — e antes do ultimo domingo, que é o da festa da Sr.ª da Saude da Costa Nova do Prado, á qual se segue no outro dia o da Sr.ª dos Navegantes sita junto ao Forte da barra.

D'estas quatro festas, a de S. Jacintho é a menos *rija*, devido ao isolamento natural da praia.

Da capella de S. Jacintho, conta-se que em tempos ella teve um ermitão permanente, que para matar o tempo jogava *o trinta e um* com S. Jacintho. Que dadas as cartas perguntava ao santo «queres?», e como o santo nada respondesse, sempre lh'as ia dando até calcular que o numero de pontos excedesse os do jogo, pelo que o santo invariavelmente perdia, até mesmo quando logo de mão devia ganhar.

D'aqui vem o dizer-se *infeliz como o S. Jacintho* —, e tambem, querendo significar a astucia d'outrem — *está como S. Jacintho que pedia a 31.*

creves — sardinheiros, que por sua conta a vão vender nas povoações serranas onde não chega o caminho de ferro — ou a exportam meio-fresca ou salgada para differentes pontos de Portugal e Hespanha.

Para o negocio da sardinha, os mercanteis reunem-se ordinariamente em grupos de 4, 6 e 8 ou mais, e á beira da ria, tanto na Torreira como em S. Jacintho e Costa Nova, edificam, compram ou alugam *um palheiro* com os commodos precisos para o seu mistér — sitio onde possam armazenar dois ou tres barcos de sal, espaço para 4 ou 5 grandes lagares de salga, local para dormir e para cosinhar e não é preciso mais.

Em S. Jacintho estas companhas de mercanteis ascendem talvez a 15 e todas ellas numerosas. De ordinario durante o dia estão ali todos, e depois do ultimo lance na costa retiram, ficando apenas um ou dois nos palheiros para o caso do primeiro lance na manhã seguinte sahir cedo antes da vinda dos companheiros — o que é excepcional — ou para dar aviso a estes para Aveiro, por meio de uma esteira içada n'um mastro, sobre se o mar é bom ou ruim. Antigamente havia ainda o motivo das companhas irem algumas vezes fazer lances durante a noute — o que agora é expressamente prohibido fazer-se desde o pôr do sol d'um dia até ao raiar da aurora do dia seguinte.

Logo que a rede sae e ha lotas de pescaria, quer em monte na praia quer em cabases em numero até 25 ou 27 o muito, o arraes de terra ou o gerente, põe-nos logo em hasta e vae vendendo umas em quanto a companha ainda vae formando outras.

E' de notar que a melhor sardinha para conservar é a dos montes, que sem grandes compressões morre naturalmente por asphixia, batendo na areia e largando ahi quasi toda a escama.

Quando comprada em cabases, segue invariavelmente em carros de bois até ás linhas e d'ahi em zorras até á ria, pelo preço de 120 réis o cabaz.

Se em montes, ou vae assim ou em pequenas canastras á cabeça de mulheres, que em grupos ou tambem em companhas, com as suas chefes dirigentes e ajustadoras — *manageiras*, como se dizia no baixo Alemtejo—concorrem da Gafanha, da Murtosa, do Ilhavo e mesmo d'Aveiro, á exploração d'este facto.

O ajuste entre o mercantel e a manageira — digamos já agora assim — faz se usualmente em altos gritos e atravez de tantas imprecações, que mais parece um litigio prestes a cahir em lucta de morte, do que um contracto quasi insignificante, pois geralmente o trafego feito pelas mulheres pode regular por 30 réis a canastra.

O grande contra que elle tem é as mulheres trazerem comsigo os filhos todos, até o de peito — pois a maior parte anda todo o dia n'esta faina, para cá e para lá, sempre sobrançando uma creança, ou n'um estado adiantado de gravidez, e ás vezes as duas cousas ao mesmo tempo — e essa chusma de creanças — *canalha*, como cá lhe chamam — postadas ao longo da linha com os seus cestitos de enfiar no braço, vae colhendo a sardinha que *por accaso* cae das canastras.

Os mercanteis bem procuram vigial-as, postados d'onde e onde, e um d'elles sempre acompanhando-as e gritando-lhes *não roibem! não roibem!* e invectivando-as; mas ellas encobertas umas com as outras e muito praticas no abanar da cabeça e na escolha da occasião e do sitio fazem sempre grande roubo, e por este motivo só em periodos ou dias de grande pesca se lança mão d'ellas, que por sua parte tambem só apparecem em taes conjuncturas.

Toda esta gente, nas lotas por vender, arrebanha por onde pode sendo neccessario empregar a maior

vigilancia para não se exceder. A's vezes, um sacco bem pejado de sardinha e com má praia, quer de solo quer de mar, rompe-se, e do peixe, parte foge e parte dá ali á costa meio aturdida: é o acontecimento de maior sensação, mais desejado e mais furiosamente gosado n'estas praias de pesca! Rebentou a rede, a pescaria é de todos, não tem dono! Os proprios da companha largam todo o serviço e lançam-se á agua com rapicheis a apanhar o que podem; mulheres, creanças, mercanteis, moços de gado, toda a gente que ali está extranha ás companhas, da propria que soffreu o desastre e das demais que pode vir, tudo se deita a aprehender para si o mais que pode ou o que os outros lhe consentem, com redenhos, cestos, canastras, chailes, e até com os casacos ou os lenços da cabeça. E' a *apanhia!*

JAYME AFFREIXO.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

Minha saia

Minha saia já faz roda,
Eu já ato o meu lencinho.
— São bonitas, balham bem.
— Topa aqui, ó meu rapazinho!

Topa aqui ó meu rapazinho,
Topa aqui, ó meu rapaz!
— São bonitas, balham bem,
Eu dancei, tu dançarás.

(Serpa)

M. DIAS NUNES.

PROVERBIOS & DICTOS

Vaccas e dobrões são para os valentões.

O boi nasceu para o arado e o muar para o carro.

A ovelha despe-se para vestir o dono.

Para quem merca amanhece, para quem vende anoitece.

Pae, gallego; filhos, fidalgos; netos, ladrões.

Guarita cahida, guarita perdida. (*Dictado militar*).

São passaros de arribação, tão depressa estão como vão.

Desconfiar de todos e não fallar verdade a ninguem (*Dictado do balcão*).

Quem a truta assa e a perdiz coze, não sabe o que come.

Dia de S. Fernando (*dia de sueto*) ri o moço, chora o amo.

Um dado ruim duas mãos suja.

Onde ha riqueza tudo é belleza.

Ajuste com segurança é torre no barlavento.

O surdo faz fallar o mudo.

Quem se queima alhos come.

Todas as voltas da enguia vão dar á agua.

Ha-de dizer a cota com a verdegota.

Não se póda a vide quando está na parra.

Por onde se pecca por ahi se paga.

Sempre funcções tem amoras.

(Recolhidos em Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

INDICE

ILLUSTRAÇÕES

Costumes & Perspectivas

Cancioneiro Musical

[1] Por lapso de revisão sahiu — vista *do nascente*, em vez *do noroeste*.

ADUBOS CHIMICOS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Fundada em 1865

FORNECEDORA DA CASA REAL

Marca da fabrica registada

C. U. F. (PARA SACCAS)

Endereço telegraphico	Numero telephonico
Fabril-Lisboa	501

FABRICA DE ADUBOS CHIMICOS

Elementares, compostos e mixtos, purgueira e outros bagaços

BAGAÇOS MIXTOS

Adubos para todas as culturas e em harmonia com a qualidade das terras.
Riqueza garantida em azote,
acido phosphorico assimilavel, potassa e cal.

Pureza absoluta de corpos prejudiciaes ás plantas ou ás terras

Para garantir a maior efficacia no emprego dos adubos chimicos, e sempre que se trate de encommendas superiores a 100$000 réis, a COMPANHIA UNIÃO FABRIL, escolherá a pedido do comprador a forma especial do adubo que convenha á cultura a que a terra é destinada e á sua composição chimica quando lhe mandem uma amostra, levantada segundo as instrucções que fornece e sem que o lavrador tenha que dispender coisa alguma com este trabalho especial.

GRANDES FABRICAS

Largo das Fontainhas e Rua Vinte e Quatro de Julho, 940

LISBOA

PREÇOS OS MAIS REDUZIDOS DO MERCADO

MASSA DE MENDOBI
Para engorda e sustento de gado cavallar e vaccum

MASSA DE PALMISTE
Para engorda e sustento de gado suino e adubo de terras

MASSA DE LINHAÇA
Para engorda e sustento de gado cavallar e vaccum

MASSA DE PURGUEIRA
Para adubo das terras

Envia preços e catalogos a quem fizer o pedido á

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA